

Elizabeth Kindelmann

CHAMA DE AMOR

do Imaculado Coração de Maria

Diário Espiritual (1961-1985)

MINHAS LUTAS ESPIRITUAIS

NOITE OBSCURA

O caminho pelo qual o Senhor nos conduz não se interrompe jamais: somos nós que nos desviamos dele. Eu também me desviei. As muitas preocupações, o trabalho extenuante, além da viuvez, acabaram com o meu recolhimento espiritual e, aos poucos me afastaram de Deus. O contínuo esforço pela sobrevivência ocupava a minha alma.

Nessa longa luta, a minha vida espiritual havia definhado tanto, que até a firmeza da minha fé estava ameaçada. Nessa contínua luta pela existência, eu me questionava: “Vês? Sempre te disse: para que ter uma família numerosa?” Enquanto revolvía esses pensamentos, tudo o que antes havia sido sagrado para mim e dava sentido à minha vida, agora parecia inútil e vazio. Despediam-me de um trabalho e tinha de ir procurar outro. Então a miséria aumentou, e mais forte era a tentação. O inimigo mau me molestava continuamente: “Por que estás enganando tu mesma? Sabes bem que há muito tempo já terias abandonado a luta. Só ainda não fizeste isso porque não sabes o que dizer aos teus filhos. Não sabes como lhes dizer tudo aquilo em que nem tu mesma já não acreditas mais. Retira essa máscara e vê como te aliviará! Pois logo os teus filhos descobrirão o que ainda tentas esconder deles.” Então me detive e, de repente, apareceu diante de mim o Rosto de Deus, já muito apagado na minha memória. Assim iniciou-se uma grande luta em mim. Algo indescritível! E eu implorava a Deus. Não encontro palavras para expressar a luta espiritual que começou em mim. A luta era espantosa, e me contraía os nervos.

Ainda ia à Santa Missa. Mas ela era para mim tão vazia! E me cansava. Nessa época trabalhava em dois turnos na fábrica. Numa semana no que começava na madrugada e na outra no turno da tarde, que terminava à meia-noite. E ainda trabalhava aos domingos. Os meus filhos iam à missa dominical pela manhã, enquanto eu ia à noite. Era melhor, porque assim não veriam a minha falta de recolhimento. Na hora da missa, em vez de fazer oração, eu bocejava, entediada. Um dia decidi não ir mais. “Não vou mais para bocejar”, pensava. Assim parecia que até a minha consciência havia se resignado a isso.

Um domingo, eu me pus a lavar a roupa da semana. De manhã mandei os meus filhos à missa e fiquei lavando roupas o dia todo. No final da tarde os meus filhos me lembraram de ir à missa: “Mãe, já são cinco e meia!” Fiquei irritada e continuei o meu trabalho. Até que um dos meus filhos, pouco antes das seis, disse: “Por favor, apressa-te!” Isso me sacudiu muito e então eu fui.

Fui. Mas nesse estado não sabia como me dirigir a Deus. Ficava divagando: “Como sou boba! Por que ainda guardo o jejum do Carmelo? É por puro hábito! Deixa já tudo isso!” Decidi não me privar mais de comer carne, já sendo minha alimentação de tão má qualidade. Sempre guardei esse jejum sem nenhuma dificuldade. Mas só por rotina!

Quando voltei para casa, não sei como caiu nas minhas mãos o pequeno saltério da Santíssima Virgem. Então o abri e me pus a rezar. Mas essa oração, que anteriormente brotava do meu coração para Deus, agora parecia um murmúrio vazio. Peguei o meu antigo livro de meditação, mas em vão me esforçava: um silêncio escuro, frio e mudo me rodeava por todos os lados. Desatei a chorar: “Deus já não quer saber mais de mim!” Experimentei uma grande angústia interior. E me vieram pensamentos que, se descobertos, seria blasfemar contra Deus. Em meio a esse grande combate, eu ouvia as palavras horríveis do inimigo maligno: “Eis para que permito isso: para que te convenças de que é inútil continuares lutando”.

Essa terrível luta durou uns três anos. Até que um dia a minha filha C. me disse: “Mamãe, depressa! Hoje às duas da tarde será o enterro do Doutor B.” Já era uma da tarde. Isso me golpeou o coração e, sem pensar mais, fui me vestir para não me atrasar. Quando entrei na sala do velório, rompi em prantos. Pensava: “Ele está bem agora. Ele foi um verdadeiro carmelita, de vida santa e exemplar. Mas e eu? Chegarei um dia lá?” “Não chores!” Era a sua voz amável e mansa, como só as almas bem-aventuradas podem falar. “Regressa ao Carmelo!”

O dia seguinte era domingo, 16 de julho, Festa da Rainha do Carmelo, Patrona da nossa Igreja. Cheguei bem de manhã e fiquei até o começo da noite. Com muita dificuldade levantei-me para ir me confessar. Uma secura terrível consumia a minha alma. Não sentia remorsos. Rezei a penitência mecanicamente, enquanto pensava: “Toda essa gente está louvando a Santíssima Virgem!” E não me passou pela cabeça que eu também estava ali louvando! Somente pensava no irmão B., porque isso proporcionava um pouco de alívio na alma. Foi ele quem me deu o impulso para ir até a Virgem Santíssima: “Anda e ajoelha diante dela!” Assim fiz, mas não encontrei a paz.

Já era tarde da noite quando cheguei em casa. Então fui surpreendida por uma sensação tão estranha, como se eu tivesse deixado a minha alma aniquilada e gasta no Carmelo. Apesar de naquele dia não ter comido nada, com muita dificuldade fui aplacar a minha fome. O maligno se pôs de novo junto a mim: “Tola! Para que te serve tudo isso? Vai descansar bem e não dê importância a essas coisas!”

Com um peso no coração, saí para o jardim, onde, no silêncio da noite, minhas lágrimas começaram a brotar abundantemente. Sob a luz das estrelas, diante da imagem da Santíssima Virgem de Lourdes que havia no nosso jardim, comecei a orar com profundo fervor.

Na manhã seguinte, fui depressa à pequena capela que freqüentava em outros tempos, quando eu ainda era uma jovem mãe e onde me encontrei tantas vezes na mesa do Senhor com o irmão B. Hoje também era a simpatia que sentia por ele que me levava até lá. No caminho eu me encontrei com algumas antigas conhecidas que se lembravam de mim como uma jovem mãe exemplar. Isso me confundia, porque acreditava que o maligno agora queria me tentar com a vaidade. Implorava de coração: “Amada Mãe do Céu, nunca mais quero ser infiel. Não me abandones. Segura-me firmemente, pois estou com medo de mim mesma! Meus passos estão tão inseguros!” Durante a Santa Missa roguei sem cessar ao Senhor Jesus: “Senhor, perdoa os meus pecados”. Não me atrevia a me aproximar da mesa do Senhor, ainda que a pessoa ao meu lado mais de uma vez me puxou pelo braço: “Vamos lá!”

O SENHOR CHAMA À PORTA

Nesses dias recebi aquelas graças extraordinárias que o Senhor concede somente àqueles que são débeis e convalescentes. Uma irmã que estava ajoelhada junto a mim me disse: “Ajoelho-me junto a ti para ser eu também uma santa”. Oh, eu sabia que ela via e sentia o Senhor Jesus dentro da minha alma! Depois disso andava continuamente com os olhos encharcados de lágrimas. O amor que sentia por Jesus Cristo encharcava os meus olhos com lágrimas de arrependimento. Não queria ver mais o mundo: só buscava o silêncio para poder ouvir continuamente a voz do Senhor. Porque a partir de então era Ele quem me falava. Oh, essas conversas íntimas são tão singelas! Roguei ao Senhor Jesus que me permitisse banhar no mar da sua graça. Pedia fervorosamente essa graça para os meus filhinhos também: que Ele os atraísse para a sua companhia. O Senhor me prometeu que me concederia isso, se eu pedisse com freqüência e perseverança.

Enquanto eu O adorava, submersa em profunda devoção, o demônio me falou assim: “Crês que Ele pode fazer isso? Se Ele tivesse poder faria só porque isso seria bom para Ele também.” Que tremenda bofetada! Meu coração ficou oprimido. Então apareceu o Sagrado Rosto do Senhor

diante dos meus olhos espirituais e falou assim:

J.C.: “Olha o meu Rosto desfigurado e o meu Sagrado Corpo torturado! Acaso não sofri para salvar as almas? Crê em Mim e louva-me!”

Nesse momento fiz atos de fé, esperança e caridade. Supliquei que não permitisse que eu jamais me separasse d’Ele. Que Ele me acorrentasse firmemente aos seus sagrados Pés, para que ficasse sempre junto a Ele. Assim me sentiria segura. Ele, por sua vez, pediu que eu renunciasse a mim mesma, já que sou distraída e mundana.

J.C.: “Não te obrigo. O livre-arbítrio é teu. Faz somente se tu quiseres!”

Com todas as minhas forças procurei atender ao seu pedido. Depois tudo ao meu redor foi se ordenando, de tal maneira que eu era levada cada vez mais para perto d’Ele, pois Ele continuava me pedindo:

J.C.: “Grandes graças gostaria de te dar. Mas para isso debes renunciar completamente a ti mesma!”

Graves eram essas palavras para o meu entendimento. Por isso perguntei: “Serei capaz disso?”

J.C.: “Tu somente debes querer. O resto, confia a Mim.”

Isso me custou novas e novas lutas. Mas o Senhor iluminou a minha compreensão e me guiou passo a passo. E tive de realizar essas renúncias dentro da minha própria família. Enquanto o meu filho caçula me acompanhava, não estava claro para mim o sentido e o valor dessas renúncias. Em casa tive de me apertar mais e mais para deixar espaço aos meus filhos, que formavam as suas próprias famílias. Isso me custou muito. Tinha uma casa de quatro cômodos, com as comodidades modernas. Restou-me apenas a cozinha. Mas até a ela renunciei, apesar disso ter me custado muito.

Ao sair dali, as muitas lembranças, alegres e tristes, do passado invadiram os meus pensamentos. Eu me lembrava dos muitos acontecimentos familiares, das noites tão aconchegantes do Natal, dos casamentos dos meus filhos e das festas de batizado dos meus netinhos. E também da mesa servida pobremente nos anos mais difíceis, quando não tínhamos para o café da manhã mais que um pedaço de pão com manteiga. E durante anos comemos nada mais que o pobre prato de legumes, sem nenhum acompanhamento. Mesmo assim eu tinha o cuidado de colocar junto a cada prato uma maçã bem bonita. Punha a mesa com esmero, para que, assim, as crianças não percebessem que estávamos passando por anos de miséria.

Naqueles tempos mostrava-me feliz para eles. Mas, no fundo, escondia a minha preocupação com a sua alimentação. Assim essa parte da casa era parte do meu coração. Por isso foi difícil renunciar a ela.

Mudei-me para outro quarto, pensando que ali, então, faria o meu ninho de recordações. “Era o quarto dos meninos”, pensei. “Aqui a minha alma encontrará paz e tranqüilidade. Já não terei que mudar mais de quarto.”

Pouco antes o meu filho caçula havia se casado. Então, para que ele também pudesse ter o seu próprio quarto, renunciei ao meu espaço novamente. Senti que foi Ele, o Senhor, quem me pediu esse sacrifício, para que eu me tornasse inteiramente pobre. Desfilaram diante dos meus olhos as noites que passei acordada junto ao leito de algum filho doente, as orações noturnas, as brincadeiras alegres, as aconchegantes leituras familiares. Ao pensar nessas recordações, senti uma dor como se arrancassem algo muito querido ao coração. E o Senhor chamava.

RENUNCIA A TI MESMA

J.C.: “Renuncia completamente a ti mesma!”

Então repartí tudo o que tinha entre os meus filhos, para que nada me prendesse mais a esse mundo. Depois tive a sensação de ter feito uma necessidade. Não me sobrou nem um lugarzinho onde pudesse encostar a minha cabeça com tranqüilidade. A voz do Senhor continuava urgindo:

J.C.: “Renuncia a ti mesma!”

Tudo se tornou obscuro e triste ao meu redor. Agora o que farei da minha vida? E veio o maligno, com um amplo sorriso: “Não desanimes. Tu não és tão velha. Descansa, coloca uma roupa bonita e vai te divertir! E se tiveres uma oportunidade, então cases novamente! Isso não é nada vergonhoso. Assim terás de novo o teu lar e vais pertencer novamente a alguém. A tua consciência pode ficar tranqüila, pois tu já cumpriste o teu dever de mãe.”

Fiquei envergonhada e um sangue subiu no meu rosto. Eu realmente me sentia muito abandonada.

No outro dia ajoelhei-me diante do altar do Senhor Jesus: “Senhor, bem sabes que eu me acorrentei aos teus Pés e não quero te abandonar.” Então perguntei: “Senhor, por que me deixaste tão sozinha?”

J.C.: “Para o bem da tua alma. Eu também já lutei durante horas, sozinho com a minha agonia. E tu, até esse pequeno sacrifício te parece difícil? Aceita tudo o que ainda está por vir!”

Então me dirigi à minha filha C., de quem eu cuidava da casa: “De hoje em diante tu serás a pequena dona de casa. Não cuidarei mais da casa.” Ela me olhou surpreendida, como se perguntasse o que eu iria fazer. “Farei o que me pedirem”, disse, “e comerei o que me derem.” C. retrucou: “Querida mamãe, faz como se fosses uma ermitã.”

Nesse momento entrou M., a minha filha caçula, mãe de dois filhos pequenos: “Tenho que procurar um emprego, porque só o salário de professor do meu marido não está sendo suficiente.” Então renunciei em seu favor ao meu trabalho de pintar plásticos em casa para a cooperativa, que era bem remunerado, para que ela não tivesse que deixar os filhos pequenos sozinhos em casa. Essa foi a minha última renúncia. Tudo isso aconteceu em poucos dias. Tive que fazer rapidamente esses sacrifícios, porque o Senhor me chamava:

J.C.: “O livre-arbítrio é teu. Não o imponho: aceito se tu também aceitares. A única coisa que tem valor diante dos meus olhos é que te entregues inteiramente a mim com absoluta confiança. Crês que eu não posso te recompensar por tudo isso? Que riqueza te espera!”

Quando essas importantes renúncias se completaram, era dia 10 de fevereiro de 1962, um sábado. No dia seguinte, domingo, Festa da Santíssima Virgem de Lourdes, fugi da confusão da vida familiar logo no início da tarde, pois a minha alma queria silêncio. Como já não tinha mais um lar, e o Senhor Jesus quis que assim fosse, fui para a igreja. Nesse belo domingo, uma grande multidão se aglomerava no Santuário de Maria Remete (Capela de Maria). E os fiéis devotos visitavam a nossa igreja, dedicada ao Espírito Santo. Eu estava ajoelhada no meio da multidão.

Depois de breve oração, dirigi-me ao Senhor: “Jesus, aqui estou. Eu me desprendi totalmente do mundo, como era o teu desejo, para que nada em absoluto pudesse se colocar entre nós dois. Já te agrado assim? Oh, meu Deus, como sou miserável! Quanto me custou fazer essas renúncias! E como é humilhante viver assim!” A voz do Senhor se fez ouvir em mim:

J.C.: “É assim que terás que viver de agora em diante: na mais completa humilhação.”

Ao ouvir essas palavras, a minha alma mergulhou nos seus eternos pensamentos. Então Lhe perguntei: “Agora já me aceitas?” O Senhor não

me respondeu. Havia somente um grande silêncio na minha alma. Com a cabeça reclinada, fiquei esperando as suas palavras. O que Ele iria me dizer? Senti que todas as renúncias haviam me impulsionado para perto do Senhor. Nada perturbava o silêncio da minha alma. Enquanto estava assim de joelhos, a minha alma se encheu de profundo arrependimento e gratidão para com Ele. Esperava as suas palavras como nunca! Depois de longo tempo, rompi por fim o silêncio: “Estás contente, meu Jesus, de quantas almas devotas têm chegado a Ti?”

J.C.: “Sim”, respondeu tristemente. **“Mas a maioria tem muita pressa e não tem tempo para receber as minhas graças.”**

Compreendi e desejei consolá-Lo! “Oh, doce Jesus. Eu vivo para Ti, morro para Ti. Sou tua para toda a eternidade”, disse, enquanto tentava achar uma maneira de consolá-Lo na sua profunda tristeza. Então me lembrei daquele passarinho que, segundo a lenda, queria retirar os espinhos da Sagrada Cabeça de Cristo. Enquanto se empenhava, o seu peito ficava vermelho com o Sangue do Senhor.

Eu permaneci muito tempo ali e começava a sentir frio. Queria me despedir d’Ele e ir embora para casa. Então, no fundo da minha alma, ouvi a sua voz suplicante:

J.C.: “Não vás ainda.”

Permaneci imóvel. Depois de pouco tempo ouvi a doce voz da Santíssima Virgem no silêncio da minha alma:

S.V.: “Minha querida filha carmelita!”

Ao escutá-la, grande arrependimento inundava a minha alma. Depois voltei a ouvir duas vezes mais essa doce voz, que me fez chorar de pena e dor pelos meus pecados. Pouco tempo depois, a Santíssima Virgem começou a falar novamente na minha alma. E como se estivesse retendo o pranto, disse:

S.V.: “Adora, louva o meu Santo Filho, muitas vezes ofendido!”

Fiquei pensativa. Isso não pode vir do maligno, porque ele não diria: “adora e louva”. Depois ocorreu um pequeno desconcerto na minha alma: “De que forma eu deveria fazer isso?” Fiquei um pouco mais na igreja. Mas não orava, só tentava colocar os meus pensamentos em ordem. Mas uma penumbra cobria a minha mente.

No caminho de casa pedi à Santíssima Virgem: “Minha Mãe do Céu, se era Tu mesma que falaste comigo, então guia os meus caminhos em direção ao teu Filho Santíssimo.”

Nem no dia seguinte pude me livrar desse pensamento. Durante a Santa Missa suplicava fervorosamente: “Minha Mãe do Céu, como e o que tenho que fazer? Estás de verdade ao meu lado? Sou tão pequena e frágil sem Ti!”

Terminada a Santa Missa, senti um forte impulso de pedir a chave da casa do Senhor para poder ter livre acesso a ela. Apresentei a uma irmã sacristã o meu pedido. Expliquei a situação que ocorria na minha casa. Ela ficou surpresa com a calma com que lhe descrevi. Respondeu que não estava em seu poder me entregar a chave. Ela tinha que pedir permissão ao sacerdote.

Dois dias depois, logo cedo, a irmã me comunicou a boa notícia. Recebi a chave solicitada! No mesmo dia fui à igreja com a amada chave e, ao abrir a porta, o meu coração batia fortemente. Sentia que o Senhor Jesus, de um modo particular, compartilhava comigo a sua casa. Perdi o meu lar e Ele me deu outro. Por isso esse templo é tão querido para mim.

Quando entrei pela porta lateral, parei diante do altar da Santíssima Virgem, Padroeira do povo húngaro:

“Deus te salve, Maria, minha doce Mãe. Rogo-te humildemente para que me guardes debaixo da tua especial proteção. E intercede por mim diante do teu Filho Santíssimo! Sou tua infiel filhinha carmelita. Minha Mãe, emprego as mesmas palavras com as quais Tu te dirigiste a mim. Sei que não sou digna de ser chamada assim. Mesmo que eu viva durante séculos, não poderia nem de longe merecer essa glória. Vem, minha Mãe, e me conduza ao teu Filho Santíssimo!”

Como me encontrava sozinha na enorme igreja, coloquei-me aos pés do Senhor como nunca havia feito antes e Lhe perguntei: “Não estamos mais que nós dois?” E escutei a sua voz triste no fundo da minha alma:

J.C.: “Lamentavelmente. Faz esforços para que sejamos muitos.”

Não há palavras para expressar a gratidão e a dor que brotou da minha alma em direção ao Senhor:

“Oh, meu amado Salvador! Ninguém sabe melhor que Tu o quanto eu andei para chegar a Ti. Senhor, agora que arrancaste a casca que cobria a minha alma, sinto que a abundância da tua Graça me inunda.

Oh, Jesus, retira da minha alma as grandes faltas a golpes de cinzel. Não me importa que doa. Assim, no dia em que tiver que me apresentar diante de Ti, na hora da minha morte, poderás reconhecer em mim a obra das tuas Santas Mãos.

Oh, meu adorável Jesus, quero me arrepender tanto dos meus pecados como não houve jamais um pecador tão arrependido. E quero te amar como nenhum pecador arrependido jamais te amou.

Meu amável Jesus, peço com profunda humildade que de agora em diante eu não passe nem um único dia da minha vida sem que a gratidão e o amor que sinto por Ti façam brotar dos meus olhos as lágrimas de arrependimento.

Humilha-me, Senhor Jesus, em todos os momentos da minha vida, para que eu lembre sem cessar da pobre miserável que sou. Oh, meu Senhor Jesus, o meu coração estremece ao pensar que, já agora, aqui na terra, posso viver Contigo. Mas depois da minha morte terei que me separar de Ti por algum tempo, por causa dos meus pecados. Diz, meu amável Jesus, que será dos meus inumeráveis pecados?”

Uma angústia enorme caiu sobre mim e eu suplicava ao Senhor. Ele então me fez sentir que os meus pecados se perderiam no seu amor misericordioso.

Não sei quanto tempo ficaria ali parada, mergulhada em mim mesma e ajoelhada aos pés do Senhor, se a irmã sacristã não me tivesse avisado que às sete e meia se fecha a porta. Eu não estava com a chave. Não queria me separar do Senhor Jesus e então Lhe pedi que viesse comigo. Fui para casa por um caminho mais longo, pelas ruas mais silenciosas. Senti que o Senhor vinha comigo. Não trocamos nenhuma palavra. Quase me ajoelhei na poeira da rua, de tanto que sentia a sua Presença.

Desde que Ele me deu uma casa tão grande, eu o visitava toda noite com a alma humilde e arrependida, movida pela gratidão. E conforme o desejo da Santíssima Virgem, eu O adorava e louvava. Que alegria sinto quando vou até Ele! Ele está sempre em casa e me espera. Não pretendo descrever essas horas particulares, porque seria impossível.

O ano de 1961 se passou. Na época eu não conseguia anotar essas conversas. Só comecei a escrever quando o Senhor Jesus me ordenou. Quando o amável Salvador tem uma breve conversa comigo, eu a escrevo palavra por palavra. Durante as Horas Santas ocorre com frequência que as idéias passam diretamente à consciência do meu eu e na hora me sinto incapaz de expressá-las. Numa ocasião eu O agradei por ter me assegurado o eterno refúgio.

J.C.: “Assegura-me tu também, minha pequena carmelita, um refúgio eterno. Sentes de verdade o quanto nós dois nos pertencemos? Que o teu amor não descanse jamais!”

AJUDA NA CONVERSÃO DOS PECADORES

Um dia Ele me pediu que fizesse a segunda oração noturna pelas almas sacerdotais que estão no purgatório.

Outro dia estive visitando algumas pessoas que eu conhecia, onde tinham uma capela. Terminada a minha visita, eu não entrei na capela para me despedir d'Ele. Eu me reprovo pelas minhas indelicadezas para com Ele. Então Lhe disse: "Perdoa-me, meu amado Jesus. Não Lhe pedi que dissipasses a aspereza da minha alma?" Ele me respondeu com voz benévola:

J.C.: "Minha filha, tens que me amar dia e noite!"

Em certa ocasião Lhe pedi que me permitisse sentir a sua Presença, cheia de majestade e bondade.

J.C.: "Não peças isso para ti mesma, filha querida. Mas para aqueles por quem tens feito sacrifícios. Ou por aqueles a quem ofereceste as tuas orações."

"Perdoa-me, meu Jesus. Vê como sou egoísta!"

J.C.: "Conheço as tuas imperfeições e a tua miséria, minha filha. Mas isso não deve diminuir o teu empenho no futuro. Porque isso é um motivo a mais para que, com maior abandono, possas contar com o meu amor."

Entre os dias 4 a 7 de março de 1962.

Não sei o que se passou no país. Nesses dias, a cada cinco minutos, o Senhor me pedia que me pusesse de joelhos para Lhe oferecer adoração. Também na primeira semana de março ocorreu o que eu vou narrar.

Eu fazia os meus trabalhos de casa continuamente, sempre orando para Ele e Lhe pedindo que me deixasse participar na maior medida possível na sua Obra Salvadora. Então o Senhor, no fundo da minha alma, começou a me falar:

J.C.: "Pede abundantes graças! Quanto mais pedires, mais receberás! Pede para os outros também! Não temas em pedir demasiado. Quanto mais Eu puder dar, mais feliz serei! Só os teus desejos já me fazem feliz. E o que direi se aceitares fielmente os sacrifícios que te pedirei para a minha Causa! São muitos os que repetidamente me pedem para participar na minha Obra. Mas quando tinham que fazer

um sacrifício que Eu lhes pedia para aceitar, eles fugiam de Mim. Não me deixes nunca sem os teus sofrimentos! E ajuda na conversão dos pecadores! Se assim fizeres, receberás uma grande dádiva. Chegará o tempo em que não só no âmago da tua alma ouvirás a minha voz, mas a ouvirás em alto e bom som e te bendirás! Minha filha, muito tens que sofrer. Não te darei nenhuma consolação que te prenda à terra. Sempre derramarei sobre ti a minha graça fortificante. E estará contigo a força do Espírito Santo. Tens que abandonar tudo o que te levar ao mal e viver em tudo conforme o meu beneplácito. Eu te ajudo para que sigas o caminho reto. Submete tão só aos meus ensinamentos!”

“Apesar de todo o meu empenho, Senhor, não noto nenhum avanço em mim.”

J.C.: “Não fiques preocupada por causa disso. Começa de novo a cada dia! Nossa Mãe te ajudará. Pergunta tudo a Ela! Ela sabe como poderão me agradar.”

Nessa época o Senhor Jesus me pediu várias vezes:

J.C.: “Minha filha, renuncia a ti mesma! Peço isso com insistência, porque só poderás participar na minha Obra Redentora se viveres, totalmente e sem interrupção nenhuma, unida a Mim em cada momento. Oferece isso ao meu Pai o tempo todo, sem interrupção. E oferece também àqueles que me consagraram a sua vida mas, no entanto, vivem mais para o mundo do que para a minha Obra Redentora, pois não seguem a sua vocação sacerdotal. Faz penitência pelos teus pecados e ao mesmo tempo pelos pecados deles também. Como gostaria de lhes livrar de seus pecados! Que eles ainda venham a Mim! Não te deixes desanimar por nenhuma fadiga, minha filhinha. Não coloques limites no teu caminho! Nunca te separem nem por um instante da minha Obra Salvadora. Porque se o fizer, sentirei que o teu amor por Mim diminuiu. Quanto anseio pela tua companhia! Sente sempre o amor que Eu sinto!”

O Senhor me fez ter contato com uma pessoa que eu não via há quinze anos e com quem eu só havia estado apenas três vezes em toda a minha vida. O Senhor Jesus infundiu em mim uma grande confiança para com essa pessoa (porque sou de caráter muito reservado). Contei para ela o estado da minha alma, das vozes que ouvia e também de como eu me encontrava num grande estado de obscuridade.

Depois da conversa que tivemos na capela, essa irmã (ela era religiosa) me disse: “Pode ser auto-sugestão.” Essa hipótese teve um terrível impacto sobre mim. Pensamentos terríveis passaram por mim e a falta de

fé turvava toda a minha consciência. Agora parecia que tudo o que passava comigo era mera ilusão. Ou talvez o maligno, disfarçado de Anjo de Luz, queria perturbar a paz que a minha alma encontrou a tanto custo.

Passei o dia todo nessas angústias. Quando à noite fui novamente orar ao Senhor, pensava em meio a toda essa minha incerteza: “Deus meu, o que está se passando exatamente comigo? Para onde me deixei levar? Qual é a realidade: o que havia antes em mim ou o que há agora?”

Quem nunca sofreu semelhante tentação, dificilmente pode compreender o que se sente diante de tal incerteza. Fiquei longo tempo em silêncio. E pouco a pouco essa terrível obscuridade foi se dissipando. Comecei a sentir que o maligno já não me confundia tanto. E a minha alma começava a sentir alívio.

Quando no dia seguinte me ajoelhei para receber o Senhor na Sagrada Comunhão, já havia recuperado por completo a paz na minha alma. Em casa também. Entregue a Ele, continuei a minha labuta. Enquanto lavava a roupa e orava sem cessar, pensava comigo: “Como sou miserável! Por que sou tão impotente para ajudá-Lo?” Ao mergulhar nesses pensamentos, o Senhor começou a falar no fundo da minha alma:

J.C.: “Tu deves te entregar por completo, minha filha carmelita. Só assim poderás fazer sacrifícios por Mim. Agora te pedirei algo grandioso. Escuta e não tenhas medo! Sê muito humilde e só assim estarás apta para cumprir a minha tarefa.

FAZ JEJUM A PÃO E ÁGUA PELOS DOZE SACERDOTES

Jejua todas as quintas e sextas-feiras a pão e água e oferece esse sacrifício pelas doze almas sacerdotais. Em cada um desses dias, passa quatro horas na minha divina Presença e oferece reparação pelas muitas ofensas que recebi. Às quintas-feiras, desde o meio-dia até às três da tarde, ora pelo meu Sagrado Corpo e pelo Sangue precioso que derramei por todos os pecados do mundo inteiro. O jejum da sexta-feira deverá ser guardado até a hora em que o meu Sagrado Corpo foi retirado da Cruz.

Aceitar esse sacrifício trará graças extraordinárias. Faz o que te digo, minha pequena filha!”

Ele me suplicava tanto!

J.C.: “Faz esse jejum durante doze semanas pelas doze almas sacerdotais, que serão as mais aptas para levar a um bom fim os meus planos. Eu quero fazê-las dignas com graças especiais. Faz, minha filhinha! Fazendo isso, tu também serás a preferida do meu Coração. Conhecerás a pessoa que fará chegar o meu pedido às doze almas sacerdotais. Eles terão que fazer o mesmo que peço: reparação e submissão à minha Sagrada Paixão. Filha, essas doze almas sacerdotais são as melhores no país.”

O Senhor pediu que cumpríssemos o jejum durante doze semanas, tanto eu como aqueles doze sacerdotes, que receberão a sua mensagem.

J.C.: “Tu vais sofrer, minha filha, uma grande provação espiritual! Diferentes tentações vão te atormentar. Mas não precisa ter medo! A minha graça estará sempre contigo! Tem plena confiança em Mim. Essa é a chave do meu Coração! Abandona as tuas dúvidas! O Espírito Santo, que tantas vezes invocas, tomará posse da tua alma por meio da nossa Mãe. Sei que tu tens a sede das almas. Isso alegra tanto o meu Coração! Assim quando também me suplicas e me dizes que é com insaciável sede que me procuras. Eu também sinto essa sede de amor por ti e por todas as almas que abençoei com as minhas graças. Quisera pudessem sentir a sede abrasadora da minha alma! Verdadeiramente estou mendigando o teu amor.

Eu te peço, minha filha, que não me abandones! A cada batida do teu coração, arrepende-te dos teus pecados, oferecendo-me reparação e consolo. Se o teu amor vier a menos, dirige-te à nossa Mãe Celestial. Ela encherá o teu coração com abundante amor para Comigo. Agradeço o que o teu coração sente por Mim, quando bate por Mim. Não te canses nunca de contemplar as minhas Santas Chagas, de onde obterás sempre grande força. Oferece a tua alma ao Pai Eterno e vive com a Santíssima Trindade! Não nos esqueçamos que, ainda que essas palavras tenham sido pronunciadas em particular, elas se referem a todos. Nas tentações, refugia-te debaixo do manto da nossa Mãe. Ela te defenderá do maligno, que continuamente te molesta. Eu estarei contigo se ficares junto a Mim. E ninguém nem nada poderá arrancar-te de Mim.

Não fiques com medo, minha filhinha, pois tu só vives escondida em grande humildade. Ninguém deve saber sobre ti, exceto algumas poucas pessoas. Ganharás méritos com o teu sofrimento, oferecendo-o junto Comigo ao Eterno Pai pelas almas a Mim consagradas. Que a tua humildade seja tão grande que irradie bondade e amor sobre

todos aqueles com quem tu te relacionas. Estaremos sempre juntos, filha querida. Pede sempre à nossa Mãe que te guarde em oculta humildade. Aprende a falar com cada um dos teus próximos de tal forma que as tuas palavras os conduza até Mim. É a Mim que tu deves pedir. É de Mim que deves obter o amor que necessitas! Tu deves fazer os sacrifícios sem desanimar, porque eles são necessários para que tu alcances a meta. O Pai Eterno sabe com que caráter te criou. Sabe que tu és difícil, irascível. Mas tens que mudar segundo o meu Coração. De agora em diante só poderás usar a violência contra o mal. Mas não te desanimes! Olha com confiança para os céus, para Mim, e pede graças abundantes. No meio da tua família, sê um sacrifício ardente. E faz especialmente os sacrifícios insignificantes. Não te preocupes se só poderás fazer coisas pequenas. Continue muito pequena e humilde. E vem a Mim, porque sofro abandonado! Dissolve em Mim como uma gota de água no vinho.”

RENUNCIA JÁ A TI MESMA

8 de abril de 1962.

O Senhor me pediu que nas horas santas eu não me juntasse com as suas criaturas:

J.C.: “Não busques a ti mesma! Já pedi muitas vezes que Eu te quero inteiramente para Mim. Renuncia a ti mesma! E nada se colocará entre tu e Eu!”

“Meu Senhor Jesus, não sou mais que uma principiante!”

J.C.: “Por isso não deves desanimar, minha filha. Todo começo é difícil. Lembra que quando eras jovem, o teu constante afã era estudar, mas nunca tiveste oportunidade. Pois fui Eu que não permiti. E coloquei no teu caminho todos os obstáculos. Eu te queria assim, totalmente ignorante, porque já tinha então os meus planos para ti. Só esperei que amadurecesses para Mim.”

“Senhor, quantas vezes dirigiste para mim os raios vivificadores das tuas graças! Eu me esquivei e andei por outros caminhos que não eram o teu!”

J.C.: “Recordas que há poucos meses querias te matricular na escola? Eu me opus a isso, porque tu receberias o chamado para en-

trar na minha Escola. Agora alegre-te muito e sê uma aluna aplicada. O Mestre sou Eu. Aprenda Comigo. Não aceitarei nenhum cansaço. Dedicarei a ti desde manhãzinha até à noite.”

“Sim, meu Senhor”, respondi. “A minha falha é que eu tenho prestado muito pouca atenção em Ti.”

J.C.: “Verdade, minha filha.”

Então Ele me mostrou várias ocasiões em que eu O havia ofendido. Por exemplo, quando estive num lugar onde havia uma capela e me despedi de todo mundo, menos d’Ele. E quando faço a genuflexão, devo pensar também n’Ele com muito amor.

J.C.: “Porque quando não fazes essas coisas, isso me dói muito!”

Essas faltas me doeram muito e os meus olhos se encheram de lágrimas de arrependimento.

J.C.: “Repito novamente, minha filha. Tu precisas mudar para que sejas do jeito que Eu te quero. Eu te ajudo para que sigas o caminho reto. Mas tens que assimilar bem os meus ensinamentos. Tens que cumprir com todas as tuas forças as tarefas que vou te passar. Recorre à minha Mãe: Ela te ajudará!”

“Eu A quero muito, Senhor. Foi Ela quem me convidou a adorar e a reparar o seu Filho Santíssimo. Oh, como fiquei confusa quando ouvi a sua voz na minha alma! Oh, que profundo arrependimento despertou em mim a sua voz mergulhada em pranto!”

J.C.: “Sim, minha filha. Aquele foi o primeiro encontro, o primeiro grande passo, quando a minha Mãe te encomendou a Mim de um modo especial. Desde então, minha filha, tu voas como uma flecha em direção ao meu Coração. No teu vô tu nem olhas para trás para ver a terra. Não deixes que o ruído do mundo te perturbe. Desde que te criei, estou te esperando. E também todas as outras almas.”

“Senhor, não me abandones jamais!”

J.C.: “Foi tu que me abandonaste. Eu nunca te abandonei.”

“Oh, meu Senhor, por isso estava tão infeliz e ignorante. Educa-me, meu Mestre.”

J.C.: “Renuncia às tuas vontades. Peço tantas vezes porque só poderás participar na minha Obra Redentora se, totalmente e sem interrupção, viveres unida a Mim a cada minuto. Lembra-te, minha pequena filha carmelita, do tempo em que ficaste viúva e os teus

filhos começaram a crescer. Como tu lhes pedia que te ajudassem pelo menos uma hora cada um! Que grande ajuda teria sido essas poucas horas para ti! Tu ficavas triste quando eles se esquivavam com um monte de pretextos e desculpas. E tinhas que trabalhar sozinha e abandonada. Pensa em quantos filhos Eu tenho também. Se só uma hora por dia me ajudasse cada um! Que delícias Eu teria com vocês! Nesses momentos penso especialmente nas almas a Mim consagradas, a quem considero as escolhidas do meu Coração. E se elas não me ajudam, elas não conseguem se unir intimamente a Mim. Elas se divertem com pensamentos mundanos. Tu, entrega-te a Mim! Ajuda-me no lugar delas! Mas não durante uma hora: mas sem parar! Não perguntes como terás que realizar a tua tarefa. Sê engenhosa! Aproveita cada oportunidade para acalmar a minha sede com o teu desejo de salvação de almas.”

“Senhor, é com sede insaciável que eu me entrego a Ti. Eu quero amar a Deus com todas as minhas forças. E também em nome daqueles que não se entregaram a Ti.”

Durante essa conversa recebi graças grandes da parte do Senhor.

“Meu Deus, o que fizeste comigo? Agora, definitivamente, já não sei se sou eu quem vive. É como se eu já não pisasse mais na terra. Já não vejo nada com os meus olhos. O meu ouvido já não escuta mais a voz do mundo. O meu coração já não bate mais que em Ti e por Ti. Os meus lábios não sabem como te louvar. Gostaria de te agradecer, mas não encontro nenhuma palavra que seja digna de Ti. Eu te vejo com os olhos fechados e a minha boca fica muda. Contemplo o sofrimento indescritível que suportas por mim, eu, miserável pecadora. Sou incapaz de compreender o que fizeste por mim. Por que justamente eu, sendo que há tantas almas puras e dignas de Ti?”

J.C.: “Minha filha, dentre os maiores pecadores, escolhe almas para Mim. Para realizarmos por meio delas a minha Obra Redentora. Aquelas que aceitarem, Eu cobrirei de graças especiais. Aquelas que se entregarem a Mim e viverem Comigo, tirarei do mundo com o meu amor sem limites, assim como fiz contigo. Sofro tanto, minha filhinha carmelita, que é bom sentir que tu estás Comigo. Unida a Mim, tu também sentirás o meu amor.”

“Senhor, a tua vontade é a minha vontade. Atua em mim!”

J.C.: “Empenha-te, minha filha, com todas as tuas forças, em conduzir a Mim os pecadores. Fora isso, não deixes lugar para nenhum

outro pensamento. Olha sem cessar nos meus Olhos para veres a tristeza que sinto por essas almas. Deseja com todo o anseio da tua alma que o olhar das pessoas a Mim consagradas não se esquive e não se distraia nas coisas do mundo. Mas que somente contemple a Mim. Que as pessoas acolham o meu olhar e se entreguem a Mim. Se me olharem com o coração arrependido, com a luz da minha graça Eu os farei melhores. Assim os farei nascer de novo, de forma que tenham em Mim plena confiança.

Irradio o meu amor para ti, minha filhinha carmelita, porque me fornecestes um refúgio e agora posso descansar na tua alma. Sente esse refúgio como uma grande honra, já que por meio dele estás honrando a Mim. Não me prives jamais desse refúgio na tua alma! E isso depende exclusivamente de ti. Eu tenho ido até o extremo em meu amor. Tu sabes o quanto me agrada ouvir quando me dizes, prostrada diante de Mim, que queres te arrepender dos teus pecados como nenhum pecador jamais se arrependeu. E que queres me amar mais do que todos os pecadores convertidos. Com esses teus anseios, minha filhinha, tu entraste plenamente no meu Coração. As tuas palavras singelas moveram o meu Coração misericordioso à infinita comiseração. Estás vendo? Para isso não foi preciso ter realizado grandes estudos! Que felicidade tem também o meu Pai Celestial por teres procurado o teu profundo e sincero arrependimento! Faz isso a cada momento da tua vida. Faz tudo aquilo que depende de ti, minha filha, com incansável tenacidade por salvar as almas! Que seja essa a tua escola. O Espírito Santo vai trabalhar contigo para corrigir a tua natureza inclinada ao mal em favor da tua salvação. Sabes que o meu Reino sofre com a violência. Mas que os teus constantes tropeços não quebrem o teu ânimo. Pois eles te ajudarão a te conservar na humildade. Medita freqüentemente, até que essa glória seja inteiramente tua. Porque hoje é o dia da nossa especial união. E te encho de graças para que te fortaleças extraordinariamente. Uma grande luta te espera. Mas no signo da Cruz tu vencerás. Quando fizeres o sinal-da-cruz, nunca estejas distraída. Pensa sempre nas Três Divinas Pessoas. Faz público o que vou te dizer agora: faz o sinal-da-cruz cinco vezes seguidas, enquanto pensas nas minhas Santas Chagas. Olha sempre para os meus Olhos banhados de sangue de tantos golpes, inclusive dos que também recebi de ti.”

“Oh, meu Senhor Jesus, não, não continues! Senão o meu coração não suportará.”

J.C.: “Tem complacência de Mim!”

ORDEM DO DIA

10 de abril de 1962.

J.C.: “Não fiques angustiada, querida filhinha, pensando em como fará valer a minha Causa. Eu simplesmente colaboro com as almas escolhidas. Contenta-te apenas em ser boa! Sabes de verdade como é uma autêntica carmelita? Ela vive humildemente escondida e na vida contemplativa em união Comigo. Trata de viver assim, comedindo as tuas palavras e evitando falar coisas em vão! O meu amor por ti, minha pequena carmelita, não conhece limites. Tu bem sabes o quanto sou feliz quando tu aceitas os sacrifícios que te ofereço.”

Ele disse isso com grande ternura.

J.C.: “Sê perseverante! Assim tu me farás realmente muito feliz! Deseja-me muitas almas para que Eu possa repartir as minhas graças!”

Numa ocasião, quando me ajoelhei diante d’Ele, disse-me:

J.C.: “Sabes que fiquei te esperando com o Coração oprimido. Vê, Eu me encontro só! Se tu não viesses, Eu me encontraria inteiramente órfão. Tu também és órfã e sabes como é difícil a orfandade.”

E continuou, num tom de verdadeira súplica, instruindo-me:

J.C.: “Sempre vou te pedir que não fiques angustiada por não poder fazer mais do que as coisas pequenas. Por isso volto a dizer: permanece inteiramente pequena! Sabes o que faremos agora? Tu me darás todas as pedrinhas que reunir ao longo do dia. Eu as colocarei conforme a sua cor e a sua forma, formando um magnífico mosaico. Quando tudo estiver terminado, ficarás maravilhada ao ver a obra de arte que com elas foi criada! Mas, vê, em vão sou artista se não as reunires para Mim. Pois senão não poderei realizar essa obra de arte.”

Um dia Jesus me disse:

J.C.: “Agora te darei, minha filha, a distribuição dos teus dias. Já comecei a falar disso uma vez, tu te lembrarás. Mas queria incluir mais coisas no teu programa. Por isso o adiei até agora. Vem, se tiveres tempo. E se tiver muito, diga-me, pois a vontade é tua. Respeito muito a tua vontade. Agrada-me se me a entregas espontaneamente.

SEGUNDA-FEIRA: Dia das Almas.

Cada movimento teu deverá ser feito com o desejo de querer

ajudar essas almas. Deseja junto Comigo que as almas possam o quanto antes contemplar o meu Rosto. Tanto o jejum rigoroso como a oração durante uma parte da noite deverão ser oferecidos para essas almas! Tu não deverás fazer sozinha o jejum rigoroso, que agora te peço, e a oração de vigília. Mas em público, assim como as demais mensagens do meu Coração. Cada vez que jejuares a pão e água nas segundas-feiras, livrarás uma alma sacerdotal do sofrimento. Aqueles que também praticarem isso, também receberão a graça de serem livrados das penas antes que transcorram oito dias depois da sua morte.¹ Isso também pede a nossa Mãe. Ela, apelando para a sua Chama de Amor, pede-me isso.

TERÇA-FEIRA: Dia que deve ser oferecido à família.

Faz comunhões espirituais para cada membro dela, pedindo que cada um seja protegido por nossa Mãe. Ela os tomará sob a sua proteção. A oração de vigília dessa noite também deverá ser oferecida para eles.”

“Senhor, eu costumo dormir profundamente. E se eu não conseguir acordar para fazer as orações?”

J.C.: “Eu te ajudarei nisso também. Se algo te é difícil, diz com confiança para a nossa Mãe. Ela também passou muitas noites orando. Sabes, minha filha, tens que ser muito responsável para com a tua família. Deves conduzir cada membro a Mim conforme o modo de ser de cada um. Pede ininterruptamente as minhas graças para eles. Vamos trabalhar juntos. Não posso dispensar a tua ajuda. O teu digníssimo Patrono é São José. Não te esqueças dele! Reza também para ele todos os dias! Ele te ajudará com alegria e, assim, teremos a nossa Causa ganha.

QUARTA-FEIRA: Dia das Vocações Sacerdotais.

Pede-me as almas de muitos jovens de almas fervorosas. Quantas pedires, tantas receberás. Porque na alma de muitos jovens vive o desejo de se converter. Porém não encontram quem lhes possa ajudar a realizá-lo. Não sejas covarde. Por meio das orações de vigília, pode-

¹ Nota do editor: Supondo que morreu na graça de Deus. Numa conversa, a senhora Elizabeth disse o seguinte: “No Diário, em todos os lugares onde se fala da libertação das almas, eu deveria ter escrito: ‘se morreram na graça de Deus’. Como eu achava isso evidente, pareceu-me supérfluo dizê-lo.”

rás alcançar graças abundantes para eles também.

QUINTA-FEIRA: Dia de oferecer reparação ao Santíssimo Sacramento.

Nesse dia passarás horas na minha Sagrada Presença. Adora-me com fervor especialmente grande e reza pela remissão das muitas ofensas que me infligiram. Oferece o jejum rigoroso às doze almas sacerdotais, assim como a vigília noturna. Compartilha a minha dolorosa agonia por causa dos meus padecimentos de suores de sangue! Disso irás retirar muita força espiritual.

SEXTA-FEIRA: Dia da Paixão.

Com todo o amor do coração, submerge-te na minha Dolorosa Paixão! De manhã, ao acordares, recorda do que me esperava durante o dia, depois dos terríveis tormentos noturnos. Enquanto estiveres trabalhando, contempla até o fim a via-crúcis, quando Eu não tive nenhum momento de descanso. Exausto ao extremo, obrigaram-me a subir até o Monte Calvário. Contempla tudo isso até chegar ao último instante da minha Paixão. Por isso Eu digo: não te excedas ao fazer algo por Mim. Desde o meio-dia até às três da tarde, reza pelas minhas Santas Chagas. E guarda o teu jejum até a hora em que retiraram o meu Sagrado Corpo da Cruz. Oferece a oração de vigília aos doze sacerdotes. Se aceitares te sacrificar, minha filha, receberás a maior abundância de graças.

SÁBADO: Dia da nossa Mãe.

Nesse dia venera a nossa Mãe de um modo especial, com particular delicadeza. Ela, como bem sabes, é a Mãe das Graças. Deseja que Ela seja venerada na terra assim como A veneram no céu a multidão de anjos e de santos. Pede que os sacerdotes que estão agonizando recebam a graça da boa morte. Oferece essa oração a cada instante do teu dia. Sabes que um grande prêmio receberás por isso! No céu as almas sacerdotais intercederão por ti, assim como a Santíssima Virgem também esperará a tua alma na hora da tua morte. Para isso, oferece a Ela a vigília noturna.

DOMINGO: [Para esse dia o amável Redentor não deu nenhuma tarefa.]

Essas conversas aconteceram por volta do mês de julho. Mas não sei exatamente o dia.

PRIMEIRA COMUNICAÇÃO DA VIRGEM SANTÍSSIMA

13 de abril de 1962. Sexta-Feira Santa.

Nesse dia também, conforme o desejo do Senhor Jesus, eu estava adorando e reparando desde o meio-dia até às três da tarde. Rogava à Santíssima Virgem para que gravasse no meu coração as Chagas do seu Santíssimo Filho e que Lhe pedisse para cada vez mais ter misericórdia de nós. As minhas lágrimas começaram a brotar abundantemente.

Enquanto me passava isso, senti no fundo da minha alma a dor e os soluços da Mãe Dolorosa. Os seus soluços contagiaram o meu coração.

Ela me disse, soluçando:

S.V.: “Há tantos pecados no mundo, minha filha carmelita! Ajuda-me, vamos salvá-lo! Eu ponho um raio de luz nas tuas mãos: é a Chama de Amor do meu Coração. Recebe com carinho a Chama de Amor do meu Coração e passa-a aos outros, minha filha!”

“Querida Mãe, por que não fazes mais milagres para que creiam em Ti, como fizeste em Fátima?”

S.V.: “Quanto maiores forem os milagres, minha filha, menos crerão em mim. Como sabes, pedi os primeiros sábados e não me deram atenção. Eu sou a sua Mãe bondosa e compreensiva. E em comunhão com vocês vou salvá-los. O rei São Estevão consagrou a mim o seu país. E Eu lhe prometi que acolheria em meu Coração a sua intercessão e a de todos os santos húngaros.

Um novo instrumento gostaria de colocar nas suas mãos. E lhes peço encarecidamente que o aceitem com grande compreensão. Porque o meu Coração vê o meu país com aflição. Os doze sacerdotes que o meu Filho Santíssimo elegeu serão os mais dignos de cumprir a minha petição. Toma, minha filha, esta Chama. Tu és a primeira a quem a entrego. É a Chama de Amor do meu Coração. Acende com ela o teu coração e passa-a aos outros!”

A Virgem Santíssima soluçava tanto, que mal entendi o que dizia. Perguntei-Lhe o que tinha que fazer. Eu, em nome do todo o país, prometi tudo, só para aliviar a sua dor, porque o meu coração também estava por se partir.

O MILAGRE DA CHAMA DE AMOR

S.V.: “Eu te peço, minha filha, que às quintas e sextas-feiras ofereças ao meu Filho Santíssimo uma reparação muito especial. Faz essa reparação em família. Nessa hora em que passarão no seu lar fazendo reparação, comecem com uma leitura espiritual e continuem com a reza do Santo Rosário, ou outras orações, num ambiente pleno de recolhimento e de fervor.

Façam isso com pelo menos dois ou três membros da família. Porque onde dois ou três se reúnem, ali está o meu Filho Santíssimo. Ao começar, façam o sinal-da-cruz cinco vezes. E enquanto o fazem, ofereçam-se por meio das Chagas do meu Santo Filho ao Eterno Pai. Façam o mesmo ao terminar. Façam o sinal-da-cruz dessa maneira também ao se levantarem, ao se deitarem e ainda durante o dia. Porque isso lhes aproximará, por meio do meu Filho Santíssimo, do Eterno Pai. E então os seus corações se encherão de graça.

Com esta Chama cheia de graça que do meu Coração lhes entrego, acendam todos os corações em todo o país, passando-a de coração em coração. Este será o milagre que, convertendo-se numa chama ardente, com o seu fulgor cegará Satanás. Este é o fogo de amor da comunhão que alcancei do Pai Celestial pelos méritos das Chagas do meu Filho Santíssimo.”

Ao ouvir isso comecei a me desculpar: “Não sou digna! Confias a tua Causa a mim, mas como eu poderia transmiti-la?” E me desculpava novamente. Passados alguns dias, a Santíssima Virgem prometeu que me ajudaria, com a sua ajuda eficaz e com o seu amor maternal, a fazer os sacrifícios pedidos pelo seu Filho:

S.V.: “Estarei contigo, minha filhinha carmelita. E te aperto junto ao meu oração.”

“Santíssima Virgem, bem-aventurada Virgem Maria, gostaria de perguntar algo.” Mas Ela já sabia o que eu queria e respondeu:

S.V.: “Leva ao Padre E. a petição do meu Santo Filho.”

A Virgem Santíssima chamou diante mim o seu querido Filho. Enquanto Ela falava, compreendi, por uma maravilhosa graça sua, como a vontade da Santíssima Virgem está unida à do Pai Eterno, do seu Divino Filho e de Deus Espírito Santo.

A Santíssima Virgem prometeu que estará conosco, para que a pequena Chama se propague como um rio de pólvora.

MISSÃO SUBLIME: PROPAGAR A CHAMA DE AMOR

15 de abril de 1962.

S.V.: “Minha pequena filha carmelita, convido os que vivem na casa dos padres carmelitas, a todos eles, que fazem com grande entrega e amor o trabalho missionário ao longo de todo o país, para que sejam os primeiros a receber a Chama de Amor, e possam então propagá-la. Essa missão é sublime e comovente. Não sejas covarde, minha filha. Põe-te em marcha o quanto antes! A minha Chama de Amor vai começar a partir do Carmelo. Os carmelitas são os que mais me honram, ou melhor, são eles os mais chamados para me honrar. Leva duas velas. Acende primeiro a tua pequena vela. Com a chama desta, acende a segunda. Então passa-a ao meu querido Filho. Ele irá propagá-la entre os meus doze devotos mais insignes. Eu estarei com vocês e os inundarei com graças muito especiais. Uma vez que tenham se reunido os doze sacerdotes, comecem simultaneamente em doze templos a mim dedicados essa devoção. Entreguem a vela acesa que receberam nessa cerimônia uns aos outros, levem-na para casa e comecem a oração em família com esse mesmo ritmo. Se o seu fervor não decair, Eu me consolarei.”

Posteriormente eu perguntei à Santíssima Virgem se os doze sacerdotes seriam todos carmelitas. Ela disse que “não”.

17 de abril de 1962.

Muitas coisas me disse o amável Salvador. Pediu que não nos rendêssemos nessa luta espiritual, porque a luta sem trégua aumenta a graça. Ele fez essa petição aos Sacerdotes:

J.C.: “Pede aos meus filhos sacerdotes que enviem as almas à minha Mãe querida. E que não pronunciem nenhuma homilia sem exortar aos fiéis a terem uma profunda devoção a Ela. Somos o país da Grande Senhora do Povo Húngaro. Façam brilhar isso constantemente diante dos fiéis, já que se trata do desejo da nossa Grande Senhora. E tu, minha filha, com todas as tuas forças e com todos os sacrifícios da tua vida, deseja sem cessar a chegada do meu Reino. E que a Chama de Amor da minha Mãe se inflame e se propague através das centelhas do amor.”

Uma vez, estando prostrada diante do Senhor Jesus e me lamentando do tempo perdido na minha vida, Ele me falou assim:

J.C.: “O aumento da caridade compensa as ocasiões que desperdiçaste. Ao crescer o teu amor, crescem também as minhas graças em ti. O que vou te dizer agora, minha filha, não é só para ti. Comunico também aos meus queridos filhos. Vocês devem fundir o essencial dessas minhas palavras com os pensamentos das suas almas. Vocês têm que sacudir as almas túbias da indolência em que se afundaram. Primeiro, façam-nas conscientes de que são chamadas a viver em íntima união Comigo. Comuniquem isso especialmente às almas que, apesar de me receberem freqüentemente em seu coração, nem por isso se aproximam mais de Mim. Em vão gostaria de levá-las a uma maior profundidade espiritual, mas as pessoas dão meia volta e me abandonam. No fundo de suas almas, nem se lembram de Mim no meio dos trabalhos do dia. Isso me dói tanto! Quando disserem: ‘Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada’, não me dêem as costas. Mas façam-se dignos! Disponham os seus corações para uma contínua união Comigo. Façam isso também durante o dia, através de uma jaculatória fervorosa ou de um olhar cheio de amor. Que anseio sinto por vocês! São tão poucos os que vêm a Mim! Pelo menos os que vêm se entregam e se recolhem de verdade. Despertem em suas almas a confiança em Mim. O que mais me dói é quando não confiam em Mim. Assim a fé é em vão, pois sem confiança não podem se unir a Mim. Peçam aos meus filhos que despertem valor nas almas. Digam-lhes o quanto são queridos todos aqueles que lutam. Que as almas não abandonem a luta, porque a luta ininterrupta aumenta em vocês as minhas graças. Enviem essas almas à minha doce Mãe. Deseja para Mim, minha filhinha carmelita, muitas almas. Esse é o objetivo da tua vida. Não o percas nunca de vista. Por isso te tirei do mundo e para isso te escolhi. Eu me alegro de que, pelo menos tu, tenhas te compadecido de Mim. E agora compreendes a minha imensa dor e me consoladas.”

Enquanto me dizia isso, derramava a sua dor sem limites no meu coração. “Meu Senhor Jesus, eu sou uma miserável pecadora.”

J.C.: “É o teu arrependimento, minha filha, que a atraiu para perto de Mim. Pede esse profundo arrependimento para todas as almas. Há tão poucas almas assim, ainda que Eu as chame para o meu especial seguimento. Não sou caprichoso. Escolho as almas aqui e ali, no meio das circunstâncias mais diversas. Mas infelizmente com pouco resultado. Hoje me queixo muito, minha filhinha. Tive necessidade de abrir o meu Coração, com o seu mar de pesares, diante de ti. Por que tanta conduta indigna tenho que suportar por parte das almas a Mim consagradas? Vem mais cedo a Mim e me consola ainda mais! Sai

dos teus próprios limites! Que o teu amor seja ardente, pleno de fervor! Sofre com amor e ouve com atenção a minha Voz. Para poder ouvir a minha Voz, fica em silêncio profundo. Porque a minha Voz suave e silenciosa só as almas submersas no amor podem sintonizar. Mantém vivo o teu desejo por Mim, sendo hóstia viva do amor. O amor é o fogo que somente a aceitação incessante de sacrifícios pode manter incandescente.”

20 de abril de 1962.

J.C.: “Toma parte sem cessar no meu trabalho redentor. Não perguntes como, mas deseja que o meu Reino chegue a ti e a todas as almas. Quando estiveres prestes a descansar, repassa todo o teu dia e o que fizeste para chegar ao meu Reino.”

No dia seguinte inundou a minha alma com uma dor aguda, que oprimia o meu coração e queimava o meu peito. “Tu sabes, meu Jesus, porque Tu me disseste e me prometeste que me darias diferentes sofrimentos. E quanto mais eu sinto essa dor, mais me agrada sofrer! Não sei com que comparar essa dor.” Ele respondeu:

J.C.: “Poderias saber. Lembra-te quando era ainda uma menina, longe da tua mãe e da tua amada pátria. Essa era a pena que durante longo tempo te torturava.”

“Era a saudade da minha pátria, meu amável Jesus.”

J.C.: “Tu estás compreendendo. Essa forte dor que estou te enviando é a saudade da Pátria Celestial. Sofre-a por aqueles que não sentem a ânsia pela Pátria Eterna.”

Hoje o Senhor Jesus me pediu:

J.C.: “Apressa-te para passar a Chama de Amor da minha Mãe, para que o país se livre da mão castigadora do meu Pai.”

Foi difícil partir, mas o Senhor me deu ânimo:

J.C.: “Não titubeies mais, minha filha! A Santíssima Virgem, sob a vocação de Grande Senhora dos Húngaros, vai te ajudar. Que as palavras que temos te dirigido sejam as tuas orações.”

Nesses dias senti impulsos de passar as mensagens recebidas ao Padre E. Nos dias consecutivos, eu fui logo cedo até o Senhor Jesus. Depois de longo tempo em silêncio, foi Ele quem começou a falar na minha alma.

Com a voz mansa e silenciosa, disse-me muitas coisas. Mas, sobretudo, passou à consciência do meu eu. Senti a importância das suas palavras, que penetraram na minha alma. Mas sou incapaz de expressá-las, exceto algumas poucas palavras que me levaram a uma ação urgente.

Entre outras coisas, Ele me pediu que não me demorasse mais a entregar as petições a mim confiadas. E que entregasse o quanto antes as instruções ditadas por Ele para o padre. Senti grande temor ao saber que já não havia mais tempo para delongas. No meu grande medo, pedi à irmã sacristã que dissesse ao padre para me recomendar nas suas orações. Não disse mais nada. Por se tratar de um assunto muito confidencial, não pude comunicá-lo a mais ninguém, exceto àqueles a quem o Senhor o destinava.

Nesse dia o maligno oprimia sem cessar a minha alma. Isso durou até que à noite eu me prostrasse aos pés do Senhor. Depois de breve silêncio, o Senhor Jesus começou a me falar com ternura. Um amor indescritível, até agora desconhecido por mim, passou d'Ele para a minha alma trêmula. Essa extraordinária sensação percorreu por longo tempo todo o meu corpo e alma. E o Senhor me falou com uma voz tão terna como nunca até então. Percebi que Ele também sentia a dor pelo que ia dizer.

J.C.: “Esta é nossa noite de despedida, minha filha. A tua alma tem sido o depósito das minhas apazíveis palavras. Agora te cobrirei com o silêncio. Vou te privar não só das minhas palavras, mas também de sentir a minha Presença.”

Quando pronunciou isso, o Senhor me permitiu sentir que o maligno respirou aliviado e com malícia. Então o maligno disse: “Chegou a minha hora!” Mas percebi que ele estava muito longe e como se o Senhor, com apenas um gesto, o tivesse aniquilado. Senti como o Senhor sofria por ter que me causar tristeza. Mas me inspirou com agradável bondade:

J.C.: “Pelo bem da tua alma, terei que fazê-lo.”

Quando a sua inspiração penetrou na minha alma, um sentimento para mim totalmente desconhecido, delicado, e pleno de graças inundou todo o meu interior. Senti que era o Espírito de Amor, o Espírito de Santidade. Enquanto Ele irradiava na minha alma o seu Espírito, senti que o Espírito Santo exalava sobre mim uma força de graça de uma ordem diferente para vencer todas as tentações. Isso me deu tanta tranquilidade, que as lágrimas que brotavam dos meus olhos pela partida do Senhor cediam lugar a um silencioso recolhimento. E depois de descansar assim na minha alma, o Senhor uma vez mais me falou:

J.C.: “Não me entendas mal, minha filha! Eu continuarei estando contigo! E também, de agora em diante, quando me receberes na Santa Comunhão. Esperarei a tua vinda com o Coração oprimido, como tem sido até hoje. Sê fiel e não busques os teus sentimentos! Renuncia a ti mesma e só ama a Mim! Enche a tua alma somente com o Espírito de Amor! Ama-me como a um bebê envolto em brancos mantos. Procura-me como a minha Mãe me procurou, angustiada no meio da multidão. E onde quer que estejas, alegra-te de Mim, e pensa em Mim quando necessitares que uma mão te ajude. Se tiveres necessidade de apoio paternal, olha para o céu e, com o meu Pai Eterno e com o Espírito Santo, submerge-te no nosso amor.”

Essas foram as suas palavras de despedida. Por serem tão bondosas, deixaram-me com grande tristeza. Nas noites anteriores era o Senhor Jesus quem me despertava para a oração de vigília. De hoje em diante será o meu Anjo da Guarda que me despertará quando chegar a hora. Oh, que diferença entre o anterior e o atual despertar!

NA ESCOLA DA HUMILDADE

27 de abril de 1962, sexta-feira.

Depois da Santa Missa, parti decididamente para entregar ao Padre E. a mensagem da Santíssima Virgem: “Trago uma carta para o senhor, padre. Nesta carta há uma mensagem recebida da Santíssima Virgem.” Todo o meu corpo tremia, mas senti que a força do Espírito Santo me assistia. Esperei até que ele terminasse de ler.

Quando terminou, ele me olhou surpreso e respondeu com palavras evasivas: “Não posso dar nenhuma resposta a isso.” Eu não esperava resposta. Eu sou apenas uma miserável pecadora e já ando sofrendo bastante por essa Causa. Retirei-me com a alma oprimida e me sentindo profundamente humilhada.

Fiquei ainda longo tempo na igreja, mergulhada nos meus pensamentos. Queixava-me diante de Santíssima Virgem: “A quem me enviaste, Mãe querida? Fui rechaçada, sem receber uma só palavra de alento.”

Com dor na alma e com vergonha pela humilhação sofrida, saí da igreja. Mas houve, sim, algo que me disse o padre. Disse-me que fosse ao Padre X. Eu não o conhecia, nem nunca tinha ouvido falar dele.

No dia seguinte fui visitá-lo, mas como não o encontrei em casa, fui procurá-lo outro dia. Na santa confissão expus-lhe a situação especial da minha alma. Brotou de mim uma enxurrada de palavras, acompanhadas de lágrimas. Apesar de nunca tê-lo visto, abri-me diante dele com plena confiança. Supliquei-lhe que me orientasse nesse meu singular estado de alma: “Com a maior humildade, eu peço que me digas se estou equivocada, para que então eu possa me tranqüilizar”. As suas palavras mansas e bondosas me devolveram a paz: não encontrou em mim nada anormal. Era da minha humildade que tirou essa conclusão. Essas palavras deram consolo à minha alma. Voltei para casa mais calma. Combinamos que da próxima vez eu levaria por escrito os comunicados da Santíssima Virgem, porque há sacerdotes que se confessam com ele e ele iria discutir com eles esse assunto.

30 de abril de 1962.

A Santíssima Virgem me animou de novo:

S.V.: “Diz àqueles que têm a incumbência para que não tenham medo, que confiem em Mim. Com o meu Manto Maternal, Eu mesma os defenderei. Que nos oito maiores santuários do país e nas quatro igrejas a mim dedicadas na capital, comecem simultaneamente esta devoção: a entrega da minha Chama de Amor. Que tu ardas de desejos, minha filhinha carmelita, de fazer sacrifícios. Alimenta sem cessar a Chama do meu Amor com os teus sofrimentos.”

EU SOU O MENDIGO DO PAÍS

2 de maio de 1962.

Levei ao Padre X. as mensagens por escrito. Mas fui recebida com a notícia de que ele estava enfermo, que havia se submetido a uma grave cirurgia e que não se podia falar com ele. Meu coração se encheu de tristeza e pensei que a Chama de Amor da Santíssima Virgem sofreria um novo atraso. O Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Não temas, minha filha. O meu Sagrado Coração será asilo permanente para ti. Sei que assim o sentes. E quando o sentes logo já descansas. O amor de compaixão bate sem cessar entre os que se amam. Permanece em meu amor e atraí outros também para perto de

Mim! Sabes, somos tão poucos que uma simples olhada abarca facilmente todo o nosso acampamento. O meu olhar sempre os vigia. O meu Coração sofre muito pelos ausentes. Persevera junto a Mim! Que eu não tenha que sofrer nenhuma amarga decepção!”

A sua voz era tão suplicante, que minha alma ardia por Ele. No dia seguinte senti tanta angústia, que até as minhas forças físicas se ressentiram enormemente. O Senhor me disse:

J.C.: “Sofre Comigo, minha filha!”

Era meio-dia e eu caminhava pela rua. O Senhor começou a me falar. Ele se queixava e me pediu que escrevesse as suas palavras:

J.C.: “Eu sou o mendigo do país, minha filha. A Mim não querem dar trabalho. Proibiram toda a mendicância no país. Somente Eu sigo mendigando. Ando sem comer nem beber, de rua em rua, de casa em casa, de cidade em cidade, no inverno frio e no calor, quando uiva o vento ou quando chove a cântaros. Ninguém me pergunta aonde vou neste estado tão lamentável. O meu cabelo está pegajoso de sangue e os meus Pés estão machucados por andar à procura de vocês. Estendo as minhas Mãos sem cessar pedindo ajuda. Ando de coração em coração e recebo nada mais que uma pequena esmola. Depois fecham rapidamente a porta de seus corações e Eu mal posso dar uma olhada lá dentro. Então tenho que me retirar modestamente e as minhas graças ficam acumuladas no meu Coração.

Pede muitas graças, minha filhinha, também para os outros. Oh, verdadeiramente estou em dívida contigo e tenho que agradecer a tua fidelidade. Ficas surpreendida? Não fiques maravilhada, pois cada pequeno sacrifício teu mitiga a minha sede infinita, dilaceradora. Não vivas nem por um instante sem sacrifícios! Devo dizer que recentemente chamei muitas almas para o meu especial seguimento. Mas muito poucas compreenderam o que desejo delas. Incluí-as sempre nas tuas orações, minha filha carmelita. R faz sacrifícios por elas, para que a morada de almas reparadoras, que dessa maneira trato de reunir, faça contrapeso à minha justa ira. A minha Mãe querida me suplica. É Ela que reteve até agora a minha justa ira. A sua Chama de Amor obriga também a Mim!”

Em certa ocasião, enquanto eu O adorava, o Senhor Jesus me falou:

J.C.: “Que em cada batida do teu coração esteja sempre o arrependimento. A cada respiração aspira o meu amor e, ao expirar, passa-o ao teu próximo.”

PEQUENAS CENTELHAS, CRIATURAS DE DEUS

No dia dois de maio de 1962, a irmã que foi designada para me acompanhar perguntou que diferença senti quando, no lugar do Senhor, foi o meu Anjo da Guarda quem me acordou. Mas nesse momento não pude lhe dar a resposta. E agora que o Senhor já não me faz ouvir a sua amável Voz, minha conversa com Ele se converteu num monólogo.

“Tu me fizeste compreender muitas coisas, meu bom Jesus. E graças às tuas inspirações eu as posso expressar. Mas quando isso ocorreu, Tu já havias coberto com o silêncio a minha alma. Agora entendo, mas não posso me expressar com palavras.”

Estando assim, ajoelhada silenciosamente diante do Senhor, começou a brilhar diante dos meus olhos espirituais um grande resplendor. Essa grande luz parecia uma luz viva que chispava e soltava pequeninas partículas cintilantes em todas as direções. Essas partículas eram menores que um grão de pó. Mas mesmo assim brilhavam as menores com admirável fulgor. Ao estar nessa contemplação, o Senhor me permitiu compreender porque não havia encontrado palavras adequadas para me expressar. As partículas pequeninas de maravilhoso fulgor despertaram em mim a sensação de que se tratava das criaturas de Deus.

Esse dia era uma terça-feira e eu tinha começado a fazer as orações pelos meus filhos, pedindo a proteção da Santíssima Virgem. Mas não consegui continuar as orações. Porque agora o Senhor Jesus me privou não só de suas palavras, mas também de sentir a sua Presença. E uma grande secura esgotava a minha alma. Estava ajoelhada e imóvel. Recordei-me das palavras do Senhor:

J.C.: “Um só “Pai Nosso” ou “Ave Maria” rezado no meio de uma grande secura espiritual é muito mais frutífero que a oração exuberante de quem está inundado de graça.”

Evocando essas palavras do Senhor no meio da secura espiritual, senti uma grande paz na alma. Enquanto estava assim ajoelhada, sem pronunciar nenhuma palavra, nessa tarde de maio, começou dentro da igreja o canto das ladainhas louvando a Santíssima Virgem. Nunca senti, como dessa vez, como a oração comunitária pode elevar a alma com admirável fervor.

Permaneci num devoto silêncio e em vão tentava orar. Mas era incapaz de fazê-lo. Pois o maligno começou a me torturar. De nenhuma maneira eu conseguia livrar os meus pensamentos da sua influência. Primeiro ele

suscitou um grande medo em mim. Era uma sensação tão terrível, como se ele quisesse tomar posseção de mim. Mas algo o impedia.

Durante um tempo fiquei ali, com a mente obscurecida. Pensei que antes que o maligno se apoderasse de mim, eu pediria ao sacerdote que rezasse por mim. Vi como o Padre E., cruzando a igreja, saía do templo, mas não tinha força para o seguir. Depois da partida do padre, não podia me mover de modo algum. E me oprimia continuamente o pensamento de que era uma possuída e que não deveria ficar mais na igreja. O demônio me ordenou que saísse dali, mas eu ainda continuei ali por um longo tempo. Nesse momento não sabia como poderia me livrar do maligno.

Ao sair da igreja, o maligno me acompanhou. E de uma forma muito humanitária começou a falar comigo: “Volta para a tua família! Não queiras te destacar sobre os demais! Não vês como te esgota e te faz perder a vida isso que andas fazendo? Toda a tua vida tem sido uma luta. Já é tempo de descansar! Esta vida é tão curta! Por que te preocupar tanto? Por que queres entregar esses teus pensamentos tolos para os outros? Não penses que vais chamar a atenção sobre ti! Não é verdade que isso te agradaria? Pára e pensa. Verás que eu tenho razão. E quando te dares conta disso, serás tu que me agradecerás por ter te livrado de tanta desgraça.”

Fiquei feliz quando cheguei na porta de casa. Os meus netinhos me esperavam e com alegria me receberam. Isso pôs fim às tentações do maligno. Depois de comer, fui para o meu novo quarto. Nem sequer ali o maligno me soltou, mas continuava a me molestar. Irrompeu de novo sobre mim. Tentei expulsá-lo com todas as minhas forças. Com grande esforço comecei a rezar. Mas tanta perturbação me obrigou a pensar. Em vão examinei a minha consciência. Não encontrei nenhuma resposta. Senti que antes de dar qualquer passo por essa Causa, teria que pensar muito bem. A minha soberba, que o maligno pôs diante dos meus olhos, me fez parar de repente.

No meio de grandes dúvidas fui descansar. Toda ajuda do céu desapareceu e só a escuridão inquietante da noite caiu sobre mim. Que bom seria ouvir a voz tranqüilizante do Senhor! Que diria Ele dessas coisas? Nesses dias tive muitas e graves tentações. O maligno, com todas as suas artimanhas, quis me despojar da minha qualidade de ser humano.

O SENHOR PREPARA A NOSSA ALMA

4 de maio de 1962.

S.V.: *“Agora que passaste por essa tentação, minha filha, vou te dar uma graça. Como superaste uma grande prova, queremos aumentar a tua humildade. Por isso o meu Santo Filho permitiu que Satanás chegasse tão perto de ti. Assim ele te fez mais apta para propagar a Chama de Amor. Saibas que para receber grandes graças é necessário preparar a tua alma com grandes sofrimentos. Só assim pode crescer as graças na tua alma. Agora, depois da vitória, Eu te aperto no meu Coração. E quando me dirigir a ti, tu acolherás com maior entrega a minha Santa Causa. Tiveste a oportunidade de ganhar méritos em favor de outras almas também. Faz sem cessar sacrifícios pelos doze sacerdotes. Eles também vão sofrer. Sintas feliz de poder sofrer com eles. O teu mérito, por pequeno que pareça, aumenta em ti as graças. Eu confio a minha Causa a uns poucos. Porque uma vez conquistados os poucos, os muitos irão atrás deles. Sente feliz de ser um dos poucos! Lamentavelmente entre os poucos há ainda aqueles que me rechaçam! E como isso dói no meu Coração maternal! Agora tens que propagar a minha Causa. Aqueles que escolhi, que tenham plena confiança em Mim. Porque Eu, como Mãe cuidadosa, conduzo todos os seus passos. Só peço que tornem as suas almas aptas e que se preparem com grande fervor para a obra de reparação. Olho com pena a apreensão que desperta em vocês a minha Chama de Amor. Por que se atemorizam em seus corações? Como poderia, sendo a sua Mãe amantíssima, deixar-lhes em dúvidas? Unam-se com todas as suas forças e preparem as suas almas para a Chama Sagrada. Nos santuários os peregrinos estarão dispostos a acolhê-la. Eu, a Mãe da Graça, suplico sem cessar ao meu Filho Santíssimo que acolha até o menor esforço e reconheça os seus méritos. Não temam a Chama que irá se acender e que, despercebida e amena como uma mansa luz, não despertará suspeitas em ninguém. Esse é o milagre que se produzirá nos seus corações. Na festa da Candelária, meus queridos filhos entregarão a Chama de Amor do meu Coração em procissão, para que dessa forma ela se faça fogo vivo nos corações, nas almas. Preparem tudo de tal forma que ela se propague como um filete de pólvora. E as almas que Eu escolhi devem fazer de tudo para se prepararem para a grande missão.”*

“Minha Mãe, Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu que Tu vais me acreditar!” No fundo da minha alma ouvi a doce resposta da Virgem Santíssima, que me tranqüilizou plenamente:

S.V.: *“Vai até o meu querido filho, o Padre X. Ele fará tudo como se fosse Eu mesma. Porque ele será o meu enviado aos meus santuários para*

acreditar a minha Chama de Amor. Não temas, porque ele não vai se opor. E tu, vive escondida na humildade e abraça o sofrimento! Eu, a Mãe das Dores, sinto como se com cada um dos teus sofrimentos derramasses o bálsamo do alívio nas Chagas do meu Santíssimo Filho! Sê uma daquelas almas que não podem viver sem sofrimento. Porque essas almas, pela sua união com os sofrimentos do meu Santíssimo Filho, sentem-se cada vez mais próximas a Ele. Deseja com todas as tuas forças que a minha Chama de Amor se acenda o quanto antes e cegue Satanás.”

Entre os dias 3 e 11 de maio de 1962, a Santíssima Virgem me pediu quatro vezes que eu não desviasse da minha missão.

Palavras do Salvador:

J.C.: “Eu escolho a ti, minha filha, para que sejas portadora da minha divina misericórdia. Enche a ti mesma da abundância da minha divina misericórdia. E quando abrires a tua boca para falar, anuncia a misericórdia do meu Coração, que quase se queima pelo desejo que tem dos pecadores. Que toda a tua vida seja um só anseio, por meio da oração, do sacrifício e do desejo de participar na minha Obra Salvadora.”

“Quantas vezes pus por escrito, meu bom Jesus, as tuas tristes queixas. Mas é tão pouco o que eu pude te ajudar!”

J.C.: “Que arda de desejo o teu coração, minha filha. Com apenas isso já mitigas a ardente dor do meu Coração! Se todas as almas consagradas a Mim desejassem o mesmo, cresceria a morada dos meus reparadores. É grande o seu número. E se todos participassem, de alma e coração, através de sacrifícios e orações da minha Obra Redentora, Eu não teria que me queixar tanto. Ama-me ainda mais, minha filhinha. E me serve com maior entrega ainda. Não deixes que te domine o poder da rotina! Que os teus sacrifícios sejam sempre fervorosos e ardentes. Quero aumentar em ti, minha filhinha, as minhas graças. Mas para poder fazer isso, preciso encontrar mais aceitação de sacrifícios em ti. Peço que aceites o meu pedido. Sê muito modesta e renuncia a toda alegria, a todo prazer com o qual não me serves. Renuncia a ler livros de ficção, a escutar as tuas músicas favoritas, a procurar estar acompanhada. Nos teus passeios, pensa somente na minha Paixão Sagrada. Quero também que aumentes mais os teus jejuns, se tu também aceites. Não te entregues a nenhum prazer. Que os teus desjejuns e os teus lanches sejam modestos pão e água. Somente nas refeições principais poderás comer outras coisas. Mas te peço que trates de fazer as tuas refeições insípidas. Não as comas

pelo seu bom sabor, mas unicamente para alimentar o teu corpo. O corpo em todo caso exigirá o que é dele. Terás também de renunciar ao teu repouso noturno. Peço-te uma vigília de duas horas, de tal maneira que tenhas que te levantar duas vezes por noite durante uma hora. Minha filhinha, posso contar contigo? Eu, o Deus-Homem, te peço.”

“Oh, meu Senhor e meu Deus! Tu sabes que sem Ti não sou nada. A alma está disposta, mas o corpo, como sabes, meu Senhor, é débil. Tu conheces os meus dois “eu” que aqui embaixo, na terra, como dois eternos e inseparáveis inimigos, existem dentro de mim. A minha alma e o meu coração aceitam. Mas o lado escuro da minha débil vontade e da minha mente se encrespam contra ele. Renovo, meu doce Jesus, o meu oferecimento: sou tua, dispõe de mim! Não quero nem da maneira mais ínfima me opor a Ti, porque te amo ardentemente! Reveste-me com a tua força para que eu possa cumprir o teu pedido.”

A vigília noturna me é muito difícil, pois me custa muito me despertar. Então pedi à Santíssima Virgem: “Eu te suplico, minha Mãe, desperta-me! Quando é o Anjo da Guarda quem me desperta, não me faz muito efeito.” Na noite seguinte foi a Santíssima Virgem quem me despertou. Queria levantar e me vestir, crendo que havia chegado a hora da vigília. Mas não me parecia respeitoso falar, ainda deitada, com a Santíssima Virgem. Porém não havia chegado a hora de começar a vigília, às duas da madrugada: ainda era meia-noite. A Santíssima Virgem me falou assim:

S.V.: “Continua na posição em que estás, minha filha, pois não me faltarás com respeito. Uma mãe pode falar com a sua filha em qualquer momento, em qualquer lugar. Escuta-me, peço que não te distraias durante a hora da vigília. Este é um exercício extremamente útil para a alma: a sua elevação a Deus. Faz todo o esforço físico necessário. Eu também velei muito. Era Eu quem permanecia velando, durante as noites, quando o Menino Jesus ainda era bebezinho. Porque São José trabalhava muito duro para que pudéssemos viver pobremente. Faz assim tu também. Ainda que domingo seja o teu dia de descanso, vela e ora tantas Santas Missas quantas sejam possíveis! Oferece-as à juventude! Pensa em todas as crianças que são conduzidas a cada ano ao meu Santo Filho! Quantas pessoas se desviam porque as suas almas não podem criar raízes, já que ninguém se preocupa do seu melhoramento espiritual! Que a tua alma esteja plena de oração sacrificada também nos dias de descanso. Oferece esse dia especialmente para eles. O meu Filho Santíssimo, mesmo estando cansado, deixou que as crianças o cercassem. Para isso tu também nunca deverás estar cansada. Sabes que foi Ele quem te pediu para participar continuamente da sua Obra Redentora.”

ORAÇÃO DA UNIDADE

Hoje novamente é o Senhor Jesus quem me fala:

J.C.: “Minha filhinha carmelita, tu aceitaste os sacrifícios aos quais te convidei ultimamente. Talvez te surpreendas, mas preciso te agradecer por eles. Vê como é condescendente o teu Mestre. Mas vou mais longe ainda. Junta os teus sofrimentos num só com os meus. É por eles que os teus méritos cresceram enormemente e adiantaram em grande medida a minha Obra Redentora. Encerra no fundo do teu coração essa grande graça que recebes de Mim. Esse é um presente especial de Deus. É Ele que te honra, pobre pequena alma. Pode haver algo mais sublime para ti? Aprende Comigo! Por seres pequena e miserável é que te escolhi. Minha filha, nunca fiques cansada quando se trata de sofrer por Mim. Empenha-te ainda mais com a ajuda da minha graça!”

E rogou o doce Redentor que rezasse junto com Ele a oração que expressa os seus anseios:

“Nosso Senhor Jesus,
Uni nossos passos aos vossos para caminharmos juntos,
Colocai nossas mãos nas vossas para recolhermos juntos,
Fazei nossos corações bater em uníssono com o vosso,
Fundi nossas almas na vossa para sentirmos os vossos sentimentos,
Uni aos vossos os pensamentos dos nossos espíritos,
Fazei que nossos ouvidos escutem com os vossos no silêncio,
Elevai nossos olhares ao vosso para se fundirem,
E fazei nossos lábios, em união com os vossos,
Implorar a misericórdia do Pai Eterno. Amém.”

Fiz completamente minha essa oração. Ele a meditou muitas vezes junto comigo, asseverando que esses são os seus eternos anseios. Ele me ensinou essa oração para que eu a ensinasse aos demais. Façamos nossos os seus eternos pensamentos e desejos com todas as nossas forças. O Salvador ainda acrescentou:

J.C.: “Essa oração é um instrumento nas tuas mãos. Porque colaborando dessa maneira Comigo, ela também cegará Satanás. E com a cegueira dele as almas não serão induzidas ao pecado.”

TERCEIRO CHAMADO

14 de maio de 1962.

Hoje novamente a Santíssima Virgem me despertou. Dessa vez fiquei em posição de repouso.

S.V.: “Minha filhinha! Agora, no silêncio da noite, quero falar contigo. Presta atenção, porém continues descansando. Sinto uma grande dor no meu Coração, pois Satanás está colhendo vertiginosamente as almas. Por que vocês não se esforçam imediatamente e com todas as suas forças para impedi-lo? Preciso do esforço de vocês! A minha alma se consome de dor, porque vejo como se condenam muitas almas. Muitas delas, apesar de sua boa vontade, são arrastadas. O maligno, com o seu riso sarcástico, estende os seus braços e com terrível malícia arrasta as almas por quem o meu Filho Santo sofreu pesados tormentos e a morte. Ajudem!”

As almas começam com boa vontade, mas a corrente as arrasta porque não descobrem a tempo a tentação que lhes inflige Satanás.

17 de maio de 1962.

Durante a oração matinal e a Santa Missa, a Virgem Santíssima queixava-se num tom muito triste:

S.V.: “A raiva selvagem de Satanás aumenta para raptar até as almas mais perseverantes. Não deixem que ele faça isso! Ajudem!”

A dor da sua alma se derramava na minha e impotente eu me debatia. Agora, ao escrever estas linhas, aquela dor parte o meu coração. Tive que parar as anotações. “Mãe, o que posso fazer?”

S.V.: “Anda, fala com os meus filhos. Eles serão os meus delegados.”

“Minha Mãe, fala a meu favor! Sou tão miserável! Não me dão atenção mesmo depois de entregar-lhes as suas palavras. O que posso fazer? O teu Santo Filho prometeu que serias Tu quem me acreditarias. Minha Mãe, acredita-me para que façam caso das tuas súplicas. Eu também estou sofrendo porque o teu pedido ainda não foi acolhido até hoje por aquele a quem me enviaste.”

Nesse mesmo dia o Senhor Jesus também falou no fundo da minha alma. A sua voz era quase imperceptível, semelhante a um suspiro:

J.C.: “Cuidado, minha filha! Renuncia a ti mesma e entrega-te inteiramente a Mim. Sabes o quanto me preocupei para que nada de mau te acontecesse. Paguei grande preço por ti, pela tua alma, com os meus sofrimentos. Que nada se perca das muitas graças que estou acumulando para ti sem cessar. Cuida-te! O maligno quer penetrar sorrateiramente dentro de ti e, como um animal de rapina, ele quer sugar as forças da tua alma.”

“Como, meu amável Jesus? Eu, no momento de despertar, com o primeiro pensamento do meu coração, deixando-me de lado e me desprezando, ofereço-me ao Senhor. Não permita que o demônio encontre lugar na minha alma ao me despertar. Recebe-me, meu Senhor e meu bom Deus!”

J.C.: “Diz-me isso durante todo o dia, e não só ao acordar!”

E com um suave suspiro me disse:

J.C.: “Ah, minha filha!”

SONHO

23 de maio de 1962.

De manhãzinha ansiava chegar ao Senhor para Lhe agradecer a força que me deu para a vigília noturna. Ele estava muito comovido. Eu mal podia suportar o bater do seu Coração, que ressoava no meu com uma doçura que eu nunca antes havia sentido.

“Senhor, não sou digna do que fazes comigo. Mas procurarei com todas as minhas forças de alguma maneira agradecer a tua bondade.”

Ele continuava fazendo-me sentir a sua extraordinária caridade. Não escrevi o sonho que tive e não queria escrever. Mas Ele se pôs ao meu lado e disse:

J.C.: “Escreve isso também, minha filha.”

De 16 para 17 de maio tive esse sonho. Quase não costumo sonhar. E quando sonho, ao despertar já me esqueci de tudo o que sonhei. Mas esse sonho não só não esqueci, mas o tinha presente com a maior nitidez depois de despertar.

Vi um grande disco negro, com nuvens cinzas girando ao seu redor, que se amontoavam. Ao lado do disco vi homens com uma aparência

estranha. Eram completamente esbeltos, quase sem corpo, com vestes cinzas. Não vi os seus rostos, mas as suas nuças. De repente senti que eram diabos e, mais ainda, dos piores. Quando olhei o disco, haviam acabado de fazer uma lâmina de ferro. Com ela cobriram o disco, que até instantes atrás era plenamente visível. Depois que o cobriram com essa lâmina de ferro, observaram-no detidamente. E com outro grande e burlesco sorriso expressaram a sua satisfação pelo trabalho realizado.

À direita haviam nuvens brancas e senti que alguém estava olhando-os. Eu não sabia quem era. Mas tinha a sensação de que não era de maus sentimentos. Aos seus pés eu via três varões. Não sei quem eram, mas senti como se fossem inimigos do maligno. Porque ao contemplar o disco negro, discutiam entre si sobre como se poderia destruir aquilo. Mas um dos homens do lado esquerdo, aquele que estava mais perto dos da direita, voltou-se para um deles e disse com terrível sarcasmo, como quem estava seguro de sua obra: “Já podem olhar! O que fizemos ficou muito bom! Eles terão muita dor de cabeça com isso!”

No sonho eu também observei muito bem o disco e não sei se as pessoas da direita se deram conta. Mas ao olhar o disco eu pensava como se poderia livrá-lo da capa escura. Percebi que na sua borda havia uma finíssima fissura transparente. Ao olhá-la bem, senti um grande alívio. Então decidi falar com os outros e lhes dizer que nem tudo estava perdido: “Vamos sem demora tirar a lâmina negra, porque pressinto que conseguiremos.”

Então acordei. Depois de refletir vivamente sobre o que vi no sonho, não soube o que significava. Mas fiquei com a idéia de que ainda dará muito trabalho encontrar uma maneira de fazer o disco escuro ficar novamente transparente.

Maio de 1962.

Desde que o Senhor Jesus não me dirige mais as suas bondosas e mansas palavras, há silêncio entre nós. Ou melhor, a conversa é só um monólogo.

Um dia os meus filhos me pediram para fazer compras. Terminado o almoço, pus-me a caminho. Ao sair pela porta da rua, revisei o que tinha que comprar. Nesse momento, Ele se dirigiu a mim com essas palavras:

J.C.: “Não incomodo?”

Aproximou-se com tão delicada atenção, que eu não pude conter as lágrimas. Sussurrei-Lhe as palavras que sei que mais O agradam: “Com sede insaciável busco a Ti”. Entretanto continuamos silenciosamente sem

pronunciar mais palavras. Comovida pela sua ilimitada delicadeza, eu disse: “Gostaria de me aproximar também de Ti, meu adorado Jesus!” Com esse anseio cheguei no lugar das minhas compras. Ali Ele se retirou. Isso me doeu tanto! Ele, o Homem-Deus, trata-me com indescritível ternura e compreensão. De volta para casa, Ele dirigiu-se novamente a mim:

J.C.: “Queres me dizer algo mais?”

“Meu doce Jesus, as tuas próprias palavras te devolvo como oração: Tu és a luz dos meus olhos!”. Agora que Ele se dirigiu a mim depois de muito tempo, uma alegria grande enchia a minha alma. A secura espiritual durou muito tempo e a minha miséria estava me esmagando. Mas eu a aceitava com gosto, porque Ele mesmo me disse que isso era para o bem da minha alma.

Um dia, desde a manhãzinha, o Senhor Jesus começou a se queixar com grande tristeza:

J.C.: “Eu te peço, minha filha, muitas mortificações, para que Eu possa te dar em troca muitas graças. Que arda em ti sem cessar o espírito de sacrifício, de oração e de mortificação. Que saibas estar calada continuamente, porque só assim a Voz de Deus continuará falando em ti. Que saibas te calar e não adores a ti mesma. A tua vida espiritual deve fincar raízes no silêncio. Repara com o silêncio as palavras vazias, sem sentido para muitos. Repara-me pelo desconfiado retraimento dos outros. E entretanto faz que cresça em ti também a fidelidade e a confiança por Mim. Se soubesses como dói o meu Divino Coração quando fazem caso omissivo de Mim, ou quando muitos me excluem de todo de seus corações! A cada manhã oferece-me a oferenda dos teus sacrifícios. Deposita-a diante da porta do meu Sacrário e acenderás em chamas pelo fogo do meu amor. E que não se apague durante o dia a chama dos teus sacrifícios! Procura que o amor de muitas almas sacrificadas arda por Mim, a fim de alcançar por meu intermédio a misericórdia do Pai Celestial.”

Então Ele me inundou com seu amor infinito e continuou:

J.C.: “Sabes, minha filha, como é grande o meu amor pelas almas. E Eu não falaria assim a cada alma se elas não me recebessem nem me dessem refúgio.”

“Oh, meu Jesus, foi o Senhor quem primeiro me deu refúgio. E por isso eu te devo eterna gratidão, que jamais poderei pagar.”

J.C.: “Mas não desejo isso de ti nem de ninguém. Mas se tentarem, isso me agradaria imensamente.”

INTERPRETAÇÃO DO SONHO

Hoje de manhã o Senhor Jesus me disse muitas coisas. E me fez algumas perguntas. Fiquei surpresa, porque também perguntou sobre o meu sonho do dia anterior e disse várias coisas:

J.C.: “Sabes o que é esse disco negro? É o país da Grande Senhora dos Húngaros. Na nuvem branca estava a minha Mãe. E a pessoa ao lado d’Ela era um querido sacerdote, cujo coração está junto ao meu. Ele está disposto a fazer tudo por Mim.”

Ele não disse de quem estava falando, e tampouco me ocorreu perguntar. Entretanto o Senhor passou a palavra à Santíssima Virgem. E o fez com tanta reverência e devoção, que o meu coração começou a bater mais forte. Agora a Santíssima Virgem repetia as palavras antes ditas pelo Senhor, referentes ao seu querido sacerdote. Depois o Senhor Jesus tomou novamente a palavra:

J.C.: “Sabes o que significa no disco a densa negrura? Significa os sete pecados capitais. Esse disco tem sete lâminas. Cada uma foi posta separadamente, ainda que pareçam uma só peça. A capa superior é a luxúria. Esta é muito resistente. Mas pode-se dobrá-la de tal modo que pode-se retirá-la dali. Só muitos sacrifícios orações podem dobrá-la. A segunda capa é a preguiça para fazer o bem. Esta não se pode dobrar, pois é indestrutível. Só um enorme esforço se pode desgastar as suas partículas, minúsculas como grãos de pó. Mas não precisam ter medo, pois estarei com vocês no grande trabalho. E tenham cuidado, pois o maligno nunca fica inativo. Só o esforço sem trégua pode desgastar essa preguiça para fazer o bem.”

Com isso Ele passou a palavra de novo à Santíssima Virgem. A sua voz materna era imensamente alentadora e suplicante:

S.V.: “Olhem para Mim e usem da ajuda da minha intercessão! Quero e tenho poder para ajudar. Que venha já a sua boa vontade e a sua decisão de se pôr em marcha! Não demorem mais! Demasiado tempo já desperdiçaram. O maligno trabalha com maior êxito e empenho que vocês. E isso me dói! Minha filhinha carmelita! Inclino-me até ti e com carinho maternal te acaricio e te protejo de todos os perigos. Não tenhas medo do maligno, que continuamente está te rondando. Eu o esmaguei e tu não tens o que temer. Esconde-te debaixo do meu manto e beija com freqüência a minha Santa Veste, o escapulário que carregas no teu peito.”

Depois de ter falado a Santíssima Virgem, o Senhor Jesus disse ainda muitas coisas, mas infelizmente não posso escrevê-las todas. Depois da Sagrada Comunhão, agradei com profunda gratidão as abundantes graças e Lhe pedi perdão por tê-lo recebido tantas vezes indignamente no meu coração. Reparei também por aqueles que hoje o recebem indignamente. O Senhor Jesus, vendo a minha aflição e reparação, começou a se queixar efusivamente. As suas palavras fluíam torrencialmente:

J.C.: “Minha filha, quando um pai de família compra uma roupa nova para o seu filho, pede que ele lhe agradeça e que cuide bem do presente, porque foi fruto de sacrifício.

Meu Pai Celestial também te deu um traje novo no batismo. O traje formosíssimo da graça santificante. E tu, apesar de tudo, não cuidas dele. Haverá pai de família que haja sofrido mais do que Eu, a fim de que a vestimenta de graça santificante possa de novo recuperar a sua brancura? Instituí o sacramento da confissão e vocês não fazem uso dele. Por isso suei sangue. Por isso me coroaram de espinhos. Voluntariamente me encostei sobre a madeira da minha Santa Cruz. Sofri muito. E depois me escondi modestamente sob uma insignificante aparência para ser mais acessível a vocês, para que não me temam. Como um bebê envolto em brancos panos, Eu me escondi na Hóstia Branca.

Quando entro no coração de vocês, tenham cuidado para que não se ache no traje de sua alma nenhuma sujeira, rasgo ou mancha. Porque houve pai de família que fez maior sacrifício para adquirir um traje ao seu filho? Muitos nem me agradecem devidamente. Todos os dias vocês repetem impassíveis as mesmas palavras com frieza, sem as sentir, sem prestar atenção, com o pensamento distraído. É desse modo que vocês vêm todos os dias. E isso continua assim ano após ano.

Vocês se esquecem que sou Homem também. E que portanto podem conversar comigo com palavras simples, sem manter distância, já que me recebem no seu coração.

Não me deixem, pois, só: o meu Coração anseia por amor e confiança. Sou Eu quem lhes peço que me falem, para que Eu tenha a oportunidade de responder às suas palavras com a plenitude das minhas graças. Onde quer que seja, se puderes, minha filha, traz as almas para mais perto de Mim.”

AGRADECER JESUS PELO ARREPENDIMENTO DOS PECADOS

24 de maio de 1962.

Fico comovida até as lágrimas se me ajoelho diante d'Ele e O imagino como uma criancinha. Ele então estendeu espiritualmente as suas mãozinhas para mim:

J.C.: “Beija-as por aqueles a quem em vão as estendo!”

Eu O enchi com todo o anseio da minha alma e Lhe perguntei: “Há pessoas que não fazem caso quando lhes estendes a Mão?”

J.C.: “Lamentavelmente existem. Só me entristece que terei que levantar a minha Mão para essas pessoas como um severo juiz. Repara-me no lugar das almas a Mim consagradas. Elas não se preocupam Comigo. Eu as abriguei no meu Coração e as enchi com os meus preciosos tesouros. Mas elas os deixam empoeirando no fundo de suas almas. Se pelo Sacramento da Penitência elas adquirissem luz, de novo estariam reluzentes com a claridade das minhas graças. Mas isso não lhes interessa, pois se distraem somente com o jogo multicolor do mundo. Quem não trabalha Comigo, desperdiça o tempo.”

O doce Salvador pediu que eu meditasse com Ele os seus eternos anseios. Isso durou muito tempo. Sinto pena por não poder descrever essa meditação, porque as suas palavras passaram diretamente à minha consciência. E penetraram tão profundamente no meu interior e se fundiram com ele, que sou incapaz de me expressar com palavras. Eu tinha um trabalho que deveria entregar e por isso estava com pressa. Ele todavia me disse:

J.C.: “Estás certa de que continuaremos unidos?”

“Não nos separaremos nunca, pois eu jamais te deixarei!”

Essas palavras soaram simultaneamente na minha alma. E realmente não sei quem as pronunciou antes, se Ele ou eu.

2 de junho de 1962, sábado.

Na Santa Missa havia uma exposição do Santíssimo. Peguei o meu livro de orações, o pequeno saltério. O doce Salvador disse:

J.C.: “Guarda o teu livro de orações e conversemos!”

Senti uma grande emoção, porque as suas palavras cheias de caridade inundavam com graças a minha alma. Falei à Santíssima Virgem:

“Vem, minha Mãe! Ajuda-me a dar graças ao teu Filho Santo. Porque mal posso suportar as suas graças, que vêm abundantes para mim. Não consigo pronunciar nada. De que maneira eu poderia agradecê-las?”

S.V.: “Responde ao meu Santo Filho com o profundo arrependimento dos teus pecados!”

As palavras da Santíssima Virgem me levaram a um profundo arrependimento da minha alma. Os meus olhos se encheram de lágrimas. Assim passou o tempo até o momento da Sagrada Comunhão. Ao meio-dia começou o canto sagrado: “No fundo silencioso do templo...” Isso aumentou ainda mais a ternura que sentia por Ele. Esse é o meu canto preferido. Há meses não o ouvia, e agora já é o quarto dia sucessivo que o ouço. Mas nunca me tocou tanto como hoje. As lágrimas corriam pelo meu rosto. Não as podia conter nem sequer quando estava comungando. Quando me ajoelhei de novo no meu lugar, quis expressar a minha gratidão pela união com Ele. Mas Ele não me deixou falar, começando a me elogiar:

J.C.: “Minha irmãzinha! Como me sinto feliz por poder entrar no teu coração, que com todo o seu empenho trata de me amar!”

Ele tanto enchia a minha alma, já há alguns dias carregada de aridez espiritual, com as suas graças fecundas, que eu me sentia oprimida sob a consciência da minha miséria.

J.C.: “Gostou do canto? Fui Eu que o toquei hoje ao meio-dia. Esse é o canto de que mais gostamos. Queria te agradecer, porque tu gostas tanto do fundo silencioso do templo onde Eu habito.”

No dia 2 de junho foi o doce Salvador quem me despertou para a hora da vigília noturna. (Não me leve a mal quem algum dia ler estas linhas. Porque de novo devo dizer que enchem os meus olhos de lágrimas tanta delicadeza e atenção da parte d’Ele.) Ele disse as seguintes palavras:

J.C.: “Como isso também te agrada, a partir de hoje, quando for Eu que te acordar, este será o meu sinal: ‘Na noite solitária busco corações.’”

Senti nessas palavras que o seu eterno pensamento é buscar corações.

3 de junho de 1962.

Hoje de madrugada, quando terminei a segunda hora de oração noturna, o Salvador me disse em tom suplicante:

J.C.: “Filha, sofre Comigo! Sente Comigo! Alivia a minha dor!”

E me fez ver com os olhos da alma uma visão que por pouco não me partiu o coração. Essa visão terrível não só me causou dor espiritual, mas me fez ainda sentir como se estivesse me sufocando por vários minutos.

4 de junho de 1962.

Nesse dia as quarenta horas estavam sendo celebradas. À tarde subi ao Santuário de Maria Remete para me preparar para a adoração noturna. O fervor da multidão causou saudável efeito na minha alma. Depois de uma hora ali, a minha alma recuperou um pouco a sua paz, depois da dispersão interior da manhã. A minha alma se regozijava ao ver uma multidão que oferecia reparação e adoração ao Senhor Jesus, que apenas disse:

J.C.: “Tenho compaixão da multidão!”

Na adoração noturna éramos umas duzentas pessoas. Até às duas da madrugada a oração ainda continuava. Muitos lutavam contra o sono. Saí para sentir o ar fresco e espantar a sonolência. Ao regressar vi que só umas poucas pessoas estavam acordadas. Mas não pude vencer o sono. Pedi ao Salvador que aceitasse a minha luta contra o sono como se estivesse Lhe adorando. E que aceitasse também por aqueles que se esqueceram de Lhe pedir perdão.

2 de julho de 1962.

Ao visitar o Santíssimo Sacramento na tarde da festa da Santíssima Virgem das Neves, o Senhor Jesus me inundou de novo com as suas petições lastimosas.

J.C.: “Amanhã é a Sexta-Feira do meu Sagrado Coração. Como gostaria de derramar a abundância das minhas graças nas almas de vocês! Pede muito, não só para ti, mas para todos!”

O Senhor Jesus continuou:

J.C.: “Ama-me mais ainda, com maior fidelidade. Não te canses de ouvir as minhas contínuas queixas. Eu me queixo muito porque são tão poucos os que me escutam! Em vão me queixo às almas a Mim consagradas, porque elas não entram no seu íntimo para ouvir os meus lamentos. E isso quando Eu mais precisava falar com elas sobre como promover a chegada do meu Reino!”

12 de julho de 1962.

J.C.: Vês, ainda não fizeram quase nada. A Chama de Amor da minha Mãe não começou ainda. Minha filha, atíça o fogo, porque para isso foste escolhida. Isso é um grande privilégio. Não interrompas jamais os teus desejos e sacrifícios, pois isso causaria verdadeira dor à nossa Mãe.”

“Meu Senhor Jesus, sabes como é ardente o desejo que tenho no meu coração. Como sofro eu também porque não se fez nada ainda! Todo dia luto contra a minha presunção!”

J.C.: “Observo com tristeza que a tua presunção te distrai, minha filha. Até quando isso vai ficar assim?”

14 de julho de 1962.

J.C.: “Recorda o que conversaste com aquela conhecida tua: a maior felicidade consiste em fazer o outro feliz. Quanto Eu gostaria de lhes fazer felizes! Mas vocês buscam a felicidade em outras coisas e não em Mim! Dão as costas às minhas graças justamente quando elas lhes fariam felizes. Repito as palavras que já disse anteriormente: ‘Tanto, mas tanto me dói!’”

15 de julho de 1962.

J.C.: “Até quando me farão esperar, minha filha? Quando poderei abraçar todos no meu Coração? A minha paciência não tem limites. Tanto bem já prometi só para os atrair a Mim! Vocês, contudo, são tão insensíveis Comigo!”

Hoje, ao terminar nove dias de rigoroso jejum, o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Convida-me à tua mesa como hóspede do teu modesto desjejum. Não sejas indiferente e não fiques aborrecida. Senão Eu pensaria que estás com má vontade. Traz as tuas debilidades até Mim. Não creias que isso não é meritório! Eu te conheço muito bem! O rincão mais recôndito da tua alma é um livro aberto para Mim. Mas espero de ti que reconheças as tuas deficiências. Porque assim elas se tornarão meritórias.”

“Senhor, quero me arrepender dos meus pecados como até agora ninguém se arrependeu. Todas as batidas do meu coração são poucas. Em quantos grãos de pó há no mundo, ponho em cada um a dor do meu coração, para que o vento os leve até o Senhor em reparação dos meus inumeráveis pecados.”

Ao ver doer dessa maneira os meus pecados, Ele ficou muito comovido. E com voz silenciosa e suave disse:

J.C.: “Sobre tanta dor, minha filha, ponho uma pequeníssima parte de uma só gota do meu Sangue e perdôo plenamente os teus pecados e os esqueço. Oferece para todos os pecadores esse profundo arrependimento.”

VOU A TI

Na minha alegria, eu não sabia como me dirigir a Ele:

“Meu Jesus,
vou ao Senhor na manhã coberta de orvalho,
florida e fresca de um dia de verão,
quando os corações ainda dormem no esconderijo do sonho,
para chegar primeiro a te saudar.
Sempre é curto o tempo que passo junto a Ti,
que voa como uma luz que passa sobre uma nuvem.
Vou no calor sufocante, sob o sol escaldante,
porque amo muito a Ti.
Vou a Ti na penumbra úmida do anoitecer;
a Luz do Santíssimo me chama, eu sinto,
não há ninguém Contigo.
Eu te amo muito, e levo as almas a Ti.
Vou cruzando esquinas cobertas de neve:
meus olhos não vêem mais que flocos de neve que caem.
Vou sob a chuva torrencial, na lama sem fim,
porque o meu coração, oh meu Deus, bate por Ti.”

(A irmã designada conhecia cada vibração do meu coração. E quando leu isso perguntou de onde eu copieei esse belo poema. “Foi a graça de Deus que o fez brotar na minha alma”, respondi.)

16 de julho de 1962.

Fui à igreja. Ao me ajoelhar diante do altar de Santíssima Virgem das Dores, grande tristeza veio sobre mim. Pensei no Padre X., que continuava enfermo. Roguei aflita à Santíssima Virgem. Ela apenas disse:

S.V.: “Oferece a tua dor para a recuperação dele.”

Perguntei à Santíssima Virgem se ele se recuperaria. Ela com palavras muito amáveis me consolou:

S.V.: “Sim, mas não por muito tempo. Meu amado e querido filho, que levo tão dentro do no meu Coração, chegará em breve a Mim. E já está a caminho.”

20 de julho de 1962.

J.C.: “Retira tudo o que dá sabor aos teus alimentos. Só assim serei o teu hóspede. O que para ti é saboroso, para Mim é insípido. Por isso peço que se me convidares, procura fazer o que me agrada.”

Nesse dia a Santíssima Virgem me pediu que pusesse a nossa comunidade paroquial sob o patrocínio d’Ela e de São José. E que todos os dias pedisse a graça de uma boa morte para todas as almas. O doce Salvador encheu plenamente a minha alma com o admirável sentimento do seu Santíssimo Corpo e do seu precioso Sangue. Isso me afetou tanto, que durante semanas não pude meditar em mais nada além disso. Era o seu desejo que eu, junto com Ele, mergulhasse neste pensamento inesgotavelmente profundo e cheio de graça:

J.C.: “Aquele que come o meu Corpo e bebe o meu Sangue permanece em Mim, e Eu nele.”

Não se pode descrever o que vivi na minha alma enquanto meditava. E como eu o fazia durante semanas sem me cansar. Não encontro palavras para me expressar. O maligno ficou com inveja dessa graça tão fortificante. E colocando-se ao meu lado com as suas contínuas velhaquices, quis que eu deixasse de pensar na Santíssima Eucaristia: “Por que estás tão derretida por isso? Eu também posso fazer milagres, e maiores ainda!” A tão infames palavras respondi: “É possível que possas fazer muitos milagres. Mas só aqueles que Deus permite e até onde permite. Porém não podes salvar ninguém”. Com isso eu o desarme. Eu mesma não pensei que essas palavras o deixariam tão desarmado. Com vergonha furiosa, ele deixou de me molestar.

MEU CORAÇÃO NÃO RECEBE RESPOSTA

30 de julho de 1962.

J.C.: “Eu só ando me queixando, minha filhinha. Como dói o meu Sagrado Coração ao ver tantas almas indiferentes! Agora que se aproxima novamente a primeira quinta-feira do mês, estou pensando nela com grande tristeza. O amor transbordante do meu Coração não recebe resposta das almas. Ama-me ainda mais, minha filha, abraçando-me mais estreitamente no teu coração. Oferece-me a tua alma sacrificada e serve somente a Mim com profunda submissão. Faz isso também no lugar daqueles que não o fazem, ainda que sejam almas também consagradas a Mim.”

Tive que parar de escrever porque senti novamente na minha alma a dor do seu Coração. Oh, essa dor no seu Coração, como partia a minha alma! Parei de escrever e me prostrei, adorando-O. Em voz baixa disse ao seu Coração: “Quero amá-Lo como nunca O amou nenhum pecador convertido!”

Muitas vezes acontece que Ele me inunda tanto com a dor do seu Coração, que tenho que parar de escrever.

J.C.: “Sabes, estou me queixando diante ti porque tens me dado um refúgio no teu coração. Eu sei que sentes Comigo a minha dor. Sofre Comigo, minha filha!”

No mesmo dia a Virgem Santíssima também falou com voz suplicante:

S.V.: “Intensifica o teu desejo, minha filha, de que a minha Chama de Amor se ponha em marcha! E faz ainda maiores sacrifícios!”

Com essas mesmas palavras Ela se dirigiu a mim outras vezes. Também as repetiu no dia da sua visita:

S.V.: “Oferece-me ainda maiores sacrifícios! Não perguntes como, inventa-os tu mesma!”

Para atender a esse pedido, só comi pão e água e alguma fruta durante nove dias. Quando me pediu pela segunda vez, privei-me até de tomar água durante vários dias. Isso foi muito difícil, por causa do terrível calor que fazia. Mas o meu coração sente tanto com os anseios da Santíssima Virgem, que isso me deu extraordinária força. Dirigi-me à Ela assim: “Minha Mãe do Céu, tenho tanto desejo de que arda já a tua Chama de Amor, que sinto enorme tristeza e aflição por esse atraso. Ilumina, minha Mãe, o caminho daqueles que são chamados para promover a tua Causa!”

Primeiro de agosto de 1962.

Fiquei doente. Durante dias eu não pude velar por me encontrar muito fraca. Também contribuiu para isso o grande calor que fazia neste verão. Apenas tinha força para caminhar. Quando me senti um pouco mais forte, propus-me firmemente a voltar a velar. À noite pedi fervorosamente ao Senhor: “Dá-me força, meu adorado Jesus!” Às três da madrugada, o Senhor me despertou com a sua Presença e com as suas palavras:

J.C.: “Na noite solitária, busco corações.”

E então, imediatamente, Ele me deixou sozinha. Depois que Ele partiu, eu me perguntava a que intenção eu iria oferecer essa adoração noturna. Via com crescente claridade que devia oferecê-la para que se acendesse a Chama de Amor da Virgem Santíssima. Ao tomar essa decisão, a presença do maligno me encheu de angústia. “Minha Mãe do Céu, agora também por isso, estou velando com todas as minhas forças e com todo o anseio do meu coração. Mas eu nada sou! O que posso eu fazer?”

Enquanto estava submersa na Chama de Amor da Virgem Santíssima, eu me dei conta de que a angústia que sentia por causa da presença do maligno havia desaparecido. Ele sumiu quase que imperceptivelmente. Foi como se alguém tivesse saído do meu lado na pontinha dos pés. Essa sensação me surpreendeu muito. Depois a minha alma se sentia tão leve como eu nunca a havia sentido. Quando isso ocorreu, tive a sensação de que o meu corpo tinha desaparecido, deixando sozinha a minha alma. E eu, como pura alma, havia sido reduzida a nada. Senti como se a minha alma estivesse coberta de trapos toscamente remendados, como os que vestem os mendigos. Então apoderou-se de mim uma sensação extremamente deprimente.

“Vê como sou, meu adorado Jesus!” E ao dizer isso com a voz suplicante, a Santíssima Virgem, com o seu manto (escapulário), cobriu os meus tristes farrapos:

S.V.: “Minha filha, há muitas almas assim no meu país [na Hungria]. Mas Eu, junto contigo, cubro com o meu manto maternal as suas almas de mendigo. E as escondo do meu Santo Filho, para que Ele não fique triste por causa de vocês. Sei que os últimos dias trouxeram muitos sofrimentos para ti. Muitas dúvidas sobre se é útil fazer tantos sacrifícios com tanto empenho. Eu te olhei compadecida, mas não quis te consolar ainda no meio das tuas dúvidas para que pudesses tirar mais força e fazer maiores sacrifícios ainda. Alcançarei uma graça grande para ti.”

Ao dizer isso, Ela me permitiu sentir de uma maneira maravilhosa os

efeitos de graça da sua Chama de Amor, que agora não só eu sentia, mas todas as almas no país. Logo voltou a falar:

S.V.: “Agora Satanás ficou cego, minha filha. E por algumas horas deixou de dominar as almas. É sobretudo o pecado da luxúria que acome-te tantas vítimas. Como Satanás agora está impotente, cego, os espíri-tos malignos estão olhando frios e inativos como se tivessem entrado numa letargia. Pois eles não entendem o que se passou. Satanás deixou de lhes dar ordens. E quando as almas se libertam do domínio do malig-no, elas fazem bons esforços contra a indolência. E quando se desperta-rem no novo dia, milhões de almas terão se fortalecido com o bom propósito da conversão.”

Enquanto dizia isso, a Santíssima Virgem permitiu que eu experimen-tasse o que sucedia nas almas sob o efeito da graça. Com o sentimento dessa admirável graça, parti de madrugada ao templo.

“Virgem Maria, poderosíssima. Que miséria tiraste de mim! E por que me dás tantas graças?” A Santíssima Virgem me falou:

S.V.: “Tira forças, minha filhinha carmelita, de tantas graças. Eu as dei para que, se novas dúvidas te invadirem, já esteja ardendo na tua alma o fogo inextinguível da minha Chama de Amor. Tu verás como ele é admirável!”

Nesse dia muitas coisas mais me disse a Santíssima Virgem:

S.V.: “Eu te asseguro, minha filha, que uma força tão poderosa de graças como essa Eu nunca pus à disposição de vocês como desta vez: a Chama flamejante do amor do meu Coração. Desde que o Verbo de Deus se fez Carne, Eu não havia empreendido um movimento tão grande quanto essa Chama de Amor do meu Coração, que salta na direção de vocês. Até agora não havia nada que tanto cegasse Satanás. E de vocês depende que essa Chama não se apague, porque isso traria consigo uma grande ruína.”

“Confias a mim, minha Mãe do Céu, a mais infeliz do mundo, essa grandiosa Causa? A mim, alma de mendigo coberta de farrapos? Eu não valho nada, nem sequer humanamente. Quanto menos diante de Ti!”

S.V.: “A minha Chama de Amor, minha filha, vai se acender primeiro no Carmelo. Há lugar onde mais me veneram, que entre eles? Ou pelo menos são eles os mais chamados. Eles e as filhas do Espírito Santo vão colaborar para a difusão da Chama de Amor, junto com os meus devotos. Apressa-te, minha filha! Já está próximo o momento em que a minha Chama de Amor se acenderá. E nesse momento Satanás ficará cego. E

isso Eu quero que vocês sintam, para aumentar a confiança de vocês. Isso lhes dará grande força. Essa força sentirão todos aqueles a quem a Chama chegar. Porque não somente nas nações que me foram recomendadas, mas em todos os cantos da terra, a Chama vai se acender. E então se propagará por todo o mundo. Mesmo nos lugares mais inacessíveis, porque para Satanás não há lugar inacessível. Tenham força e confiança. Eu apoiarei o trabalho de vocês com milagres nunca antes vistos. Essa Chama vai, imperceptível, mansa e silenciosamente, realizar a reparação do meu Filho Santo. E rogo ao Santo Padre que vocês realizem a festa da Chama de Amor no dia 2 de fevereiro, Festa da Candelária. Mas não desejo nenhuma festa especial.”

POR QUE SOZINHA TE OCUPAS COM OS TEUS ASSUNTOS?

Ocorreu uma vez que, por causa das muitas ocupações desde manhã até bem tarde da noite, eu não havia pensado no Senhor Jesus. Desde que me encontro nesse estado tão particular de graça, foi a primeira vez que isso aconteceu. Então, quando fiquei sozinha, Ele me falou:

J.C.: “Vês como tu és? De novo tu te preocupas sozinha com os teus assuntos. Por que não os trazes a Mim? Ages como se pudesses fazer algo sozinha. Aprende já, por fim, que ganhando a minha confiança tu poderás alcançar tudo para os outros também. Recolhe as dificuldades dos teus próximos, os tropeços da tua família, que Eu cuido de tudo. Confia no meu poder! Se não me confiares os teus problemas, como queres que Eu os resolva? Peço a tua confiança incondicional.”

3 de agosto de 1962.

Pela manhã tive novas discussões familiares sobre assuntos domésticos. Isso me abateu tanto! Desde o meio-dia até às três horas da tarde, conforme o pedido do Senhor Jesus, fui fazer adoração e reparação. Pus-me a caminho, mas estava tão distraída! A discrepância familiar, que voltava a se repetir, deixou a minha alma em turbulência. Passei a primeira hora de oração tentando ordenar os meus pensamentos. Queria apenas me tranquilizar. A minha distração me desanimou tanto, que eu era incapaz de fazer uma oração vocal. Pensei nas almas sacerdotais muito esquecidas no purgatório e por elas queria oferecer a via-crúcis também.

Devido ao grande cansaço, várias vezes quis interromper a oração. Mas o Redentor tristemente me falou assim:

J.C.: “Eu não abandonei nem interrompi a Via Dolorosa. Vem, vamos nos juntar, nós dois. Assim ficará mais fácil para ti e para Mim! A dor compartilhada é meia dor. Sabes que com tamanha dificuldade eu também me arrastava! Não sem motivo obrigaram Simão de Sirene a me ajudar. Então, ajuda-me tu também!”

Quando eu começava a me submergir n’Ele, falou-me de novo:

J.C.: “Sinto compaixão por ti, minha filhinha. Vejo os teus grandes esforços. Mas tu achas que são em vão. Abençôo muito a tua família, livrando-a do maligno. Porque é ele quem perturba a paz da tua família. E para isso tens apenas que confiar em Mim!”

“Oh, Senhor! É tão grande a discórdia familiar que só um milagre poderia ajudar.”

J.C.: “Crês por acaso que Eu não posso fazer um milagre?”

“Meu Senhor, mas eu não sou digna dele.”

J.C.: “Contudo Eu vou fazer um milagre. Abençoarei o teu problema, que te parece impossível de solucionar, e tudo se resolverá.”

Entretanto eu suplicava à Santíssima Virgem: “Intercede diante do teu Santíssimo Filho a nosso favor!” E quando terminar a minha via-crúcis, o Salvador me prometeu até quatro vezes:

J.C.: “Dissiparei todas as dificuldades, minha filha. A nossa querida Mãe apelou novamente para a sua Chama de Amor, à qual não posso negar nada. Pediu que Eu repartisse as minhas graças a quem Ela confiou a sua Chama de Amor. Repartirei as minhas graças para quem quer que Ela me pedir, pois a Ela também não devo negar nada.”

Não posso descrever que grande graça, força e confiança Ele me deu com as suas palavras.

6 de agosto de 1962.

De manhã ao comungar, ou melhor, ainda antes, o Senhor novamente inundou a minha alma com as suas queixas.

J.C.: “Nenhuma alma que Eu entreguei aos cuidados dos meus sacerdotes deveria se condenar. Esta palavra, condenação, causa terrível dor no meu Coração. De novo sofreria a morte na Cruz por cada

alma, ainda que fosse para sofrer mil vezes mais. Porque para os condenados já não há esperança. Impede isso! Com os teus desejos, salva as almas! Sabes que há três formas de batismo: batismo de água, de sangue e de desejo. Para salvar as almas se passa o mesmo. Do meu Sagrado Coração também brotarão sobre vocês sangue e água e o poderoso desejo com que o fiz por vocês. Sabes o que é o desejo? É um admirável e delicado instrumento que está no poder mesmo do homem mais incapaz. E se pode usar o desejo como instrumento milagroso para salvar as almas. O importante é que unam os seus desejos com o precioso Sangue que escorre do meu Flanco. Aumenta os teus desejos, minha filhinha, com todas as tuas forças. Porque isso salvará muitas almas!”

Ao dizer como era para Ele a dor espantosa de perder as almas condenadas, o doce Salvador me permitiu participar dessa dor. Então senti na minha alma uma dor tão aguda, que quase desmaiei. “Eu me esforcei com todo o meu empenho, Senhor Jesus, para que as almas a mim confiadas não se condenem.”

AUMENTAR OS DESEJOS DE SALVAÇÃO DAS ALMAS

7 de agosto de 1962.

Eu me queixava: “Meu Jesus, estou tão abandonada!”

J.C.: “E Eu, o que direi então? Existe por acaso alguém que esteja mais abandonado do que Eu? Mais desprezado? Alguém que tenha sido mais esquecido do que Eu? Se soubessem o anseio que sinto por vocês! Na minha contínua solidão Eu os chamo com muito amor e paciência. Mas vocês me tratam como se Eu fosse uma pessoa sem sentimentos. Se se entregassem com confiança, sentiriam aquele amor que o meu Sagrado Coração sente por vocês. Se em algum lugar começa um incêndio, vocês vêm correndo de todos os lados para conseguir que o dano seja o menor possível. Mas o incêndio de Satanás, vocês não estão se esforçando para apagar! Estão deixando que a chama do inferno faça a sua destruição! Ai daqueles que olham com covardia, daqueles que são os responsáveis! Vocês fecham os olhos e deixam que as almas continuem se condenando! Vocês, as almas escolhidas, puderam me conhecer e sabem que a minha paciência e bondade não têm limites. Mas também conhecem a minha severidade, que se pronunciará sobre vocês no fogo eterno, se se afastarem de

Mim! As suas mãos não trabalham comigo, mas se dispersam. Oh, vocês, realmente infelizes, almas a Mim consagradas! Entrem dentro de si mesmas e convertam-se já a Mim! Ainda há tempo! Não permitam que a indolência se apodere de vocês! Eis a raiz de todo o mal que se introduz nas suas almas. Pelo menos expulsem o quanto antes esse pecado espantoso que leva ao desespero e do qual vocês não querem se dar conta. Satanás levanta barricadas nas suas almas para não deixar passar a Luz Divina. Sem a claridade vivificante dessa Luz, estão vocês sofrendo e se torturando sob o escuro peso da indolência. Venham a Mim os que estão agonizando debaixo do peso da indolência e Eu a descarregarei de seus ombros e os aliviarei! Somente a recepção do meu Corpo pode lhes ajudar a sair dessa obscuridade que o maligno tão cuidadosamente foi acumulando em vocês. Entreguem-se a Mim! Não percebem o quanto Eu ando atrás de vocês? Os muitos avisos serão em vão? Dêem-se conta de que todas essas coisas desordenadas têm a sua origem em Satanás! É a sua obra e durará enquanto Eu permitir. Eu tomo as mãos de vocês. Não se desviem dos meus braços que os acolhem! Convertam-se a Mim e se sacrifiquem no Sagrado Altar do recolhimento e do martírio interior!

Queiram vocês perceber que essa é a minha vontade. Esse martírio interior Satanás não pode impedir. Essa luta no fundo das almas traz um abundante fruto, como o martírio sofrido por Mim. Orem e permaneçam em vigília. Reúnam-se em dois ou três e assim empreendam a luta contra o Príncipe das Trevas e a sua força devastadora. Não fiquem parados! Façam como se não tivessem um Pai no céu que cuida de vocês. Com todos os seus desejos, abracem a terra! Com os seus sacrifícios, que ardem de puro amor, queimem todo o pecado! Não pensem que isso é impossível. Apenas confiem em Mim. Essa fé e confiança vão dar força a milhões de almas para lutar!

Tu também, não sejas de pouca fé, minha filha. Junta-te às almas a Mim consagradas! Eu te chamei também! E o que tu fizeres, não decidas pela tua disposição momentânea. Mas pela aceitação firme e perseverante de sacrifícios. Porque isso produz abundante fruto nas almas.”

8 de agosto 1962.

Ao regressar à noite da adoração do Santíssimo, viemos conversando durante todo o caminho. Ou melhor, era Ele quem estava me falando. Eu

apenas escutava, surpresa. Eu me recordava dos meus tempos de jovem casada, quando acrescentamos aquela jaculatória à oração da noite, feita em família: “Oh, adorável Jesus, faz que também os pecadores e os pagãos te conheçam, e que se convertam e te amem muito!”

J.C.: “Com os teus anseios de então, minha filhinha, quantas almas tu desejaste para Mim! E sabes que Eu te escutei. Graças aos teus desejos, elas chegaram a me conhecer. E muitas se converteram. E muitas delas me amam profundamente. Sabes por que menciono isso outra vez? Porque Eu vejo as tuas dúvidas, que te inquietam continuamente. Para que servem os teus desejos? Para muito! Apenas os intensifique junto com as tuas mortificações. De novo tenho que te dar, minha filhinha carmelita, um exemplo tomado da tua própria vida. Não faz muito tempo, tu ainda desejavas que, uma vez que tivesses educado os teus filhos, tivesses um tempo para te preparar para a tua boa morte. Vês, Eu cumpri esse teu desejo também. Pois então grave bem no teu coração que o desejo é um instrumento maravilhoso que une o céu e a terra. Eu desejava realizar a minha Obra Redentora desde o primeiro momento da minha existência humana. Um desejo ininterrupto enchia o meu Coração pela salvação das almas. Que esse desejo pelas almas arda também em vocês. Não sejam de pouca fé! Sabes o que já te disse: se necessitares de um forte apoio, anda e diz:

NECESSITO, MEU PAI, DO TEU FORTE E PATERNAL APOIO!

Ele estenderá assim o seu forte braço paternal. Anima-te e agarra-o bem. E não apenas tu, mas todas aquelas almas que confiei a ti.”

Naquele mesmo dia a Santíssima Virgem me falou também:

S.V.: “*Eu também te peço, minha filhinha carmelita: aumenta em ti continuamente o desejo pela minha Chama de Amor!*

Sabes que grande pena tenho pelo meu país. As famílias, sim, as famílias húngaras estão desgarradas e vivem como se a sua alma não fosse imortal. Com a minha Chama de Amor quero reavivar outra vez o amor nos lares. Quero unir as famílias dispersadas. Que sejam vocês as mais numerosas possível. Porque assim muitas, muitas almas se unirão à minha Chama de Amor.

Ajudem-me, já que somente de vocês depende que essa Chama por fim se acenda! Que as famílias húngaras supliquem com alma fervorosa para que assim possamos deter com comum esforço a Mão castigadora do meu Divino Filho.”

A VINDA DO REINO DE DEUS

Num dia de agosto, falou-me o Senhor Jesus desta maneira:

J.C.: “Sabes, minha filhinha carmelita, que Eu te convidei ao meu especial acampamento de luta.

Oh, não se deixem atrair pelas comodidades passageiras do mundo, mas que seja a vinda do meu Reino a meta de suas vidas na terra. Essas minhas palavras chegaram à multidão de almas a Mim consagradas. Confie! A minha graça estará com vocês e Eu lhes ajudarei de um modo quase milagroso.”

As palavras do Senhor ressoavam na minha alma com dureza. Fiquei surpresa, pois até então tinha ouvido apenas palavras suaves.

J.C.: “Não te surpreendas por ouvir a minha voz severa. Faço isso com amor. Não sejam cômodos e covardes. Não se deixem convencer, nem façam os outros crerem que nada tem sentido. Sim, tem! É muito mais fácil esperar comodamente que se acalme a tempestade do que enfrentar a tormenta e salvar almas! Não precisam mais de exemplos nem explicações. Mãos à obra! Ficar de braços cruzados é terreno fértil para Satanás e o pecado. Como lhes despertarei? Abram os olhos para perceberem o sinistro que faz vítimas ao redor de vocês e que ameaça as suas almas!”

Ele disse que me ajudaria a fazer chegar as suas palavras às pessoas competentes. Não queria mais anotar as suas queixas, mas o Senhor me pediu que continuasse escrevendo. Tínhamos cruzado o prado. Gostaria de ter escrito as suas palavras de joelhos. Mas devido às circunstâncias, sentei-me sobre a relva e peguei o meu caderno de notas. Ele inundou-me com a sua Presença e disse:

J.C.: “Eu te faço sentir isso para saberes o que sou. Não desprezem o meu pedido com um simples gesto. Essa desrespeitável atitude me dói muito. Tomem no coração o meu ansioso desejo. E que cada um entre dentro de si e comece uma vida nova. Tirem de Mim a força para isso. Sei que isso não é novo para vocês, já que falam muito sobre isso. O que me dói é que apenas falam, mas não se empenham em formar em vocês o Reino de Deus. Vocês sabem bem o esforço terão que fazer para que chegue ao meu Reino. Não vivam de um modo hipócrita! Vocês oferecem o Santo Sacrifício diante dos fiéis, mas isso lhes parece algo superficial. Quantos há entre vocês que agem assim!”

16 de agosto de 1962.

J.C.: “Vês, minha filha, muitas pessoas a Mim consagradas passam despreocupadamente as suas vidas. Com que ociosidade desperdiçam o tempo ao seu próprio gosto! A Mim atiram algumas migalhas que caem da mesa, como a um mendigo. E há muito tempo estou suportando isso. Mas até quando? Se a paciência do Pai Celestial acabar, aí de vocês! Não haverá quem detenha a sua Mão castigadora. Aí terei que lhes dizer: ‘Afastem-se de Mim, malditos, porque não representaram a Causa do meu Reino; não fizeram valer aquilo para o qual foram chamados. Andei tanto tempo atrás de vocês! Quantas vezes os adverti! E vocês responderam com um gesto que ofenderia até um mendigo.’”

As suas palavras ressoavam com dolorosa tristeza. Naquele dia a Virgem Santíssima tratou sobre esse mesmo assunto comigo:

S.V.: “Sou Eu quem lhes dá força para começar. A minha Causa, apesar de muitíssimas objeções e estorvos mal intencionados, vai se realizar. Aceita então os sofrimentos que te mandarei, as dores corporais, os tormentos espirituais e a excessiva secura na alma. Assim estarás protegida de todo pecado. Não deixaremos que te separe de Nós. Aqui estás, aos nossos Pés, e te cumulamos com inumeráveis graças. Fazemos com que as tuas faltas e misérias sirvam para o bem da tua alma. Elas te mantêm em grande humildade. Essa deve ser toda a tua preocupação, pois só uma alma muito humilde pode representar a nossa Causa.

Não temas! Não sofras sozinha. Mas Comigo, Conosco. Sofrerás por causa das inumeráveis objeções que as pessoas consagradas a Deus farão contra a nossa Causa Santa. Sabemos que aceitas os sofrimentos com amor. Vemos os teus sofrimentos tanto externos como internos. E que há meses os teus pensamentos estão ocupados com a minha Chama de Amor. Tu mesma podes ver que ela requer um esforço perseverante.”

“Minha Mãe do Céu! A minha débil força se nutre de Ti!”

J.C.: “Confia, minha filha! O plano de Deus ninguém pode desfazer. Para a minha Obra Redentora necessito do esforço de vocês. Não quero perder nenhum de vocês. Satanás empreende uma luta tal contra os seres humanos como nunca houve antes.”

O SENHOR NOS QUER SEMPRE COM ÂNIMO FESTIVO

Hoje o Senhor Jesus, enquanto me falava, também me instruí:

J.C.: “Sê a minha servidora! Sê sempre alegre. Todos os dias daquele que me serve devem ser uma festa. Não deixes que nada nem ninguém se aproxime da tua alma com a intenção de perturbar o teu ambiente festivo. Cuida da tua veste nupcial. E por ela, irradia felicidade! Onde quer que entres, que sintam que participas a cada dia do Banquete Celestial. Deseja que em outros nasça também o desejo de participar dele. Que a vinda do meu Reino seja a tua única e principal meta.

Sejam valentes! Confessem-me diante dos homens. São numerosas as pessoas cuja covardia é a única coisa que as impede de se aproximarem de Mim! Não faças nada sem Mim! Não tenhas um só pensamento que não me inclua também. Por acaso não Sou Eu quem lhes dá o entendimento? Mas, lamentavelmente, são poucos os que me agradecem.

Tu também não me agradeceste ainda. Se não possuíssem o entendimento, vocês tampouco se destacariam sobre as demais criaturas. Tudo o que o entendimento humano cria procede do meu entendimento. Agradece esse admirável dom em nome daqueles que não o fazem.”

Lamentavelmente não tenho diretor espiritual a quem poderia contar as coisas que acontecem na minha alma, as mudanças contínuas. Em muitas coisas eu precisaria pedir conselhos. O Senhor Jesus inesperadamente contestou as minhas palavras:

J.C.: “Vejo a pouca fé que tens. Por que és tão impaciente? É coisa minha quando e qual diretor espiritual vou te dar. Não temas! Eu te darei um diretor espiritual de acordo com o meu Coração. Não tenhas medo, nunca te abandonarei!”

Essas palavras tão alentadoras deram grande tranquilidade à minha alma.

Em certa ocasião eu me queixava ao Senhor Jesus: “Meu Senhor, custa-me tanto fazer com que as minhas comidas não tenham nenhum sabor!” Ele ficou muito comovido e falou comigo longamente. Pena que não escrevi as suas palavras, ainda que Ele muitas vezes me peça. Mas freqüentemente se mesclam tanto as suas palavras no meu interior, que não consigo formulá-las por escrito.

O Senhor Jesus prometeu me dar uma força especial para as vigílias noturnas. E que eu também fizesse da minha parte todo o esforço possível. Prometeu me despertar Ele mesmo naquela noite.

Oh, que felicidade enchia o meu coração ao sentir a sua Presença quando veio me despertar! A vigília passou tão rápido estando eu em sua companhia! Enquanto estava submersa em união com Ele, ocorreu uma coisa admirável. Descrevo com a maior humildade da minha alma essas coisas.

Numa noite silenciosa de verão, estávamos conversando confiada e longamente. De repente a conversa se interrompeu e Ele, sem me fazer sentir, foi embora. Mas não sem antes permanecer longo tempo diante da nossa casa. Permitiu-me sentir que estava pensativo diante da nossa casa e começou a enumerar os méritos da nossa família, como aquelas virtudes que eu fazia os meus filhos praticarem quando ainda eram pequenos. Destacou como eram meritórias as fervorosas orações da noite e disse o quanto Lhe agradava a pequena jaculatória que acrescentávamos a essas orações. Disse então que a nossa família estava consagrada ao seu Divino Coração. E Ele não se movia dali, mas continuava parado. Eu sentia a sua santa e bendita Presença e estava muito emocionada. Nós o afligimos com tantas ofensas e Ele, apesar de tudo, é tão bondoso! E falou:

J.C.: “Abençôo esta casa, que está consagrada ao meu Sagrado Coração.”

Era algo sublime sentir essa benção que deu sobre a nossa família, enquanto permanecia um longo tempo diante da nossa casa. E ainda depois continuava ali. Um longo tempo ainda me permitiu sentir a sua Presença, cheia de bondade e majestade. Pela emoção eu estava me sentindo extremamente insignificante, menos que nada, e só podia balbuciar: “Afasta-te de mim, Senhor, pois sou uma grande pecadora!” Ele replicou:

J.C.: “A dívida que tenho com a nossa Mãe me obriga a isso. As graças abundantes que com a minha benção dei a todos da tua casa, se as dei foi a pedido dela, porque tu estás morando nesta casa. E tu, com todo o desejo do teu coração, deseja propagar a Chama de Amor do Coração da nossa Mãe.”

UNIR NOSSOS SOFRIMENTOS AOS DE CRISTO

Logo a Santíssima Virgem começou a me falar. Pediu que eu orasse pela alma que me rechaçou:

S.V.: “Alguém não te considerou digna de atenção da minha Santa Causa, apesar de que Eu o havia iluminado a respeito da tua pessoa. Sei que sofreste muito quando a rechaçaram. O meu Santo Filho une os sofrimentos da tua humilhação aos seus sofrimentos de eterno valor. E agora, prepara-te de corpo e alma para maiores sofrimentos ainda. Sob qualquer forma e medida que irromperem sobre ti, não retrocedas! Sê humilde, paciente e perseverante!”

Quando a Santíssima Virgem terminou de me dizer isso, uma enorme angústia oprimia o meu coração. Outras vezes Ela também me anunciou que eu ia sofrer. Mas desta vez eu me estremeci tanto no meu interior! Agora tudo parece tão inseguro e escuro. As dificuldades que fazem com que a Causa não avance. Tudo isso se juntava tremendamente contra mim e então eu lhes disse: “Meu adorado Jesus e minha queridíssima Mãe. Tenho muito medo dos sofrimentos e humilhações que me aguardam. Sem Vocês nada sou, apenas uma miserável. Tenham-me ainda mais sob a sua proteção!”

Eu estava fazendo as minhas orações no templo. Enquanto estava ali, alguém tocava o órgão. Inesperadamente comecei a ouvir a voz do Senhor Jesus na minha alma:

J.C.: “Vejo que te custa a concentrar, minha filhinha. As notas equivocadas te perturbam. As palavras com que te diriges a Mim muitas vezes também são distraídas e equivocadas. Eu espero com paciência e amor que a tua voz e as palavras que me diriges se tornem claras e sonoras. Sê também mais paciente contigo mesma e com os outros!”

Em certa ocasião, depois da Santa Missa das sete horas, quis me despedir do Senhor Jesus. Mas Ele, com voz amável, tratou de me deter:

J.C.: “Por que queres te despedir de Mim? Acaso não caminhamos juntos? Não vás! Para que tens tanta pressa?”

Eu queria cuidar do meu jardim, porque o tempo estava muito favorável para isso.

J.C.: “Não gostarias de assistir também à Santa Missa seguinte? Sabes por que te chamei para ficar tão perto de Mim? O que puderes

fazer por Mim, prefere-o a qualquer outra coisa! O que te disse? Que o teu grande mérito é o sofrimento, sob qualquer forma que te aparecer. Cobre com os teus beijos a minha Santa Mão. Já esqueceste que a teu pedido te acorrentei ao meu Sagrado Pé? Por que preferes qualquer coisa passageira? Ou não confias no valor dos sofrimentos? Dei valor aos teus sofrimentos. Mas se não o souberes apreciar, isso me causará muita dor. Pensaria que não os aceitas com amor. E, sem amor, os sofrimentos não valem grande coisa.”

Em outra ocasião, assim me instruiu o Senhor:

J.C.: “Sê sempre calada, minha filhinha carmelita. E não te surpreendas se te digo isso tantas vezes. Sabes quem é o verdadeiro sábio? O que cala muito. A verdadeira sabedoria amadurece no solo do silêncio. E só no silêncio pode criar raízes. Por isso te instruo. Eu sou o teu Mestre. Com trinta anos de silêncio, Eu me preparei para a minha atividade de três anos. Porque Eu sou o teu Mestre. Junto a Mim tu também alcançarás a sabedoria. Fala apenas quando Eu te der o sinal para isso. E só deves dizer como aprendeste de Mim ou como Eu diria. Em uma palavra: imita-me! Verás que as poucas palavras produzem abundantes e bons frutos nas almas.”

PEQUENAS CENTELHAS, GRANDES SANTOS

20 de agosto de 1962.

Tão grande silêncio reinava na minha alma! O senhor não me inundou agora com as suas palavras bondosas. Mas encheu a minha alma com a sua Presença divina, de maneira que a sentia maravilhosamente nas minhas veias, nos meus ossos. Ele penetrou, inundou o meu corpo inteiro, mas só por um breve momento. Ao sentir isso eu me pus a tremer. Experimentei isso ainda outras vezes, inclusive ininterruptamente durante semanas. Mas com essa intensidade, nunca até agora. O meu corpo quase se anulou: sentia apenas a minha alma repleta da Graça Divina.

21 de agosto de 1962.

No dia seguinte, acordei pensando como os santos renderiam homenagens e adoração a Deus. Pensar nas suas reverências e adorações também

acalmou a minha alma. Sentia-me tão pequena, tão cheia de miséria ao lado deles! Então me dirigi à Santíssima Virgem: “Deixa-me participar da tua Chama de Amor, minha querida Mãe, para que assim eu possa continuar adorando o Santo Deus, na companhia de todos os santos e anjos.” Entretanto o Senhor me fazia ouvir a sua voz na minha alma. Eu O encontrei tão maravilhoso, porque nesse tom de voz nunca havia me falado:

J.C.: “Tu, pequena fagulha, por menor que sejas, tu também foste criada por Mim e de Mim. Aproxima-te de Mim sem medo! Eu te dou o meu fulgor. E assim, brilhando um para o outro, tu tampouco vais notar a falta de brilho da tua alma.

Vês, eles também, os grandes santos, eram pequenas centelhas minhas. Eu também os fiz grandes, na medida do empenho com que se aproximavam de Mim. As almas que se aproximaram de Mim com grande empenho receberam antes o esplendor da minha claridade. Como vês, para Mim não existe o tempo. Há almas a quem basta um breve tempo para percorrer um longo caminho e eu as chamo imediatamente a Mim. Há outras que começam tarde, mas no entanto chegam mais cedo do que aquelas que a passo lento e cauteloso andam no meu caminho.

Lembras do que te disse certa vez? Tu voas como uma flecha em direção ao céu. Mas não vires para trás para olhar a terra, para que o ruído do mundo não te faça perder a cabeça! Agora Eu te digo: entrega-te a Mim com confiança e passa decididamente por cima de tudo o que tentar te impedir de chegar até Mim!”

25 de agosto 1962.

Um rosto apareceu diante dos olhos da minha alma. Não saberia dizer por qual motivo eu o contemplava, tendo os meus olhos abertos ou fechados. Percebi que se tratava do rosto de um sacerdote. Revirei a minha memória procurando onde e quando eu o havia visto, mas não consegui descobrir. Logo o deixei de lado.

Passados uns dias, durante uma tarde, enquanto eu repousava, no mesmo quarto uma das minhas filhas estava arrumando os livros. De repente ela pôs diante de mim um retrato. Olhei: era o rosto que eu tinha visto uns dias antes na minha visão espiritual. Li o nome debaixo do retrato: “Padre Biro, religioso jesuíta”. Eu não o conhecia, nunca o tinha visto nem ouvido falar o seu nome. Contudo era uma grande alma, como

pude constatar lendo a folha que a minha filha me mostrou. Nela, além da sua foto, estavam os seus escritos famosos, entre os quais li o seguinte:

“Ainda que tenha que sofrer
e até morrer por uma causa,
mas chego a ser santo,
o que terei perdido?”

Isso produziu na minha alma algo parecido com uma grande explosão. Justamente naqueles dias o maligno tinha me assediado com muitas e fastidiosas tentações.

28 de agosto de 1962.

O senhor Jesus começou a falar:

J.C.: “Não faças nada por tua própria vontade. O que a nossa Mãe e Eu te pedimos é que tu deves te comunicar com o teu diretor espiritual, cujos conselhos deverão sempre lhe apontar o caminho. O resto já é por conta dele. Tu, apenas aceita com humildade as suas palavras, porque elas também vêm de Mim. Segue ardendo na tua alma, com toda humildade, o desejo fervoroso de participar na minha Obra Salvadora. O teu prêmio, a felicidade eterna, não falhará. A Mim tu apenas deves servir com todas as tuas forças.”

REPRESENTAR AS ALMAS

Numa ocasião apoderou-se de mim um grande desejo. Eu desejava para Ele muitas, muitas almas. Enquanto assim Lhe falava, o Senhor Jesus me disse com amabilidade:

J.C.: “Agora já vejo, minha filhinha carmelita, que devo te confiar a grande obra missionária. Leva-a no teu coração: um novo encargo te dou. A partir de hoje tu irás representar as almas da nossa comunidade paroquial. É uma grande tarefa. Todo dia rezarás as orações da manhã em nome da comunidade paroquial também: em nome dos pais, das mães, da juventude, das crianças despreocupadas e dos anciãos insensatos, que nem agora pensam no fim de suas vidas. Pede

para eles os dons do Espírito Santo. Toda abundância de graças que pedires para eles Eu te escutarei. Pede ao Pai em meu Nome. Pede, pelas minhas Santas Chagas, a sua misericórdia. E encomenda a comunidade paroquial. Oferece-me reparação durante o dia também pelas almas infiéis da paróquia. Vês, é por isso também que deves renunciar inteiramente a ti mesma. Eu te escolhi para que fosses a reparadora da cidade. Sabes o que isso significa? Uma dignidade quase sacerdotal. Faz para a comunidade paroquial muitas comunhões espirituais! E dos enfermos também não podes te esquecer! Tem cuidado para que nem uma só alma se condene!”

“Pedirei, meu amado Jesus, para que chegue a elas o teu Reino.” Ele continuava conversando:

J.C.: “Com esse encargo, minha filha, acumulei todos os sonhos da tua infância. Sei que sempre desejaste receber uma missão. Sabes por que não foi possível fazer isso antes? Porque precisavas amadurecer primeiro dentro do círculo da tua família para esse grande trabalho. Não te esqueças: o teu principal trabalho missionário continuará sendo a tua própria família. Não pude te confiar isso antes porque não queria que te perdesse no meio do caminho. A tua família é o ponto de partida da tua missão. Essa obra não terminou ainda. Ocupa-te especialmente das vocações sacerdotais! Lembra-te do que te disse: tudo o que me pedires, receberás. Reza muito e faz muita penitência! Esse é o objetivo de vida de uma verdadeira carmelita!”

“Ajuda-me, oh meu Senhor, a renunciar à minha própria vontade e a obedecer somente a Ti. E em tudo buscar o teu agrado. Que a tua claridade me ilumine, assim como a todos os que me tens confiado.” Esses ensinamentos e essa conversa foram muito longos. Todavia o Senhor Jesus ainda não tinha terminado:

J.C.: “Quando chegar a noite, pergunta-te, minha filha, o que tens feito pela chegada do meu Reino. Nunca estejas contente de ti mesma, porque não há lugar para isso na terra. A recompensa pelas tuas fadigas não é deste mundo. Empenha-te em trabalhar o mais que puderes. Olha a humilhação sempre como o maior instrumento, que assegura sempre frutos abundantes para o teu trabalho. Busca e ama a humilhação! Isso fiz também durante toda a minha vida. Se for difícil, procura a nossa Mãe. Ela é mestra nessa virtude e te ajudará eficazmente. Abraça-te às virtudes. Para isso encontrarás na minha Pessoa a força poderosa. Não penses se deves ir te descansar ou não. Pelos teus cansaços receberás de Mim uma recompensa abundante.”

MEDITANDO A PAIXÃO DE CRISTO

31 de agosto de 1962.

A Santíssima Virgem disse umas palavras:

S.V.: “A minha Chama de Amor tem de ser levada para o outro lado do mar!”

Não sei como isso acontecerá, porque a Santíssima Virgem não me falou mais sobre esse particular, mas me pediu cautela. Fui ao templo para a adoração reparadora de três horas. Ao chegar diante do altar, o diabo começou a me tentar. Começou turbando os meus pensamentos com as suas asquerosidades. E no silêncio das Horas Santas, ele tratava de se aproximar de mim com as suas adulações: que sou muito especial, que a vida que levo não é para um ser humano, que ele não quer me fazer nenhum mal, que só quer que eu leve uma vida normal. Pois senão as pessoas vão me ver como uma beata cheia de manias. Que sou uma tonta, porque nem a minha roupa, nem a minha alimentação, nem a minha diversão, nem a minha maneira de tratar as pessoas são como as dos outros.

Eu me esforçava para me submergir nos padecimentos do Senhor Jesus. O maligno então ficou mais furioso. Na sua raiva impotente, vociferou as suas palavras no silêncio da minha alma, plena da Presença admirável do Senhor: “Não esperarei! Não mais!” O meu coração estremeceu: “Meu adorado Jesus, livra-me do maligno!” Ocorre inumeráveis vezes que o maligno chega de improviso e me ameaça. Pois ele sabe muito bem que é a mim que estão utilizando (Jesus e Maria) para o cegar e que eu faço o que Eles me pedem.

As freqüentes tentações muito me esgotam, pois tenho que suportar terríveis lutas por causa da Chama de Amor da Virgem Santíssima. Mas quando eu me previno e sinto claramente que é por causa da Chama de Amor da Virgem Santíssima que estou sofrendo, então os sofrimentos são mais suportáveis. Mas o maior sofrimento é quando a minha alma se encontra em total obscuridade e o tormento atroz das dúvidas pesa sobre mim. Esse sofrimento produzido por angústias internas me invade tanto que mal me restam forças para caminhar.

O maligno, no dia seguinte, tampouco me deixou em paz com as suas torturas. Ao suplicar ao Senhor que me iluminasse o entendimento para ver a sua Santa Vontade, a fúria de Satanás cresceu de tal maneira que eu me horrorizei. Era pleno dia e a sua terrível presença, quando eu estava

ajoelhada diante do altar, produziu em mim um tremor espantoso. Um novo pensamento ele lançou contra mim:

“Sabias que tudo isso é pura imaginação tua? Quando uma pessoa nunca foi capaz de fazer na vida algo que valha a pena, tenta chamar a atenção. Olha os grandes artistas, os sábios, as conquistas da técnica. Tudo isso o homem tem produzido com a sua própria força. Vês, tu és incapaz de fazer essas coisas. Então isso provocou os teus pensamentos, essas torpezas confusas.”

Terríveis tormentos eram esses! Tomando como intermediária a Eleita do Espírito Santo, supliquei ao Senhor Jesus que não me deixasse perecer, por mais pecadora que eu fosse. Eu não quero pecar. Como então me envolvi nesse terrível pecado? Sofrimento cruel, quando eu tenho que sofrer por causa da minha própria soberba. “Meu adorado Jesus, minha bondosa Mãe Santíssima, eu Lhes ofereço toda a minha miséria, livrem-me dos meus pecados!” Com grande tormento fiz a via-crúcis. Ao terminar as três horas da Hora Santa, regressei ao altar e me ajoelhei: “Meu adorado Jesus, tenho muito medo!”

Uma terrível angústia continuava me atormentando. Mas os pensamentos confusos da minha mente começavam a ficar serenos. Uma tranquilidade mansa que vinha do Senhor, pacificadora e tênue como um hálito, voltava à minha alma e me deixava escutar a sua Voz:

J.C.: “Não temas! Não permito que ninguém te faça mal. Se pudesse, Satanás e os seus seguidores teriam te feito em pedaços e te triturado como pó. Sê forte, pois o Espírito Santo te fortificará.”

A essas palavras, recebi bruscamente uma iluminação interior e me recordei do que a Santíssima Virgem me disse uns dias antes:

S.V.: “Agora partiremos, minha filhinha carmelita. E junto com São José, tu também tens que percorrer as ruas escuras e cobertas de neblina de Belém. Junto a nós, tens que buscar hospedagem para a minha Chama de Amor, que é o próprio JESUS CRISTO. Queres vir conosco? Porque é agora que partiremos para entregar a minha Chama de Amor. Forças e graças receberás de nós.”

Depois disso, fiquei em tal estado anímico que quase não tinha forças para caminhar. Sentia que não necessitava mais da força física: era a força da minha alma que me levava junto com a Santíssima Virgem a percorrer as escuras ruas de Belém. Nessas ruas empedradas buscamos hospedagem, mas não recebemos mais que rejeição.

ENTREGAR-SE A JESUS SEM RESERVAS

Primeiro de setembro de 1962.

Nesse estado anímico extraordinário, o Senhor me fala dia após dia. Hoje também me falou:

J.C.: “Queres te entregar a Mim, minha filhinha, por inteiro e sem reservas? Eu, o Deus-Homem, peço-te. Preciso de ti para a minha Obra Salvadora. O que te peço agora é uma entrega total. Renuncia, pois, a ti mesma por completo, com todas as tuas forças e com toda a tua vontade. Só a Mim deves servir! Já não existe para ti mais nada nem ninguém, a não ser Eu!”

“Tu me pedes, meu Senhor Jesus, meu Cristo adorado, que eu sirva somente a Ti. Poderia eu fazer outra coisa? Entrego-me totalmente e sem reservas como Tu me pedes. Meu doce Jesus, eu vivo para Ti e morro para Ti. Sou tua para toda a eternidade. A quem poderia pertencer? Quem me aceitaria com todos os meus pecados, fraquezas e defeitos? Com o maior prazer eu sacrifico, meu Senhor, a minha pequena vida pelas almas. Todo o meu desejo é que se realize o teu eterno pensamento: a salvação das almas. Divino escultor, esculpe-me à tua imagem e semelhança para que me reconheças na hora da minha morte como obra das tuas Santas Mãos. Oh, bendita Divina Mão, que esculpe e acaricia ao mesmo tempo! A minha alma arde em desejos quando penso nas tuas palavras: que tu necessitas dos meus sacrifícios. Que grande distinção é essa! Eu te bendigo, meu amado Jesus, e te exalto sem fim!”

3 de setembro de 1962.

S.V.: “Gostaria de falar contigo, minha filhinha carmelita, como uma mãe fala com a sua filha. Sei que te debates com grandes preocupações por causa da Chama de Amor do meu Coração. Fico contente que a tenhas tomado com tanto afinco. Escuta-me. Logo chegará o dia em que se dará o primeiro passo oficial, que já deveria ter ocorrido. As muitas humilhações que suportas por causa da minha Chama de Amor e os muitos sacrifícios que fazes são recursos poderosos para se chegar a esse primeiro passo. Comunica o meu desejo ao teu diretor espiritual, que por sua vez deverá fazer chegar a minha Causa ao primeiro Bispo do país e, depois, ao Pontífice Romano, Vigário do meu Santo Filho na terra. Tempo de graça como esse não houve na terra desde que o Verbo se fez Carne. Cegar Satanás é algo que comoverá o mundo.”

Do dia 7 a 8 de setembro de 1962.

Enquanto estava velando em oração, antes do amanhecer, a Virgem Santíssima conversou comigo sobre o efeito de graça da sua Chama de Amor.

S.V.: “De hoje em diante, quando estiverem orando, tu e a pessoa que foi indicada como tua acompanhante, que já conhecem a minha Chama de Amor, Eu lhes concederei a seguinte graça enquanto durar a sua vigília noturna: a graça da minha Chama de Amor agirá sobre os moribundos do mundo inteiro. Cegarei Satanás. E a Chama suave e cheia de graça os salvará da eterna condenação.”

Ao ouvir dizer isso a Santíssima Virgem, recebi-o com alegria. Porém mais tarde uma dúvida terrível me assaltou: “Será que entendi bem o que a Santíssima Virgem me disse de madrugada?” É uma graça imensa! Como poderia recebê-la? A graça concedida a nós duas pesa com grave dúvida sobre a minha alma. Isso não brotaria da minha soberba? Outras vezes parecia que a Santíssima Virgem sequer havia dito aquilo. Em uma palavra, nem eu mesma me entendo. Talvez esteja duvidando porque a minha soberba me impede de acreditar. “Não se pode acreditar em tudo.” Ou o maligno me confundiu demais. Pois com os meus lábios eu rezo o rosário, mas não como costume fazer, mas repetindo uma só jaculatória: “Creio em Ti, Virgem Santíssima milagrosa!” Mas me dou conta de que só o digo dos lábios para fora, enquanto o meu coração e a minha mente se recusam a aceitá-lo. Gostaria de chorar por não poder crer agora. O maligno insiste para que eu faça minha a interpretação que ele dá aos acontecimentos passados e presentes. Com todas as minhas forças tento resistir às suas perturbações. “Virgem Santíssima, dissipa as minhas dúvidas!” O que me inquieta muito é como a minha vigília noturna possa ser tão meritória. É possível e é permitido crer nisso? Na obscuridade da minha alma, a Santíssima Virgem agora não me deu resposta. Então supliquei ao Senhor Jesus, ao que ele respondeu:

J.C.: “SÓ POR MEIO DA MINHA MÃE!”

Com essas palavras eu me confundi ainda mais. “Em vão me acorrentei aos teus Sagrados Pés e agora até essa segurança acabou para mim?” Nos meus esforços impotentes continuava suplicando: “Meu Senhor, agora me abandonas?” E ouvi a mesma voz:

J.C.: “Não só com a tua boca deves aceitar o poder da Chama de Amor da minha Mãe. Mas com toda a tua mente também.”

Eu mesma noto que, apesar dos meus esforços, a minha mente resiste

em aceitar o que dizem as palavras. Satanás ofuscou tanto a minha visão que não encontro saída. “Gostaria de saber se pecarei contra a Santíssima Virgem se eu me recusar a aceitar esse imenso milagre que diz respeito à minha miserável pessoa. O que devo fazer, meu adorado Jesus? Vem e me ajuda a me livrar do maligno!” Assim, sem diretor espiritual, passar por essas terríveis tentações e não ter a quem recorrer! No meio desses tormentos, passei todo o dia. Durante horas não podia fazer mais que repetir: “CREIO EM TI, SANTÍSSIMA VIRGEM MILAGROSA!”

No mesmo dia, nas horas da noite, quando me encontrei com a irmã que me foi designada como acompanhante, contei-lhe a recente comunicação da Santíssima Virgem e as minhas dúvidas de todo o dia. Na capela, diante do Senhor Jesus, estávamos conversando. Ela, ao ouvir essas coisas, não duvidou. Aceitou com fé singela e com santa admiração o que eu lhe contava. No seu rosto se desenhou um sorriso como o de uma menina, que era característica dela. A sua fé dissipou em mim também as dúvidas. Ao conversar assim sobre a graça admirável que recebemos, ela, dirigindo-se ao sacrário, ajoelhou-se e disse à Santíssima Virgem:

“OH TU, VIRGEM SANTÍSSIMA DE GRANDE PODER! E ainda, contra Tu, querem os homens fazer algo!”

Então ambas nos submergimos na admiração da Chama de Amor da Santíssima Virgem e nos propusemos velar para que o MAIOR NÚMERO DE ALMAS SE SALVE DA ETERNA CONDENAÇÃO. A irmã, minha acompanhante, deu-me muitos bons conselhos, que recebi com humilde coração. Quando diante do altar do Senhor nós nos despedimos, ela talvez nem suspeitava que força e tranqüilidade derramou o Senhor Jesus em mim por meio dela.

PARA RECEBER AS GRAÇAS DA SANTÍSSIMA VIRGEM

15 de setembro de 1962.

A Virgem Santíssima disse, de manhã, com tristeza, que por causa da incompreensão muitas almas vão se condenar. Ela faz tudo o que pode, mas as almas consagradas não estão ajudando. Ela me pediu para aceitar muitos sacrifícios e humilhações, pois assim conseguiremos salvar as almas. “Eu te peço humildemente perdão, minha Mãe. Não quero cambalear, apesar das terríveis tentações. Sabes que nada sou e não posso fazer nada sem Vocês.”

S.V.: “Pois é através da tua pequenez, incapacidade e humildade que a minha Chama de Amor vai se pôr em marcha mansamente, sem contrariedade. Por isso, tem cuidado e guarda-te em escondida humildade. Vive em contínuas humilhações externas e internas, pois só assim posso espalhar através de ti a minha Chama de Amor.”

Em outra ocasião a Santíssima Virgem voltou a dizer:

S.V.: “Vem Comigo! Vamos percorrer as ruas escuras e de Belém com a minha Chama de Amor. Não temas, pois São José e Eu estaremos contigo. E até que não se juntem outros a nós, andaremos assim os três.”

A Santíssima Virgem muitas vezes me faz sentir a sua dor. Há dias que sofro tanto com Ela, que mal consigo caminhar. Hoje, em grande medida, derramou em mim a graça do sofrimento. Estava com olhos chorosos e tentei evitar a todos, para que não notassem a minha grande aflição. Quase não tenho outro pensamento senão o de cumprir o que Ela me pede. A angústia da minha alma, mergulhada em sofrimentos e dúvidas, é instigada ainda mais por Satanás. No seu ódio cruel, ele suscita terríveis dúvidas em mim: “Tu és, de todos os modos, tão inútil! Por que Eles não confiam os seus assuntos aos bispos, ao invés de uma criatura tão tola como tu? Porque os bispos não acreditam nesse tipo de contos! Um homem sensato nem sequer se deteria para falar contigo! Aquele também a quem te enviaram não quis saber desse assunto. Perspicaz, ele percebeu que se trata de algo impossível. Nem sequer perdeu tempo contigo. Não te esforces mais. Sê tu também sensata! Afinal, tudo isso é inútil mesmo.” Ele me molestava inclusive no momento sublime da Sagrada Comunhão. Eu tentava com todas as minhas forças mantê-lo longe de mim.

SOFRE COMIGO

Um dia, ao ir até o Senhor Jesus, eu tinha a intenção de ficar com Ele por pouco tempo, já que estava muito cansada. Rezei os meus ofícios e quis me despedir, mas Ele me perguntou:

J.C.: “Por que estás tão apressada? Há algo mais importante para ti do que Eu? Ou talvez os teus joelhos doem? Pensa em Mim, quando Eu também caí de joelhos mas não abandonei a Via Dolorosa. Fica mais Comigo! Não vês quanto tempo me encontro sozinho? Ou já não tens mais nada a me dizer? Mas isso também não é importante. Escuta o silêncio: os nossos corações batem em uníssono; os nossos olhares se

compenetram um no outro; e apenas diz que me ama e que me adora. E no lugar dos outros também! Sabes que sempre tens que trabalhar Comigo. Agora, aqui nesse silêncio, também podes trabalhar Comigo. E também na noite solitária, enquanto estás velando. Eu te ensino para que aprendas e contes aos outros a maneira de trabalhar para salvar almas. A vontade da alma é o amor. E o amor é capaz de tudo. Somente isso tu deves querer, colocando em ação todas as tuas forças. Que o nosso pensamento seja sempre um: salvar as almas da eterna condenação. Somente assim podes mitigar a minha dor cruel. Que isso não seja aborrecido para ti. Repito: sofre Comigo.”

E durante esse tempo, Ele compartilhava comigo a preciosa dor da sua Alma, como prenda preciosa da sua graça. Em outra ocasião me falou:

J.C.: “Sabes como a causa das almas condenadas me dói a alma! Que as nossas mãos trabalhem juntas!”

“Meu Senhor, tão pouco é o que eu posso fazer!”

J.C.: “Completa o teu trabalho com os teus desejos, com os teus anseios, minha filhinha. E põe em Mim plena confiança!”

JEJUM PELAS ALMAS NO PURGATÓRIO

28 de setembro de 1962.

Hoje, dia de jejum, eu o ofereço pelas almas no purgatório, especialmente pelas almas sacerdotais. O Senhor Jesus disse que não pode resistir às súplicas da Santíssima Virgem. Disse:

J.C.: “Já que estás mitigando, minha filhinha, esse anseio tão grande que tenho pelas almas, sabes com que vou te premiar? A alma do sacerdote falecido, graças àqueles que têm guardado o jejum pedido por Mim, de hoje em diante, aos oito dias depois de sua morte, irá se livrar do fogo do purgatório. E qualquer um que guardar esse jejum alcançará essa graça em favor de uma alma que esteja penando.

[Observação: Se essa alma faleceu em estado de graça.]

Com lágrimas eu escutava as suas palavras cheias de majestade e misericórdia. Dizia que podemos ajudar eficazmente as almas que sofrem no purgatório. A minha alma se estremeceu quando me comunicou essa nova e grande graça. E ao sair da Santa Missa para ir para casa, Ele disse em voz baixa na minha alma:

J.C.: “Eu também vou contigo e permanecerei contigo o dia todo. Que os nossos lábios supliquem juntos ao Eterno Pai para alcançarmos misericórdia.”

Com profunda adoração eu Lhe disse: “Meu Jesus, viver essa graça Contigo e junto com os teus lábios suplicar ao Eterno Pai!” Ao ir para casa, com a alma entregue em sua adoração, o meu coração, sob o efeito da graça, começou a bater tanto que quase desmaiei. Então supliquei: “Desejo, meu adorado Jesus, que a tua grande graça chegue a ser conhecida por todos o quanto antes. E que muitas pessoas sintam profundamente o teu íntimo desejo!” O Senhor Jesus pediu que escrevesse principalmente como podemos ajudar as almas:

J.C.: “Ao observar o jejum pedido por Mim, as almas dos sacerdotes, depois do oitavo dia após a sua morte, vão se libertar do purgatório.”

[Jejum rigoroso: passa-se o dia somente a pão e água.]

DIAS DE GRAÇA: QUINTAS E SEXTAS-FEIRAS

29 de setembro de 1962.

A minha alma está continuamente plena da Chama de Amor da Santíssima Virgem. Até na madrugada, quando me desvelo um pouco, suplico sem cessar que Ela ajude a acender sobre o mundo, o quanto antes, o seu milagre silencioso.

Quando de manhã bem cedo cheguei ao templo, foi como se a Santíssima Virgem estivesse esperando por esse momento para me comunicar no silêncio do templo:

S.V.: “Minha filhinha, vocês devem considerar estes dois dias, a quinta e a sexta-feira, como grandes dias de graças. Aqueles que nesses dois dias oferecerem reparação ao meu Santo Filho, receberão uma grande graça. Durante as horas de reparação, o poder de Satanás se debilitará na medida em que os reparadores suplicarem pelos pecadores. Não se deve fazer nada chamativo, nem se alardear do amor. Que o amor arda no fundo dos corações e que se estenda a outros corações também. Quero que assim como conhecem o meu Nome no mundo, conheçam também a Chama de Amor do meu Coração, que faz milagres no fundo dos corações. E confiei a ti difundir esse amor inflamado. Por isso sê muito humilde. Uma graça tão grande só foi concedida a muito poucos.

Tem em muita estima essa graça tão grande. E o que mais deve amar e buscar nela são as humilhações, tanto externas como internas. Não creias jamais que tu és alguma coisa por causa disso. Considerar a ti mesma como nada deve ser a tua principal preocupação. Nunca interrompas esse exercício. Ainda depois da tua morte isso deverá seguir vigente. Por isso também recebes as graças das humilhações externas e internas. Assim poderás permanecer fiel em difundir a minha Chama de Amor. Aproveita todas as oportunidades: busca também, com o teu próprio esforço, as humilhações externas e internas. Porque assim conseguirás aumentar ainda mais a tua humildade.”

Ao terminar a Santíssima Virgem essas instruções maternais, o meu coração se encheu de profunda humildade. Ela me permitiu sentir o quão poderosa Ela é e, contudo, como foi humilde e modesta na sua vida terrena. E então me mandou escrever essa comunicação de uma forma muito detalhada, porque essa sua petição, que entrega por meu intermédio, é a “mensagem” para todos os seus filhos que serão os primeiros a difundir a sua Chama de Amor.

Nesses dias intirei-me do paradeiro do Padre X. Fui visitá-lo no hospital. A irmã enfermeira me concedeu cinco minutos para a visita. Eram momentos graves. Pedi a ela se poderia nos deixar falar a sós por uns momentos. Ela saiu. Perguntei ao padre se sabia quem eu era. Ele me reconheceu só depois de que lhe falei sobre o assunto. Mencionei a Chama de Amor da Santíssima Virgem, que ele já havia tido conhecimento. Pedi que a lesse, se fosse possível. “Eu, minha filha”, disse, “não consigo ler nem sequer o breviário, nem tampouco as cartas que recebo.”

Passados uns momentos de silêncio, ao me olhar com os olhos meio abertos, então eu pude compreender que os seus olhos brilhavam com uma luz que já não era deste mundo. Percebi que ele já estava contemplando Deus. Então ele falou com a voz bem baixa: “Sou vítima, minha filha. Entreguei-me completamente ao Senhor Jesus e à Virgem Santíssima. Já não disponho mais da minha própria vontade. Que agora Eles façam comigo o que melhor Lhes parecer.” Então eu lhe manifestei o que a Santíssima Virgem me disse quando os médicos já o tinham desenganado:

S.V.: “Ele se restabelecerá logo. Mas não por muito tempo.”

Perguntei ao padre o que eu deveria fazer com a Chama de Amor da Santíssima Virgem. “Eu, minha filhinha, já não posso fazer nada. Se a Santíssima Virgem a tivesse confiado a mim, isso seria outra coisa. Mas, assim, não posso fazer nada.” Acrescentou, todavia, que eu tivesse confiança: “A Santíssima Virgem cuidará de tudo.” E disse que da sua parte,

estava fazendo tudo: orando e oferecendo os seus sofrimentos também pela Causa. Eu começava a esmorecer pelos muitos sofrimentos espirituais que consumiam a minha alma há meses. Disse ao padre: “Eu também, como mortal, suporto os muitos sofrimentos.” Nesse momento a porta se abriu, entrou a irmã e o padre também aceitou obedecer. “Agora eu te abençôo muito, minha filha.” Enquanto ele levantou a sua mão para me abençoar, eu, com um movimento súbito e com grande veneração, levei-a aos meus lábios, talvez pela última vez. Pensei que ainda que ele se restabelecesse, eu não tinha certeza se voltaria a vê-lo. Nesse momento a enfermeira se aproximou da cama e disse: “Termina a visita, por favor.”

Saí para a rua. Dirigi os meus passos em direção ao templo da Adoração Perpétua. Grande obscuridade pesava sobre a minha alma. No caminho para a casa do Senhor, Satanás novamente atirava na minha cara as suas palavras ultrajantes. Gozava-me maliciosamente. Prostrei-me diante do Santíssimo Sacramento: “Vim agora para me queixar diante de Ti, meu adorado Jesus. Tu sabes tudo, porém eu quero te falar. Sabes o que me disse o padre. Sabes, meu Jesus, que eu suplico sempre a Vocês. Quão miserável sou e, contudo, Vocês me confiam esse assunto que pertence ao mundo! Oh, eu, impotente e inútil. E com que prazer o entregaria a uma alma digna e pura! Eu não sou digna, meu Senhor, para isso.” Assim eu suplicava ao Senhor Jesus.

Entretanto Satanás, com todas as suas forças, quis se apoderar da minha alma: “Por fim estou a ponto de te vencer! Não te disse que além de ti ninguém seria tão tolo para fazer seus e passar aos outros esses pensamentos inumanos, ímpios? Por que não me dás atenção? Sempre te disse que eu só quero o teu bem. E tu, empenhada em seguir a tua cabeça tola. Mas espero que agora vais ter consciência. Essa lição, por fim, já arrancou o véu dos teus pensamentos néscios. Diz-me, por que queres ser tu, a todo preço, superior ao resto dos mortais?” Fora a voz do maligno, a minha alma estava insensível a todas as outras coisas. Mantinha a minha alma numa obscuridade que já não era possível suportar com forças humanas. Prostrada diante o Santíssimo, lutava comigo mesma. “O que devo fazer? Não me abandones, meu Senhor! Purifica e ordena os meus pensamentos!”

Primeiro de outubro de 1962.

J.C.: “Sofres, não é? Que sofras por Mim, isso é o meu regalo. Um tal sofrimento como esse só podes receber de Mim. Aceita-o por puro

amor a Mim, seja sofrimento espiritual ou corporal. Sabes o que Eu te disse: haveremos de chegar acima, ao Calvário. Que os nossos pés caminhem juntos!

E se sentes só, Eu permito isso para que tenhas o mérito que oferecerás pelas tuas faltas e pelas almas a Mim consagradas. Não te impacientes por causa do teu diretor espiritual. Eu me encarrego disso. Tu só deves atender a Mim. Ainda quando te mantenho na obscuridade das dúvidas, Eu estou contigo. Lembra-te como, quando Eu estava dormindo na barca, repreendi os meus discípulos pela sua pouca fé. Basta uma só palavra minha para que se faça silêncio e esplendor na tua alma. E em alguns casos vou te enviá-la por meio de outras pessoas também. Aceita-a, ainda que Eu fale por meio da pessoa mais humilde. Repito, faço isso para aumentar a tua humildade. Não te preocupes por causa do diretor espiritual. Apenas espera e confia em Mim. Abandona-te em Mim, isso é o mais importante. Meu pequeno girassol, gira na minha direção! Eu, o Sol Divino, estou te fazendo amadurecer através dos sofrimentos e das dores. Não temas o sofrimento que freqüentemente passa através da tua alma. Eu faço isso para tu te acostumares. Porque através dos sofrimentos andamos juntos e trabalhamos juntos.”

2 de outubro de 1962.

J.C.: “A tua fidelidade a Mim e à minha Obra Salvadora, que demonstras pelos teus contínuos sacrifícios, coloca-te na senda do martírio. Não temas, pois os nossos pés caminham juntos e, ainda que doam muito, continuaremos caminhando juntos. Dou-te, minha filha, a abundância de graças. Porque o meu Coração transborda de amor e me impulsiona a derramá-lo. Retribuo com graças mil vezes maiores cada esforço teu. Que muitas almas como tu me amem! Que alegria seria para Mim se muitas almas como a tua pudessem receber a abundância das minhas graças!”

“Aceita, meu amado Jesus, a única jaculatória que te dirijo com todo o anseio do meu coração: eu Te amo muito, muito!”

RECORRAM A SÃO JOSÉ

3 de outubro, 1962.

Depois do almoço permaneci em silêncio na cozinha, meditando. O Senhor Jesus me surpreendeu com as suas palavras bondosas, consoladoras e reconfortantes:

J.C.: “Que a luz esteja na tua alma! Sê humilde e aceita com toda a tua mente cumprir a minha vontade. Sabes que quando Eu digo algo e isso suscita resistência na tua alma, então podes reconhecer que essa é a minha vontade.”

O Senhor Jesus já faz dois dias que está me dizendo que devo tentar novamente pôr em marcha a Chama de Amor da Virgem Santíssima. E justamente ali onde já me rechaçaram uma vez. O meu coração se estremeceu a essas palavras. Penetraram como uma dor aguda em cada pequena parte do meu corpo o fracasso passado, o rechaço rígido, a humilhação. E, entretanto, eu pensava novamente se era na verdade o Senhor Jesus quem falava na minha alma. Enquanto estava assim vacilando, o Senhor Jesus me fez ouvir outra vez a sua voz no fundo da minha alma:

J.C.: “Tens que te humilhar, de qualquer modo ou em qualquer forma que isso ocorra.”

4 de outubro de 1962.

Nesse dia foi outra vez a Santíssima Virgem quem me falou:

S.V.: “Recorda do que te disse: é preciso partir pelo caminho escuro, lamacento, tumultuoso e penoso de Belém para buscar hospedagem para a minha Chama de Amor. Tu vens Comigo, minha filhinha carmelita, e com São José. A Chama de Amor do meu Coração busca hospedagem. Toma toda a angústia e amor do meu Coração maternal, com os quais Eu também, humilhada e em obscura insegurança, busquei hospedagem em companhia de São José. Agora tu também tens que partir por esse caminho, silenciosamente, sem uma palavra de queixa ou lamentação, humilhada, incompreendida, exausta. Eu sei, isso é difícil. Mas contigo está o teu Redentor. Isso também me deu forças. São José te acompanha. Recorre a Ele! Ele é bondoso. Pede o seu eficaz patrocínio!”

PERMANEÇAM NA MINHA OBRA SALVADORA

Em certa ocasião assisti a umas ladainhas com exposição do Santíssimo. O Senhor Jesus me surpreendeu com as suas palavras:

J.C.: “Hoje estás muito distraída. Apenas dirigiste para Mim a tua alma. Por que me deixas de lado, quando Eu mais desejo as tuas palavras e cada vibração da tua alma?”

“Perdoa-me, oh meu amado Jesus!” E quando, com a alma arrependida, entreguei-me a Ele, começaram as ladainhas. Ao olhar para cima da custódia, onde Ele repousava na sua nívea brancura, com profunda reverência eu O olhava. Então pareceu que a custódia se moveu e ligeiramente se voltou para mim.

O amor sem limites do Senhor se estendeu pelo meu coração. Com os olhos fechados e com profunda humildade, consciente da minha miséria, ofereci-me a Ele e Lhe entreguei toda a minha debilidade, pois não tinha mais nada para oferecer. Ele, comovido, disse:

J.C.: “Olha, o Divino Sol se voltou para ti porque tu não te voltaste para Ele. Tens dispersado as tuas palavras em coisas insignificantes. Por isso Eu me dirijo a ti para recuperar o atraso do que deixaste de fazer. Dirige agora os teus pensamentos para Mim. Trabalhemos juntos! Precisamos de cada gota de azeite. As tuas sementes oleosas só podem amadurecer nos raios do Divino Sol para produzirem frutos abundantes. Trata de me servir ainda melhor! Não te esqueças que nem um fio de cabelo deve se entropor entre nós dois. E ainda há muito por fazer e são poucos os operários. Permanece continuamente na minha Obra Redentora com toda a tua força. Não é por teres chegado mais tarde que a tua recompensa será menor que a dos que chegaram mais cedo. Apenas exijo entrega e fidelidade, que devem durar até depois da morte: só assim poderás ajudar daqui de cima também. E então as nossas mãos continuarão trabalhando juntas.”

Na manhã seguinte, no templo, Ele começou a se queixar:

J.C.: “A aflição do meu Coração é tão grande por causa de muitas almas a Mim consagradas! E, contudo, como ando atrás delas! Eu as sigo passo a passo com as minhas graças. Apesar disso elas não me reconhecem nem me perguntam aonde vou. Eu vejo como vivem aborrecidas na ociosidade, buscando apenas a sua própria comodidade, e como me afastaram de suas vidas. Aproveitam cada chance para se esconderem covardemente e, enganando-se, agem como se não

fossem meus operários. Seus infelizes! Como irão prestar contas do tempo desperdiçado? Não me forcem a levantar a minha Mão Sagrada para lhes maldizer! Eu mesmo sou o Amor, a Paciência, a Compreensão, o Perdão, a Bondade, o Sacrifício, a Salvação, a Vida Eterna. Não é isso que querem vocês? O meu Sagrado Corpo crucificado e encharcado de sangue sobe ao alto em vão? Vocês, cegos e sem coração, não vêem o que fiz por vocês? Não se comovem os seus corações? Não querem caminhar junto Comigo, trabalhar junto Comigo? Os seus corações não batem em unísono com o meu? O seu interior não sente Comigo? Em vão abri o meu Coração? Deixam abandonada a abundância das minhas graças? Não querem compartilhar os meus sentimentos? A batida do meu Coração manso e bondoso não querem escutar? Preferem que com voz de trovão grite com vocês? Por que estão aí parados sem fazer nada? Não se façam de delicados e melindrosos! Onde os pus, aí devem ficar parados, firmes e cheios de espírito de sacrifício. Eu fiz de tudo para poder sofrer por vocês e vocês, ingratos, não mostram nenhuma prontidão. Só se desculpam e passam assim toda a sua vida. Tomem já sobre si a Cruz que Eu também abracei e crucifiquem-se já a si mesmos como Eu fiz. Porque, de outra maneira, não terão a vida eterna! Sei, meu pequeno girassol, que as minhas muitas queixas tu escutas. No calor do teu coração Eu também me aqueço. Estou tão sozinho! Que seja essa sensação sublime a recompensa pela tua fidelidade. Que o nosso interior sinta o mesmo! Que felicidade é esta para Mim! Submerge-te em Mim, no mar das minhas graças! Eu te concedo essa graça porque tu mesma me pediste que te deixasse submergir. Pede sempre, minha filha! Eu reparto feliz os meus tesouros, que poderás trocar na hora da tua morte. Acreditas por acaso que o quanto for o teu sofrimento tanto será a tua recompensa? De forma alguma! Não se pode expressar com palavras humanas o que preparei para vocês. Espero o momento em que tu chegares. E espero com um belo presente. E a tua chegada me dará um sobressalto no Coração. E as muitas almas as quais ajudaste a se libertar do purgatório, por meio dos teus sacrifícios, vão saudá-la cheias de alegria, pois como teus bons amigos esperam esse encontro. Compenetra-te nessa alegria sem limites e que não seja para ti fatigante o que terás que fazer pela minha Obra Salvador. Que os nossos olhares se compenetrem! Nos meus Olhos banhados de lágrimas e de sangue verás o anseio do meu Coração pelas almas. Trabalha Comigo, minha filhinha! Fui Eu quem introduziu no teu coração o desejo para salvar as almas. E o aumentarei sem cessar. Mas aproveita tu também todas as oportunidades!”

5 de outubro de 1962, primeira sexta-feira.

J.C.: “O meu Coração, minha filha, espera hoje com alegria por todas as almas. Derramo sobre vocês as minhas graças extraordinárias. Aproveitem essa oportunidade em que tanta riqueza reparto para vocês. Sê tu, minha filha, a janela da minha Santa Igreja, que a minha Divina Graça faz límpida, resplandecente e luminosa. Para que isso seja realidade, deverás trabalhar continuamente para que o Divino Sol possa brilhar através de ti sobre todos aqueles que na minha Santa Igreja estão perto da tua alma. A tua janela recebe o brilho do meu esplendor e transmite a sua luz. Que os que estão próximos sintam que o Divino Sol brilha sobre eles através de ti. Isso também tornará mais abundante o fruto da minha Obra Salvadora nas almas.”

Essas coisas me disse o Senhor depois da Sagrada Comunhão. Logo depois a Virgem também começou a me falar com maternal bondade:

S.V.: “Eu te uno firmemente a mim, minha filhinha. A Chama de Amor do meu Coração, que te confiei, projetará primeiro sobre ti os seus abundantes raios de graça. E continuará fazendo isso também no céu. As tuas gotas de azeite, que reúnes tão afanosamente, Eu as abençôo com a minha Mão maternal. E a tua chegada esperarei com maternal amor. As gotas de azeite espremidas pelos teus sofrimentos cairão na terra, nas lamparinas apagadas, ou apenas oscilantes de alma, e se acenderão na minha Chama de Amor. Tu, portanto, terás que ter o teu lugar junto a mim até o fim do mundo.”

6 de outubro de 1962.

Ao comungar novamente que a falta de um diretor espiritual pesava sobre a minha alma, o Senhor Jesus com amor me advertiu:

J.C.: “Tem paciência e que seja claro para ti o valor dos teus sofrimentos. Digo porque te deixo sem diretor espiritual. Porque simplesmente assim tu podes experimentar também como esse sentimento é doloroso para muitos. Oferece esse sofrimento para que haja muitos e verdadeiros diretores espirituais. Quantas almas não chegariam a Mim se todos os diretores espirituais guiassem as almas com mais compreensão e paciência sacrificante! Que isso também seja parte do teu trabalho missionário. Faz muitos sacrifícios por isso! Que as nossas mãos trabalhem juntas!”

E a sua voz era amavelmente suplicante.

9 de outubro de 1962.

Hoje, ao estar com o amável Salvador, Ele infundiu na minha alma a alegria do seu Coração:

J.C.: “Que bom que tenhas vindo, minha filhinha carmelita! Há tanto te esperava! Como Eu já te disse outras vezes, submerge-te em Mim como uma gota de água no vinho. Eu sou o vinho, tu a água. Se te unes tanto a Mim, ficarás quase anulada, pois só Eu reinarei em ti. É o meu Corpo e o meu Sangue que dão força e vida a vocês. Que felicidade será se cada vez mais se valerem dessa minha força vivificadora! Trabalhem Comigo!”

Com tristeza eu me queixava ao Senhor Jesus que o maligno tentava novamente me fazer perder a paz na nossa família. “Dá-nos a Paz!” Pedi a sua graça abundante para que os meus filhos também vivessem na graça de Deus. Então Ele me permitiu ouvir a sua voz amável, consoladora:

J.C.: “Quando já estiveres aqui no céu e contemplores a morte de um filho teu, daqui poderás vê-lo e permanecer junto ao leito dele. A tua gota de azeite cairá na sua lamparina vazia e a Chama de Amor da Virgem Santíssima acenderá. Essa grande efusão de graças salvará as suas almas da condenação. Eles então sentirão a tua mão maternal que lhes acaricia. E tu também sentirás que grande valor possuem os muitos sofrimentos que tens suportado. Eles também sentirão a tua mão que lá estará para socorrê-los no momento da sua morte e verão a tua vida meritória que agora, aqui na terra, não apreciam.”

Em outra ocasião Satanás me atentou terrivelmente. Tanto que eu mal consegui manter o meu pensamento em Deus. Assim ele argumentava: “Não te esforces tanto, pois não conseguirás nada com isso! Como podes ver, tu não tens nenhum protetor. Só se deve à tua cabeça dura se continuas te esforçando nesciamente.”

No meio dessas terríveis humilhações, pedi ao Espírito Santo: “Espírito de Entendimento, Espírito de Fortaleza, Espírito de Sabedoria, desce sobre o meu corpo e toma posseção de mim!”

O maligno gritou no fundo da minha alma: “Só na tua liberdade está a fortaleza, a sabedoria, o entendimento. Por que não usas os teus direitos humanos? Não és má. Só és terrivelmente teimosa. Sê forte e tenta te livrar dessa vaidade. Convence-te de que não conseguirás jamais a tua meta. Tudo vai terminar numa vergonha sem fim. Depois de tantos fracassos, cria juízo! Vive uma vida quieta, tranqüila! Por que te martirizar? De qualquer forma, não receberás nenhuma recompensa por isso!”

MENSAGEM DO SENHOR JESUS AOS RELIGIOSOS DISPERSOS

11 de outubro de 1962.

J.C.: “Gostaria, minha filha, que escrevesse o que digo agora e que fizesses chegar a todos aqueles que têm grande necessidade de se orientar com respeito à sua vocação sacerdotal. Os sacerdotes, que por diversos motivos não podem no momento se dedicar à atividade apostólica, sofrem muito. Então eles devem oferecer esse sofrimento em reparação para o benefício das almas. E todos aqueles que de alguma forma consagraram as suas vidas a Mim, e agora por diversos motivos não podem realizar atividades externas, devem se lançar numa vida espiritual profunda. Isso produzirá frutos admiráveis para eles e para as almas. Eu conto, hoje também, com o amor de vocês, que desejo muito! Tomara que atendam e escutem os suspiros que Eu lhes envio! E que me ajudem a carregar a minha Cruz, que é tão pesada! Não me deixem só! Se lhes chamo é porque tenho necessidade de vocês. Mais ainda: chegou o momento e a oportunidade para que vocês dêem testemunho a meu favor. Não sejam acomodados! Olhem para Mim, olhem para a Cruz! Que comodidade me permiti? Isso não comove vocês? Ou se acostumaram tanto com a minha bondade que já não a estimam mais? Oh, vocês, tíbios, o que lhes poderia impressionar, se passam insensíveis junto ao meu incomensurável sofrimento? Vocês também, a quem criei no calor do meu Coração e, apesar de tanta infidelidade de sua parte, Eu lhes chamo com amor. Venham com mais confiança! Eu lhes redimi da morte eterna. Oh, já não querem viver comigo? Contentam-se com as coisas passageiras da terra? Oh, percebam o sofrimento do meu Coração que anseia por vocês! Vocês têm livre-arbítrio e Eu gostaria que viessem a Mim guiados pela sua própria liberdade. Escreve, minha filha. Escreve o meu suspiro queixoso! Talvez ao lerem isso se quebrantarão os corações duros! E se fossem somente uns poucos, tu terias feito um bom trabalho. Que os nossos lábios supliquem juntos ao Eterno Pai!”

13 de outubro de 1962.

Há meses que me fala o Senhor Jesus. Não escrevi tudo, porque nem sempre tenho como fazê-lo. Hoje também me encontrava na solidão silenciosa do templo. Orava pelos sacerdotes moribundos. O Senhor Jesus, comovido, sussurrou ao meu ouvido:

J.C.: “Que as nossas mãos trabalhem juntas!”

Pedi as graças da Chama de Amor da Santíssima Virgem para as almas em pena. Quando o Senhor Jesus me permitiu sentir que nesse momento uma alma acabava de se libertar do purgatório, senti na minha alma um alívio indescritível. Nesse momento, por pura graça, a minha alma sentiu a felicidade incomensurável da alma que chega à Presença de Deus. Rezei com toda a minha alma pelos sacerdotes moribundos. Entretanto uma enorme angustia inundava a minha alma. São sofrimentos que o Senhor me dá para que eu possa trabalhar com Ele. Durante o meu recolhimento, ouvi um suspiro fino como um hálito da Santíssima Virgem:

S. V.: “A tua compaixão pelas pobres almas, minha filhinha, comoveu tanto o meu Coração maternal, que te concedo a graça que pediste. Se em qualquer momento, fazendo referência à minha Chama de Amor, cada vez que vocês rezarem em minha honra três “Ave Maria”, uma alma se livrará do purgatório. No mês dos mortos [em novembro], ao rezar cada “Ave Maria”, 10 almas serão libertadas do purgatório. As almas sofredoras também devem sentir o efeito de graça da Chama de Amor do meu Coração maternal.”²

² Nota do editor: Que Deus tem o direito de expressar em números as condições em que quer dar a sua graça, pode nos provar a Sagrada Escritura. O caso de Naamã, o sírio (2 Reis 5, 1-14), a condição de sua cura está expressa de forma inequívoca em números, ainda que a sua realização não dependeu de números. Por que se banhar exatamente sete vezes nas águas turvas do Jordão foi a condição do profeta Eliseu para que Naamã alcançasse a cura? Não teria sido suficiente cinco ou por acaso três vezes? Talvez fosse suficiente apenas uma imersão! Não foi o banhar-se sete vezes que lhe concedeu a cura, mas a obediência da sua fé humilde com que, a pedido de seus servos, venceu a sua resistência e se submeteu ao desejo do profeta.

É muito certo que os números têm freqüentemente outros significados no plano sobrenatural que aqueles que lhes atribuímos aqui na terra. Porém freqüentemente caímos no erro de traduzir o nosso modo de pensar, tão mercantilista, na ordem da vida sobrenatural, enquanto que o Céu tem outro propósito muito distinto com os números. A essência e o sentido mais profundo dessa “matemática celestial” não é o número nem o rendimento, mas o Amor. Significa que o desejo de salvar as almas que estão penando deve arder em nós continuamente. Quantos pensamentos inúteis, quantas preocupações supérfluas que giram ao redor de nosso próprio eu e nos enchem durante um só dia! Quantas idas e vindas fazemos mecanicamente num único dia! Que meio tão eficiente poderia ser para educarmos a nós mesmos se com um pensamento de amor acudíssemos uma alma que está sofrendo! Elas nos agradeceriam muito e, no seu estado de bem-aventurança, ajudar-nos-iam no nosso trabalho para salvar as almas. De nossa parte, essa compaixão nos serve de mérito e a Santíssima Virgem a converte em favor das almas.

Se a Santíssima Virgem se expressa em números, Ela o faz unicamente para desse modo se colocar na nossa débil maneira de compreender as idéias, a fim de nos estimular, de nos deixar fervorosos, como se dissesse: “Olhem, ainda que a contribuição de vocês seja tão insignificante, consiga que uma alma em sofrimento possa ver Deus cara a cara!”

(A anotação correspondente a 17 de julho de 1964 deste Diário confirma essa interpretação.)

E O VERBO SE FEZ CARNE

15 de outubro de 1962.

O Senhor Jesus, com tanta tristeza, com palavras quase suplicantes, dirigiu-se a mim:

J.C.: “Vem, minha filha, inclina a tua cabeça para Mim e falemos sobre o que te é difícil. São os muitos sacrifícios que fazes por Mim?”

Mencionou uma por uma todas as dificuldades que estou enfrentando e me perguntou:

J.C.: “Queres renunciar a elas? As tentações pelas quais tanto sofres não te distanciam de Mim. Sofremos juntos. Satanás também me tentou. Tu tampouco podes ser mais que o teu Mestre. Na tua vida não há ainda nenhum trabalho acabado.”

As suas palavras penetraram no fundo da minha alma. Ele prometeu me dar força especial para tudo isso. E que eu continuasse me esforçando.

J.C.: “O mais importante é lutar continuamente.”

Ainda me falou de muitas coisas mais, mas não conseguiria escrevê-las todas. Ao ouvir tanta bondade, o meu coração se comoveu e então falei: “Sabes, meu adorado Jesus, que a alma está disposta mas a carne é fraca.” Ele então encheu a minha alma com a força da sua graça. Da forma que nós humanos costumamos falar entre nós, assim Ele me falou:

J.C.: “Vês, assim é a minha riqueza! Tenho necessidade de ti. E como enriqueço a ti! Agora, pois, as nossas mãos trabalham juntas, já que os nossos pensamentos são idênticos e o nosso interior sente o mesmo. Vê como é íntima essa nossa oração! Quando forem muitos, minha filhinha, aqueles com quem poderei conversar assim, as minhas palavras queixosas serão menos freqüentes. Eu te peço: aproveita todas as oportunidades e pede ao nosso Pai Celestial que sejam os mais numerosos aqueles que me compreendem. Eu sei que para muitos isso não é fácil. Mas somente sentirão dificuldade até que não cheguem inteiramente perto de Mim. Uma vez que estiverem todos vocês junto a Mim, então tudo será fácil, porque o amor tornará leve a aceitação de sacrifícios.”

Uma vez Ele inundou a minha alma com seu divino esplendor. Disse muitas coisas. Porém não sou capaz de escrever tudo, mas somente isto:

J.C.: “E o Verbo se fez Carne. Penetra e vive esse mistério sublime que significa a redenção do mundo.”

O que tenho meditado sobre essas palavras não sou capaz de expressar. Durante meses meditei unicamente sobre isso, como se fosse um milagre inesgotável.

18 de outubro de 1962.

J.C.: “Tu sabes, minha filhinha, que te mandei muitos sofrimentos nesses dias passados. Peço que não te fartes dessas grandes dores. Releva-as não só pela tua família, mas pelas famílias de todo o país. Sabes que Satanás com força raivosa quer destruir as famílias. Soframos juntos! Eu sofro unido a ti e tu unida a Mim. Eu te amo muito e não te deixarei sem sofrimentos. Abraça-me a ti também! Ama apenas a Mim, serve-me com fidelidade e não te surpreendas se Eu faço valer o meu amor sempre nos sofrimentos. É o excessivo amor do meu Coração, minha filhinha, que faz com que Eu te considere digna de sofrimento. Só assim poderás salvar muitas almas. Tu também és mãe de família e conheces muitas formas da desintegração das famílias. Para essa intenção, lança-te no forno dos sofrimentos! Oh, as famílias destruídas, quantos pecados acarretam contra Mim! Repara e sofre por elas. Não desperdices nem a menor oportunidade. Que o pensamento das nossas mentes seja o mesmo. Tem claro o valor dos teus sofrimentos. Pensa como é pequeno o número dos que trabalham comigo. Sabes por quê? Porque não há almas que estejam dispostas a carregar os sofrimentos. Especialmente almas que façam com perseverança. E sem isso, elas não podem merecer que Eu derrame sobre elas, ininterruptamente, as minhas graças.”

Enquanto Ele me falava, comi o meu modesto almoço. Nas quintas e sextas-feiras, conforme o pedido do Senhor, só como pão e água e ofereço esse jejum pelos doze sacerdotes e para reparar ao Senhor. Ele se sentou espiritualmente junto a mim e continuava conversando.

J.C.: “Oh, como isso me agrada! Tão poucas vezes posso participar de um banquete tão íntimo! São poucas as almas sacrificadas que fielmente seguem os meus desejos!”

Enquanto comíamos o nosso pão, Ele encheu a minha alma com o dom de sentir intimamente o que Ele sentia. E soprou na minha alma as suas palavras cheias de graça:

J.C.: “Que o nosso interior sinta o mesmo, porque então as nossas mãos também trabalharão juntas.”

Enquanto assim continuávamos, comendo o nosso pão e entregues aos pensamentos um do outro, Ele disse:

J.C.: “O que Eu não te daria?! Pede, apenas pede! Recompensarei o teu pobre almoço regamente com a minha graça. Ofereço a corrente de amor do meu Coração àqueles que descobrem a minha Mão e me pedem socorro. Agora encho o teu coração com o sentimento da minha Divindade. Trabalhem juntos para salvar o maior número possível de almas!”

Isso se estendia também no que dizia respeito a mim.

PROPAGUEM A CHAMA DE AMOR

19 de outubro de 1962.

A Santíssima Virgem continuava esta conversa no templo:

S.V.: “A minha Chama de Amor tornou-se tão incandescente, que não só a sua luz, mas também o seu calor, quero derramar sobre vocês com toda a sua força. A minha Chama de Amor é tão grande que não posso retê-la por muito mais tempo dentro de mim. Com força explosiva ela salta para vocês. O meu amor se derrama. E irá destruir o ódio satânico que contamina o mundo, a fim de que o maior número de almas se livrem da condenação. Digo: algo parecido a isso nunca existiu. Este é o maior milagre que agora faço a vocês. [E me rogou suplicando que não a entendamos mal!] As minhas palavras são cristalinas e inteligíveis. Não as transformem nem as interpretem mal, porque seria grande a sua responsabilidade se o fizessem. Ponham-se a trabalhar, não sejam ociosos! Eu lhes ajudarei de uma maneira quase milagrosa. E a minha ajuda vai ser contínua. Confiem em Mim! Atuem urgentemente! Não posterguem a minha Causa para outro dia!

Satanás tampouco fica olhando de braços cruzados. Ele faz esforços enormes. Ele já sente como se acende a minha Chama de Amor. Isso provocou a sua terrível fúria. Entrem na batalha: os vencedores seremos nós! A minha Chama de Amor cegará *Satanás* na mesma medida com que vocês a propagarem pelo mundo inteiro. Quero que assim como conhecem o meu Nome no mundo inteiro, conheçam também a Chama de Amor do meu Coração, que faz milagres no fundo dos corações. Em relação a esse milagre, não precisam começar a fazer investigações. Todo o mundo sentirá a sua autenticidade em seu coração. E quem uma vez sentiu

esse milagre irá comunicá-lo aos outros, porque a minha graça atuará nele. Não precisa ser autenticado. Eu vou autenticá-lo em cada alma para que conheçam a efusão de graça da minha Chama de Amor.”

Enquanto a Santíssima Virgem me dizia essas coisas, Ela mantinha a minha alma submersa na densa escuridão da gruta de Belém. E iluminou o admirável e grande mistério de “E o Verbo se fez Carne” com a claridade da sua maternidade divina: como o Filho de Deus, desde o momento do seu nascimento, veio estar no meio de nós com a maior pobreza e humildade. A Santíssima Virgem me confirmou novamente na humildade e me disse:

S.V.: “Sê tu a alma que busca sempre e unicamente a humildade. Afasta-te daqueles que te honram e te querem e procura somente ser desapreciada. Ama aqueles que falam mal de ti e aqueles que te compreendem distorcidamente.”

Quando acabou de dizer isso, a sua voz se fez uma só com as palavras do Senhor Jesus. Ele falou assim:

J.C.: “Esse é o meu ensinamento. Faz isso! Eu te dou tempo e oportunidade para que te exercites nessa lição que te dou. Com a tua participação no meu trabalho salvador, tens que atrair à minha companhia as almas que me compreendem mal e que me desprezam. Não é coisa fácil, mas as nossas mãos trabalham juntas. E aquele que trabalha Comigo alcança o resultado seguro. Ainda que aparentemente não se veja o fruto, podes estar segura dele. Peçam ao Pai em meu Nome. Ele lhes concederá o que por meio de Mim pedirem. Tenham confiança e façam referências à Chama de Amor da minha Mãe, porque a Ela estão obrigadas as Três Divinas Pessoas. As graças que pedirem por meio d’Ela vocês receberão. Ela é a Esposa do Espírito Santo e o seu amor muito aquece os corações e as almas frias no mundo inteiro, que despertando-se com novas energias poderão se elevar a Deus.”

25 de outubro de 1962.

Enquanto viajava, estava pensando, submersa n’Ele, o que deveria fazer para me aproximar cada vez mais do seu amor. O Senhor Jesus me falou assim:

J.C.: “Sabes o quanto me agradas. Apenas faz teus os meus

ensinamentos. O meu empenho não tem sido em vão. Alegro-me verdadeiramente disso. Só não entendo porque tu és tão ambiciosa. Por que não te contentas com os pequenos sacrifícios? Por que não queres permanecer completamente pequena? Não penses que chegarás a ser santa fazendo grandes coisas! Nisso estás equivocada! As grandes coisas levam em si a glória, e a sua recompensa está aqui na terra. Que as nossas mãos trabalhem juntas. Tudo o que fizermos será de grande valor, ainda que sejam as coisas pequenas. Para Mim nada é insignificante. Eu tenho em grande apreço tudo o que fazes por Mim.”

A CADA “AVE MARIA” INCLUAM ESTA PETIÇÃO

Outubro de 1962. Anotação posterior.

O que vou expor agora, a Santíssima Virgem me disse neste ano de 1962. Eu guardava isso por muito tempo, sem me atrever a escrever. Eis a sua petição:

S.V.: “À oração com que me honram, a “Ave Maria”, incluam esta petição da seguinte maneira:

*“Ave Maria, cheia de graça,
O Senhor é convosco.
Bendita sois Vós, entre as mulheres,
E Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
Santa Maria, Mãe de Deus,
Rogai por nós, pecadores.*

*E DERRAMAI AS GRAÇAS EFICAZES DA VOSSA
CHAMA DE AMOR SOBRE TODA A HUMANIDADE,
AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE. AMÉM. ³*

Não quero mudar a oração com que me honram. Mas apenas sacudir com essa súplica a humanidade. Essa não é uma nova fórmula de oração: deve ser uma súplica constante.”

³ O bispo competente perguntou a Elizabeth: “Por que deveríamos rezar a antiqüíssima “Ave Maria” de um modo diferente?” No dia 2 de fevereiro de 1982, assim respondeu o Senhor: “Por causa das súplicas eficazes da Santíssima Virgem, a Santíssima Trindade concedeu a efusão da Chama de Amor. Na oração com que saúdam a minha Mãe Santíssima, peçam pela Chama de Amor: ‘Derramai o efeito de graça da vossa chama de amor sobre toda a humanidade, agora e na hora de nossa morte, amém.’ Para que sob o seu efeito se converta toda a humanidade.”

HISTÓRIA DA HUNGRIA

2 de novembro de 1962.

A Santíssima disse várias coisas sobre a sua Chama de Amor:

S.V.: “É verdade, filha, que esse é o nosso comum pensamento, a nossa Causa comum! Tu me dás uma felicidade tão grande quando vejo que o teu coração está sempre ocupado com a minha Chama de Amor! Só posso dizer novamente: por isso tu me proporcionas muita felicidade.”

Não posso descrever o que senti depois dessas palavras elogiosas da Santíssima Virgem. Talvez quisesse desaparecer.

4 de novembro de 1962.

A bem-aventurada Virgem , inclinando-se para mim, começou a falar:

S.V.: “Os santos húngaros me suplicam com gozo inefável, minha filhinha carmelita, que a minha Chama de Amor se acenda o quanto antes sobre o seu país.”

A Santíssima Virgem me permitiu que eu também o sentisse, unindo-me em espírito ao louvor agradecido dos santos, enquanto a Santíssima Virgem acariciava a minha alma e continuava falando:

S.V.: “Minha filhinha, a oração mais comovedora de todos os santos húngaros é a intercessão de São Emérico pela juventude.”⁴

Ela me permitiu sentir na alma a admirável união dos santos. Enchi-me de uma alegria indescritível.

6-7 de novembro de 1962.

Estava ajoelhada em silêncio. Mas o demônio começou a me atentar. Ele não parava de me elogiar. Mas para o meu grande assombro, a sua presença suscitou em mim uma sensação especial, mas não de temor. Como ele não podia mais me causar dano, chamou sobre si a atenção. Eu

⁴ São Emérico foi filho de São Estevão, primeiro rei da Hungria. Educado com grande esmero na fé cristã, morreu ainda jovem durante uma caçada, no ano de 1031. A sua festa é celebrada no dia 5 de novembro.

me empenhava em atender as palavras do Senhor. O diabo, enquanto se debatia impotente, disse: “Agora será fácil para ti, já que escapuliste das minhas garras!” Fiquei estupefata e não entendi o que seria isso. Eu não tinha percebido ainda que estava ali ajoelhada durante horas, pensando por que estaria tão exasperado o demônio. Enquanto estava assim, percebi a voz da Santíssima Virgem na minha alma:

S.V.: “Tu és a primeira, minha filha, a quem inundo com o efeito da minha Chama de Amor, cheia de graças. E junto contigo todas as almas. Quando alguém fizer adoração reparadora ao Santíssimo ou fizer visita à Santa Eucaristia, enquanto isso durar, Satanás perderá o seu domínio sobre as almas. E cego, deixará de reinar sobre elas.”

Como descrever o que senti na alma, quando a Santíssima me comunicou essas coisas? Durante a minha meditação escutei:

S.V.: “A tua aceitação dos sacrifícios e a tua fidelidade, minha filha, estimulam-me a derramar ainda mais o efeito da minha Chama de Amor sobre vocês. E em primeiro lugar e na maior medida sobre ti, porque tu és a primeira que a recebe.”

Depois disso, a Santíssima Virgem me preparou para passar maiores sofrimentos ainda. Mas agora não senti nenhum temor. Porque possuir a Chama de Amor e saber com que grande força ela me reveste, deu-me forças e consolação quase sobre-humanas.

10 de novembro de 1962.

Hoje o amado Salvador falou longamente. Disse o quanto Lhe agrada a alma pequena, que na sua impotência, entrega-se a Ele:

J.C.: “Novamente vou me referir à tua vida passada, quando trabalhavas numa fábrica. Além do teu trabalho, que fazias com fidelidade e responsabilidade, fazias um curso de controle de qualidade. Estudavas, apesar de muito cansada, mas sentias que não serias aprovada no exame. Sendo mãe de família com seis filhos e mil preocupações e cansaços, o esforço para trabalhar e estudar era enorme. Ficaste surpresa ao saber que era a melhor estudante. Naquela época não pensavas em Mim. Mas a minha Mão já estava ali. Quando recebias o material que passavam os trabalhadores que acionavam as máquinas automáticas de quatro carretéis, material que a máquina produzia em poucos minutos, tinhas que estar atenta para que não houvesse

nenhum erro! O mestre de máquinas, que supervisionava funcionamento das máquinas, estava ali disposto a pará-las rapidamente, porque não consentia nem um centésimo de milímetro de erros. Estou te lembrando essas coisas para que vejas que não é com o saber, mas com dedicação e com o trabalho bem feito que a consciência consegue ter êxito. Eu estou junto a ti. Como o mestre de máquinas, assim permaneço, assim fico perto de ti para que não se produza nenhum erro. Nem sequer um erro de um centésimo de milímetro é admissível. Já te disse, nem sequer um fio de cabelo deve nos separar.”

Falou também sobre outros lugares de trabalho:

J.C.: “Quando realizavas as medições de ductilidade, com que circunspeção fazias o teu trabalho! O material que ficou mais duro que o permitido tinhas que separar para voltar ao forno e ser fundido novamente. Eu também, minha filhinha, quantas vezes devo fundir de novo as almas duras no forno do meu amor? Não quero que sejam uns erros. Suporta, minha filha, quando Eu te fundir também muitas vezes com a chama do meu amor. Faça assim para que correspondas às exigências do meu Coração, porque só assim será possível a elaboração posterior.”

Numa ocasião o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Olha nas terras de cultivo a grande árvore frutífera que estende os seus ramos e oferece sombra e fruto saboroso à pobre gente cansada. Tu já não podes te converter numa árvore tão grande. Mas sabes no quê? Sê tu o meu pequeno girassol! E dirige para Mim as tuas sementes oleosas, que amadurecem aos raios do Divino Sol. Queres que as tuas sementes oleosas fiquem cada vez mais carregadas? Aceita todos os sacrifícios que ofereço, porque as tuas sementes oleosas só assim poderão ser úteis. Queres que Eu esprema as tuas sementes oleosas? Se quiseres isso também, só por meio de sacrifícios poderemos conseguir. Essas gotas de azeite, espremidas pelos sofrimentos, cairão nas lamparinas vazias das almas e nelas o fogo se acenderá, devido à Chama de Amor da minha Mãe. E então, pela sua luz, as almas encontrarão o caminho que conduz a Mim. Essa gota de azeite que espremi através dos teus sofrimentos, unida aos meus méritos, vai cair também naquelas almas que carecem ainda de lamparina. Elas, maravilhadas, buscarão a causa disso e encontrarão o caminho que conduz à salvação.”

(Observação: Esses são os pagãos que ainda não possuem a luminosa lamparina da verdadeira fé.)

A GRAÇA DA SANTA PUREZA

17 de novembro de 1962.

Hoje de madrugada eu me despertei quando ouvi o meu Anjo da Guarda dizer: “É com grande admiração que os anjos e os santos te olham.” Então ele me pediu que eu aumentasse, com todas as minhas forças, o profundo louvor e a adoração para a Santa Majestade Divina. Porque “essas grandes graças, quase sem comparação, só a muito poucos tocou a sorte.” Ao ouvir essas palavras do meu Anjo da Guarda, que me admoestavam, um grande arrependimento pelos meus pecados pesou sobre mim. Senti-me tão indigna da abundância de graças que a Chama de Amor da Santíssima Virgem derrama sobre mim!

Nesse dia a Santíssima Virgem conversou longamente comigo. Não conseguia escrever tudo, mas somente aquilo que ocorreu nas primeiras horas da manhã. A minha miséria, indizivelmente grande, deprimia a minha alma. Agora, ao ouvir as palavras da Santíssima Virgem, eu as atendia com maior reverência do que havia feito até então. Senti que ela também iria me comunicar agora coisas extraordinárias. Durante a Santa Missa, a Santíssima Virgem infundiu na consciência da minha alma, que é o que agora sinto, e fez com que a minha alma ficasse muito leve e elevada a um estado tão sublime.

S.V.: “Essa grande graça, minha filhinha, é a santa pureza.”

A essas palavras da Santíssima Mãe, estremei profundamente. Depois de breve e silenciosa espera, a Santíssima Virgem assim continuava:

S.V.: “Agora foste purificada de toda mancha que era marca do pecado contra a pureza. De hoje em diante, onde quer que te apresentes, minha filhinha carmelita, será concedido a muitos que percebam a particular pureza da tua alma, que o efeito de graça da minha Chama de Amor derramou sobre ti e derramará sobre todos os que irão crer e confiar em Mim.”

19 de novembro de 1962.

S.V.: “Nas tuas lutas, será agora que vou te contar confidencialmente porque escolhi justamente a ti para entregar primeiro a Chama de Amor. Tu mesma reconheceste que não és digna dela. É a pura verdade. Há almas muito mais dignas que a tua. Mas as graças recebidas com as

quais tenho te cumulado e os sofrimentos por que passas com tanta fidelidade fizeram que fosses tu a escolhida. Vejo o teu empenho em ser perseverante e com antecipação te recompensando por isso. E para que não te amargures, vou mencionar um pequeno detalhe que te serve de mérito, e que a mim também agrada muito. Muitas pessoas te conhecem há anos, aqui onde tens a tua casa. Tu lutaste a tua grande batalha diante dos homens. Há muitos que admiram isso. E mesmo os teus inimigos falam com respeito de ti. Também fico feliz por escutar isso. Uma mãe gosta que reconheçam que um filho seu é bom. E tu és duplamente a minha filhinha. Eu sei, minha filha, que estás protestando. E para isso tens bastantes motivos. Alegro-me também porque não és orgulhosa. Por isso que me inclinei a ti. Eu, a Mãe da Misericórdia, a mais excelente das graças confiei a ti: entregar a minha Chama de Amor aos demais. Por que justamente tu? Eu te digo. Olha, tu também és mãe de uma família numerosa. Conheces todas os sofrimentos e problemas de uma família através dos teus filhos. Sei que muitas vezes pouco te faltava para que caíesses sob a cruz de duras provas. Tiveste e ainda tens muitas dores por causa dos teus filhos. Suportar tudo isso é meritório para ti e para qualquer mãe de família. As experiências que por disposição divina te tocou a viver não foram em vão. Eu as tive em conta também. Sei que tu me compreendes, e por isso compartilhei contigo o que sente o meu Coração maternal. Como a tua, assim é a minha dor também. Há muitas famílias no teu país como a tua: muito frias. A essas e às demais quero encher com o calor da Chama de Amor do meu Coração. Sei que tu compreendes bem isso, porque também vives a mesma realidade. Por isso sente Comigo, angustia-te Comigo. Por isso entreguei a ti primeiramente a abundância das minhas graças. Somente uma mãe é capaz de compartilhar verdadeiramente Comigo as minhas dores. Eu certamente sou Mãe Dolorosa. Sofro tanto por causa das almas que se perdem! Tenho dores que me torturam, quando vejo o sofrimento do meu Santo Filho. Não te poupes de nenhuma fadiga. Sê tu a minha eterna companheira para me ajudar a levar os meus sofrimentos. Isso é o que te peço.”

22 de novembro de 1962.

Entreguei a Chama de Amor da Santíssima Virgem ao Padre D. Pensava que agora, por fim, encontraria um pouco de alívio na minha alma. Mas ao contrário: começou a espantosa dor dos meus sofrimentos. O maligno começou a me humilhar terrivelmente. Algo assim não me havia acontecido ainda. Subi ao santuário de Maria Remete. Aqui seria fácil me submer-

gir na sua Chama de Amor. Entretanto a Santíssima Virgem me disse:

S.V.: “O teu anseio é grande. Mas recorda o que Eu disse: ‘Temos que buscar hospedagem para minha Chama de Amor. Ponhamo-nos em marcha!’”

O meu coração se encolheu. Os sofrimentos e humilhações, que tenho que passar para entregar a Chama de Amor, significam cada vez uma nova grande luta para mim. Com a cabeça inclinada, atendi silenciosamente à Santíssima Virgem. Ela me disse a quem deveria procurar:

S.V.: “Agora, aqui no santuário, tu vais entregá-la!”

Dirigida pela Santíssima Virgem, passei para o outro lado. Primeiro me confessei com o padre que estava ali. Só depois lhe disse porque havia vindo até ele. O meu coração batia na minha garganta. Esse sacerdote era completamente desconhecido para mim. Quando eu ainda estava na metade, ele me perguntou por que eu tinha que lhe contar isso e por que eu estava tão inquieta. Repreendeu-me também porque eu poderia ter-lhe contado tudo isso em cinco minutos. Então ficou me apressando continuamente. Lamentavelmente tenho dificuldade em respirar e isso me fazia demorar mais ainda para falar. Não quero detalhar mais o tormento atroz, a humilhação e a vergonha que vivi. Depois o padre começou a falar das virtudes cardeais e destacou a prudência como a mais importante delas. Citou as palavras de São Paulo: “Examinem os espíritos.” Depois de longa conversação, por fim, marcamos que no próximo domingo eu levaria as comunicações da Santíssima Virgem. Ele, em tom indiferente, alertou: “Se tu quiseres, podes trazer, e eu os lerei. Mas isso ainda não significa nada.” Por último, pediu que eu orasse ao Espírito de Amor. Eu também lhe pedi que orasse por mim e me abençoasse novamente.

Quando sai do confessionário, pensei outra vez no que pedi a Deus Espírito Santo: que acendesse a luz nas almas daqueles que já sabem algo sobre a Chama de Amor e que derramasse no seu interior a efusão de graças da Chama de Amor da Santíssima Virgem. Então pensei nas virtudes cardeais. Seria a prudência uma das virtudes mais importantes? “Meu adorado Jesus, eu frequento a tua Escola. E se algo não sei, é vontade tua se queres que eu saiba ou não. Para entregar a Chama de Amor não são necessárias as virtudes cardeais, porque senão Tu terias me instruído sobre elas.” E com isso eu me tranqüilizei.

O maligno irrompia em mim cada vez com mais força. Durante semanas tem me torturado o pensamento de que tudo procede de mim mesma, que em vão estou tratando de me enganar, que é vaidade tudo o que faço, que estou cheia de soberba e de auto-suficiência. Pela minha sober-

ba será que serei condenada? A prudência estará em renunciar a me ocupar desse assunto? “Lembre-se, aquele a quem te enviaram se contentou em dizer que vai ler, mas que isso não significa nada com respeito a esse assunto.” Esse pensamento me pressiona a reconhecer diante do padre o meu equívoco. E a voltar a ele e à irmã que me acompanha para confessar, diante deles, humildemente, que tudo é mentira brotada da minha soberba, com a qual queria lhes enganar. Se eu fizesse isso, recobriria a paz da minha alma e poderia me encarar pura e sinceramente diante de mim mesma.

Havia chegado o momento de comungar e eu ainda estava lutando dentro de mim: se eu me atreveria a receber o Senhor. A minha pena seria tão grande que, tremendo na alma, eu disse: “Eu não quero te ofender, meu adorado Jesus. Mas como então caí nesse grande pecado? E se eu não quero, então como é que eu poderia cometer esse pecado?” A resposta do catecismo da minha infância veio na minha memória. Alguém comete pecados se, sabendo e querendo, desobedece ao mandamento de Deus. Num instante examinei a minha consciência: eu não quero o pecado, portanto não pequei. A minha mente me falava assim, mas algo me impedia de ir ao altar do Senhor. Era desesperadora essa luta. “Meu Senhor, sê misericordioso comigo.” Ajoelhei-me entre os que iam se comungar. Quando chegou a minha vez, o sacerdote ficou parado diante de mim, e eu, com os lábios abertos, tremendo, esperava o doce Salvador. Pensava que talvez o padre me considerasse indigna de receber a comunhão. Mas ele estava apenas separando as hóstias grudadas. Quando o Sacerdote pôs a Sagrada Hóstia nos meus lábios, recebi não uma, mas duas. E ao colocá-las sobre a minha língua, elas tocaram os meus dentes e se separaram. E me pareceram como se fossem duas asas e que o Senhor veio voando até a minha alma. Isso trouxe um alívio sem limites à minha alma. Comecei a chorar: “Que bom que vieste!” As suas próprias palavras Lhe dirigi: “Verdade que Tu não me desprezas? Justamente porque sou pecadora, duplica em mim a tua força. Que bondade, que compaixão sem limites para o pecador que se arrepende!” Durante longo tempo Lhe dei graças pela sua infinita misericórdia. Depois entrei ainda em outra capela onde se celebrava uma missa tardia. Ali continuei a minha ação de graças, refletindo longamente sobre a minha miséria e a minha condição de pecadora. A idéia de que eu tinha inventado a Chama de Amor da Santíssima Virgem de nenhuma maneira me parecia clara. Pensei: “Eu me entreguei inteiramente ao Senhor, meu adorado Jesus. Há muito renunciei a mim mesma, à minha vontade. Logo não há nada em mim que proceda de mim. Novamente me entrego a Ti. Aceita-me, eu suplico!”

Agora o Senhor Jesus não falou, mas inundou a minha alma com o sentimento sublime da sua Presença. E, sem palavras, infundiu na consciência da minha mente a sensação de tranquilidade. Há muito tempo que já me entreguei a Ele plenamente. Portanto devo me tranquilizar. Nada procede de mim mesma. Através da tranqüila infusão de graça, Ele me permitiu sentir porque passei por grandes perturbações e sofrimentos.

A IMPORTÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO NA SANTA MISSA

Em uma ocasião, assim falou a Santíssima Virgem:

S.V.: “Se assistirem à Santa Missa, quando não for obrigatória e estiverem na graça de Deus, derramarei a Chama de Amor do meu Coração e cegarei Satanás durante esse tempo. As minhas graças fluirão abundantemente para as almas por quem vocês oferecerem. A razão disso é que Satanás, cego e despojado do seu poder, não poderá fazer nada. A participação na Santa Missa é o que mais ajuda a cegar Satanás. Ele fica atormentado e, ofegando de vingança, ele se empenha numa luta mais feroz ainda para a condenação das almas.”

23 de novembro de 1962.

J.C.: “Vem, filhinha, recolhamos os grãos de trigo esparramados!”*

Na hora não entendi o que desejava de mim o amável Salvador. Esperava em silêncio que me fizesse entender o sentido das suas palavras. Ele, com a sua voz suplicante, disse:

J.C.: “Desculpa-me, minha querida filhinha, se abro agora diante de ti o sofrimento bem conhecido do meu Coração. Sabes, as almas a Mim consagradas que caíram em boa terra produziram frutos abundantes e agora estão dispersas. E elas não têm maior ilusão, a não ser em se converterem em pasto para o gado. Não se deixam recolher, nem se deixam moer. Mas, sem isso, nunca serão criaturas úteis.

* (Explicação: Por grãos de trigo esparramados, o Senhor Jesus se referia aos religiosos e religiosas que agora vivem dispersos, apesar de terem produzido frutos bons e abundantes. E muitos deles não se deixam guiar pela Graça Divina para levar uma vida de vítima e de apóstolo.)

Oh, como dói a minha alma por esses grãos de trigo esparramados! Sente, minha filhinha, a dor de onde brotam as minhas palavras queixosas. Que o nosso interior sinta o mesmo!”

29 de novembro de 1962.

Hoje fui me confessar com o Padre D., a quem entreguei as comunicações da Santíssima Virgem. Ele me falou sobre diferentes assuntos antes de passar às comunicações, porque só havia lido umas poucas linhas. Há uma semana que eu as entreguei. Eu ouvia, aflita. E pensava: “Vê, minha boa Virgem Santíssima, que posso fazer? Nada! Tu estás atuando por meu intermédio. Não depende de mim que até agora nada haja acontecido.” O padre falou de tudo, menos da Chama de Amor da Santíssima Virgem. Ele falava sobre como a alma tem diversas explosões que não vêm necessariamente de Deus. Era incômodo para mim ouvir essas coisas. Preferia ter pedido a palavra, mas não o fiz.

Exercitando a paciência, a humildade e o domínio da língua, eu escutava as suas preleções. Ele falava da admirável Providência, que me ajudou a educar sozinha os meus seis filhos. Acrescentou que o que eu digo é a verdade. Sobre as suas palavras cétricas, contentei-me em dizer: “Deus vê a minha alma!” Doeu-me muito a sua desconfiança. Pensei: “Deus é quem obrou comigo. Eu nada sou. A Ele seja toda a glória!” Fiquei feliz em poder colocar aos Pés do Senhor Jesus essas humilhações. A Santíssima Virgem me havia assegurado que só por meio dessas humilhações é que eu estaria apta para transmitir a sua Chama de Amor. O Senhor Jesus me pediu, em certa ocasião, com palavras amáveis:

J.C.: “Não sejas impaciente! Com outros sabes ser indulgente e paciente, mas contigo mesma é impaciente. Tem obrigações para contigo também. Volta-te para Mim! Recebe a minha claridade e passa-a aos teus próximos. Vive uma vida recatada! Vê a violeta dos bosques. Não é comovente? Aparece apenas um pouquinho sobre a superfície da terra e logo muitos já vão buscá-la pelo seu perfume! A pequena flor também recebeu de Mim o seu perfume. Que a tua vida também seja oculta e expanda o seu bom odor! Assim ela irradiará o seu perfume e servirá de exemplos para os maus. E Eu a recompensarei com as minhas graças, para que sigas exalando o meu bom perfume. Peço-te: ama os teus próximos. E quando ouvir alguém pronunciar com anseio o meu Nome, que isso siga ressoando nos teus ouvidos. Ajuda a alma que suspirou assim a se aproximar de Mim!”

SEXTA-FEIRA, DIA DE SACRIFÍCIOS

Sexta-feira. Este dia é sempre o dia dos sofrimentos e da aceitação mais generosa dos sacrifícios. Agora também vim me arrastando, por causa da fadiga, aos pés do Senhor. Durante as três horas santas que queria passar submersa nos seus sofrimentos, eu procurava, juntando todas as minhas forças, dispor a minha alma para a oração. O Salvador se compadeceu da minha debilidade e, na solidão da sua alma, dirigiu-se a mim com amáveis palavras:

J.C.: “Olha por onde caminho! Abandonado, nos campos ou nas cidades, ou onde quer que olhes, tu me vês mal vestido. No meu Ser sublime se derrama a minha tristeza, o meu fracasso.”

As suas palavras comoviam tanto a minha alma, que eu soluçava abundantemente. Ele continuou:

J.C.: “Tu sabes o quanto ando atrás das almas! Mas elas não querem me notar. Olham-me por um momento, mas ao verem o meu triste olhar, rapidamente viram-se para o outro lado. Há quem me diz: ‘Nós nos compadecemos de Ti, mas será para outro dia.’ A grande maioria nem sequer se dá conta.”

E exclamou dolorido na minha alma:

J.C.: “Oh, indiferença sem limites! O meu Coração, minha filha, permanece aqui contigo e descansa um pouquinho. Sei que tu me compreendes e tentas me agradar com toda a tua força. Mas só te peço: fica Comigo. Oh, esse abandono, esse desprezo! Alivia os meus sofrimentos com a tua freqüente presença!”

“Vês, meu adorável Jesus, como sou frágil. A minha alma te deseja com ânsia, mas o cansaço do meu corpo me obriga a me despedir.” Olhei no relógio: eram quase três horas. O Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Estou unido às tuas mãos. Eu vou contigo. Que os nossos pés caminhem juntos!”

E não interrompemos a conversa. Ele continuava se queixando do abandono da sua alma e novamente me pediu suplicante:

J.C.: “Não me deixes só! Agora te ato mais estreitamente ainda para perto de Mim, por meio dos teus sofrimentos.”

OFEREÇAM O TRABALHO DE CADA DIA

30 de novembro de 1962.

Hoje, quando comecei a tocar o sino para as seis da manhã, a Santíssima Virgem me falou amavelmente:

S.V.: “Também ofereçam o trabalho de cada dia para glória de Deus! Esse oferecimento realizado em estado de graça também ajuda a cegar Satanás. Vivam conforme as minhas graças, para que Satanás fique cego cada vez mais e num raio de ação cada vez maior. Se utilizarem bem as abundantes graças que lhes ofereço, vocês trarão consigo a melhoria de uma multidão de almas.”

Primeiro de dezembro de 1962.

S.V.: “Vejo, minha filha, que tens grandes temores. Temes o longo caminho e as novas provas que passarás para entregar a minha Chama de Amor. Que seja o teu comportamento muito humilde, valente e decidido. Eu vou contigo. Tu estás em possessão do Espírito de Amor, cuja força te acompanha e ilumina as almas daqueles que deverás procurar.”

A Santíssima Virgem me disse também com que disposição receberão a sua Chama de Amor aqueles a quem devo procurar. E continuou com as suas palavras, que me infundiam valor:

S.V.: “Tu tens que caminhar, aceitando da maneira mais generosa muitos e dolorosos mal-entendidos e humilhações. A pessoa a quem te dirijo está sofrendo e também está atormentada pela dor e pela dúvida ainda mais do que tu. Vê, minha filhinha, o motivo pelo qual tu tens que sofrer, orar e jejuar tanto quanto aqueles a quem Eu te dirijo. Para que de alguma maneira vocês possam ganhar méritos para entregar a minha Chama de Amor, que se põe em marcha com muita dificuldade. Não sem intenção a faço chegar justamente às almas que estão se debatendo em dúvida. Faço isso para que experimentem a efusão dos efeitos de graça da minha Chama de Amor e para que assim creiam e confiem em Mim.”

Quando escutei as palavras bondosas da Santíssima Virgem, fiquei maravilhada. Depois dos sofrimentos e tentações do dia anterior, o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Sofre Comigo! Aumentarei os sofrimentos da tua alma e te privarei da minha palavra.”

Sempre quando ouço isso, estremeço de tristeza. Mas o Salvador me consolou com palavras bondosas.

J.C.: “Vou te deixar o sentimento da minha Presença, minha filha. A Chama de Amor da nossa Mãe vai lhe dar forças enormes para suportar os grandes sofrimentos que agora vou derramar sobre ti. É a nossa Mãe que também me obriga a não retirar de ti o sentimento da minha Presença. Agradece a Ela também!”

A Santíssima Virgem disse ainda muitas coisas. Ensinou-me como se ensina uma criança:

S.V.: “Diz-me, por que temes?”

Eu estava pensando que tinha que ir até o senhor Bispo. Cada vez que pensava nisso o meu coração encolhia.

S.V.: “Não tens por que temer. Ainda que tenhamos preparado a tua alma, tens que sentir continuamente que és um instrumento nas nossas Mãos. Não te atribuas nada a ti mesma! Ter temor é uma necessidade, porque é ainda um reflexo da tua presunção. Acreditas que tu serias capaz para algo? Entrega-te já, minha filhinha, plenamente. Reconhece o teu nada! Nós te conduziremos.”

NA PRESENÇA DO SENHOR BISPO

12 de dezembro de 1962.

Entreguei no templo de Maria Remete as comunicações da Santíssima Virgem àquele sacerdote a quem Ela havia me guiado. No mesmo dia viajamos a Székesfehérvár. O nosso trem partiu às duas da tarde. Levei as comunicações da Santíssima Virgem ao senhor Bispo.

Quando chegamos, a escuridão da noite já envolvia toda a cidade coberta pela neve. Meditava sobre as palavras da Santíssima Virgem: “Temos que buscar hospedagem para minha Chama de Amor.”

A minha alma se encheu de devoção. Então será esse o lugar onde a Chama de Amor da Santíssima Virgem receberá hospedagem? Agora a Santíssima Virgem se contentou em dizer apenas isto:

S.V.: “Partamos!”

Viajei com a irmã que havia sido designada para me acompanhar. Ao descer do trem, o nosso primeiro caminho nos levou ao sepulcro do jovem jesuíta, Estevão Kaszap. Depois de ter me encomendado a sua intercessão, entramos no templo para visitar também o túmulo do santo Bispo Ottokar Prohászka. Orei longamente, meditando as suas próprias palavras: “Que desejas Tu, grande Senhor, de mim, que dependo de Ti e vivo por Ti e em Ti?” Estando ajoelhada junto ao seu túmulo fiquei muito comovida. Tinha muito, muito que dizer. Mas disse apenas: “Ajuda-me, senhor santo Bispo, e abençoa-me!”

Com dificuldade saí dali. A Santíssima Virgem dispôs as coisas de forma que tudo sirva para o bem da Causa. Na mesma noite assisti à Santa Missa celebrada pelo senhor Bispo. E nosso alojamento foi melhor que o esperado. De manhã, na missa da aurora, a Santíssima Virgem me disse:

S.V.: “Olha os dois menininhos que estão sentados na tua frente.”

Levantei a cabeça e, realmente, dois meninos muito fraquinhos estavam sentados ali. Como foi a Santíssima Virgem quem me chamou a atenção sobre eles, eu os olhei detidamente. Eram surpreendentemente bem educados, suas roupas eram pobres, mas arrumadas com cuidado. A Santíssima Virgem continuou:

S.V.: “Sobre esses dois meninos, minha filha, exalo a graça da minha Chama de Amor. É o meu regalo para os teus anseios. Olha para esses dois e, sobretudo, ora muito por eles. São os favorecidos, de um modo especial, da minha Chama de Amor. Ajuda-os também economicamente!”

Quando a Santíssima Virgem me permitiu sentir que era por meu intermédio que Ela exalava a Chama de Amor do seu Coração sobre essas duas crianças, comecei a soluçar. “Minha Mãe, como és bondosa!” Quantas graças Ela irradia sobre nós! Terminada a Santa Missa, eu continuava olhando as duas crianças. Quando saíram do templo, eu os segui para saber os seus nomes e endereço. Fiquei sabendo também que eram crianças de uma família numerosa.

Faltando dez minutos para as dez da manhã, eu e a irmã fomos conduzidas ao palácio episcopal. Não passamos pela entrada principal, mas fomos primeiro à cozinha. Ali encontramos uma irmã atarefada em preparar uma massa. Interrompendo o seu trabalho, fez sinais para que a seguissemos. Nosso caminho nos levou por um corredor escuro, que passa pelo subsolo, até chegarmos à sala de espera.

Depois de breve espera, fomos conduzidas ao secretário do senhor Bispo. Ele nos levou à Capela. Ali logo me submergi numa fervorosa oração. “Aqui estamos, por fim, meu adorado Jesus!”

Depois de breves minutos, percebi que alguém entrou e começou a rezar em voz alta o “Veni Creator Spiritus”. Não olhei imediatamente, mas como a oração se prolongava, olhei e vi que era o senhor Bispo. Fiquei de pé quando ele colocou o reclinatório. Ajoelhei diante dele para fazer a minha anunciada confissão. Essa durou longo tempo. Admirava a sua santa tranqüilidade e o domínio de si, que manifestou durante todo o tempo. Não me interrompeu nem uma só vez.

Quando terminei, ele esperou ainda uns momentos e perguntou se eu gostaria de acrescentar algo mais. “Não”, eu disse. Ele respondeu a tudo, ponto por ponto. Admirei a extraordinária agilidade mental com que respondia às minhas perguntas. Depois de me dar a absolvição, outra vez me abençoou longamente. As suas palavras tranqüilizaram a minha alma e dissiparam as minhas atrozidades e cruéis dúvidas. Ali mesmo me prostrei para dar graças ao Senhor. Entretanto ele também rezou umas breves jaculatórias.

Quando terminei, o senhor Bispo se aproximou de mim e bondosamente com a sua mão paternal desenhou uma cruz na minha testa. Eu não esperava por isso. Com um movimento brusco beijei a mão que me dava a sua benção. Isso me comoveu muito. Depois que ele saiu, ainda fiquei ali e meditei sobre como fazer a entrega das comunicações da Santíssima Virgem. Ela, com bondade e doçura, dirigiu-se a mim:

S.V.: “Esse alívio extraordinário que sentes agora é a minha recompensa. Agora vamos descansar um pouco, para que tenhas força para continuar a luta que te espera.”

E ao dizer isso, com a sua bondade maternal acariciava a minha alma. Eu, descansando espiritualmente, pensava na benção especial do senhor Bispo. Porque por meio dela a paz do Senhor inundava a minha alma maravilhosamente, como nunca havia sentido depois de uma benção. Ao recordá-la, ainda depois de vários dias, uma feliz tranqüilidade inundava o meu coração.

15 de dezembro de 1962.

Hoje me despertei com essa benção, que teve um efeito admirável e

tranqüilizante sobre mim. O meu coração tremia, na verdade, de alegria. Estava pensando na Chama de Amor da Santíssima Virgem. Ao ir à Santa Missa, Ela me disse:

S.V.: “Tranqüiliza-te, minha filhinha. Vamos juntas. Eu também me fatigava junto contigo. Mas agora vamos ter um bom descanso.”

Enquanto estávamos conversando, toquei os sinos. Depois me prostrei diante o Senhor Jesus: “Meu adorado Jesus, quanto tenho a dizer!” Então comecei a Lhe contar aquilo que me tranqüilizou tanto. Agradei as abundantes graças e O adorei, permanecendo calada e em silêncio. Ele, com palavras suaves, disse-me:

J.C.: “Temos que nos preparar para grandes sofrimentos. Mas não te deixarei sozinha. E se for necessário farei um milagre. Porque os sofrimentos serão enormes. Agora vem a perseguição com que Herodes mandou me matar, sendo Eu ainda um Menino pequeno. Mas assim como Eu e a minha Mãe nos abandonamos no Pai Celestial, tu também, abandona-te em Nós!”

Então me inundou com nova e admirável graça. Não poderia, de nenhuma forma, expressar com palavras a graça que Ele derramou sobre mim, enquanto me dizia:

J.C.: “O que te dei agora é a grande graça do pleno abandono em Mim, que dominarás plenamente o teu ser durante toda a tua vida e se irradiará sobre outros também, partindo da tua alma.”

É um sentimento admirável, sublime e em nada comparável, a graça do abandono em Deus. Eu não o teria suportado, se não tivesse recebido graça especial para isso. O Senhor Jesus continuou:

J.C.: “Sei que te emocionaste muito ao receber a benção do senhor Bispo. Eu ali estava quando ele traçou a Cruz na tua fronte. Fiz isso por dois motivos: para te dar uma recompensa pelos teus numerosos sofrimentos e para que o senhor Bispo sentisse também na tua pessoa a minha Vontade divina.”

16 de dezembro de 1962.

Fui ao Santuário de Maria Remete encontrar o padre a quem uma semana antes entreguei as comunicações da Santíssima Virgem. Eu apenas disse umas palavras e ele me reconheceu e me fez algumas pergun-

tas. Disse-lhe que estive com o senhor Bispo e que entreguei a ele também as comunicações da Santíssima Virgem. Também, com poucas palavras, falei-lhe o que respondeu o senhor Bispo. “Eu também teria dito o mesmo”, disse.

Depois começou a falar das comunicações da Santíssima Virgem. Disse que as leu duas vezes, mas não entendeu. Eu fiquei bastante admirada e quis dizer palavras eloqüentes sobre a Chama de Amor da Santíssima Virgem. Mas em vão me esforçava. Não chegou nenhum pensamento à minha mente, nenhuma palavra aos meus lábios. Fiquei pensativa. “Como pode ser que não entende isso?” Entre outras coisas, disse-me que as primeiras sextas-feiras e os primeiros sábados são também dias de reparação. Parecia que ele achava supérfluos esses dias intercalados de graça.

Quando abandonei o local das confissões, o pensamento de que ele não entendia as mensagens da Santíssima Virgem me doía mais ainda. Então supliquei a ela: “Minha Mãe, a quem me enviaste não entende a tua Chama de Amor.”

Pedi ao Espírito Santo que iluminasse o padre e que a Chama de Amor da Santíssima Virgem penetrasse na alma dele, assim como penetrou na minha. Durante a minha meditação, tormentos espirituais terríveis começaram a me torturar. Quando saí do templo, a minha dor aumentava. E o maligno suscitou novamente dúvidas na minha alma.

“Vês, não me admira que alguém não compreenda os teus pensamentos confusos. Ele é um sacerdote muito inteligente e, contudo, não consegue se orientar no meio dos teus contos enrolados. E tu ainda te envaideces de ter que sofrer por causa deles?! Sabes, somente uma pessoa transtornada pode acreditar nessas coisas. Por que continuas tentando?”

Com todas minhas forças procurei ordenar os meus pensamentos. Os sofrimentos me causavam tormentos tão terríveis que no caminho quis que todos soubessem de que maneira tão insuportável eu sofria. Nisso os meus pensamentos também se obscureciam. Concordei novamente que não era eu que tinha que falar sobre a Chama de Amor da Santíssima Virgem. Agora eu mesma cheguei a pensar que eu tampouco entendia alguma coisa.

Ao chegar em casa, tratei de ocultar o grande sofrimento da minha alma, cantando canções alegres para que os meus filhos não percebessem o meu abatimento provocado pelos sofrimentos. É uma tortura espiritual terrível! Quem poderia me livrar dela? Contudo não há quem me compreenda. E seria em vão se eu contasse para alguém.

ÉS UM INSTRUMENTO NAS NOSSAS MÃOS

17 de dezembro de 1962.

As palavras da Santíssima Virgem penetraram na minha alma como uma bondosa luz.

S.V.: “Por que te esforçaste, minha filhinha? Por que quiseste falar com palavras eloqüentes a favor da minha Chama de Amor? Tem diante dos teus olhos aquilo a que estás destinada, que é o sofrimento. E recorda as palavras que o meu Santo Filho te disse: ‘Tu deves te comprometer com o sofrimento e te sacrificar sem descanso!’ Teus sofrimentos não são em vão, mas não toca a ti te preocupares com quem compreende ou não a minha Chama de Amor.

Tu, pequeno instrumento, não te surpreendas de que não pudeste falar com palavras eloqüentes. Quem atua sou Eu. Sou Eu quem acende a Chama de Amor no fundo dos corações. Fui Eu quem conteve as tuas palavras e obscureceu a tua mente. Não quis que a presunção se aninhasse na tua alma. Isso teria sido uma grave falta. Tu, pequeno instrumento, encontra já a razão e sê inteiramente humilde. És um instrumento nas nossas Mãos. Cuidamos de ti e não permitimos que o pecado se aproxime de ti. Nas tentações tem cuidado, porque o maligno se aproveita de cada ocasião a fim de fazer cambaleiar a tua humildade.”

18 de dezembro de 1962.

Mudei-me para a minha nova casa que, para fazer reparação pelos pecados, não passava de um pequeno quarto de dois metros quadrados. Foi construída no fundo do quintal. Hoje foi o primeiro dia que dormi nela. Estava cansada, mas o sono não veio. Chegou a meia-noite e eu ainda não podia conciliar o sono. Estava pensando que se não dormisse logo, eu não iria acordar quando chegasse a hora da vigília. Estando assim insone, pensava na Chama de Amor da Santíssima Virgem. Porque ofereço uma das horas da minha vigília noturna para que se acenda a sua Chama de Amor.

Então, de repente, senti um golpe no meu corpo. Ao primeiro seguiu um segundo, e logo um terceiro. Depois um golpe menos forte. Tive uma noite terrível, mas medo quase não havia em mim. Depois dos golpes, o cansaço e a dor se apoderaram de mim e fui vencida pelo sono.

Acordei depois das duas da madrugada, mas não pude velar nem por uma hora. Estava me sentindo como se tivesse apanhado muito. Foi o diabo quem me pegou, eu sabia, pois senti a sua Presença. Só me chamou a atenção que o quarto golpe não me doeu tanto quanto os anteriores. Senti como se duas mãos o tivessem impedido. Depois de velar por uns quinze minutos, outra vez me deitei. E fiquei profundamente adormecida, o que não era costume me acontecer. Acordei antes das sete. Eu estava encarregada de tocar os sinos no nosso templo, porque a irmã sacristã estava doente. Pode-se imaginar o meu susto: quando cheguei ao templo, a missa do advento da manhã, “Rorate”, já havia terminado! Tristemente queixei-me à Santíssima Virgem que o diabo havia me surrado, e por isso não pude me levantar. É admirável o que vou escrever agora. A Santíssima Virgem me disse:

S.V.: “Nós também estávamos ali, o meu Santo Filho e Eu! Permitimos que ele a golpeasse, mas Eu logo o parei: ‘Já basta!’”

A Santíssima Virgem não me falou mais sobre isso. Eu estava muito envergonhada. Ainda depois de vários dias o rubor cobria o meu rosto. Durante o dia o maligno ria zombeteiramente: “Estás vendo? Eu quis abrir os teus olhos para te fazer sair das tuas loucuras. Basta de tanto jejuar e de tanto velar! Deixa isso já! Não tem sentido tanta estupidez!”

A Santíssima Virgem o interrompeu e me prometeu não permitir mais que o maligno me perseguisse. Mas que dessa vez foi necessário. A Santíssima Virgem continuava me falando:

S.V.: “Faz sacrifícios, minha filhinha, e te submerge no aniquilamento profundo da humildade. Tu és o meu pequeno e querido instrumento. E o teu empenho de alcançar uma grande humildade me enche de contentamento. É o efeito de graça da efusão da minha Chama de Amor que te dá tanta constância no teu empenho.”

As palavras da Santíssima Virgem me davam uma força muito grande, e por muito tempo.

NOVAMENTE O SACERDOTE NÃO ENTENDE

Como o Padre X. estava enfermo durante longo tempo, voltei a me confessar com o Padre D. Ele ficou surpreso e se alegrou também: “Por que não vieste antes?”, perguntou. Ele já estava à minha espera. Contei-

lhe que nesse tempo estava com o Padre X., mas este me rechaçou. Por causa do estado espiritual extraordinário em que vivo, não posso me confessar sem me referir a essas coisas. Por isso lhe disse que voltei a vê-lo seguindo o conselho da irmã, sob cujo cuidado me haviam posto, e não pela minha própria vontade.

Quando comecei a falar sobre a Causa Santa, o Padre já tinha se esquecido de muitas coisas. Depois me pediu que tivesse paciência: “A Causa de Deus necessita de tempo para se fazer valer.” Dos escritos que recebeu previamente de mim, pôde constatar que o Senhor tem grande predileção por mim. E que por esse amor especial eu devo ao Senhor Jesus muita gratidão. Depois disse que não entende essas coisas. “Não me surpreende”, eu respondi. Contei-lhe como foi quando me confessei com um padre que me era inteiramente desconhecido no santuário da Santíssima Virgem.

E seguindo as suas instruções, tive que lhe entregar as mensagens. Esse sacerdote também teve que lê-las duas vezes, mas ele também reconheceu que não entendia muita coisa. Eu, contudo, entendo essas mensagens. Por certo, eu freqüentemente oro com as mesmas palavras da Santíssima Virgem e peço ao Espírito Santo que acenda a sua luz naqueles que já receberam a notícia.

O padre me respondeu que acha que estou forçando muito as coisas. E pediu que eu não agisse assim, porque é coisa de Deus que isso se realize. Eu disse que sei disso, mas que não dependia de mim: eu tenho uma moção interna muito forte para urgir a Causa. O Padre X. notou também que eu estou urgindo e pressionando. Mas me pediu que tivesse paciência, porque a vontade de Deus, de qualquer forma, vai se clarificar. Essa violência esgota terrivelmente o meu corpo e a minha alma. Eu não seria capaz de fazer tudo isso apenas com as minhas próprias forças. Porque isso significa para mim uma humilhação tão grande, que se dependesse de mim eu nem abriria a boca para dizer uma palavra. A voz que me move a falar é o urgir da Santíssima Virgem. Voz que se fez quase ininterrupta na minha alma. Não posso resistir às petições da Santíssima Virgem.

O padre me disse, então, que ficasse tranqüila e que guardasse o meu coração na paz do Senhor. Depois se iniciou uma grande discussão e eu não pude me calar.

Mas senti que isso não veio da minha própria vontade. Por fim ele me disse que entregaria esse assunto para que outro reverendo o lesse. E que eu confiasse nesse padre, porque ele é de uma vida espiritual muito profunda.

27 de dezembro de 1962.

De manhã, estando ajoelhada diante do sacrário, e nos tormentos que afligiam a minha alma, chorando e soluçando clamava ao Senhor: “Onde estás, meu adorado Jesus? Por que tenho que viver sem o Senhor? Dá-me a graça de me converter!” Em toda minha vida não chorei tanto como nesses últimos tempos. “Onde estás, minha Mãe do Céu? Quando penso na sua Chama de Amor, quase me queima o rosto de vergonha. Por que é assim?”

Então a voz do maligno começou a dar alaridos, excitada por um tremendo furor: “Teria sido melhor se tu não tivesses nascido, como se diz de Judas. Volta por fim aos teus sentidos! Cria juízo!”

Percebi, por um momento, que o maligno se arrebatou a fim de me forçar a reconhecer que é ele quem tinha razão. Um sentimento manso sobreveio na minha mente: “Será essa a vontade de Deus?” Mas no momento seguinte o tormento deprimente de que eu tinha mentido pesou com maior força ainda sobre mim: “Não serei salva da condenação!” Tenho vertigem de pensar que prefiro me condenar a reconhecer e a retratar os meus embustes, que eu acreditei que eram vozes celestiais que me falavam. E por isso serei condenada.

“Oh, Menino Jesus, não sou das almas que o Senhor redimiu. Quem mente em nome da Mãe Santíssima será condenado. Agora, nesse acúmulo de tormentos espirituais, já não encontro palavras.”

Então escrevi esse bilhete para a irmã designada para me acompanhar: “Depois disso, minha querida e boa irmãzinha, não sei se ainda vais me dirigir a palavra, o que pensas de mim ou como me imaginas. Talvez, por delicadeza, não vais me desprezar como fez o Padre X. Que seja dito em minha defesa que reconheço as minhas mentiras infames. Mas, lamentavelmente, isso não traz alívio à minha alma. Peço-te repetidamente: ajuda-me, roga por mim e, se possível, venha me visitar.”

30 de dezembro de 1962.

Os tormentos das tentações lentamente se dissipavam na minha alma. Um dia estava costurando o tapete no nosso templo paroquial. Lá estava muito frio, pois não tinha calefação. As minhas mãos endureciam de frio e mal conseguia segurar a agulha. Pensava: “Assim que terminar, irei para casa para voltar ao calor.” Fiz o trabalho de costurar o tapete diante

do altar de Jesus Sacramentado. Então, inesperadamente, inundou a minha alma a Presença do Senhor, que começou a falar na minha alma:

J.C.: “Por que te apressas tanto para sair da minha Presença? Não é bom estares aqui junto a Mim? Fica Comigo um pouco mais! Ninguém vem a Mim para conversar!”

Quando acabei o meu trabalho, ajoelhei-me diante d’Ele. Silenciosamente o atendia.

J.C.: “Os teus grandes e violentos sofrimentos te esgotaram. Por que te surpreendes? Não te preparei para isso? As graças que te dei antes te deram força para suportá-los. E agora, por teres passado por esses sofrimentos, eu te inundo com maior abundância de graças ainda. Tenho que multiplicar e intensificar cada vez mais na tua alma esses grandes sofrimentos. Mas Eu te fortaleço com a graça do perfeito abandono em Mim, para que ambos tenhamos êxito.

O furor de Satanás é selvagem. Eu permito que ele se desencadeie sobre ti para que ele veja como é grande o poder da minha graça na alma daqueles que se abandonam em Mim.”

Depois disso fiquei ainda longo tempo com Ele. “Senhor, é bom estar aqui! A minha alma libertou-se inteiramente da terrível e perturbadora influência do espírito maligno.”

Os novos sofrimentos ainda não chegaram. Não sei de que forma eles virão. O doce Salvador já havia me dito anteriormente que o meu mérito será o sofrer. Até então eu ainda ignorava com que crueldade Satanás pode atormentar. Agora, ao estar a minha alma repousando na paz do Senhor, vieram à minha memória as palavras que disse a irmã quando voltamos da visita ao Padre X.: “Por esse rechaço, deves cantar um *Te Deum*, como fez a tua santa patrona, Santa Elizabeth.”

O Senhor Jesus me pediu que tivesse em grande estima a graça do abandono n’Ele, que Ele me concedeu graças aos pedidos da Santíssima Virgem e à sua Chama de Amor, que O obriga.

1963

MEU ADORADO JESUS

2 de janeiro de 1963.

Estava no santuário de Maria Remete fazendo a adoração do Santíssimo. Estava submersa em silenciosa oração, quando o Senhor Jesus falou com palavras agradecidas:

J.C.: “Diz e não deixes de repetir: ‘Meu adorado Jesus!’ Já disse outras vezes o quanto isso me agrada. E ainda que tu não pronuncies nenhuma outra palavra durante uma hora, mas apenas essa, repete-a com o arrependimento dos teus pecados. Isso alcançará o perdão cheio de graças pelos pecados e pela tranqüilidade das almas.”

Pronunciou as suas últimas palavras no plural e pediu que, quando eu tivesse oportunidade, que passasse a sua petição a outros.

4 de janeiro de 1963.

À noite, durante o jantar, tive uma grande inquietude espiritual. Os meus pensamentos estavam carregados de reprovações comigo mesma: que permito muita comodidade à minha pessoa. Quem recebe tão grandes graças deve buscar melhor as ocasiões de adquirir méritos. E eu, freqüentemente, apresso as vigílias que o Senhor me pediu. Então temia que isso pudesse me distanciar mais e mais da companhia de Deus. E que perderia por completo a minha vida de graça. Por causa disso sentia grande inquietude. Não sou capaz de fazer mais. Já não posso fazer mais sacrifícios. Os que faço, faço também por uma graça especial de Deus. Com as minhas próprias forças eu não seria capaz nem disso. “Meu adorado Jesus, como estás agora calado na minha alma, eu só posso conversar sozinha Contigo. Sabes que sou débil e pecadora. E sem a sua companhia sou miserável! Nada sou! Eu vivo da graça da entrega a Ti.”

6 de janeiro de 1963.

Estávamos esperando a visita da minha nora, que há pouco teve um filho e ainda estava muito sensível. Então comecei a cuidar da sua casa. Esse aumento de trabalho me distraiu muito. Depois de almoçar quis me retirar para a minha pequena casa, quando o Senhor Jesus me falou:

J.C.: “Hoje, durante toda a manhã, tu não dirigiste uma só palavra para Mim. Diz-me, não sentes necessidade de conversar Comigo? Eu sinto!”

Oh, que grande tristeza se apoderou de mim! “Meu adorado Jesus, cheio de bondade infinita!” E me prostrei para Lhe pedir perdão por ter estado tão desatenta para com Ele. E no silêncio da pequena alcova, entreguei-me em sua adoração. Ele, enquanto isso, inundou a minha alma com a graça admirável da sua Presença e começou a se queixar amargamente:

J.C.: “Sabias que em toda a paróquia não há uma só alma que agora esteja me adorando ou me dirigindo uma palavra? As suas almas estão tão longe de Mim! Sou rico, contudo estou mendigando o amor de vocês. E por ter mendigado em vão, agora me dirigi a ti. Pois tu já me conheces bem. E não me expulses! Porque a quem ofereço as minhas graças tem tanto temor, como se isso lhes acarretasse algum mal, alguma desgraça.”

E a sua voz ressoava triste.

J.C.: “Minha filhinha! Aceita a abundância das minhas graças! Adorame e me repara em lugar dos outros também! Pede muitas graças para todos!”

As suas palavras queixosas moveram o meu coração a um arrependimento muito grande. O Senhor Jesus me pediu:

J.C.: “Pede o perdão para os outros também!”

8 de janeiro de 1963.

Estava pintando umas almofadas, quando a Santíssima Virgem começou a falar com palavras suplicantes:

S.V.: “Tu também és mãe. Eu compartilho contigo a imensidão de dores e sofrimentos do meu Coração maternal. Sei bem que tu te compadesces da minha dor de mãe. Pensa se os teus seis filhos se condenassem. Que dor não terias por causa deles! E Eu? Oh, os meus sofrimentos, ao ver quantas almas se condenam e caem no inferno! Ajuda, minha filhinha, minha pequena!”

Ao me dizer Ela essas coisas, eu também sofri na alma junto com Ela. O meu coração se encolhia de dor. A Santíssima Virgem me permitiu sentir os tormentos que laceram a sua alma.

CARTA À IRMÃ

9 de janeiro de 1963.

Novamente Satanás molestava terrivelmente a minha alma. E queria de qualquer forma conseguir que eu abandonasse esse modo de vida, que levo desde que a Santíssima Virgem derramou a graça da sua Chama de Amor sobre mim.

Essa graça me dá tanta força que, apesar das minhas lutas sobre-humanas, posso conservar constantemente o meu equilíbrio espiritual. Agora Satanás emprega outra estratégia contra mim. Ele me mostra as minhas debilidades e com as suas bajulações também tenta me confundir:

“Quem recebeu uma missão tão grande, não pode ser tão relaxado e preguiçoso. Anda! Entrega essas mensagens em todos os lugares, porque senão elas nunca se difundirão! Não a retenhas para ti, pois sabes o quanto estarias pecando agindo assim. Por ser incrédula e desconfiada, tu te retrais covardemente! Propaga e anuncia essas mensagens por todos os lugares para que todos conheçam e creiam nelas!”

Isso esgotava excessivamente a minha mente. E nessa longa luta me recordei das palavras do Senhor Jesus:

J.C.: “Não prestes atenção nas adulações do maligno.”

Com todas as minhas forças eu quis manter o domínio de mim mesma. E com a ajuda do Senhor quis rechaçar as tentações adadoras do maligno. Depois Satanás novamente colocou diante de mim a consciência da minha culpabilidade: “Tu, incrédula e desconfiada, por que te recusas? Por que não te esforças para entregar as mensagens? Tu és covarde! Não és digna de nada!”

Para rechaçar as suas impertinências, repeti a oração com que adoramos a Virgem Santíssima, a “Ave Maria”, e isso reprimiu os ataques do maligno.

Comecei a sentir esses terríveis tormentos que agora descrevo a partir da Noite de Natal. Nos meus esforços impotentes de me livrar deles, escrevi uma carta à irmã que haviam designado para me acompanhar.

“Minha querida e boa irmãzinha:

Na Noite Santa, ou melhor ainda, depois da vigília da madrugada, ao regressar da capela, eu te perguntei se seria pecado crer naquilo que acontece comigo. Tu, ainda que duvidando um pouco, respondeste: ‘Não!’

Eu então, momentaneamente, fiquei tranqüila. Porque durante a vigília, depois da Missa da Meia-Noite, sofri espantosamente. Tive tormentos atrozes, por ninguém acreditar em mim e por eu estar acreditando em vão. Sofro por causa disso, mesmo quando tento me livrar da insegurança e não me ocupar mais desse assunto. Em plena Noite Santa de Natal, suspirei dentro de mim: 'Oh, meu Jesus, eu sofro tanto!' E Jesus respondeu: 'Eu também sofro abandonado. Soframos juntos! Então será mais fácil para ti e para Mim também!'

Depois dessas palavras, um profundo silêncio e obscuridade cobriram a minha alma. Os sofrimentos invadiram a minha alma e comecei a soluçar desesperadamente. No silêncio dessa Noite Santa, todos haviam se retirado para dormir serenamente, enquanto eu sofria com Jesus. Uma grande insegurança abateu os meus pensamentos, oprimindo a minha alma. E no dia seguinte ela foi aumentando, aumentando e não cessou desde então, torturando-me noite e dia.

Minha querida e boa irmãzinha! Sinto te incomodar com estas linhas. Mas te peço no Santo Nome de Deus: ora por mim! Sofro tormentos infernais e não posso me livrar da miséria da minha culpabilidade.

Durante horas não faço mais que soluçar. Um poder que desconheço está querendo me forçar a abandonar as minhas contínuas mentiras e a não enganar os outros também. Pois posso ver como não crêem em nem uma palavra minha. Eles têm medo de mim e me maltratam, porque vêem a minha perversidade e me abandonam.

A absolvição que recebi do Padre X. tampouco é válida, porque não há em mim a vontade de me corrigir. E sem isso a absolvição não vale nada. Suplico que me perdoa por ter explorado até agora a tua boa fé e abusado da tua bondade. Não acredites nas minhas palavras de até agora, porque tudo é mentira! Eu enganei a ti e a mim mesma.

Essa obscuridade ainda me tem cativa. A minha cabeça dura não me permite, nem agora, que eu me humilhe diante dos outros. Não poderei reconquistar a paz da minha alma enquanto não me retratar das minhas terríveis mentiras. Mas sou incapaz de me retratar. Estou andando pelo caminho da soberba.

Cada palavra que até agora pronunciei ou escrevi me acusa. Não posso retratá-las, pois estou privada da minha vontade. Serei condenada, pois não há misericórdia para mim. Por isso tenho medo e as pessoas têm medo de mim. O Padre X. também se arrependeu de ter falado comigo.

Tu também não percas o teu tempo comigo! Sinto que vou perder o

teu apreço, mas terei que continuar com a retratação do assunto. Peço que me ajudes a me livrar dos meus tormentos infernais, porque sinto que faço continuamente comunhões em sacrilégio. Há dias não chega aos meus lábios nenhuma oração. A minha soberba não me permite fazer o bem e me aliviar. Destruída, perdida em mim mesma, estou me debatendo em dúvidas. Tudo é prova contra mim.

Não posso elevar o meu olhar para o Rosto de Cristo Sofredor. A voz interior é tão forte: ‘Não me olhe até que tenhas te despojado dos teus pecados! Pela soberba, à qual não queres renunciar, eu também te abandono. Não preciso de ti! Afasta-te de mim! Só para o pecador arrependido há misericórdia. Em vão tu te arrependes dos teus antigos pecados, se não queres te retratar das tuas mentiras presentes. Tem que fazer isso primeiro! Enquanto não fizeres, serás uma mentirosa. Só o pecador arrependido levanto para Mim. Tu és muito obstinada e não tens humildade. Não queres reparar o teu pecado que clama aos céus!’

Em vão eu me esforço. Não consigo me persuadir. Não consigo me forçar a um humilde arrependimento. Ao meu redor uma multidão de almas condenadas clama, suplicando com voz chorosa, que elas também se condenaram porque não puderam se livrar da sua obstinada soberba. Eu também estou à beira da condenação. Preciso me salvar.

As orações se apagaram na minha mente. Durante horas não pude pronunciar o Santo Nome de Jesus. Tentava pronunciá-lo em silêncio, dizendo letra por letra. Mas até ao soletrar o seu Nome, Ele me acusou: ‘Não te atrevas a tomar em teus lábios esse Nome! Isso só uma alma penitente pode fazer!’

Quando pensei que deveria levar as mensagens ao principal bispo do país, senti uma dor na alma que me queimava: ‘Em vão irás até lá, pois lá também não poderás receber a absolvição!’ Não posso retratar agora o que já entreguei ao senhor Bispo. Também o Padre D. me disse que a minha soberba está envolta na minha humildade. Assim quero fazer crer na minha mentira. Devo ir até ele e dizer: ‘Tens razão! Descobriste em mim a mentirosa astuta.’

Sinto, minha irmã, que tu confiaste em mim. Foi com o poder da mentira que coloquei na minha alma as graças? Não sei se é possível fazer tal coisa. Como pude me afundar tanto no pecado? Tenho medo quando vou comungar. É nessa hora que me surpreende o sofrimento mais terrível: que estou cometendo sacrilégios. Para mim tudo já dá no mesmo!

Lembro-me do que disse o Padre X.: ‘Sofre mansamente!’ Mas os

meus pecados me desesperam!

Quando penso na Chama de Amor da Santíssima Virgem, os tormentos do inferno me inundam. E é por causa das minhas mentiras que estou sofrendo, porque não consigo me desmentir.

A Mãe da Misericórdia não está junto de mim, porque eu agora não posso ser sincera com Ela. ‘Suplico que só por essa vez ainda me acolhas, minha Mãe do Céu. Permite-me que me converta! Estou possuída pelo diabo, por isso não posso renunciar às minhas mentiras!’”

Ajuda-me, minha querida e boa irmãzinha, a me salvar. Diz-me onde e a quem devo me dirigir! Peço encarecidamente: ajuda-me! A voz continua me acusando na minha alma: ‘Tu deverias primeiro ter te preocupado com a tua alma. Tu queres salvar os outros quando não podes salvar nem tu mesma do pecado!’ E assim grita para mim a voz que me admoesta. Isso é um tormento infernal! Suplico, irmãzinha minha, ajuda-me!”

14 de janeiro de 1963.

O Senhor Jesus me falou:

J.C.: “Vou intensificar e aumentar os teus sofrimentos, Minha filhinha carmelita. Mas acrescentarei também a graça que vai te fortalecer e te dar valor. Vejo que fazes bom uso da graça do abandono em Mim. Por isso continua te empenhando em não perder nunca essa graça admirável que domina perfeitamente a tua alma! Esforça para que possas aproveitá-la bem no que vai ocorrer! Satanás sabe muito bem! E com todas as suas forças quer te despojar dessa graça. Mas sou Eu quem o permito, para que ele veja o que o abandono em Mim é capaz de produzir nas almas.”

Nesses dias a Santíssima me rogou com as suas palavras bondosas:

S.V.: “Sê muito humilde, minha filhinha!”

As palavras da Santíssima Virgem, com a suavidade de uma carícia, faziam a graça penetrar na minha alma, fortalecendo em mim a humildade.

Nesses dias Satanás tentava com toda a sua força colocar na minha alma pensamentos de soberba. Era essa uma luta terrível! Nem de noite nem de dia fiquei livre dela.

QUE OS NOSSOS OLHARES SE FUNDAM

Agora o Senhor Jesus me fortificou novamente com uma graça admirável. Não difundiu em mim a sensação da sua Presença. Mas com o seu olhar penetrante me olha e me acompanha:

J.C.: “Ânimo! Olha para Mim, minha filhinha! Que os nossos olhos se mirem e que os nossos olhares se fundam um no outro!”

Esse olhar admirável, nunca visto até agora, que acompanha minha alma, ajudou-me a conseguir uma grande vitória frente às tentações espantosas do maligno. O Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Ânimo! Olha para Mim! Não deixes de olhar os meus Olhos! Porque nessa nova luta em que Satanás quer chegar até tu, o meu olhar o cegará. Isso não vai se cumprir muito em breve, porque Eu permito que ele te atente. Que os nossos olhares se fundam um no outro!”

Enquanto essas coisas se passavam, eu chorava e soluçava pela dor dos meus pecados. A minha alma, entretanto, fez-se leve e pura. Logo perguntei ao Senhor: “Meu adorado Jesus, o que sentes agora?” Como resposta, permitiu que eu sentisse que Ele acolhe a todos dessa maneira, desde que se arrependam de seus pecados.

J.C.: “Empenha-te, minha filhinha carmelita, para que muitos pecadores venham a Mim. Chora e arrepende-te dos teus pecados também.”

As palavras do Padre X. vinham freqüentemente à minha memória: “Sofre mansamente!” Em qualquer momento e em qualquer lugar que penso nisso, sempre recobro novas forças. Oh, que admirável é cada palavra que ele me disse! As suas palavras estão encharcadas com a força divina. E com manso sofrimento, com renovada força, sigo sofrendo. Muitas vezes penso naquilo que disse o Senhor Jesus:

J.C.: “As palavras do teu diretor espiritual são as minhas palavras. Recebe-as com a maior veneração e as segue com santa obediência!”

Quando oro ao Senhor, devolvendo-Lhe as suas próprias palavras, eu me alivio um pouco. Mas nem por isso se dissipa a cegueira da minha alma.

Os tormentos são tão penosos! Mal consigo pensar na Chama de Amor da Santíssima Virgem. Isso me dá medo e eu sinto como que essa Causa nem sequer está confiada a mim! Como se a Santíssima Virgem tivesse

confiado a sua entrega a outra pessoa. Será que eu A ofendi na minha alma, com a minha soberba? Ou estou renitente em cumprir a sua petição? O que está acontecendo comigo? Muitas vezes faço essas perguntas a mim mesma. Será que o maligno tomou posseção de mim? Ou será que estou rodeada de maus espíritos? A cegueira espiritual me mantém em completa escuridão.

O Senhor Jesus repetiu:

J.C.: “Vou multiplicar e intensificar os teus sofrimentos.”

Depois disso as horas difíceis continuavam. A luta que tenho que sustentar afeta muito as minhas forças corporais também. Algumas vezes até desmaio de cansaço.

MÃE DOLOROSA

Aqui não escrevo as datas, porque me encontro tão confusa que não sei nem sequer em que dia ou em que data estamos. Agora, neste momento, Satanás me molesta pela minha soberba e não sei o que fazer. Ao estar pensando nisso, a Santíssima Virgem me falou assim:

S.V.: “Tu és a menor, a mais ignorante e a alma que menos méritos tem de todas as que já escolhi para transmitir as minhas graças. Apesar disso, através da tua pequenez e da tua humildade, quero efetuar os meus comunicados.”

Meditei profundamente as palavras da Santíssima Virgem. Ela sabe quem e o que sou. Isso me tranqüilizou muito, já que iluminou um pouco o meu espírito: “A que menos méritos tem no mundo.” “Oh, minha Mãe querida, que bom que me disseste isso! Isso é o que eu também sinto continuamente.” Enquanto estava fazendo o meu trabalho, a Santíssima Virgem me falou:

S.V.: “Quantos são os que pronunciam tantas vezes estas palavras, ‘Mãe Dolorosa’, e não pensam que Eu hoje também estou sofrendo e não só pela Via Dolorosa do meu Santo Filho.”

A dor da Santíssima Virgem inunda com freqüência a minha alma e sinto um desejo ardente de entregar a sua Chama de Amor.

Ao amanhecer, na hora da vigília da aurora, enquanto meditava, vi novamente o olhar penetrante dos Olhos do Senhor. O anseio do seu Cora-

ção, que há muito havia me comunicado, agora me pediu não com palavras, mas com o olhar penetrante dos seus Olhos. Oh, esses Olhos! Os meus olhos corporais não podem suportar o seu olhar! Fechei os meus olhos firmemente e, tremendo, quase não pude olhá-lo. O seu olhar é como um relâmpago que ilumina tudo. Esse olhar penetrou de tal forma em todo o meu ser, que vi e senti iluminados todos os meus pecados ocultos. As minhas lágrimas brotaram abundantemente durante horas sem parar. “Os meus pecados! Ai, os meus pecados!”, suspirava, gemendo.

Enquanto isso durou, a dor do meu coração pelos meus pecados era tão grande como nunca havia sentido até então. O olhar penetrante que Ele pousava sobre mim era de uma claridade insuportável! Entretanto o Senhor me disse:

J.C.: “Que os nossos olhares se compenetrem profundamente, fundindo-se um no outro!”

“Eu, pecadora! Eu, tão grande pecadora! E ainda me pedes que o olhar dos meus olhos pecadores se funda com o olhar dos teus Olhos divinos?! E não só dos meus olhos, mas segundo o teu desejo, de todos os olhos!” Disse o Senhor Jesus:

J.C.: “Quem caminha Comigo e trabalha Comigo, o seu olhar também se funde no meu!”

Pela manhã, quando cheguei à Santa Missa, esse estado de ânimo extraordinário, que havia dominado anteriormente na minha alma, desapareceu por completo. Vivi horas obscuras e pesadas. Ao assistir à Santa Missa, Satanás irrompeu terrivelmente sobre mim. Ele confundia os meus pensamentos ora com as suas bajulações, ora com as suas crueldades. Na elevação do Santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, ele ficou terrivelmente enfurecido e se arremessou com força: “Sê tu também mártir! E sacrifica a tua vida como o teu Amado! Se Ele tirou a vida, por que tu não fazes o mesmo? Acaba com a tua vida, pois assim também serás mártir! E a perda da tua vida, de uma vez por todas, acabará com os teus atrozes tormentos. Terás que dar a tua vida de qualquer maneira! Entrega-a de bom gosto!” Com todas as minhas forças procurei manter longe de mim as suas tentações. Clamando ao céu, dirigi os meus pensamentos ao Pai Celestial: “Oh, meu bondoso Pai Celestial! Eu, pequenina fagulha, a quem incluístes no teu plano, a quem criaste e determinaste até a hora da minha morte, quem se atreveria a mudar o que o Senhor determinou com a tua infinita bondade e poder? Livra-me do maligno, que se atreve a atentar a tua divina Majestade. Oh, bondoso Pai Celestial! Agora tenho necessidade do apoio forte da tua Mão. O teu Santo Filho me ensinou que devo ser

muito pequenina. Que mais posso ser em comparação à tua Grandeza e à tua Glória? Apenas uma pequena fagulha que recebeu da tua radiante Luz o seu pequeno esplendor e brilho. Oh, bendita Virgem Maria, cega Satanás com a tua Chama de Amor, porque ele quer me empurrar ao pecado que clama ao céu!”

Isso foi um ataque descarado e tonto de Satanás. Senti que perdi a cabeça e já não sabia o que fazer, enquanto eu rezava a minha oração. O Pai Celestial, com a sua bondade misericordiosa, aniquilou as tentações dementes e atrevidas do maligno. Note-se que escrevo sempre “Satanás”, pois ele mesmo declarou repetidas vezes que não manda ninguém a mim: é ele próprio que quer me eliminar. Só que ninguém pode me tirar de perto de Deus. Muito menos Satã.

18 a 19 de janeiro de 1963.

Hoje eu fui me confessar com o Padre X. Desde 24 de dezembro, quando me confessei pela última vez, vinha tirando forças de uma só palavra sua: “Sofra mansamente!” Roguei com voz suplicante que ele me ajudasse a me livrar desses espíritos malignos, que me rodeavam constantemente. Ele me tranqüilizou, dizendo que nesses momentos eu deveria orar e pedir à Santíssima Virgem que pusesse uma cortina diante de mim. E que eu deveria conservar a tranqüilidade e a paz da minha alma, já que Satanás está à espreita e quer, por qualquer meio, tentar me despojar dessa graça enorme que recebi: a de me abandonar em Deus.

Sempre depois da santa confissão que faço com o Padre X., fico muito feliz. E depois de me confessar, sinto as graças que recebo. Essas graças são completamente admiráveis e me dão forças para eu continuar a minha caminhada.

Assim também ocorreu hoje na minha alma, quando me retirei do confessionário. Antes a minha alma estava tão transtornada pelas contínuas vexações do maligno, que o padre também reconheceu que não podia ver nem compreender com clareza as coisas que eu lhe falava. “E eu vim justamente, padre, para que me ajude a me orientar nesse meu estado espiritual.” Ele disse que eu deveria viver uma vida que fosse do agrado do Senhor. E assim a Vontade de Deus iria se clarificar em mim. Ao receber esse conselho, a paz admiravelmente regressou à minha alma.

Este foi o dia de maior alegria da minha vida.

NÃO ME DEIXES SEM OS TEUS SOFRIMENTOS

O Senhor Jesus me disse já há alguns meses:

J.C.: “Não me deixes nunca, minha filhinha, sem os teus sofrimentos!”

E há alguns dias Ele me repete isso várias vezes. As suas palavras fizeram brotar na minha alma um desejo realmente apaixonado. Ele acrescentou tanto o meu sofrimento e agora, inesperadamente, justo antes da Sagrada Comunhão, disse:

J.C.: “A partir deste dia farei que o sofrimento seja contínuo na tua alma e em tal grau que superará todos os que já tiveste até agora.”

Grande alegria encheu a minha alma. Por fim se cumprirá o seu desejo! Ele já havia pedido anteriormente que me jogasse no forno dos sofrimentos. A partir deste momento, pela sua graça, poderei fazê-lo. Agora que fez que o sofrimento fosse contínuo na minha alma, depois de muitos tropeços e pesadelos, por fim cheguei ao Senhor. Pois o meu lugar é estar junto ao Senhor.

E esse tormento espiritual é que me faz mudar continuamente, fazendo com que eu vá entregar as comunicações da Santíssima Virgem, mas logo em seguida me detém: “Não faças nada sem o teu diretor espiritual!” Dessa forma estou sendo esmagada continuamente entre essas duas forças, a voz me detém e a voz que me instiga: “Queima isso, joga ao fogo! Até que não tenhas feito isso, a calma não será completa na tua alma.” Pensei nas palavras do Padre X.: não devo deixar que os pensamentos perturbadores se apoderem de mim.

20 de janeiro de 1963.

Assim falou o Salvador:

J.C.: “Na tua alma a escuridão e a claridade se alternarão, como a noite se alterna com o dia. Isso Eu não vou mudar. Apenas abandona-te em Mim. De qualquer forma a minha vontade vai prevalecer! Apenas sê atenta: espera quando Eu der o sinal para partires!”

Nos dias anteriores, o Senhor Jesus e a Santíssima Virgem me intimaram várias vezes para que eu não demorasse a me pôr em marcha. O Senhor Jesus acrescentou ainda algo mais:

J.C.: “Quero te assegurar que a Causa vem de Nós. Farei isso através das tuas fortes contradições.”

Por causa disso, o meu sofrimento alcançou efetivamente o grau mais elevado até agora. Como anunciou o Senhor Jesus, por causa das lutas, novamente eu mal consigo ficar de pé. Ocorre que por uns momentos a Luz admirável do Senhor ilumina a minha alma e eu tenho a sensação de ver as coisas bem claras. Mas quando esses breves momentos passam, o meu estado volta ainda mais penoso.

24 de janeiro de 1963.

Recebi nova ordem da parte do Senhor Jesus:

J.C.: “Age! Não deixes de lado a minha petição!”

As palavras que escutei eram enérgicas. A minha alma se estremeceu. Depois a Santíssima Virgem falou assim:

S.V.: “A resistência com que aceitas as minhas palavras brotam das tuas dúvidas humanas. E elas reprimem a capacidade da tua alma para agir, o que te acarreta dano espiritual. Se não procurares manter essas dúvidas bem longe, elas prejudicarão com o teu abandono em Nós.”

26 de janeiro de 1963.

Os sofrimentos que chegaram a temperar e dar rico sabor à minha vida produziram agora uma mudança que quer derrubar definitivamente tudo em mim. Agora acabou em mim a parte boa, que empreendia contínua luta na minha alma contra o meu eu mau. Agora não resta mais que o mau, que me inunda por completo. O bem já quase desapareceu em mim. Oh, se o Senhor me chamasse agora! Sinto um medo terrível da morte pelo meu empedernimento no pecado. “Minha Mãe do Céu, roga por nós agora e na hora da nossa morte!”

Primeiro de fevereiro de 1963.

Fui visitar a irmã designada como minha acompanhante para lhe entregar as mensagens recebidas da Santíssima Virgem. E em relação a elas, conversamos sobre um ou outro assunto. Em seguida fui à igreja tocar os sinos. Depois da “Ave Maria” da noite, voltei a pé para a casa, para meditar no caminho sobre como entregar a Chama de Amor da

Santíssima Virgem. A Chama de Amor da Santíssima Virgem enche todo o meu ser e os meus pensamentos. Pensei haver suscitado dúvidas na irmã. Mas é ela quem Deus pôs de verdade junto a mim. Agora a minha alma está compenetrada com uma maravilhosa clarividência. Que não temos motivo para nenhuma angústia. Que devemos fazer somente a Vontade Santa de Deus, pois somos seus pequenos instrumentos e Ele nos alimenta e fortalece. E que não temos motivo para nos angustiarmos, experimentei em seguida.

Ao chegar em casa, diante da porta e antes de entrar, o Senhor Jesus, inesperadamente, estava ao meu lado. Não O vi. Ele pôs a Mão sobre o meu ombro, tocou duas vezes o meu ombro direito e disse só isso:

J.C.: “Minha filha, persevera junto a Mim e sofre Comigo!”

Junto com as suas palavras, permitiu que eu sentisse no meu interior a sua divina Presença. Ele costuma fazer isso para dar uma prova. E desaparece depois de breves instantes.

Ao entrar em casa os meus sentimentos se dissiparam. Mas a admirável força espiritual, que durante esses momentos Ele havia reavivado em mim, encheu a minha alma com amor ardente e com o desejo de que se acenda a Chama de Amor da Santíssima Virgem. Mas logo em seguida um sentimento suscitou em mim: que seria de mim se a Chama de Amor da Santíssima Virgem deixasse de me inundar com o seu efeito de graça? Agora senti a graça que se priva os que carecem dessa efusão! Essas penas são atormentadoras. E aumentaram o desejo no meu coração com uma força tão grande que não se pode imaginar. À noite em vão me retirei para descansar. Não tive repouso, nem veio o sono às minhas pálpebras. Surgiu na minha cabeça um tremendo zumbido. Logo depois de uns instantes, ouvi em mim um som parecido ao de uma sirene de mau agouro. Começou a subir em espiral uma fumaça terrível, com umas figuras irreconhecíveis, queixando-se e se empurrando, titubeando e se arrastando. No meio da fumaça que subia em espiral, apareceu uma enorme figura, que não pude ver por causa da fumaça escura. Mas senti que era Satanás. Com um alarido espantoso gritou por socorro. Ele já não sabe o que fazer, pois a sua resistência está cambaleando. Todas as suas artimanhas falham e todas as suas tentativas são em vão. Isso durou só por uns minutos. Logo a graça de Deus fortaleceu em mim a consciência de que a Chama de Amor da Santíssima Virgem tem que se acender, porque ela vai derrotar os poderes do inferno. Essa visão me esgotou tanto, que quase não consegui me recuperar do seu efeito.

Na manhã do dia seguinte, ao sair pela porta, no lugar onde senti na

noite anterior a Presença do Senhor, ajoelhei-me na neve recém caída e orei: “Que santa é essa rua, que Ele honra com sua Presença.” Várias vezes, quando estou ajoelhada aos sagrados Pés do Senhor, ocorre que me encho de angústias realmente terríveis. E quando eu penso menos no Senhor, Ele de repente aparece, ainda que a sua Pessoa permaneça invisível. Isso faz com que eu sinta a sua Presença. Mas, apesar de tudo isso, os meus sofrimentos persistem. Agora me encontro numa enorme angústia, pensando que os meus sofrimentos não têm nenhum mérito, que não valem nada. Na espantosa obscuridade da minha alma, assim supliquei: “Meu adorado Jesus, eu suplico que na secura tão grande da minha alma não se esgote em mim a plena confiança colocada em Deus.”

ABANDONO EM JESUS

4 de fevereiro de 1963.

O senhor Jesus não me deixou sofrer sem consolação. Na sua infinita Bondade, conversou comigo longamente. Ele me ensinou e me exortou que seguisse sofrendo com perseverança:

J.C.: “Não te surpreendas que alguns, a quem Eu amo muito e que me amam muito também, irão te receber com desconfiança. E vão te tratar com receio, deixando-te de lado. Entrega-te somente a Mim! O caminho a Gólgota não foi sem tropeços. Eu também tive que abrir o meu caminho a duras penas. Vem Comigo agora ao Calvário. Esse é o caminho das humilhações. A nossa querida Mãe também vem conosco e compartilha contigo as suas dores. Aceita essa grande distinção, pois são muito poucos a quem faz partícipes dela. Tu és a sua filhinha carmelita, a sua escolhida. Com Ela estou obrigado e não posso negar-Lhe nada, porque Ela faz referência à sua Chama de Amor. Eu estou sempre junto de ti, mesmo que não sintas.”

E meditava comigo tudo o que sofreu no Getsêmani.

J.C.: “Compenetra-te nos meus terríveis sofrimentos. Vês, foi por isso que pedi aos discípulos que orassem e ficassem em vigília. Pois isso aliviou os meus sofrimentos. Para Mim o Pai Celestial mandou um anjo. Para tu, sou Eu mesmo quem traz alívio para os teus sofrimentos.”

E novamente fez referência à Chama de Amor da Santíssima Virgem, que O obriga:

J.C.: “Agradece à nossa querida Mãe! E peço novamente que não dê nenhum passo antes que Eu te peça alguma coisa. Apenas entrega-te a Mim! Por maior que seja o tormento que Satanás te cause, sou Eu quem o permite. Não temas! O poder de Satanás chega até onde Eu determino.”

Depois fez alusão a São João Batista, que Lhe havia preparado o caminho. Falou dos seus sofrimentos e da sua constante perseverança:

J.C.: “De quem me sirvo, minha filha, não pode ser cana movida pelo vento. Este deve perseverar fortemente com uma determinação inquebrantável junto a Mim. E a sua alma não pode se inclinar diante de nada que não sirva a Mim. Sou Eu quem te pede novamente: persevera Comigo! Tu sabes o muitíssimo que te quero!”

Através do seu discurso Ele irradiou força na minha alma. Antes da Sagrada Comunhão, nos momentos da consagração, Satanás começou a me torturar tanto, que amarrou praticamente as minhas palavras e os meus pensamentos. O seu alvoroço, o seu riso burlesco e as suas palavras insolentes armaram um bulício estridente dentro de mim: para que eu soubesse do poder que ele tem sobre mim. Disse que poderia fazer um milagre para mim também. Mas não o faz porque nem o céu me considera digna dele. Poderia tomar posseção de mim se quisesse, porque tem todos os meios para isso. Mas não o faz porque se o expulsassem de mim, seria vergonhoso para ele. E como não toma posseção de mim, prefere usar essa maneira de tratar comigo, torturando-me continuamente. Não deixou de me torturar dessa forma durante o dia todo. Abandonando-me em Deus, suporto esses tormentos, que esgotam todo o meu ser.

7 de fevereiro de 1963.

Pela tarde a Santíssima Virgem me urgiu novamente que entregássemos a sua Chama de Amor. Pedi que eu não tivesse medo diante de qualquer dificuldade que aparecesse, pois Ela estaria comigo. E todo fracasso ou humilhação que vier sobre mim dará impulso à Santa Causa. Nesse mesmo dia o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Tu te apegas demasiado às coisas terrenas, minha filhinha!”

O senhor Jesus me disse isso porque, depois das moléstias do maligno, havia certo relaxamento na minha alma. A palavra do meu Senhor estremeceu o meu coração. Fiquei muito triste. Mas Ele me consolou, em tom

amável e com palavras cheias de amor:

J.C.: “Disse para não te desanimares. Mas quero te estimular melhor, para que nas tuas lutas não busques alívio olhando para a terra. Olha apenas para Mim! Eu quero que, apertando-te estreitamente contra Mim e abandonando-te em Mim nos teus duros combates, olhes sempre para cima!”

Logo me mostrou como seria a minha vida se eu vivesse seguindo somente os desejos da carne, sem ter um objetivo eterno. Depois me contou como será a minha vida depois de tantos sofrimentos.

J.C.: “Eu e a minha Mãe te esperamos, com a recompensa que tu mereces.”

Não consigo expressar mais as palavras do Senhor Jesus. Escrevi essas só para recordar, nas horas, difíceis a bondade cheia de amor do Senhor, com as quais Ele novamente me reconforta.

9 de fevereiro de 1963.

Após tocar os sinos para o “Ângelus” da noite, prostrei-me aos Pés do Senhor Jesus para fazer as minhas orações. Quando comecei a minha oração de agradecimento, o Senhor Jesus me disse três vezes seguidas:

J.C.: “Aumentarei os teus sofrimentos até o martírio.”

Depois se fez um grande silêncio. Submersa na sua infinita Bondade, pedi perdão ao Senhor Jesus pelas minhas ofensas, como também pelas ofensas da minha família e da minha paróquia.

E ofereci reparação no lugar de todos os que Lhe haviam ofendido de qualquer forma, fazendo referência à Chama de Amor da Santíssima Virgem para que derramasse os seus efeitos de graça sobre todos. Depois, em silêncio e recolhimento, pensava nas palavras que Ele acabava de me dirigir. E Ele, nesse instante, voltou a repetir três vezes as suas palavras:

J.C.: “Aumentarei os teus sofrimentos até o martírio.”

“Minha Mãe, Santíssima Virgem Dolorosa, Imaculada, agradeço agora também a Ti por me dar uma possibilidade tão grande para merecer o efeito de graça da sua Chama de Amor. Desde esse momento o regozijo vive continuamente na minha alma. Oh, venha, bendito sofrimento, pelo qual posso dar a minha vida pela Santa Causa!”

10 de fevereiro de 1963.

Apressei-me para ir até Ele e me pus primeiro a rezar o ofício antes do jantar. Tive que me apressar para terminá-lo antes que escurecesse. E, ademais, comecei a sentir frio. Não por ter demorado muito tempo. Mas porque o nosso templo é muito frio, pois é construído de cimento. Porém o Senhor Jesus, quase suplicando, pediu-me que ficasse:

J.C.: “Não me deixes aqui! Estou sozinho, sem consolo! Oh, quantas vezes estou só!”

E perguntou:

J.C.: “Diz-me, desde que compartilho contigo a minha casa e te outorguei que pudesses entrar a qualquer momento, quando vieste a Mim encontraste alguém que estivesse Comigo?”

Cabisbaixa, comecei a recordar com empenho: “Ninguém, meu Senhor! Durante esse tempo nunca encontrei ninguém.” A dor da tristeza partiu a minha alma. E Ele continuava me pedindo:

J.C.: “Vê, por isso não me deixes só! Deixa-me repartir contigo a abundância das minhas graças! Elas estão acumuladas no incomensurável amor do meu Coração. Que o nosso interior sinta o mesmo! Que os nossos corações batam em unísono! Traz muitas almas até Mim! Que as nossas mãos trabalhem juntas!

Quando tu também estiveres sozinha, sem consolo, Eu também não a abandonarei. Estarei junto a ti na tua situação difícil. E hoje também te acompanharei com o olhar penetrante dos meus Olhos.”

“Meu adorado Jesus, dê-me a tua graça para que eu possa suportar o olhar penetrante com que me acompanhas!” O seu amor me fascinou. O frio e o cansaço passaram. Apenas o seu pedido triste, que ouvi na minha alma, nela se difundiu.

12 de fevereiro de 1963.

A Santíssima Virgem me deu a conhecer que o esplendor da sua Chama de Amor não só está junto a mim, mas que inunda todos os membros da minha família, fazendo com que o maligno não consiga levá-los a cometer pecados. Por essa graça que derramou sobre eles, as suas almas se fortalecem e se tornam aptas para receber graças ainda mais numerosas.

21 de fevereiro.

De manhã disse o Senhor Jesus:

J.C.: “Durante a noite estive aqui e abençoei todos da tua casa. Fiz isso a pedidos da nossa querida Mãe. Ela é quem enche toda a tua família com o efeito de graça da sua Chama de Amor. Oh, quanto te amamos, minha filhinha!”

28 de fevereiro.

A minha filhinha estava doente. Pensava em ir ao seu médico para saber o que tinha. Porém o Senhor Jesus me tranqüilizou:

J.C.: “Não vás a nenhum lugar. Servirá para o bem da tua filha que ela não se cure.”

Com o coração oprimido escutei as suas palavras, porque a minha filhinha tem marido e filhos. O Senhor Jesus me disse também porque a minha filhinha não vai se curar:

J.C.: “A tua filhinha tem tentações continuamente. Por meio de uma longa doença vou enchê-la com a abundância das minhas graças. Assim a sua alma se purificará das grandes tentações e aceitará, daqui por diante, os sofrimentos e os suportará com paciência.”

13 de fevereiro de 1963.

Ao me despertar pela manhã, o Senhor infundiu no meu interior a sua paz admirável. Um estar à escuta profunda e o silêncio foram a minha oração. Nem depois da Sagrada Comunhão abri a boca para falar. Não encontrei nome algum para essa maravilhosa graça. Era muito admirável essa graça, que aumentava de minuto em minuto. Tenho que escrever como ela me arrancou da terra e, por fim, quando pude abrir a minha boca para falar, perguntei: “Meu adorado Jesus, por que fazes isso comigo, sendo eu uma pessoa tão indigna?”

Ele, com uma inspiração mansa e fina como um hálito, expandiu na minha alma o sentimento de que Ele, agora, num vôo retíssimo, atraiu a minha alma ao amor infinito do seu Ser Divino.

J.C.: “Faço isso porque te amo muito!”

Ao unir a minha alma com Ele, foi como se eu tivesse saído do ser terreno. E no meio das minhas muitas ocupações, nada perturbava a união da minha alma com Deus, enquanto o meu corpo realizava a sua tarefa material. (Nesse dia eu estava especialmente atarefada, porque tive que cuidar da casa da minha filhinha gravemente enferma.) Mais ainda, como se a minha alma estivesse flutuando num lugar elevado, de onde olhava para baixo e via a atividade afanosa do meu corpo. E esse estado extraordinário ia aumentando na minha alma. Interrompi as minhas tarefas de casa para cumprir a promessa que havia feito: fazer adoração reparadora no santuário da Santíssima Virgem todos os dias do meio-dia até à uma da tarde. Depois, a pedido do meu filho, tive que cuidar de um assunto seu. Todas essas tarefas eram trabalho de um só dia. Tive que realizá-las com muita dedicação e, entretanto, durante esse tempo, a minha alma voava nas alturas, perto de Deus.

VIVE DE MODO MAIS SANTO AINDA

A minha alma está plena das graças que recebi nos dias anteriores, das quais retiro uma admirável força. Hoje, depois da Santa Missa, ao chegar em casa, fiz os meus trabalhos caseiros, enquanto me submergia n'Ele com adoração de ação de graças. Ele, mansa e silenciosamente, quase me fez sentir que sorria, o que me encheu de alegria.

J.C.: “Ficaste surpresa pelo dia de ontem, que permitiu que chegasses perto de Deus. Como tu te desapegaste da terra! Recebeste essa graça como recompensa pelo teu perseverante esforço. E também para que vejas o quanto Nós apreciamos esse esforço e o difícil combate em que estás empenhada, devido à Causa do céu. Com a tua perseverança chegarás a alturas de graças cada vez maiores.”

5 de março de 1963.

O Senhor Jesus disse:

J.C.: “Vive de modo mais santo ainda, pois as muitas graças que recebeste de Mim te dão força cada vez maior! Vive de modo mais santo ainda com todas as tuas forças e sente como intensifico em ti a minha graça!”

11 de março de 1963.

A Santíssima Virgem disse:

S.V.: “Vejo o quanto tu te entregas ao efeito de graça da minha Chama de Amor. Faz isso para alegrar o meu Coração maternal. Já faz muito tempo que não conversamos. Sei que sofreste muito por causa daqueles que te entenderam mal. E que é pesado suportar muitas provas. Não te dêes descanso! Anda e diz a quem interessar que a impetuosidade não vem de ti. Mas sou Eu quem te urge continuamente. Sabes o que te disse: apesar de tudo, é através da tua pequenez, da tua ignorância e da tua humildade que a minha Chama de Amor se acenderá.”

Ainda continuou conversando longamente. Contou com que força rai-vosa Satanás irrompe sobre aqueles nos quais suspeita que se acende a Chama de Amor:

S.V.: “Permitimos que Satanás faça isso para que ele possa provar todos os tipos de tentações nas almas que querem pôr em marcha a Chama de Amor, a minha Causa Santa.”

Depois, durante a conversa, voltou a dizer que esse tempo de graça, que agora quer pôr em marcha, não pode demorar muito:

S.V.: “Não temos tempo a perder. O tempo que está determinado para transcorrer antes que se acenda a minha Chama de Amor é apenas o necessário para Satanás pôr à prova as doze escolhidas e excelentes almas sacerdotais. Faz chegar a elas a minha voz. Que não temam! Eu estarei com elas e, como fiz contigo, também as ajudarei a alcançar vitória sobre as tentações de Satanás.”

A minha alma arde de desejo para que o anseio da Santíssima Virgem se cumpra o quanto antes. Agora estou vivendo dias muito difíceis. Várias vezes falou a Santíssima Virgem que devo ir até o Padre X. e lhe dizer que é Ela quem o manda aconselhar a minha alma. A essas palavras, outra vez as dúvidas começaram a me assaltar. Disse isso à irmã acompanhante. Ela me respondeu que eu fosse, pois agora nada mais já me retém.

23 de março de 1963.

Fui me confessar com o Padre X. Depois de confessar os meus pecados, transmiti a ele a mensagem do Senhor Jesus e da Santíssima Virgem. Sobre esse particular, ele respondeu que mantém a sua posição anterior e

que não aceita a direção da minha alma. Não sente em si força suficiente para aceitá-la. Apelou à sua recente enfermidade, à sua crescente dificuldade de ouvir e, sobretudo, porque tem dúvidas.

Disse que sou uma alma muito teimosa, sem nenhuma flexibilidade. Que estou amarrada somente à minha própria vontade. Eu respondi que se tivesse que ter vindo pela minha própria vontade, não teria força nem para dar um só passo. Não teria vindo até ele se não tivesse recebido um convite celestial para fazer isso. Eu disse também que hoje, antes de sair de casa, pedi o conselho da irmã que me acompanha. Depois voltei sobre aquela sua palavra, com que me chamou de impaciente. Eu estou plenamente convencida de que essa impaciência não vem da minha própria força de vontade. Porque não tenho em tudo isso nenhum interesse pessoal. Ele respondeu a tudo isso com uma só palavra: “Bonito!”

Pedi que se ele não quisesse aceitar me dirigir espiritualmente, que fosse bondoso e me indicasse outra pessoa. Ele também se convenceu de que eu necessitaria de direção espiritual constante, mas que ele não poderia me ajudar. Recomendou então que eu lesse a vida de santa Teresa do Menino Jesus e “A imitação de Cristo” de Tomás Kempis, que é puro evangelho. Sobre isso respondi: “Aceito com gosto o teu conselho. Mas tenho dificuldade de ler. Não só por ter feito poucos estudos, mas também porque se leio uma frase e essa impacta na minha alma, começo a meditar sobre ela. Além disso, a minha matéria de meditação já há meses tem sido apenas uma frase: ‘E o Verbo se fez Carne’. Esse, sendo um tema inesgotável, medito constantemente.”

Quando terminei, ele me disse: “Agora, minha filhinha, eu te abençôo muito.” Ao receber essa benção, saí, com a alma tranqüila.

Depois me assaltaram novamente as dúvidas:

O padre nem sequer acredita em mim! E aquilo que eu lhe disse suscitou dúvidas na sua alma. Pensei que ele também teria que passar pelo sofrimento de muitas dúvidas, como eu estou passando há muito tempo. Que humilhante foi esse rechaço! Mas agora já está bem, assim como está. Que se faça a Santa Vontade de Deus. Se o Senhor Jesus quis que eu passasse por essa humilhação, eu a tomo com alegria da sua Santa Mão.

Hoje, quando fui até Ele, depois de permanecer um longo tempo calada, o Senhor Jesus me pediu:

J.C.: “Peço-lhes, minha filhinha, que tenham cuidado. Não percam o estado de graça santificante! É a beleza de suas almas com que podem me deleitar. E se perderem essa graça santificante, não demo-

rem em recuperá-la. Oh, se soubessem com que amor Eu sofri por vocês para alcançar do meu Pai Celestial o perdão de seus pecados! E a ti Eu peço que me ajudes, para que muitas almas recuperem a formosa veste de graça que receberam no batismo.”

O ESPÍRITO DE FORTALEZA ILUMINA A MENTE

24 de março de 1963.

Continuava sofrendo com a grande humilhação e o rígido rechaço que recebi na ocasião da santa confissão do dia anterior.

J.C.: “Elizabeth!”

A minha alma se estremeceu. Achei estranho Ele se dirigir a mim dessa forma.

J.C.: “Acreditas em Mim, em Nós? Acreditas que Eu e a nossa querida Mãe acreditamos em ti? Diz-me, acreditas nisso?”

Na minha alma dei-Lhe imediatamente a resposta: “Meu adorado Jesus, sabes melhor do que ninguém como é a minha fé.”

J.C.: “Acreditas que poderás cumprir cabalmente o destino que escolhemos para ti? Pergunto novamente: aceitas as muitas humilhações e sofrimentos que levas contigo para fazer valer a nossa Santa Causa? Sabes que os sofrimentos que recebeste até agora serviram unicamente para te preparar para alcançar a meta que foi fixada. Tu és um instrumento nas nossas Mãos. Queres seguir sendo esse instrumento? Queres subir Comigo ao monte Calvário, ao Gólgota? Se quiseres, então o teu lugar é estar junto à Mãe Dolorosa. Ela quer acender através de ti a Chama de Amor do seu Coração que, na terra, requer plena entrega da tua parte. Não dês agora, de imediato, resposta a isso. Retira-te a ti mesma e te prepara para a resposta tocante à Grande Causa!”

Em casa, durante a manhã, Ele continuava com a sua conversa:

J.C.: “Vejo como ficaste por não terem acreditado nas tuas palavras sinceras que, na verdade, vinham de Mim. Com alma forte recebeste o primeiro grande sofrimento, que era uma espécie de ensaio para começar a sofrer. Esse tempo de graça destinado ao mundo inteiro, essa Santa Causa que por meio de ti queremos iniciar, não pode

partir em pés de barro. Só com uma alma dura, temperada como aço, se poderá colocá-la em marcha.”

E enquanto o Senhor Jesus disse isso, um eflúvio poderoso da sua graça irrompeu na minha alma. O Senhor Jesus perguntou se eu entendia isso. Nas suas palavras iluminadoras, Ele derramou sobre mim a graça admirável de Deus Espírito Santo, Espírito de Fortaleza. E a Luz admirável de Deus Espírito Santo iluminou a minha mente.

O Senhor Jesus acabava de me dar a graça de admirável força de fé e confiança. Porque sem essas duas, nenhuma virtude pode fincar raízes no interior nem na alma de ninguém. Esse é o pilar fundamental daquela grande e santa Causa que, somente assim, poderá se colocar em marcha.

J.C.: “Medita a fundo a importância das minhas palavras! O que acaba de ocorrer contigo foi o movimento primeiro da fé na tua alma. Vejo que não consegues esquecer que aquela pessoa de vida santa te expulsou tão rotundamente. Não deves te preocupar com isso! Sou Eu quem te guia. E se te angustias, isso significa que não estás contente Comigo.”

Ao escutar essas palavras fiquei consternada na minha alma. “O que fazes comigo, meu adorado Jesus? Como devo me humilhar diante de Ti? Como me dói que O tenha ofendido!”

OUTRA VEZ COM O SENHOR BISPO

O Senhor Jesus teve comigo uma conversa bastante profunda. Pediu que eu levasse urgentemente ao senhor Bispo o que Ele me fez escrever. Isso foi no dia 27 de março de 1963. E assim fiz.

Também me falou muito sobre o tempo de graça e do Espírito de Amor que será muito parecido ao primeiro Pentecostes, quando Ele inundará com a sua força toda a terra. Esse será o grande milagre que chamará a atenção de toda a humanidade. Tudo isso é o efeito de graça da Chama de Amor da Santíssima Virgem.

A terra, que está se obscurecendo por causa da falta de fé na alma da humanidade, passará por um grande tremor. Depois a humanidade começará a crer e esse tremor, através da força da fé, criará um mundo novo. Por meio da Chama de Amor da Santíssima Virgem, a fé fincará raízes nas almas e renovará a paz da terra. Porque “algo semelhante não aconteceu

ainda desde que o Verbo se encarnou.” A renovação da terra, inundada por sofrimentos, vai se realizar pelo poder de intercessão da Santíssima Virgem.

O senhor Bispo, por esse tempo, estava confirmando num povoado muito próximo ao nosso. Viajei até lá e pedi ao seu secretário que me desse uma oportunidade para conversar com ele. Enquanto esperava a resposta, uma ansiedade muito grande se apoderou de mim.

Pedi à Virgem Santíssima que, em se tratando de algo tão urgente, movesse a vontade ao senhor Bispo a me escutar. Ao me receber, ele me respondeu que eu fosse a Székesfehérvár, no palácio episcopal, na quarta-feira às dez horas da manhã.

Na manhã de quarta-feira o senhor Bispo me recebeu. A conversa durou uma hora. Entreguei o documento previamente escrito e lhe disse que era uma comunicação do Senhor Jesus e da Santíssima Virgem.

15 de abril de 1963.

Fiquei pensativa, com a alma apenada: “Meu adorado Jesus, justamente no seio de uma família tão pecadora plantou a Santíssima Virgem a sua Chama de Amor. Logo nesta, de quem tantas ofensas recibes! O Senhor Jesus com mansas e consoladoras palavras respondeu:

J.C.: “Não vim salvar os justos. Mas os pecadores! Por isso sofri uma morte cruel. Por isso te escolhi também, para que foste uma de entre os meus colaboradores na Obra da Salvação. Como já te disse, sofre Comigo até o martírio!”

21 de abril de 1963.

O Senhor Jesus me falou:

J.C.: “Sabes qual é o sofrimento maior? Ser incompreendido. Não existe maior tormento que esse. Esse será para ti também a dor da tua alma até a tua morte. Eu também o sofri durante toda a minha vida. Tu também não deves ser mais que Eu, minha filhinha carmelita. Que o nosso interior sinta o mesmo e que os nossos lábios supliquem juntos

ao Eterno Pai.”

O sofrimento mantém a minha alma em grande aridez. Nesses momentos tudo parece carecer de sentido e é algo insípido. O Senhor Jesus me falou:

J.C.: “Tenho que te fazer uma leve reprovação, minha filha. Tu não podes avaliar o valor e o motivo dos teus sofrimentos. Porque o sofrimento só tem valor se a alma o aceitar e se entregar plenamente a ele.”

“Tu sabes, meu Jesus, que aquilo que me pedes está além do alcance do meu próprio eu. A minha alma está continuamente pronta para o teu serviço. Mas o corpo é o contínuo cenário das lutas. Na aridez espiritual nunca vejo com claridade a Santa Vontade de Deus.”

16 de maio de 1963.

Enquanto cozinava, o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Peço que de agora em diante, minha filhinha, não penses em tu mesma. Que o teu pensamento seja um só: Nós! Se vens a Mim, se pensas em Mim, pensa que nós dois somos um. Que não haja entre nós nenhuma fresta, nem um fio de cabelo! Eu encherei os vazios da tua alma com as minhas graças. E tu, entrega-te de tal maneira, ainda que continues vivendo, que seja Eu quem viva em ti e que tu só vivas por meio de Mim.”

Logo repetiu novamente:

J.C.: “Quanto Nós a amamos, minha filhinha!”

Passados uns dias:

J.C.: “E te digo, já não fales mais de ti mesma. O teu eu deve cessar em ti por completo. Que para ti só exista Eu. Essa é a tua verdadeira vida.”

SUPORTEMOS JUNTOS A TRISTEZA

17 de maio de 1963.

De manhã, em vão, estive ajoelhada diante o altar, diante da grade do comungatório. Mas eu estava sozinha para comungar e o sacerdote não estava. Então eu disse: “Como estou triste por isso!” E o Senhor Jesus respondeu:

J.C.: “É certo que as nossas alegrias e as nossas dores também estão unidas numa só. Agora sentimos ambos que fomos deixados de lado. E isso nos dói. Que suportemos juntos essa tristeza!”

Então Ele me inundou com o seu íntimo sentimento:

J.C.: “Tu és a minha gotinha d’água! Submerge-te no vinho embriagante da minha Divindade infinita, na sua força vivificante, no aroma que difunde através de Mim. Que o meu bom odor se difunda ao teu redor. Ao percebê-lo, os outros se inclinarão para Mim. Vês, assim temos que ser um só. Não te apegues ao barro da terra, que está cheio de vermes que pululam. Que a terra seja para ti apenas isso. Olha para ela e salvemos as almas dos vermes que a ameaçam e estão se multiplicando por toda ela. Faz penitência e ora por essas almas! A tua aceitação dos sacrifícios é como o sal, que se jogado sobre os vermes os faz se contorcerem e caírem sem vida, encolhidos e aniquilados. Tenhamos, pois, um só pensamento: a salvação das almas.”

18 de maio de 1963.

J.C.: “Dê-me sempre novos e grandes sacrifícios! Eu semeio na tua alma a semente das minhas graças, a minha Santa Doutrina. Trata de cultivar essa semente na tua alma com as tuas orações, com as tuas mortificações, com a tua contínua aceitação de sacrifícios. Não te esqueças o quanto me dói a sorte das sementes que caem ao lado do caminho. Arranca as flores cultivadas na tua alma e as traga sempre frescas. Aqui, junto a Mim, elas exalarão o seu perfume. Só peço flores que foram cortadas, não aquelas com raízes. Porque essas não podem me alegrar, porque tiram a sua força e o seu saber da terra.”

SENTIR A PRESENÇA DE DEUS

O que vou escrever agora foi sem intervenção de palavras. Escrevo a pedido do Senhor Jesus.

Numa ocasião, estava ajoelhada diante do altar, submersa em oração. O fogo do amor de Deus estava incandescente na minha alma. Enquanto eu O adorava assim, alguém se aproximou de mim (uma religiosa). E ao chegar muito perto, ela também foi envolvida nesse amor que ardia na minha alma e que me mantinha próxima à Santa Majestade de Deus. O Senhor me permitiu sentir em que grande medida ela também experimentou essa efusão. Nessa época, sentir a Presença de Deus a encheu tanto, que essa irmã, durante semanas, vivia praticamente compartilhando comigo a sua efusão de graça.

Em certa ocasião eu me encontrei com um sacerdote na rua. De repente ele me cumprimentou. Quando cheguei um pouco mais próximo a ele, a efusão da Presença divina, partindo da minha alma, inundou também a dele. Com outro sacerdote também ocorreu isso. Mas, curiosamente, ao contrário do caso anterior, essa última efusão foi bem mais fraca. Quando ocorreram essas coisas, fiquei muito maravilhada. E o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Sou Eu quem irradia sobre ti essas graças. E através de ti, sobre as almas que se aproximam de ti. A Chama de Amor da nossa Mãe me obriga.”

19 de maio de 1963.

O Senhor Jesus:

J.C.: “Ponham já de lado, por fim, a falsa humildade que os impede de se aproximarem de Mim. Sabem por que digo isso? Porque vocês se mantêm longe de Mim, alegando que não são dignos de Mim. Lamentavelmente Eu tenho que dizer que são justamente os seus pecados que os trazem para mais perto de Mim, querendo o meu amor. E que se façam dignos também por meio do arrependimento.

E a ti, filha, eu digo: sofre por eles! E por mais obscuro que te pareça o sofrimento, faz o sacrifício. Porque eles precisam se aproximar de Mim com confiança! O sofrimento só é obscuro enquanto vocês estiverem perto da terra.

Já comesas a me compreender, minha filhinha? Quando nasceste, também escrevi sobre a história da tua vida o sofrimento. E sigo escrevendo hoje também e até o teu último dia. Porém Eu o ilumino com a minha graça para que vejas o seu valor. Quanto mais próxima chegares de Mim, mais vislumbrarás o meu esplendor. E quando tiveres chegado, verás diante do trono da Santíssima Trindade o valor dos teus sofrimentos. Esse valor nunca passará nem se turvará. Então Eu os revelarei como se faz com um filme. E eles resultarão num mérito pleno de maravilhas. Essa transformação, unida a merecimentos, e graças à iluminação do Espírito de Amor, submergirá a tua alma num bellissimo arrebatamento.

Recorda com que gosto brincava com os decalques quando era menina. Tinhas que umedecê-los, enxugá-los um pouco e, num instante, aparecia uma paisagem esplendorosa de cores vivas: um príncipe, um dragão, ou qualquer outra coisa. Vejo que estás me olhando com admiração, porque estou recordando coisas tão singelas da tua infância. O meu ensinamento, minha filha, é simples como as crianças. Eu não lhes falo na linguagem da ciência, porque aquelas grandiosas sabedorias não salvam ninguém.

Aceitem o meu ensinamento, que é simples e que Eu semelhei e plantei nas suas almas de criança. O meu ensinamento é para aqueles que têm alma de criança: simples, inocente, que não pondera nada; para aqueles que com admiração me escutam e crêem em Mim. Daqueles que são assim é o meu Reino, da multidão daqueles que se acolhem na fé.

Oferece os sofrimentos que te ofereço para aqueles que não têm fé. E não sejas cômoda, continua escrevendo! E quando tiverem chegado a Mim as tuas muitas palavras escritas e os sofrimentos suportados, por participares na minha Obra Salvadora, os meus raios de sol vivificantes brilharão ainda mais sobre ti. Será como o amanhecer, quando o sol se levanta, mas o vale ainda dorme na penumbra e os madrugadores, extasiados, contemplam tão esplendorosa beleza.

Que baste isso por enquanto. Concluo as minhas palavras. Viva dos meus novos ensinamentos e devolva-os em forma de oração.”

EU, O RAI0 FORMOSO DA AURORA, CEGAREI SATANÁS

Isso ocorreu de manhã bem cedo, diante do altar. Depois da longa conversa, uma breve pausa. Então a Santíssima Virgem fez ouvir a sua voz na minha alma.

S.V.: “Tu também estás, minha filhinha, entre os que madrugam. Enquanto a tua alma se encontrava na noite escura, fiz brilhar sobre ti a minha Chama de Amor. E com o seu suave e acariciante calor, Eu te dei nova força. Há muitas almas adormecidas como estava a tua. Sobre elas também quero projetar os raios vivificantes do meu Coração maternal, o efeito de graça da minha Chama de Amor. Sabes, a terra se encontra agora como a natureza depois da tempestade. Ou como um vulcão que, ao explodir com a sua fumaça infernal, com a sua chuva de cinzas, sufoca e mata. E com o seu tremor derruba tudo ao redor. Essa é agora a terrível situação da terra. Está fervendo a cratera do ódio, cuja cinza mortal de enxofre quer destruir as almas criadas pelo Pai Celestial à imagem e semelhança de Deus.

E Eu, o Raio Formoso da Aurora, cegarei Satanás. Vou libertar esse mundo obscurecido pelo ódio e contaminado pela lava sulfurosa e esfumaçante de Satanás, que fez com que o ar, que dava vida às almas, ficasse sufocante e mortífero. Nenhum moribundo deve se condenar. A minha Chama de Amor já começa a se acender. As almas escolhidas terão que lutar contra o príncipe das trevas. Isso será uma borrasca terrível. Não, melhor: será um furacão que vai querer destruir até a fé e a confiança dos Eleitos. Mas, na terrível tormenta que está se formando agora, vocês verão a claridade da minha Chama de Amor iluminando o céu e a terra que, pela efusão do seu efeito de graça, nesta noite escura, entrego às almas. Lembra-te do que já te disse: a minha Chama de Amor busca hospedagem diante do ódio de Herodes. Sabes quem são os perseguidores? Os covardes, os que temem pela sua comodidade, os precavidos, os preguiçosos, os que sob o disfarce da prudência irrompem para extinguir a minha Chama de Amor, como fez Herodes contra o pequeno Corpo do inocente Menino Jesus. Mas assim como o Menino Jesus o Pai Celestial tomou sob sua proteção e o defendeu, assim Ele também defenderá agora a minha Chama de Amor.”

As palavras da Virgem Santíssima soaram comovedoras como nunca na minha alma. Ao terminar, fez com que eu sentisse dentro de mim que Ela é a Poderosa Soberana do Mundo, a sua Rainha, diante da qual cairão de joelhos, arrependidos, todos os homens. Depois de uma pausa, ouvi novamente a sua voz na minha alma:

S.V.: “Escuta, minha filhinha: Eu lhes elevo para o céu. Eu lhes conduzo à Pátria Eterna, que o meu Santo Filho lhes conseguiu pelo preço dos seus sofrimentos infinitos.”

Nesse tom nunca ouvi a Santíssima Virgem falar até agora. A sua voz era plena de majestade, de poder de quem está decidida a tudo. Eu ouvi com admiração e temor. Depois, em tom totalmente diferente, disse:

S.V.: “Tens que te pôr em marcha, minha filhinha. Não temas, meu pequeno instrumento. Confia no meu poder maternal!”

24 de maio de 1963.

Estava orando por uma alma gravemente enferma e que há muito não se confessava. Um dia trouxeram a notícia de que essa alma já havia recebido a unção dos enfermos. “Meu adorado Jesus, obrigado pela tua infinita misericórdia!” Ele me respondeu:

J.C.: “Confia! Sempre te disse que o que pedires com confiança receberás. Se pedires a Mim pelas almas, vou ouvir sempre. As nossas mãos trabalham juntas! Nunca estejas cansada para desejar, para pedir para Mim. Se fossem muitos os que pedissem, quantas almas não se salvariam? Eu chamei todos vocês para a minha Obra Salvadora, pais e mães, sábios e ignorantes, sãos e enfermos, homens livres e os que sofrem na prisão. Para Mim todos podem trabalhar para a salvação das almas, porque o que vale é a disposição da alma. É a alma livre, a alma culta. E especialmente os enfermos, pois com apenas um pedido eles podem alcançar a conversão de muitas almas e voar para Mim nas asas da confiança absoluta.”⁵

2 de junho de 1963.

Depois da Sagrada Comunhão o Senhor Jesus disse:

J.C.: “Assim como o corpo, a alma também precisa respirar. A respiração da tua alma é a humilhação externa e interna. No mês do meu Sagrado Coração, vou inundar especialmente a tua alma com muitas graças. Vou acrescentar à tua alma as virtudes da mansidão e da humildade, que são as que mais precisas.”

⁵ Quando os enfermos oferecem os seus sofrimentos, muitas almas se salvam. E isso cega Satanás.

24 de junho de 1963.

Hoje tive um dia muito difícil. Fomos ao neurologista, o doutor H., a quem me enviou a irmã que me acompanha. O meu confessor também me aconselhou a ir. Acedendo aos seus conselhos, fui com a irmã. Ela pediu ao doutor para ficar presente na consulta, se não fosse nenhum inconveniente. Eu não me opus. A consulta foi surpreendente. O médico não fez nenhum exame corporal. Imediatamente começou a me fazer perguntas. Fiquei surpreendida porque, tendo-as como base, pude perceber que ele era um homem de profunda vida espiritual. A sua atenção abarcou tudo e me tratou com muita boa vontade. E outra prova foi que ele se comoveu muito quando eu falei sobre a minha vida espiritual. Durante a conversa, mencionei que um médico, durante décadas, não tinha vivido o seu casamento dentro do sacramento do matrimônio. Conte-lhe as graves circunstâncias da sua morte. Mas o Senhor Jesus havia dito que essa alma não se condenaria. Citei então as palavras do Senhor:

J.C.: “Se vocês me pedirem para Eu não condenar uma alma, não posso rejeitar o seu pedido. Porque senão Eu mesmo estaria trabalhando contra a minha Obra Salvadora! Eu sempre escuto a perseverante oração de vocês.”

O doutor ouviu as minhas palavras com alegria. Depois de conversar durante duas horas, nós nos despedimos. Ele disse que enviaria por carta o seu informe ao meu confessor.

9 de julho de 1963.

Na visita noturna ao Santíssimo, eu O adorei, reparei e Lhe pedi que nos cobrisse com o seu Sagrado Sangue. Antes de me despedir, pedi que nos abençoasse. O Senhor Jesus em tom muito emocionado disse:

J.C.: “Que os nossos pés caminhem juntos!”

No caminho eu Lhe disse: “O Senhor é a luz dos meus olhos!” Ele me permitiu sentir a exultante alegria do seu Coração e disse:

J.C.: Quanto tempo que não me dizias isso! Nunca me canso de escutar! Ninguém se cansa do amor. Por acaso tu ficas aborrecida se Eu falo a mesma coisa muitas vezes?”

E a sua última palavra foi esta:

J.C.: “Minha filhinha, Eu te quero muito! Muitos estão sem luz. A esses quero iluminar com a Chama de Amor. A nossa meta é fazer

valer a Obra da Salvação.”

No templo de peregrinação de Remete, a Santíssima Virgem me disse:

S.V.: “Tens que ir ver o senhor Bispo!”

E me advertiu que fosse cautelosa.

22-23 de julho de 1963.

J.C.: “Percebeste quantas vezes vou até tu para tomar a tua mão? Eu a conduzo para que não sejas tímida. A abundância de graça que dá força e valor sou Eu. Essa é a minha claridade, que ilumina os caminhos pedregosos por onde tens que andar. A luz está na tua alma não para que andes atenta, mas para te fazer lembrar que eu também andei em semelhantes caminhos. É muito importante para as almas que vocês andem por esse caminho. Pois muitas estão sem luz.”

Agora a Santíssima Virgem toma a palavra:

S.V.: “Vou iluminar essas almas com a minha Chama de Amor. Porque irradio o abundante amor do meu Coração maternal para vocês, que são imortais. Porque vocês são os doces frutos do trabalho redentor do meu Santo Filho. Assim rezam vocês: ‘O fruto do vosso ventre: Jesus’. Ele é o meu Fruto. E os frutos d’Ele são vocês. Vocês, os escolhidos, minha filhinha carmelita, são frutos particularmente saborosos. Porém há também os frutos produzidos por árvores silvestres. Nestes vocês precisam enxertar, em todo tronco onde possam fazê-lo, os frutos produzidos pelos sacrifícios de suas vidas. Assim esses frutos silvestres também se tornarão nobres. Sacrifício! Oração! Esse é o instrumento de vocês! A meta: fazer valer a Obra de Salvação. Oh, se os seus anseios alcançarem o trono do Pai Celestial, então o resultado também será abundante.”

24 de julho de 1963.

Estava descansando no jardim. Estava pensando sobre os muitos sofrimentos que inundam o meu corpo e a minha alma. O Senhor Jesus me surpreendeu com as suas bondosas e animadoras palavras:

J.C.: “Sofra com valor, com perseverança, com sincera entrega! Não fiques ponderando se o sofrimento é pequeno ou se é grande. É sempre válido aquilo que se pode fazer ainda na terra por Mim. O

tempo é curto, minha irmãzinha. E nunca volta novamente. O que uma vez não se aceitou, nunca mais voltará a ser oferecido. Porque penso que não seria aceito com agrado. Põe em cada ação que tiveres oportunidade de fazer a marca do teu amor e a dedicação completa. Assim poderei ver que recebes esse sacrifício como uma grande oferenda de amor. E dessa forma poderei te fazer partícipe feliz da minha Obra de Salvação. Cada pequena gota de sofrimento, se aceita a preço de sacrifício e amor, serve para deleitar a Santíssima Trindade. E em sua companhia tu também irás desfrutar. Essa será a tua recompensa, que não é deste mundo.”

26 de julho de 1963.

J.C.: “Novamente tenho que me queixar. Escuta-me! Tanto me dói a alma! O inferno traga as almas criadas à imagem e semelhança do meu Pai Celestial que caem nas garras de Satanás. A Chama de Amor da minha Mãe pode acalmar a dor da minha Alma. Tu também, minha filhinha, estás acalmando esse terrível tormento espiritual. Por isso Eu te peço: aceita todos os sofrimentos que te ofereço.”

Depois das palavras do Senhor Jesus, falou em seguida a Virgem:

S.V.: “Qualquer que seja a dificuldade que tiveres que enfrentar, minha filhinha carmelita, não abandones a luta. Por meio da minha Chama de Amor, que agora faço descer à terra, começa no mundo uma etapa de tempo de graça jamais conhecida até agora. Sê a minha fiel colaboradora!”

28 de julho de 1963.

Tenho que sofrer algumas dores espirituais espantosas. Mal consigo me manter em pé. Tenho que sofrer pelos moribundos para que não se condenem. No meu sofrimento, o Senhor Jesus fez ouvir a sua voz:

J.C.: “Sei que sofres muito. Sou Eu quem quer assim e sei que tu não queres coisa distinta do que Eu quero. Digo, tens que sofrer abandonada, mal compreendida, desprezada. Essa é a verdadeira participação na minha Obra Redentora, que salva muitas, muitas almas. Na abundância da minha graça, os teus sofrimentos se tornam cada vez mais meritórios.

A SARÇA ARDENTE

Primeiro de agosto de 1963. Primeira sexta.

Os sofrimentos espirituais e corporais me torturavam. O Senhor me suplicou justamente quando eu estava na cozinha preparando uma massa:

J.C.: “Aceita esse grande sofrimento, por mais que te doa, minha filhinha. Pois em pouco tempo tu recebes graças que muitas almas levam longos anos para alcançar. Sê então muito grata pelos teus sofrimentos! É a Chama de Amor da minha Mãe que me obriga sem cessar. Muitas vezes já te disse que Ela te escolheu para ser uma de suas especialmente favorecidas.”

Enquanto eu fazia o meu trabalho, Ele ainda me falava e me disse várias coisas. Às vezes os membros da minha família vinham até mim com os seus diferentes problemas. E nesses momentos o Senhor Jesus ficava calado. Ele é a delicadeza infinita. Faltando vinte minutos para as três da tarde, olhei para o meu relógio, enquanto pensava na agonia do Senhor. Uma vez Ele se queixou que vinte minutos antes da sua morte teve as dores mais atrozes.

Ainda nesse mesmo dia, ao entardecer, Ele me disse:

J.C.: “Estou certo que já não duvidas mais que Eu te escolhi para que fosses uma entre os trabalhadores da Redenção. Muitos sacerdotes missionários não podem fazer mais do que tu fazes. Os teus sacrifícios continuamente renovados e o teu esforço ininterrupto são muito gratos para Mim. E a fé viva posta em Mim mantém a tua alma num contínuo frescor e te torna apta para receber a abundância de graças. Assim, minha filhinha, serve apenas a Mim!”

Segundo o Senhor, isso vale para todos aqueles que também fazem sacrifícios pela sua Obra Redentora. A primeira quinta e a primeira sexta-feira de cada mês são sempre dias especiais de sofrimentos, que o Senhor Jesus derrama em maior medida nesses dias. Hoje Ele me disse:

J.C.: “A colheita é abundante, mas os obreiros são poucos. Principalmente aqueles que fazem o trabalho de coração e alma. Compreendes? Não se pode fazer esse trabalho com má vontade, mas com todo o esforço. Portanto, ardam como a sarça que arde e contudo não se consome!”

É assim que precisam fazer esse trabalho: nunca deixem o fogo que arde de amor se consumir, pois é assim que me alcançarão.”

4 de agosto de 1963.

J.C.: “Devo te dizer, minha filhinha, que a minha Mãe nunca foi tão venerada desde que o Verbo se fez Carne como está sendo agora, quando derrama o efeito de graça da sua Chama de Amor nos corações, nas almas. No dia em que se fizer valer a sua Chama de Amor, todas as orações e súplicas que foram feitas a Ela, em qualquer lugar do mundo, vão se fundir numa só súplica de auxílio! E assim se prostrará a humanidade aos Pés da Mãe de Deus, para Lhe dar graças pelo seu amor maternal sem limites.”

No mesmo dia me disse também isto:

J.C.: “Transmite as minhas palavras a quem compete e pede-lhes que não queiram impedir que flua esse grande rio de graças que a minha Mãe, pela sua Chama de Amor, derramará sobre a terra.”

(No dia 13 de março de 1976, o Senhor também me pediu que transmitisse essas suas palavras.)

6 de agosto de 1963.

J.C.: “Sabes o que faz com que a alma viva de verdade? O exercício contínuo da oração e do sacrifício. Por isso as suas almas estão enfermas e morrerão. Assim como o corpo tem as suas exigências, a alma também tem as suas. Mas entre o corpo e a alma está o maligno, que agita a alma aqui e ali. Portanto se a alma não estiver firme e forte, coisas ruins poderão prejudicá-la.”

No mesmo dia, mais tarde:

J.C.: “Peçam muitas vezes e muito! Quantas vezes e por quantas intenções vocês me pedirem, tantas vezes e para tantas necessidades receberão. Mais ainda: se vejo a sua confiança, atenderei os seus pedidos reiteradamente. A Mim não podem vencer em generosidade. Sei, minha filha, que isso tu também sentes. E que isso te dá grande força. Ainda que tropeces, a tua queda será pequena. Sabes por quê? Porque Eu te acorrentei aos meus Pés, conforme o teu próprio pedido. Por Mim mesmo não o teria feito. Porque o livre-arbítrio é teu. Mas se vejo a confiança de vocês, já me sinto obrigado. E isso significa que vocês podem tirar de Mim tudo o que quiserem. Eu não vou recusar. Pois estou me colocando diante de vocês com todo o amor do meu Coração. Aqui estou para lhes fazer sempre felizes.”

PEÇO ARREPENDIMENTO E GRATIDÃO

7 de agosto de 1963.

J.C.: “O meu amor é todo-poderoso. Compenetra-te neste grande milagre: Eu continuamente estou à disposição de vocês. Comigo não precisam esperar, fazendo fila, ou pedir hora e lugar de consulta. A todo instante e em todas as partes estou presente. Se me chamam, o meu ouvido já está sobre o seu coração. E lhes atendo e lhes acaricio e lhes curo. Não peço a ficha do enfermo: Eu estou procurando somente a voz de arrependimento. Este é o único passo que lhes aproxima de Mim: o arrependimento. Sei que muitos de vocês cairão novamente. Mas se vejo que não se extraviam, que não se afastam do meu lado, Eu rapidamente lhes posso levantar da sua prostração. Porque a minha Mão divina está perto de vocês. Se lhes levanto, instantaneamente o pecado cai e vocês voltam a ficar novamente leves. E Eu não peço nada, apenas gratidão. Se lhes levanto, digam-me apenas uma palavra: ‘Obrigado!’ Quantas vezes? Cada vez que lhes levanto. Isso é, naturalmente, o mínimo que podem fazer. Mas se me derem graças em lugar de outros também, isso será melhor ainda. Reza minha Elizabeth, para que vá crescendo o número de almas arrependidas dia após dia e para que saibam ser gratas por isso.”

10 de agosto de 1963.

Era domingo. Ao sair da Santa Missa, eu fiquei olhando o desenho interessante estampado em uma roupa. A minha intenção era olhar mais de perto. Porém o Senhor Jesus silenciosamente me advertiu:

J.C.: “Não é preciso ver tudo! Será que Eu não posso substituir essa curiosidade? Olha nos meus Olhos e ficarás feliz!”

13 de agosto de 1963.

Ajudava na limpeza da capela e disse com alegria: “Aqui estou, meu doce Jesus!” Ele não me deixou sem resposta:

J.C.: “Isso é muito bom!”

Quando no dia seguinte voltei para tirar a poeira, ajoelhei-me diante do Senhor e pedi: “Como estou me preparando para a santa confissão, Senhor, ajuda-me a limpar a minha alma do pó, para que ela veja cada vez mais nitidamente a tua Santa Vontade e para que ela seja cada vez mais digna para o teu Santo Serviço.” Depois, no bonde, também conversava com Ele, pensando como agora está limpa a sua casa. Ele me surpreendeu nos meus pensamentos:

J.C.: “Eu também ficaria feliz se as almas das pessoas que frequentam o meu lar estivessem sem poeira e tão cuidada, como está agora a minha casa.”

Então eu perguntei: “E não é assim?” Ele respondeu triste:

J.C.: “Lamentavelmente, não!”

Fiquei muito comovida e pensei tristemente na dor das suas palavras. Agora o Senhor Jesus, em vez de palavras, suspirou na minha alma:

J.C.: “Que o nosso interior sinta o mesmo!”

17 de agosto de 1963.

Durante o almoço foi muito difícil fazer insípida a minha comida. Pensei: “Vou comer uma metade e a outra farei insípida. O Senhor Jesus tristemente observou:

J.C.: “Eu aceitei os sofrimentos sem ponderá-los mesquinhamente. E te salvei não só de alguns, mas de todos os teus pecados. Não sejas mesquinha! Que as nossas mãos trabalhem juntas. Dirija para Mim as tuas sementes oleosas, porque assim elas serão mais produtivas, mais carregadas. E só através da tua plena entrega se poderá espremer as tuas gotas de azeite acumuladas.”

22 de agosto de 1963.

Na festa do Imaculado Coração da Santíssima Virgem, fiquei de cama. A febre alta passou antes do meio-dia. Rezava o Santo Rosário em honra à Santíssima Virgem. Durante a oração, o Senhor Jesus me honrou com as suas palavras. Fiquei muito surpresa com o que disse, pois deu resposta a

algo ocorrido há bastante tempo. Na época, a grande humilhação e sofrimento em que eu havia caído me perturbavam, fazendo-me perder a confiança no Senhor Jesus. E eu perguntava ao Senhor se havia sido imaginação minha quando Ele e a Santíssima Virgem me dirigiram ao Padre X., para que ele aceitasse a direção da minha alma. Naquela época eu dava voltas e mais voltas nesse pensamento. Então perguntei algumas vezes ao Senhor se eu não havia me tornado vítima de falsa imaginação. Como não recebi resposta do Senhor Jesus, sofri muito. Mas isso já havia passado e eu nem pensava mais nisso.

J.C.: “Aprecio, minha filhinha, e olho com grande respeito e amor compreensivo os teus sofrimentos e as tuas humilhações, que tens levado com paciência. Olha, o padre a quem te enviei tem livre-arbítrio. É verdade que ele reconheceu diante de ti que tem dúvidas. Eu digo que nem agora ele vê nitidamente o assunto. Ele não deixou de pensar nisso. E na alma dele ainda está obscuro o sofrimento com que o procuraste. Mas ele comprovará que tudo é autêntico. E ele também deverá sofrer. Eu já te disse que qualquer um que conheça algo sobre a Chama de Amor da nossa Mãe, só por meio de sofrimento e humilhações poderá ser digno de servir a nossa Causa.”

26 de agosto de 1963.

S.V.: “Minha filhinha, tu tens que partir no mês de setembro para urgir ainda mais a minha Chama de Amor. Fora as minhas palavras, não digas nada. Apenas entrega a minha mensagem ao senhor Bispo. Eu peço que ele tome nas suas mãos a minha Santa Causa. O que te perguntarem, responde. E seja muito humilde.”

(O meu confessor não me deixou ir ver o senhor Bispo.)

30 de agosto de 1963.

J.C.: “Não queiras parecer mais do que tu és! Sabes por que digo isso? Porque tu deves ter bem claro as minhas regras. Escreva as minhas palavras do jeito que puderes. Não precisas pedir que outros as corrijam. Alegro-me que sentes santa veneração pelas minhas palavras. Mas não precisas honrá-las com as regras de gramática e ortogra-

fia. Permanece muito mais humilde e ignorante! Já te disse que assim és querida para Mim. Não busques nada que te faça parecer inteligente. Se isso me agradasse, Eu teria dado a possibilidade para isso ocorrer. Nós, através da tua pequenez e ignorância, e sobretudo da tua humildade, queremos pôr em marcha através de ti a nossa Santa Causa. Cuidado, não deixes que a vaidade se aproxime de ti! Por isso chamo a tua atenção. Sê muito humilde! Esse deve ser todo o teu empenho. Por meio dele todos os teus esforços se consolidarão.”

VOU BUSCAR CORAÇÕES

31 de agosto de 1963.

Assisti à Santa Missa vespertina. Depois fiquei ainda longo tempo com Ele. Supliquei-Lhe longamente. A irmã sacristã não se deu conta disso e se foi, fechando a porta à chave. Estávamos os dois, Deus e eu, com a minha oração de súplica. Absorta, intercedi a favor das almas do purgatório. Ardia na minha alma um grande desejo de que o maior número possível se libertasse desse lugar de sofrimento. Estando com o meu grande anseio, a Santíssima Virgem assim falou:

S.V.: “Recompensarei, minha filhinha, o teu grande anseio e compaixão pelas almas do purgatório. Para a libertação de cada alma, rezaste três ‘Ave Maria’ em minha honra. Agora, para acalmar o teu anseio, de agora em diante a cada três ‘Ave Maria’ dez almas se libertarão do lugar de sofrimentos.”

Quase não podia compreender tão grande bondade. Ao invés de me desfazer em agradecimentos, só um suspiro veio aos meus lábios: “Santa Mãe da Misericórdia, obrigado por tantas graças!”

Primeiro de setembro de 1963.

Hoje é dia de jejum pelas almas sacerdotais. Como o Salvador havia me pedido, jejuando a pão e água posso libertar uma alma sacerdotal do purgatório. O jejum me debilita bastante, já que faço também as minhas tarefas de casa do modo acostumado e ajudo os meus filhos. Ao entardecer, depois de terminado o meu trabalho, fui até o Senhor Jesus. Mas a entrega ao Senhor ficou perturbada por causa de um mal-estar que senti. Tive

que me despedir do Senhor Jesus. No meio do caminho para casa, Ele me disse:

J.C.: “Eu te espero em casa. Quando chegares já estarei lá no nosso pequeno lar.”

Fiquei muito emocionada. E foi na sua Presença que comi o meu modesto jantar, que não era mais que pão. O Senhor Jesus estava ali comigo. Eu não O via, mas sentia a sua Presença. Por causa do meu grande cansaço, não podia por muito tempo ficar acordada para adorá-Lo de joelhos. O Senhor Jesus com infinita bondade e delicadeza disse:

J.C.: “Descansa já! Eu ainda ficarei contigo mais alguns instantes. Sente a minha bendita Presença e a dor do meu Coração, que compartilho contigo. Que os nossos corações batam em uníssono!”

As minhas lágrimas começaram a brotar, o que aumentou muito o arrependimento pelos meus pecados. Quem não choraria em vista de tanta bondade e delicadeza?

Em silêncio Ele estava parado junto a mim. Depois se despediu:

J.C.: “Descansa em paz! Eu vou buscar outros corações!”

Ao sentir como se afastava a sua santa Presença, chamei-O soluçando: “Aonde vais, meu adorado Jesus?” Ele, com voz angustiada, respondeu:

J.C.: “Vou, simplesmente. Primeiro visito as almas a Mim consagradas e lhes ofereço as minhas graças.”

2 de setembro de 1963.

Durante o almoço caiu nas minhas mãos a revista “Vigília.” Comecei a ler um artigo, quando o Senhor Jesus silenciosamente fez ouvir a sua voz:

J.C.: “Guarde-a! Tu te esqueceste que te pedi para renunciar a toda leitura distrativa? A tua vida deve ser de recolhimento, oração e sacrifício. Acaso não queres ser uma verdadeira carmelita? Isso me doeria muito. É difícil a renúncia? Não temas, pois te recompensarei!”

Tristemente me arrependi pelo que havia feito. E então eu me pus rapidamente a trabalhar enquanto O adorava. Ao sair ao jardim para estender a roupa, Ele disse:

J.C.: “Vou te esperar no nosso pequeno lar. Vem estar um pouco Comigo.”

DÚVIDAS, HUMILHAÇÃO INTERIOR

Assim que entrei no pequeno quarto, logo a Presença do Senhor me encheu de santa devoção. Depois de adorã-Lo brevemente, continuei o meu trabalho. O Senhor Jesus me pediu:

J.C.: “Esmera-te e volta. Espero que regreses.”

Regressei depressa e me prostrei. Ele inundou a minha alma com a sua Presença divina e me pediu:

J.C.: “Ama somente a Mim. E serve somente a Mim ainda melhor! Não é verdade que essas palavras já te são conhecidas? Sabes, sempre te peço aquilo que mais anseia o meu Coração.”

12 de setembro de 1963.

Depois da minha santa confissão, o Senhor Jesus me inundou com grandes sofrimentos, que se alternavam. Uma vez tive que sofrer porque as dúvidas me pressionavam. Outra vez porque, a pedido da Santíssima, tive que padecer a agonia dos moribundos na sua luta com Satanás. A Santíssima Virgem disse novamente:

S.V- “Olha, minha filha, quando a Chama de Amor do meu Coração se acender na terra, o seu efeito de graça se derramará também sobre os moribundos. Satanás ficará cego. Com a ajuda da oração de vocês, durante as vigílias noturnas, terminará a terrível luta dos moribundos com Satanás. E sob a suave luz da minha Chama de Amor, até o pecador mais empedernido se converterá.”

E enquanto me dizia isso, os meus sofrimentos aumentavam tanto, que quase desmaiei por causa da dor.

14 de setembro de 1963.

Durante o meu trabalho, a Santíssima Virgem me pediu que fosse e urgisse a sua Santa Causa. Eu estava tão confusa por isso, que uma resistência nunca sentida até então começou a me torturar. Será de verdade a voz da Santíssima Virgem? Não terei caído vítima da minha imaginação? Isso aconteceu porque depois da minha confissão, há dois dias, ao entregar ao meu diretor espiritual o novo e urgente pedido da Santíssima Virgem, ele me disse que eu não deveria ir até o senhor Bispo, pois ele

mesmo ficaria responsável perante a Santíssima Virgem. Disse ainda que se é urgente, que a Santíssima Virgem tome as providências. Mais ainda: que eu esperasse o senhor Bispo voltar à cidade. Só então eu deveria falar com ele. Então eu respondi ao meu diretor espiritual: “Sim. Vou me submeter plenamente ao que o senhor Bispo disser. Não farei nada sem a sua autorização ou permissão.” A Santíssima Virgem continuava urgindo:

S. V.: “Vá rápido!”

Perguntei a Ela: “Minha Mãe, aonde, em que direção devo ir? A quem?” Ela deu uma resposta taxativa:

S. V.: “Vá até o Padre E. e pergunte se ele sabe quando o senhor Bispo voltará.”

Quando escutei essas palavras, fiquei confusa. Esse era um pedido inesperado. Eu me sentia incapaz de tomar tal decisão e já previa as grandes dificuldades, já que o senhor Bispo não costumava voltar para a nossa paróquia nessa época. E o que diria o Padre E. se eu me apresentasse diante dele com a minha pergunta? Mas a pressa era muito mais forte e não pude resistir. Interrompi os meus trabalhos de casa e me apressei para ver o Padre E. Ele não se surpreendeu, mas respondeu: “Sim, nós o esperamos na segunda-feira para abençoar uma lápide sepulcral. Mas não recebi ainda uma resposta precisa.” Pedi ao padre que me comunicasse a tempo, porque se o senhor Bispo viesse, eu gostaria de falar com ele. Então me ajoelhei diante do padre e pedi que me abençoasse antes de me retirar. Ele sempre se surpreende quando peço uma benção, ao passo que eu considero isso normal. Como o padre não me comunicou a data, foi grande a minha humilhação interna. Não sabia para que tudo isso. Ainda que o impulso que segui resultou verdadeiro, ainda assim prevalecia em mim a angústia das dúvidas. E se o impulso não tivesse vindo da Santíssima Virgem? Em tal caso, que poder me obrigou a fazer isso?

16 de setembro de 1963.

A Santíssima Virgem falou novamente:

S. V.: “Derramarei as graças da Chama de Amor do meu Coração sobre todos os povos e nações. Não só sobre as almas assinaladas pela bendita Cruz do meu Divino Filho, mas sobre as almas do mundo inteiro.”

Anotação posterior no Diário: “*Também sobre os não batizados!*” A Santíssima voltou a dizer essas coisas nos dias 19 e 22 de setembro.

PRIVILÉGIO ONDE SE FAZ A HORA SANTA EM FAMÍLIA

No dia 24 de setembro de 1963, novamente Ela me chamou:

*S.V.: “A minha Chama de Amor, que desejo derramar do meu Coração sobre vocês numa medida cada vez maior, também se estende sobre as almas do purgatório. Presta muita atenção nas minhas palavras. Escreve o que digo e entrega às pessoas competentes: Aquelas famílias que guardam às quintas e sextas-feiras a hora santa de reparação em família, se morrer alguém dessa família, depois de um único dia de jejum rigoroso (observado por um membro da família) o defunto se livrará do purgatório.”*⁶

O Senhor Jesus:

J.C.: “Tu me agradas agora. Sabes por quê? Porque continuas te esforçando! O que te disse o teu Anjo da Guarda? Aumenta a adoração e a reverência para a Santa Majestade de Deus. Pelo seu propósito de fazer a cada hora um exame de consciência, a tua alma se afina para se fazer cada vez mais apta a se submergir em Deus e na adoração. Os teus louvores também se acreditam em grande medida para a Santa Majestade de Deus. Esse propósito exige um recolhimento muito grande. Mas para o amor não existe nada impossível. Para isso Eu dei suficiente exemplo. O teu caráter violento continuará. Mas dessa tua má natureza, se te submeteres à minha Mão divina, Eu farei uma obra de arte. Entrega-te apenas a Mim, como os cachos de uvas pisoteados que se transformarão em vinho, que será o meu Sangue Santíssimo. Tu também te embriagas do meu precioso Sangue. Mas só se antes te transformares e, como o mosto, clarificares; ou como o trigo, que só depois de ter sido moído se transformará no meu Corpo Santíssimo. Tu também, só depois de ter sido moída, vai se transformar e será divinizada a tua miserável natureza. Compreendes o que digo? Juntos já meditamos muito sobre isso. Aquele que come o meu Corpo e bebe o meu Sangue permanece em Mim e Eu nele. E quem está em Deus será divinizado também. Compenetra-te, minha filhinha, dessa graça tão grande!”

⁶ Entende-se: se faleceu na graça de Deus. Guardar “jejum rigoroso” significa que não é necessário passar fome: deve-se comer pão e beber água.

2 de outubro de 1963.

O Senhor Jesus falou:

J.C.: “Não permitas que a terra te atraia. Tu, como uma flecha, voas direto para Mim, com a ajuda de tantas graças com que te colmo. É por meio destas que podes manter o teu vôo. Não permitimos recaídas, porque as minhas graças te mantêm em contínuo vôo. Já está perto o momento, tem paciência. Eu estou aguardando a tua chegada. Ah, minha filhinha, minha Elizabeth! Eu te abraço junto ao meu Coração. E por todos os sofrimentos que suportaste por causa da minha Obra Salvadora, receberás uma grande recompensa.”

9 de outubro de 1963.

A Virgem Santíssima me pediu com palavras muito doces:

S.V.: *“Cuida, minha filha, do silêncio da tua alma! Não deixes entrar nenhum sussurro que possa perturbá-la, porque as nossas palavras seguirão ressoando se as escutares com humilde e santa devoção.”*

Essas palavras da Santíssima Virgem ressoavam na minha alma como quando nós, mães, advertimos os nossos filhos e os protegemos com amor preocupado e temeroso.

SÓ UMA MÃE COMPREENDE A DOR DA MINHA ALMA

18 de outubro de 1963.

Durante a vigília, a Santíssima começou a falar comigo. E enquanto isso, derramava na minha alma a dor sem limites do seu Coração maternal. Enquanto a minha alma se enchia da sua dor, Ela continuava:

S.V.: *“Só uma mãe pode compreender a angústia e a dor da minha alma. Por isso me dirijo a ti. Tu conheces a angústia. Sei que me compreendes. Oh, quantos filhos meus se condenam! Padeço sob o peso da dor. Por isso o compartilho contigo para que te apresses cada vez mais para colocar em marcha a Santa Causa. Tu também és mãe e a angústia do meu Coração é tua também.”*

Enquanto aumentava a dor maternal na minha alma, Ela me pediu

outra vez que não evitasse nenhuma fadiga e que não deixasse de lado a sua petição, que vai se difundir através de mim.

19 de outubro de 1963, sábado.

De manhã, já ao me despertar com uma palavra comovedora sua, só me disse a Virgem Santíssima:

S.V.: “Vá, criatura minha, apressa-te! Cada minuto significa a perdição das almas. Vá, minha menina!”, repetia de novo.

Depois da Santa Comunhão me pediu o mesmo:

S.V.: “Não deixes que se aposses novamente de ti os sentimentos da dúvida, pesados como chumbo, porque isso só põe obstáculos à realização dos meus planos! Em breve conduzirei a Causa a tais pessoas, que em grande medida impulsionarão a minha Santa Causa.”

Com essas suas palavras, com maior peso ainda a dúvida oprimia a minha alma: “Minha Mãe, já tomei tantas iniciativas e procurei satisfazer com todas as minhas forças as tuas petições. Mas tudo não passou de tentativas. Perdoa-me! Não quero fazer nada segundo a minha própria imaginação. Despoja-me, pois, por completo de todo o meu pensamento, para que eu só possa pensar e fazer o que Vocês me pedem. Se posso pedir, afastem de mim tudo aquilo que me faz vítima da minha própria imaginação.”

A Santíssima Virgem se contentou em dizer:

S.V.: “Crê no meu poder maternal!”

Senti, então, que tenho que partir. Tenho que fazer o que a Santíssima Virgem pede. A sua petição ressoa continuamente na minha alma, como um sino que anuncia um presságio sinistro.

22 de outubro de 1963.

Quando regressei da Santa Missa e comecei a fazer as tarefas de casa, o meu santo Anjo da Guarda me pediu que fosse me recolher e que adorasse a Santíssima Trindade. A pedido do meu Anjo da Guarda eu me retirei para a minha pequena habitação, que está no fundo do quintal e é uma pequena casinha. Das graças admiráveis que vivi durante a adoração

da Santíssima Trindade não é possível falar nem tampouco descrever. Isso só pode ser vivido. Aqui toda palavra humana é insuficiente. Ocorreu em ocasiões anteriores que eu pude descrever de alguma maneira, pelo seu esplendor e iluminação, a transfusão de graças emitidas pela Santíssima Trindade em forma de raios. Mas aquelas vivências tornam-se pálidas e obscuras em comparação com o que agora me permitem sentir, viver.

23-24 de outubro de 1963.

Passei esses dois dias submersa na adoração da Santíssima Trindade. Entretanto as dúvidas perturbavam a minha alma ao extremo. Não posso me livrar dos meus tormentos espirituais deprimentes: sou vítima néscia das minhas próprias imaginações. Quem poderia me livrar disso? Isso já não é tentação do maligno, pois já há muito tempo que a Santíssima Virgem cegou Satanás na minha alma. Será que sou eu mesma a origem dessas lutas? E logo agora não tenho oportunidade de ir consultar o meu diretor espiritual! Ele seguramente me daria explicações sobre as dúvidas desordenadas que dominam a minha alma. Senti como se a minha alma estivesse subindo num mastro tão alto que dava vertigem. E não me restava mais que chegar lá encima ou me precipitar no abismo. Mas já não posso suportar mais essa longa luta. No meio dos meus sofrimentos senti que me submergir na Santíssima Trindade é o que mantém a minha alma. E isso não me deixa abandonar para sempre a cansativa luta que, entretanto, não quer cessar na minha alma.

Já anoitecia quando fui até o Senhor Jesus para que ali a minha alma encontrasse descanso. De repente o Espírito de Amor me encheu com um sentimento que me fez estremecer. Tenho que escrever que a sensação do espaço e do tempo deixou de existir em mim. E nesse arrebatamento espiritual o Senhor começou a falar. A sua voz derramou sobre mim uma força extraordinária. As suas palavras chegaram à minha consciência através de uma locução plenamente humana:

J.C.: “Com a recompensa das grandes lutas, minha filhinha, a Santíssima Trindade toma posseção da tua alma num grau cada vez maior. Fiz que chegasse agora até o grau mais alto a tensão de todas as tuas forças humanas. Não te surpreendas pelo que agora vou te dizer nem pela forma como me expressarei. Para que possas compreender o sentido das minhas palavras, tenho que usar expressões que te são familiares: tanto em quantidade como em qualidade tu tens respondido às exigências divinas.”

Essas palavras permitiram que a minha alma sentisse prazeres inimagináveis, enquanto Ele ainda continuava me falando:

J.C.: “De hoje em adiante, como a tua alma ficou purificada da angústia das dúvidas, já te será concedido freqüentemente que possas te elevar ao Pai Celestial e te submergir na contemplação regozijante e admirável da Santíssima Trindade. Agora já serão mais espaçadas as vezes em que Eu te falarei. Por tua freqüente submersão na Santíssima Trindade, a tua alma se elevará cada vez mais a Deus e permanecerá em companhia do Pai Celestial. Essa é a recompensa pelos teus sofrimentos, cujo valor é eterno.

Agora vou te recompensar. Ao invés das tuas dúvidas, terás a dádiva de outro tipo de sofrimento. De hoje em diante terás que suportar uma grande luta ininterrupta contra as exigências do corpo, que tentarão atrair com grande força para a terra os anseios da tua alma que tendem para o alto. Só vencendo e enfrentando continuamente essa luta é que poderás permanecer na possessão do Espírito de Amor. Abonarei todos os sacrifícios das tuas lutas e fadigas em favor dos doze sacerdotes chamados para conhecer e pôr em marcha a Chama de Amor da minha Mãe.”

Nesse momento interveio a Santíssima Virgem. E com o seu amor imenso me disse:

S.V.: “Farei, meu pequeno instrumento, que prevaleça na tua alma a certeza de que as minhas palavras são autênticas. Que a humildade e o sacrifício dominem inseparavelmente a tua alma. Confia já por fim no meu poder maternal, com o qual cegarei Satanás e livrarei o mundo da condenação.”

28 de outubro de 1963.

À noite fui até o Senhor Jesus. No caminho também estava submersa n’Ele, desejosa de aproveitar bem o silêncio que me rodeava. Perguntei ao Senhor Jesus: “Meu adorado Jesus, entre as palavras que tenho escrito, há alguma que procede da minha imaginação? Mostra-a, por favor, porque isso ainda me deixa inquieta.”

Ele então parou ao meu lado e pôs a sua Mão bendita sobre o meu ombro. Mas eu não o vi. Ele só me permitiu sentir a sua Presença e, como se sorrisse, disse:

J.C.: “Não tens nenhum motivo para pensar em tal coisa!”

E depois dessas palavras intensificou ainda mais a sensação da sua Presença.

SEREI SEMPRE O TEU MAIS FIRME APOIO

Primeiro de novembro de 1963.

Durante o meu trabalho o Senhor Jesus começou a falar, enquanto aumentava em mim a íntima devoção que tanto domina a minha alma e da qual tenho que escrever: eu vivo, porém é apenas a vontade do Senhor que me faz viver. O que agora escrevo foi bastante surpreendente para mim.

J.C.: “Minha pequenina querida, verdade que te surpreendes que Eu te chame tão carinhosamente? Assim me agradas, ao te abandonar inteiramente em Mim. Faz isso sempre assim, porque é isso o que te mantém continuamente próxima a Mim. Na tua inutilidade sempre serei Eu o teu mais firme apoio. Essa grande vivência divina que te dei em dias passados compensa a grande tentação que Satanás desencadeou contra ti. Sabes a que me refiro?”

E evocou na minha memória a luta que durou vários dias.

J.C.: “Eu, o Mestre, notei a tua grande luta. E agora, por isso, ponho a tua alma num estado especial da minha graça. Sabes, minha pequenina, já aqui na terra recibes uma antecipação das delícias do céu. Como já disse, essa é a recompensa pelos teus sofrimentos, cujo valor é eterno.”

7 de novembro de 1963.

Nestes dias a Santíssima Virgem continuamente urge e pede:

S.V.: “Já não posso mais conter no meu Coração a minha Chama de Amor. Permitam que ela caia sobre vocês! Façam todos os preparativos para partir! Só o primeiro passo é difícil! Uma vez que este foi dado, minha filhinha, a minha Chama de Amor quebrará as resistências e inundará as almas. E quando não encontrar mais resistência, iluminará

com suave luz as almas. Aqueles que acolherem a minha Chama de Amor serão embriagados pela abundância de graças. E, como eu já disse, anunciarão por todas as partes que tal onda de graças nunca se deu desde que o Verbo se fez Carne.”

19 de novembro de 1963.

A Santíssima Virgem novamente falou:

S.V.: “Depois que cessarem as dúvidas que te atormentam, minha filhinha, leva a minha Santa Causa! Tu não podes descansar. Não estejas cansada nem retraída! Tens que fazer valer o encargo também através da pessoa que te foi designada por acompanhante. Reúnam-se vocês que já sabem algo sobre a minha Santa Causa! Que lentos estão! Não tenham medo, confiem no meu poder!”

21 de novembro de 1963.

A Santíssima Virgem urge novamente:

S.V.: “Agora, uma vez que a minha Chama de Amor prevaleceu definitivamente na tua alma, terás que querer com todas as tuas forças tudo o que te havia encomendado. Concedo a todos a força para atuar. Por meio do efeito de graças da minha Chama de Amor, acenderei a luz nas almas para que a partida de vocês seja valente.”

Aqui me recordou em que ordem e a quem eu deveria me dirigir.

S.V.: “Façam isso! Eu sou quem o urjo!”

27 de novembro de 1963.

Novamente a Santíssima Virgem falou e me perguntou com uma voz inteiramente humana:

S.V.: “Diz-me, minha filhinha, até quando estarão aqui sem dar um passo adiante?”

As suas palavras provocaram imediatamente na minha alma o sentimento da minha miséria e inutilidade. Então ouvi novamente as suas palavras, que soavam tão maravilhosamente como tão só uma vez as havia escutado até hoje. As suas palavras ressoavam majestosas, severas e urgentes.

A INSISTÊNCIA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

S.V.: “O que vocês estão pensando? Quem prestará contas por tantos obstáculos? Se houver alguém assim entre vocês, defendam com todas as suas forças a minha Chama de Amor. Vocês têm que se empenhar em cegar Satanás! Para isso é necessário reunir as forças do mundo inteiro. Não demorem, porque um dia terão que prestar contas do trabalho que lhes foi confiado e da sorte de um mar de almas. Não quero que nem uma só alma se condene! Porque Satanás ficará cego na medida em que vocês trabalharem contra ele.”

Aqui a Santíssima Virgem disse também que não só sobre os sacerdotes recairá a responsabilidade, mas sobre todos aqueles que, por comodidade, não se juntaram nessa grande luta para cegar Satanás.

S.V.: “Ponham já em marcha a efusão de graças da minha Chama de Amor! Para a sua partida concedo uma força admirável para todos e para cada um em particular. A responsabilidade é grande, mas o seu trabalho não será em vão! Do trabalho mancomunado nem uma só alma deve faltar.

A suave luz da minha Chama de Amor se acenderá e colocará fogo em todos os cantos da terra. E Satanás, humilhado e reduzido à impotência, já não poderá exercer mais o seu poder. Só não queiram vocês prolongar as dores desse parto!”

Então a Santíssima Virgem me pediu novamente que não nos descuidássemos de fazer chegar a sua mensagem ao senhor Bispo. Eu a entreguei por carta no dia 28 de novembro de 1963.

28 de novembro de 1963.

Esta carta levei ao Padre X. em dias anteriores. A insistência da Santíssima Virgem era tal que quase não sabia como cumpri-la.

“Meu reverendo Padre:

Peço que não leve a mal esta minha carta. Eu não sou nada nem ninguém, mas apenas um pequeno instrumento nas mãos da Santíssima Virgem. Eu não faço mais que o que Ela me diz. Ela é de grande Poder e é Ela quem urge. Eu sou apenas a sua humilde filha.

Ao senhor também obedecerei com toda a minha vontade e farei tudo o que me disser. Eu também estou em apuros por causa do pedido da Santíssima Virgem que não cessa na minha alma. Ela é quem urge que façamos chegar o seu pedido ao senhor Bispo e diz que a sua Chama de Amor encontrou acolhida nele. Que mais posso fazer, a não ser escrever e levar, ou mandar por meio da irmã, as palavras da Santíssima Virgem como Ela tem sempre me ordenado?

Quando pela segunda vez estive com o senhor Bispo, ele me deu este conselho, que transcrevo literalmente: ‘Trata de encontrar para ti um diretor espiritual estável que, depois de ter te conhecido, de todos os modos chamará a atenção para o teu estado espiritual extraordinário. Ele saberá o que fazer. E se ele vier a mim, eu não me recusarei a recebê-lo.’

O senhor, padre, teria que procurar uma oportunidade para se encontrar com o senhor Bispo. O pedido da Santíssima Virgem é que vocês se reúnam o quanto antes. O que escrevo, faço pela recompensa contínua da Santíssima Virgem.”

E o saudei com humilde respeito.

2 de dezembro de 1963.

Depois da Santa Missa, assim falou a Santíssima Virgem:

S.V.: “Não fiquem parados diante da minha Causa Santa! Através de poucos, os pequenos e os humildes, deve começar essa grande efusão de graças que comoverá o mundo. Nenhum dos que foram chamados deve se desculpar nem recusar o meu convite. Todos vocês são os meus pequenos instrumentos.”

(Essa comunicação também chegou às mãos do padre. Elas sempre vão por correio pessoal em forma de carta, conforme pede em cada caso o Senhor Jesus ou a Santíssima Virgem.)

10 de dezembro de 1963.

A Santíssima Virgem, com palavra curtas porém firmes, disse-me para procurar o Padre E. e lhe pedir que fosse até o meu diretor espiritual. E

não disse mais nada. Depois a Santíssima, mudando a voz, começou a falar com tanta doçura, que novamente só devo escrever que a minha alma foi arrebatada. Sobre o que se passou comigo só posso escrever umas poucas palavras. Nos dias anteriores eu me debati em tormentos espirituais muito violentos. Ela compartilhou comigo a sua dor maternal. Esses sofrimentos em tão grande medida me invadiram, que não me deixavam forças para mais nada.

A conversa com a Santíssima Virgem foi quase ininterrupta. As palavras que Ela disse durante o arrebatamento não sei descrever. O Senhor Jesus fala agora raras vezes, mas Ele já havia anunciado isso previamente. Neste tempo é a Santíssima Virgem que enche com o seu especial amor a minha alma e a atrai ao arrebatamento.

15 de dezembro de 1963.

O Senhor Jesus me instruiu e se queixou novamente:

J.C.: “Com grande fé, esperança e amor, fiz por vocês o maior sacrifício! Acreditei e esperei que tivesse seguidores que correspondessem aos meus sacrifícios feitos com um amor sem limites. Na minha agonia, quando estava suando sangue, a consolação do meu Pai Celestial me deu novas forças para poder esvaziar de todo o cálice dos sofrimentos. Sofri como Homem, recusando qualquer ajuda da Divindade, para que o meu Coração sentisse o mesmo que vocês sentem. Como Homem, provei todo gênero de sofrimentos e percorri o caminho da dor, animado pela esperança posta em vocês. Vi muita infidelidade e, frente a ela, a sua amorosa entrega também. É essa entrega amorosa que me moveu e que me move hoje também à misericórdia e à clemência. Sabes que se encontro apenas um justo, perdôo a muitos. Façam, pois, penitência, para que a minha esperança posta em vocês produza, para vocês, o fruto da salvação!”

Dezembro de 1963.

Numa sexta-feira à tarde, quando já me falhavam as forças por causa da forte mortificação, o Senhor Jesus de repente me surpreendeu. As graças que derramou sobre mim me faziam tremer. Com grande amabilidade disse-me:

J.C.: “Tu, tu! O que não te concederia? Aumento as graças, conforme pediste, na tua alma, que tem engrandecido perante Mim por meio dos teus sofrimentos. Agora nela cabe tudo o que te quero dar. Cada sacrifício será um novo depósito bancário no céu que trarás contigo. E os juro a multidão de almas receberá, depois da tua morte, através de Mim.”

22 de dezembro de 1963.

Estava limpando a capela, enquanto me submergia na sua infinita bondade. Na minha alegria eu Lhe dava as graças por poder estar hoje tão longo tempo na sua companhia. Ele também me mostrou a sua alegria, que é só uma junto com a minha. E entretanto começou a se queixar.

Quando me pus a limpar atrás e debaixo do altar maior, que há anos não era limpo, onde a camada de pó tinha a grossura de um dedo e o meu avental de trabalho que era branco ficou cinza, o Senhor Jesus se dirigiu a mim com uma amarga queixa:

J.C.: “Vês, assim é a pessoa que diante ou debaixo do meu altar se encolhe, mas durante anos não mantém a alma limpa. Ela não olha para dentro e só a força do hábito a mantém próxima a Mim. Ela também chega a Mim com uma camada de pó de um dedo na sua alma.”

Então permiti que eu pudesse dar uma olhada numa alma sacerdotal, que já havia me mostrado em outra ocasião, e pedi que sofresse por ela, porque Ele queria muito que essa alma sacerdotal chegasse à sua companhia. Mas ela está se esquivando muito do trabalho para o qual foi escolhida por Deus. Naquele momento fiquei muito comovida e a minha surpresa de agora tampouco é menor.

Agora continuo escrevendo de onde interrompi:

J.C.: “Tu também nunca havias imaginado que atrás do meu altar havia essa grossa camada de pó cinza. Tu também só limpas a superfície. Agora pelo menos podes ver porque me queixo tanto das almas a Mim consagradas, que se apresentam diante do meu altar, mas com as suas almas cinzas e empoeiradas. Elas vêem só o belo, o exterior, porque não olham para dentro. E assim como tu tornaste cinza o teu avental branco, elas também sujam com os seus exemplos muitas,

muitas almas. E nem sequer se dão conta disso! Não é de se admirar que já não olham o formoso altar do templo de suas almas. Olham por cima dele. Evitam o que é difícil e as suas almas, com o decorrer dos anos, vão se tornando cinza e se cobrindo de pó. E, ai delas, porque o exemplo atrai! Daquela que sabe pouco se exigirá pouco. Porém elas sabem muito. Mas só sabem, não sentem Comigo. Já não lhes importa, como já disse outra vez, que a Mim me deixam cair umas migalhas. Obviamente que por migalhas eu também só dou migalhas. Elas somente me dão de sua vida o que já não necessitam mais. E ainda se imaginam que pelas migalhas que me jogaram são dignas de receber algo. Eu amo muitíssimo os pequenos sacrifícios, as migalhas pequeninas, de tal maneira que não esteja altivo aquele de quem as recebo. A alma humilde me agrada. E ainda que o sacrifício que me oferece seja tão insignificante, receberá grande recompensa por ele. Mas exijo o esforço. Regresso sobre o pó, minha filhinha, de onde partiu a minha reflexão. O mundo é um altar coberto por uma camada de pó como essa. Eu sou a vítima sobre ele. Levantem também os seus olhares para Mim. Vejam o meu esplendor e se deleitem com a sua formosura. Desfrutem da minha bondade. Mas que por trás disso há um mar de sofrimentos, nisso já não pensam. Somente desfrutam do bem com o qual são brindados, mas nem sequer lhes passa pela cabeça que deveriam corresponder a ele. Vês, esse é o sofrimento da minha alma. Que o pensamento das nossas mentes seja único! Oh, quanto tenho me queixado! Mas, não te canses das minhas queixas! A dor compartilhada é meia dor. Mas Eu compartilho contigo a alegria também. Que até o compartilhar da minha dor seja uma alegria para ti, pois ao fazê-lo Eu te distingo com a minha confiança divina. Diz-me, minha irmãzinha, consegues compreender isso? Ou não? Talvez não te ocorra nada. Somente desejo que o teu coração bata em unísono Comigo! A mente não consegue compreender tanto quanto o coração compassivo, que ilumina sem cessar o resplendor do sacrifício. Aquele que fica empoeirado tem a luz opaca e não vê a dor do meu Coração. Supliquemos nós dois ao Pai Celestial por essas almas empoeiradas.”

1963

EU TE GUIO

Não sei quando o Senhor Jesus me disse isto, pois só encontrei um fragmento:

J.C.: “Eu te guio. Isso não significa que as palavras do teu guia espiritual não venham de Mim. Ao contrário, elas vêm e Eu enfatizo: com a maior humildade aceita todas as suas indicações e faz apenas o que ele te disser. As suas palavras brotam da minha alma. Que todas as almas compreendam e sigam isso.”

A GRAÇA QUE OFERECE A SANTÍSSIMA VIRGEM

*Um novo instrumento gostaria de pôr nas suas mãos:
É a Chama de Amor do meu Coração.
Com essa Chama cheia de graças, que do meu Coração lhes dou,
acendam todos os corações, passando-a de coração em coração.
Seu fulgor cegará Satanás.
A minha Chama de Amor é tão grande
que não posso retê-la por mais tempo dentro de mim:
com força explosiva ela salta para vocês.*

MISSÃO SUBLIME: PROPAGAR A CHAMA DE AMOR

Que entregar a minha Chama de Amor seja a meta principal de suas vidas.

AJUDA-ME A ESTENDER ESSA DEVOÇÃO

“Minha Mãe Santíssima, pelo amor que concedeu o Espírito Santo, livrai-me do pecado e fazei que eu viva e morra santamente na Vossa companhia.”

“Glória...”

Suplicar constantemente à Santíssima Virgem com esta oração: “Mãe nossa, derramai o efeito de graça da Vossa Chama de Amor sobre toda a

humanidade! Amém.”

S.V.: “Cada vez que se orar pedindo a Chama de Amor para toda a humanidade, Satanás ficará cego e perderá o domínio sobre as almas: ‘Ajuda-me a salvar almas.’ A minha Chama de Amor cegará Satanás na mesma medida em que vocês a propagarem no mundo inteiro.”

1964

TORRENTE DE GRAÇAS PELA ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO

Primeiro domingo de janeiro de 1964.

Estive no hospital. Fui visitar um dos meus filhos. Ao voltar para casa, devido ao intenso frio eu quase não podia caminhar. Durante o caminho estava pensando que às cinco da tarde começaria a adoração do Santíssimo e que eu também queria estar presente na adoração comunitária. Venci dentro de mim o frio glacial, que deixava quase insensíveis os meus pés, e me apressei em ir até o Senhor Jesus. No caminho, Ele, com palavras silenciosas e agradecidas, começou a falar assim comigo:

J.C.: “Quanto me alegre de que venhas me fazer companhia! Tu te empenhas tanto em me dar gosto! Isso significa uma nova e abundante torrente de graças para ti.”

Durante a adoração, o Santíssimo me pediu que Lhe oferecesse reparação pelas ofensas cometidas por aquelas tantas pessoas que não se importam com as suas inspirações. Oh, em seguida me vieram à mente os meus pecados. Eu também estava entre aqueles que muito O haviam ofendido. Pode alguém pensar nisso sem derramar lágrimas? “Senhor, perdoa-me pelos meus pecados!” E mais uma vez a misericórdia que o Senhor deu brotar na minha alma despertou em mim o arrependimento pelos meus pecados. “Quero me arrepender dos meus pecados como até agora ninguém jamais se arrependeu dos seus. E também quero amá-Lo como nenhum pecador convertido até agora O amou.”

Enquanto eu me arrependia dos meus pecados, Ele continuava:

J.C.: “Sabes, minha filhinha, o grande pecado do mundo é não atender às minhas inspirações. Por isso o mundo anda em trevas. E também pela tibieza das almas a Mim consagradas. Elas poderiam me ajudar, mas nem sequer se dão conta de quão perigosa é essa indolência. Peço-te, por favor, que comuniqués ao teu diretor espiritual o desejo do meu Coração. Que ele e todos aqueles que se ocupam de guiar as almas sigam com maior fidelidade as minhas inspirações e induzam todas as almas que lhes foram confiadas a compreenderem a importância disso, porque sem isso é impossível viver a vida espiritual. Por maior que seja o empenho deles, se eles se descuidarem das minhas santas inspirações, as suas almas murcharão, bem como as almas que lhes foram confiadas.

13 de janeiro de 1964.

Durante a minha meditação, o Senhor Jesus novamente me fez ouvir a sua voz:

J.C.: “Tem cuidado, minha Elizabeth, pois a tua alma será cenário de prolongados e grandes combates. O maligno quer arrancar a principal riqueza da tua alma: quer quebrantar a tua humildade. E ele sabe e vê que esse é o único valor que deve golpear. Só através disso ele poderá quebrar a constância da tua alma. Ele irromperá sobre ti com terrível força e irá lançar mão de todos os artifícios do seu ódio contra ti. Perturbará os teus pensamentos e fará inseguras todas as tuas ações. Por meio das suas palavras vai te sugerir todo tipo de torpeza e vai te inundar com terríveis tormentos. Ele tentará te enganar, para que abandones o teu humilde empenho.”

Algumas horas depois de ter-me dito isso, começaram realmente as moléstias do maligno. Se o Senhor Jesus não me tivesse avisado de antemão, não sei como teria conseguido me orientar entre os pensamentos confusos da minha mente. Não consigo expulsar o maligno dos meus pensamentos. Com toda a força do seu ódio ele caiu sobre mim. A minha alma enfraquece na sua miséria, incapaz de agir, e só o que me detém de fazer algo incorreto é que o Senhor me havia avisado com antecipação.

15 de janeiro de 1964.

O Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Sabes, minha filhinha carmelita, é grande o número de leitores. Frequentemente muitos estão lendo sobre a minha Santa Doutrina, mas não conseguem nada com isso. A luz elétrica, a luz solar só iluminam as letras. O seu sentido só o compreendem de verdade aqueles que vêm a Mim. Com a minha claridade divina Eu comunico à alma que se prostra diante de Mim a inteligência da minha Divindade. Só então a sua mente começa a compreender qual é o meu eterno anseio: a salvação das almas. Queiram vocês tomar parte na minha Obra Salvadora! Que isso seja o fim supremo de suas vidas, o mais valioso que poderão trazer diante de Mim. Agarrem cada oportunidade e cada maneira para salvarem as almas!

Esforcem-se por elas! Sabe o que leste uma vez? ‘Se cada cristão salvasse uma só alma, ninguém se condenaria.’”

Quando o Senhor Jesus concluiu as suas palavras, a Santíssima Virgem, com palavras doloridas, dirigiu-se a mim:

S.V.: “Minha filhinha! Não quero que nem uma só alma se condene. Queiram isso vocês também junto Comigo! Para isso ponho nas tuas mãos um raio de luz, que é a Chama de Amor do meu Coração.”

E enquanto pronunciava essas palavras, fazia-me sentir com maior vivacidade a dor do seu Coração.

EU SOU O GRANDE DOADOR DE SANGUE

16 de janeiro de 1964.

Durante a Santa Missa e também depois da comunhão, o Senhor Jesus falou da força do seu Sangue precioso:

J.C.: “Eu sou o grande Doador de Sangue. Pelo meu Sangue Divino podem vocês ser divinos. Podem compreender isso? É verdade que é difícil! Eu sou o único Doador de Sangue do mundo! Penetra no meu amor poderoso! Medita nele agora à luz da minha santa claridade. Tu sentes esse precioso Sangue? O meu precioso Sangue aquece e põe em movimento a energia gelada, paralisada de suas almas. Eu a verto, e a verteria em todos os homens do mundo inteiro, de tal maneira que se submeteriam ao santo tratamento da minha Mão divina. Permitam que atue em suas almas! Por que querem permanecer homens de alma vulgar? Sejam divinos para que Eu encontre a minha alegria em vocês, em viver com vocês! A minha mesa está sempre posta. Eu, o anfitrião, já sacrifiquei tudo. Dou a Mim mesmo. Olhem dentro de suas almas depois de terem recebido o meu precioso Sangue. E percebam a efervescência que a força do meu precioso Sangue provoca em vocês. Não sejam tão insensíveis! Que não seja a rotina o que os traz à minha sagrada mesa, mas o fervor da caridade sacrificada, que se acende aqui ao contato do meu amor, e que através de Mim queimará o pecado de suas almas sempre que estiverem unidos Comigo. Oh, como anseio essa grande decisão e esse amor voluntário de vocês! Quando, afinal, virão até Mim?”

Essas vivências divinas mantêm a minha alma de tal maneira, que nessas ocasiões a força perturbadora do maligno não pode se fazer valer, sendo aniquilada por completo na minha alma.

QUE CADA LAR SEJA UM SANTUÁRIO

17 de janeiro de 1964.

Hoje o Senhor Jesus começou a falar do lar de Nazaré, que era o ninho querido e cálido da Família:

J.C.: “Sabes, aqui preparei Eu também a minha alma para o grande sacrifício, para os sofrimentos que suportei por vocês. Tu também tiveste que amadurecer no sagrado seio da família. Como eras órfã, o lar que tu formaste pelo matrimônio era o lugar onde tinhas que preparar a tua alma para a tua grande vocação, que só pôde amadurecer no santuário familiar. Eu sei, conheço as tuas qualidades. E por isso a minha Divina Providência premeditadamente ordenou tudo para te fazer apta para tudo aquilo que através de ti quero comunicar ao mundo. É do santuário familiar que vocês têm que partir para a vida, para as lutas difíceis da vida. É para o calor solidário do lar que as almas voltam para se aquecer depois dos grandes extravios. É aqui que voltam a se encontrar consigo mesmas, regressando novamente para Deus. É necessário que vocês, mães, expandam o calor compreensivo de seus corações mesmo quando os filhos já formaram os seus próprios lares. Grande é a responsabilidade que recai sobre vocês. Não creiam que quando o filho já se tornou adulto, ele não precisa mais dos pais. A minha Mãe também me acompanhou por todas as partes com o seu amor, com os seus sacrifícios e orações. Isso vocês têm que fazer também. E Eu abençoarei os seus empenhos. A minha Mãe querida me obriga a isso. Foi pela sua poderosa intercessão que obtive de Mim essa grande efusão de graças para as famílias. E agora quer com ela inundar a terra. Como Ela disse: ‘Nada comparável a isso aconteceu desde que o Verbo se encarnou.’ Ela põe na raiz do mal a força curativa da sua bondade maternal. Não quis fazer um milagre público que suscita muita admiração, como ocorre nos grandes santuários, e que tem fama mundial. Ela quer que cada família seja um santuário, um lugar maravilhoso, onde, em união com vocês, faz os seus milagres no fundo dos corações. Passando de coração em coração, Ela põe nas suas mãos a Chama de Amor do seu Coração, que por meio das orações de vocês, acompanhadas de sacrifício, cegará Satanás, que quer reinar nas famílias.”

A Santíssima Virgem também acrescentou umas palavras:

S.V.: *“Através de ti quero fazer pública, minha filhinha carmelita, a angústia que brota do amor sem limites do meu Coração maternal pelo*

perigo que ameaça o mundo inteiro pela desintegração dos santuários familiares. Dirijo a todos vocês o meu grito de socorro maternal. Em união com vocês quero salvar o mundo. A ti, sendo a primeira, permito que sintas, minha filhinha, esse esforço imenso que começo a exercer para cegar Satanás. Compartilho contigo até o dia da tua morte a angústia do meu Coração. É o teu coração compassivo que te faz merecedora de transmitir a minha Chama de Amor. E todos os que sentirem Comigo terão também o direito a receber essa grande graça com que salvaremos as almas da eterna condenação.”

18 de janeiro de 1964.

Estive com a irmã que me havia sido designada. Ela estava escutando no rádio um de seus concertos favoritos. Mas como lhe apareceu uma ocupação, ela me entregou o fone de ouvido, dizendo que eu podia escutar enquanto isso. Logo fiquei absorta na beleza da música. Apenas se passaram uns minutos e, através da beleza dos sons musicais, o Senhor se dirigiu a mim com palavras finas como um hálito:

J.C.: “Não pensas que nessas ocasiões Eu não estou zeloso de ti? O que te disse? Que nem um fio de cabelo se interponha entre nós dois!”

As suas palavras ressoavam na minha alma, dominando a beleza da música. Ele continuava me pedindo:

J.C.: “Ouve as minhas palavras divinas através da arte e da beleza musical do mundo também! E renuncia a ti mesma e ao teu próprio entretenimento. Pensa naquilo que Eu estou obrando contigo, minha pequena irmãzinha, e não deixes entrar na tua alma nenhuma diversão passageira. Cuida de não dispersar o recolhimento da tua alma pelas produções desses pequenos artistas terrenos. Para ti só uma coisa é necessária: a participação ininterrupta na minha Obra Salvadora. Encontra nisso a tua diversão! E não digas que Eu sou muito severo. Já não te pedi muitas vezes que renunciasses a ti mesma? Isso tens que fazer a cada momento. Não podes prescindir disso nem sequer por um breve instante. Eu sou o caminho, a vida para ti. Tudo é passageiro. Só resta o trabalho que a tua alma faz pelo bem das outras almas.”

PASSOS SOBRE A NEVE

19 de janeiro de 1964, domingo.

Hoje assisti apenas a uma Santa Missa. As antigas frieiras começaram a molestar os meus pés e isso me impediu de assistir à Santa Missa vespertina. Tampouco pude fazer a adoração vespertina. Pensei que hoje iria descansar. No meu quartinho bem quente passei toda a tarde e a noite com pequenas ocupações. Numa ocasião saí ao jardim e, então, ouvi uns passos perto de mim, sobre a neve. Olhei ao redor. “Será algum animalzinho faminto procurando alimento?” E dei alguns passos. Então a Presença do Senhor inundou a minha alma. Ao sentir isso eu estremei, porque com a sua Presença Ele me permitiu sentir também que estava parado junto a mim. Eu tremia em todo o corpo sob o efeito das graças que emanavam d’Ele. A minha força corporal ficou tão fraca que quase desmaiei. Tremendo, só pude dar uns passos. Já me ocorreu muitas vezes que Ele me surpreendesse com a sua Presença. Mas a de agora superou as anteriores. O tremor do meu corpo era tal como nunca ocorrera até agora. Não vi e nem sei como, mas percebi o toque da sua roupa que, como uma brisa extraordinária de graças, encheu a minha alma com a sensação da Presença de Deus. Tudo isso ocorreu no jardim coberto de neve. Somente quando voltei para a minha pequena casa, pude me dar conta de quanto tempo isso durou. Depois o Senhor Jesus se pôs amavelmente a conversar:

J.C.: “Sabes, Eu me encontrava tão sozinho e, como não vinhas, Eu vim a ti. É uma alegria para Mim estar contigo. Agradeço agora as muitas vezes em que pensas em Mim. Oh, se soubesses como me agradas quando meditas com tanta devoção sobre o meu precioso Sangue e quando me reparas e me adoras! Estimo que é justo que Eu também te honre dessa maneira especial por isso. E a solidão? Oh, essa solidão e frialdade que me rodeia continuamente! Por isso agora permaneço junto a ti. Não quero perturbar o teu descanso. Apenas ficar aqui contigo no silêncio. Que os nossos corações batam em uníssono! Continua fazendo aquilo em que te ocupavas até agora. Eu ficarei ainda muito tempo contigo. Pois o que faria sozinho? Ninguém vem me adorar ou me reparar, nem para pedir ou para dizer obrigado. Sei que tu não faltas nunca sem motivo e não tens falta injustificada.

Oh, minha Elizabeth, Eu te agracio com a minha Divindade. Apesta-me junto ao teu coração, já que sinto com sentimentos humanos também. O santo estremeimento que sentiste antes, quis te dar como recompensa em sinal da minha gratidão para ti.”

20 de janeiro de 1964.

J.C.: “Escreve o que digo: o eflúvio divino com que te honrei ontem, todas as pessoas que o ler, sem exceção e em qualquer lugar em que estiverem, também irão participar da efusão das minhas graças que, pelos teus méritos unidos aos meus, derramarei sobre as suas almas como antecipação pelas gotas de azeite vertidas pelos teus sofrimentos.”

28 de janeiro de 1964.

Hoje escrevo isso, ainda que não tenha ocorrido hoje, mas uns dias atrás. Custou-me muito começar a escrever, porque não compreendo bem o que Ele disse:

J.C.: “Não fiques refletindo! De que serviria? De nenhuma forma poderias compreender o longo caminho que tiveste que percorrer até que a tua alma se elevasse a essas alturas. Não só tu, mas nem sequer todos os astrônomos da terra poderiam calcular o caminho que tens percorrido em tão curto tempo, que até mesmo os santos e os anjos do céu estão admirando. Sentes de verdade com que simplicidade Eu o solucionei? Eu te arrebatei com o meu amor para que, como já disse, voes direto como uma flecha para Mim. Repito: direto como uma flecha! Esse é o caminho do amor que não anda serpenteando nem ponderando. E porque aceitaste esse amor, que Eu te ofereci e o atraíste a ti com todas as tuas forças, é que agora estás aqui Comigo. Não debes ficar maravilhada, nem por um momento, pelo que faço contigo em resposta ao teu amor. Eu tampouco posso resistir, porque o sacrifício oferecido pelo meu amor encontrou compreensão em ti. É por isso que as minhas graças atuam sem estorvo na tua alma. E se aconteceu que foste arrebatada a Mim, isso não deve te fazer ficar refletindo. Toma tal como te dou. Não debes pensar sobre isso! De todos os modos me agrada muito quando te submetes à tua miséria. Mas tampouco podes atribuir isso a ti mesma, porque isso também é fruto das graças extraordinárias que Eu te ofereci. E assim como não podes compreender com a tua inteligência essa ruptura com a terra que se produz no arrebatamento, da mesma maneira não poderás dar conta nem explicação da abundância de graças recebidas, que deixará muitos atônitos. Porque Eu tomei a tua alma nas minhas Mãos. Tu és obra exclusiva das minhas Mãos. E como fui Eu quem preparou a tua

alma, todos os elogios correspondem a Mim. Mais ainda, por isso não te dei um diretor espiritual. Porque Eu quis te educar pessoalmente para o teu grande destino. E se Eu permiti que tropeçasses muitas vezes, foi para preparar assim a tua alma para aquela grande humildade, sem a qual Eu não poderia contar contigo. Hoje também Eu te guio. Isso naturalmente não significa que as palavras do teu confessor não venham de Mim. Ao contrário. E digo com ênfase: aceita todos as suas indicações e faz só o que ele disser. A palavra dele é a minha palavra. Ele toma tudo o que diz da minha inspiração. Que bom seria se toda alma compreendesse isso e seguisse com humilde obediência!”

29 de janeiro de 1964.

Alguns dias antes, a irmã designada para me acompanhar me pediu que perguntasse à Santíssima Virgem se uma irmã que estava gravemente enferma iria morrer. A eventual morte dela implicaria na tramitação de vários assuntos difíceis. Eu disse à irmã que não costumava perguntar à Santíssima Virgem assuntos dessa natureza. A Santíssima Virgem deixou sem resposta a minha pergunta, que fiz contra a minha vontade a pedido da irmã. Então, depois de uns dias, quando já nem pensava mais nisso, o Senhor Jesus, de repente, quase me surpreendendo, disse:

J.C.: “Por que a irmã designada a te acompanhar quer averiguar algum assunto que não compete a ti? É coisa minha quem e quando Eu chamo. De qualquer forma Eu disponho tudo para o bem de vocês. Reconheçam a minha Providência Divina, que trabalha vigorosa e rapidamente, sem interrupção alguma, para o bem de toda a humanidade. Em se tratando dos meus, essa Providência é mais intensa ainda. E a faço valer freqüentemente em manifestações muito delicadas do meu amor. Mas não para satisfazer a curiosidade nem para trazer tranqüilidade para as preocupações imediatas de vocês. De qualquer forma a minha Providência é sempre inescrutável para vocês. Confie! Tragam a Mim tudo o que é difícil e obscuro e Eu, todos os dias, aliviarei e iluminarei novamente aquilo para vocês.”

8 de fevereiro de 1964, primeiro sábado.

J.C.: “Olha ao redor e vê: quem trabalha Comigo?”

É interessante o que o Senhor me ensinou durante o meu trabalho. Ele me mostrou uma superfície muito estranha, em movimento de rotação. Em qualquer lado que olhava, não via mais que isso. Vi inumeráveis almas, em regiões impossíveis de abarcar com a vista, que sofriam no corpo e na alma. O Senhor Jesus me chamou a atenção:

J.C.: “Vês, mostro isso para que vejas como é grande é a messe. Tu, querida, tu, minha grande colaboradora, que as nossas mãos trabalham juntas! Segue trabalhando no futuro pela salvação das almas! Essa visão que mostrei diante dos teus olhos te faz ver quem trabalha comigo. Estás vendo o muito que há para colher e como é escassa a mão de obra? Por isso tens que pôr todas as tuas forças ao trabalho. Sentes agora na tua alma uma dor mais aguda? Aceita-a de bom coração! Essa dor desenterrará da tua alma por algum tempo as moléstias do maligno que, como posso ver, haviam te esgotado muito. Trabalha Comigo, minha Elizabeth! Tenho poucos obreiros e em vão ofereço grande recompensa. Pois não há muitos que se oferecem. Sê tu também a minha melhor trabalhadora: ultrapassa o normal!”

12 de fevereiro de 1964.

Ontem estive no templo de peregrinação de Maria Remete. A formosura da igreja novamente pintada me comoveu muito. No dia seguinte Ele também conversou sobre isso comigo:

J.C.: “Ficaste contente ao ver a minha casa? Comoveu a tua alma a sua singela formosura e como se pode vê-la com uma só olhada? Que a tua alma também seja muito singela, onde não haja nada nem ninguém, mas somente Eu.”

13 de fevereiro de 1964.

Isso ocorreu na semana passada, mas me custa tanto escrever! Apesar de que no ano passado eu já havia me proposto que este ano eu seria mais aplicada e não deixaria de escrever as palavras do Senhor Jesus. Mas há momentos em que penso que o Senhor Jesus disse essas coisas só para mim. E para os outros Ele certamente diria outras coisas. Mas Ele insistiu para que eu escrevesse as suas palavras, porque Ele, através de mim,

reparte graças aos outros também. E que fosse eu a sua colaboradora nisso também. Confesso que me falta não só facilidade para escrever, por ter tido pouca escolaridade, mas também o conhecimento da ortografia. Por causa disso são contínuos os meus complexos de pôr tudo por escrito. Armazeno muitas coisas na minha memória e as guardo para mim. Mas a partir deste ano vou me esforçar ao máximo para escrever tudo.

Na quinta-feira da semana passada aconteceu essa curta conversa. Nos dias anteriores, eu sofria com dores de ouvido e garganta, acompanhadas de febre. Não pude comer nenhum alimento sólido. Justamente na quinta-feira era dia de jejum rigoroso (só pão e água). O Senhor Jesus, vendo os meus penosos esforços, dirigiu-me as suas doces palavras:

J.C.: “Bom, por termos nos esgotado muito, comamos nós dois alguma coisa quente.”

Preparei uma sopa e me senti melhor depois de tê-la tomado quente. Enquanto comia, Ele me elogiava amavelmente com poucas palavras, mas com muito sentimento.

J.C.: “Bem, agora nós dois recobramos novas forças. Porque também estou sofrendo contigo. Poderias imaginar que te deixaria só? Não, jamais o faria! O nosso interior sempre sente o mesmo.”

14 de fevereiro de 1964.

J.C.: “Dilato a tua alma pelo fogo do meu amor divino para que possa caber nela ainda maior abundância de graças. É o calor que dilata o ferro. E quanto mais ele se torna incandescente no fogo, mais facilmente se pode modelá-lo e expandi-lo. Tu entendes, já que trabalhaste nesse ramo também. Por isso digo: quanto mais perto estás do amor ardente da minha Divindade, mais facilmente Eu modelo e dilato a tua alma conforme o meu divino beneplácito.”

15 de fevereiro de 1964.

Depois da Santa Missa, quando eu cheguei em casa, o Senhor se dirigiu a mim com palavras inesperadas:

J.C.: “Derramo sobre ti, minha pequena irmãzinha, o meu amor

tal qual fogo ardente. E por ele te faço merecedora de graças ainda maiores. Essas coisas não são novas para ti. Mas de qualquer forma recordar as palavras inclinará a tua alma a se entregar e a aceitar novamente o meu pedido. Tens que sofrer até o martírio. Aceita essas minhas palavras como prova! Eis a prova definitiva e irrevogável do amor divino.”

Essas palavras muito sérias me induziram a ficar profundamente pensativa. No mesmo dia o maligno, com um atrevimento irritante, irrompeu-se no silêncio recolhido da minha alma e me atacou com violência infernal, que sacudia a minha alma: “Além de eu não negar a causa a ti confiada, eu reconheço que ela é verdadeira, porque eu também estou obrigado a ela. Contudo posso te assegurar que tu jamais poderás sofrer tanto que possa te fazer progredir. Primeiro porque estás sepultada na tua falsa humildade, e por isso não dás nem um só passo. E ainda que o desses, não seria mais que repetir os teus fracassos. O teu confessor também sente antipatia pela tua pessoa. Portanto não esperes conseguir nada por meio dele. Tu tens que andar sem ele. Crês que pela tua vida austera vais progredir? Estás equivocada! Se sinais externos chamativos acompanhassem os teus esforços humanos, isso seria outra coisa. Mas mesmo assim ninguém vai acreditar em ti. Por mais verdadeiro que seja a Causa pela qual tens que sacrificar a tua vida, ela jamais se fará valer por meio de ti!”

Esse ataque esgotador de alma e corpo durou horas inteiras. E mantinha a minha mente num tormento obscuro. Isso ocorre freqüentemente, só que raras vezes escrevo. Nesse dia conversei com uma companheira sobre uma pessoa conhecida por ambas. Ela observou durante a conversa: “Ela não é muito virtuosa.” Mas não disse com má intenção. Contudo me doeu, porque a pessoa a quem se referiu é uma pessoa a quem eu estimo há muitos anos. E para que não pequemos contra o amor ao próximo, pensei imediatamente no meu amado Jesus. Quis dizer à minha companheira, em quem eu estava pensando, quem era a pessoa que não era virtuosa para mim. Mas não tive tempo para isso. Ainda a caminho de casa, eu estava entregue na adoração do Senhor.

O Senhor Jesus respondeu aos meus pensamentos.

J.C.: “Como me agrada quando o teu coração sente Comigo e se estremece por cada pequenez! É a contínua docilidade das minhas inspirações que com a sua luz inunda tão rapidamente a tua alma.

‘Eu Sou a Luz de Cristo!’ Levantem o seu olhar para Mim. Eu sou a majestade e grandeza do sacrifício, a inesgotável profundidade da

misericórdia, a abundância de exemplo, o Deus da paciência invencível, a bondade incomensurável que de Mim flui para vocês numa forte torrente. Sim, quem poderia dizer tudo isso de si mesmo? Só Eu, a 'Luz de Cristo', que sou da mesma natureza que o Pai. Fiz tudo a fim de ser para vocês a 'Luz do mundo', que vocês têm que seguir. Eu, o doador de força para a debilidade humana, convenci o mundo mostrando, com a minha natureza também humana, o caminho que não de seguir."

NÃO TE APARTES DO CAMINHO DA FÉ

17 de fevereiro de 1964.

Durante o dia disse o Senhor Jesus:

J.C.: "Que o pensamento das nossas mentes seja uno! Ama essa oração que te ensino. Porque acolhendo as palavras dessa oração, a tua alma encontrará na mesma hora, em todas as circunstâncias, a força necessária de que precisa. Crê, minha filhinha, que nada te fará desistir do teu propósito! A fé e a confiança postas em Mim vão te salvar. Não somente o teu esforço, porque sem a fé e confiança postas em Mim, tu és realmente muito débil. Mas exatamente por isso te escolhi para ser instrumento das nossas mensagens celestiais. Para que o mundo veja como prevalece a Vontade divina, que só quer se manifestar através dos débeis. Eu não altero a ordem da natureza nem a suspendo ao redor de ti. Eu atuo segundo a minha divina Sabedoria e conforme a necessidade da Causa. A tentação do maligno, que perturba a tua alma e a tua mente, não deve te apartar do caminho da fé e da confiança postas em Mim. Por mais débil que te sintas, isso não é impedimento. Porque não é na manifestação da tua debilidade nem do teu constante esforço que faz a nossa Causa atingir a sua meta. A tua humildade é o único instrumento nas tuas mãos que ajuda a fazer valer a Causa."

20 de fevereiro de 1964.

Ainda é a gripe desafortunada que me tortura. Agora atacou as cavidades dos meus olhos e do meu rosto. Então, à noite, só pude passar meia

hora com o Senhor Jesus. Senti que a febre me dominou novamente. Pela manhã já me sentia melhor e o meu coração batia forte quando me prostrei diante d'Ele. Quis dizer muitas coisas, mas Ele falou primeiro:

J.C.: “Sê bem vinda, minha filhinha! Eu te saúdo!”

E permitiu que sentisse a batida do seu Coração, bem conhecida por mim. O silêncio que encheu a minha alma foi interrompido pelo Senhor Jesus:

J.C.: “Sê indulgente! Novamente me dirijo com as minhas queixas diante de ti. Agora que os nossos corações batem unidos, que o pensamento das nossas mentes se funda também em um só pensamento. Hoje e amanhã terei dias bons.

[Era o dia anterior à primeira sexta-feira.]

Eu espero tanto por esses dias! São dias especiais em que me oferecem reparação. Neles a graça se derrama como orvalho refrescante, que desce reluzente sobre as almas secas e obscuras. Tu só deves querer. O resto, confia a Mim! Não é o resultado alcançado o que faz alguém santo, o que salva, o que mantém junto ao meu lado. Mas o querer ininterrupto da vontade. Isso faz a alma também festiva. Mas volto a dizer, terei um dia bom porque já prevejo o teu querer. Sou tão sem pretensões, que facilmente se pode me comprazer! Mas se não consegues, não importa. Apenas tenta querer uma vez e outra. É isso o que põe em fuga a minha pena. Sei que não te incomodas com as minhas palavras queixosas, já que o nosso interior sente o mesmo. Faz tu também como faço Eu. Assegura-me do teu constante amor, que o ardente fogo da contínua aceitação de sacrifícios mantém incandescente. Não me importa o quanto podes dar um dia, só que não faças pausa, porque isso me causaria muita dor. É por isso que tantas vezes estou triste. Porque continuamente me fazem sentir que a carga que pus sobre vocês é pesada. Tu, a alegria do meu Coração, não te canses das minhas queixas ininterruptas. E isso já é alívio para Mim. Consola-me no lugar dos outros também!”

22 de fevereiro de 1964.

O Senhor Jesus falou:

J.C.: “Ontem à noite Eu quis conversar contigo, mas vi que pelo teu cansaço dormiste cedo. O momento agora é mais propício. Tu

sabes o que fiz por ti, pois muitas vezes te submerges na contemplação da minha Sagrada Paixão. Oh, que feliz me sinto quando vejo que não sofri em vão por ti, por vocês! Isso verdadeiramente me alegra. As almas de vocês, que vivem na lama da terra, não podem se livrar por si mesmas. Eu as tiro da lama do pecado e então as lavo com o meu Sangue precioso. Prostrem-se ao pé da minha Santa Cruz e deixem que caia sobre vocês esse bendito Sangue precioso. As minhas gotas de Sangue são uma promissória nas suas mãos. Depende de vocês que a cobrem. Essa promissória não vencerá até o final dos tempos. A alma que vive em graça com Deus pode cobrá-la em qualquer lugar, a qualquer momento, até o dia da sua morte, ainda que ignore quando isso ocorra. Por isso cada um deve se empenhar em fazer uso da sua promissória, o preço do resgate do meu precioso Sangue, o mais freqüentemente possível. Não deve deixar para o entardecer da sua vida, porque assim só poderá utilizar o valor recebido por pouco tempo. Aproveitem-na enquanto estão ainda no pleno vigor de suas vidas. Na plenitude da minha vida Eu também me imolei por vocês. Essa é a resposta que com maior agrado aceito de vocês. Quantas vezes ouço que se eleva de suas almas este suspiro: 'Oh, meu Salvador!' Mas, lamentavelmente, isso não é mais que puro costume. Oh, como dói em meu Coração esse suspiro sem sentimento, que brota unicamente de uma indiferença indolente! Não me amem assim!"

23 de fevereiro de 1964.

O que vou escrever agora é algo especial. Uma vez, no santuário de Maria Remete, guiada pela Santíssima Virgem, tive que entregar a sua Chama de Amor a um sacerdote inteiramente desconhecido para mim. Então a Santíssima Virgem me pediu que anotasse os nomes de todas as pessoas que já tinham algum conhecimento da sua Chama de Amor. Averigüei, na sacristia, o nome e o endereço daquele sacerdote desconhecido. Ao sair da sacristia, logo me veio o sentimento de que o endereço recebido não correspondia à pessoa por quem eu perguntei. Mas não me importei com esse aviso interior. Guardei o endereço e, conforme me pediu a Santíssima Virgem, coloquei-o na lista dos já anotados. Entretanto cresceu um sentimento de inquietude que não me deixava. Agora que estive outra vez no santuário, a Santíssima Virgem me deu uma moção terminante:

S.V.: "Vá e averigua imediatamente o nome e o endereço corretos!"

TUDO SE REDUZ A ISSO: CEGAR SATANÁS

Não pude esperar mais e fui ao corredor dos confessionários. Uma pessoa conhecida me avisou que o padre havia deixado o local. Isso se passou numa hora em ninguém costumava se confessar. Mas para grande surpresa minha, vi que ele regressava. Fiquei mais tranqüila. Ficou patente que o pedido era da Santíssima Virgem. Ao entrar, eu disse ao padre que não vinha para me confessar. Então evoquei aquelas coisas extraordinárias que há mais de um ano lhe entreguei por escrito para que lesse. O padre as recordou imediatamente e me respondeu: “Sim, eu sei. Nelas trata-se de como cegar Satanás.” E disse para que eu rezasse fervorosamente. Isso me surpreendeu, porque esse sacerdote ficou com o essencial. Em verdade, tudo se reduz a isso: cegar Satanás! Esse é o principal e único fim da Chama de Amor da Santíssima Virgem, da qual Ela disse que uma efusão de graças tão grande como essa, ainda não havia se derramado sobre a terra desde que o Verbo se encarnou. Perguntei ao padre qual era o seu nome e endereço (Hospital X.) e se o endereço que havia me entregue na sacristia era de algum templo. Agora já compreendi o porquê da moção decidida da Santíssima Virgem. No final pedi ao padre que me abençoasse. E a sensação inquietante definitivamente me deixou.

24 de fevereiro de 1964.

Eram sete e meia da noite, quando passei diante do templo do Distrito de Cristina. Como já era tarde, não tive a intenção de entrar. O Senhor Jesus inesperadamente disse:

J.C.: “Entra onde estou e me dá um adeus!”

Entrei e, para a minha surpresa, o sacerdote estava justamente parado diante do sacrário aberto. Tinha a sua mão levantada para fechar o sacrário. Quando me prostrei, o Senhor me disse:

J.C.: “Há tanto te esperava! Que gentileza teres entrado!”

Entretanto o sacerdote fechou o sacrário e se inclinou três vezes profundamente. Então reconheci que era um sacerdote católico de rito grego. Ele rezou uma oração em húngaro, dirigiu-se ainda duas vezes ao povo e deu duas vezes a bênção com o cálice. E antes do último evangelho, deu ainda uma bênção. Enquanto assim adorava o Senhor Jesus, Ele com silenciosa amabilidade observou:

J.C.: “Vês, é por isso que te chamei. Para receber as minhas reiteradas bênçãos. Estás contente Comigo?”

Quanta condescendência! “Oh, meu Senhor Jesus, já não posso nem sequer aniquilar-me diante de Ti!”

J.C.: “Assim está bem, minha filhinha. Quando chamo as almas, Eu as anseio com nostalgia e espero que atendam às minhas inspirações divinas! Segue sendo a minha reparadora!”

25 de fevereiro de 1964.

No dia seguinte, depois da Santa Missa, quando voltava para casa e para as tarefas caseiras, Ele continuou a conversa da noite anterior:

J.C.: “Se não tivesses atendido ao meu chamado de ontem, não terias recebido as múltiplas bênçãos. Sinto-me feliz ao te dizer que essas coisas são outras tantas provas do teu atento amor. Oh, quantos são os que me rechaçam num só minuto! O meu Coração descansa ali onde não recebe rechaço. A tua abundante ação de graças, cheia de reverência, que não interrompes nem sequer durante a noite, obriga a Mim também. Enquanto estavas ali Comigo, Eu me deleitava com a tua abundante ação de graças, cheia de devoção. Agora que regresstaste da minha casa, Eu vim a ti para manifestar a minha gratidão aqui no meio do teu trabalho. Compreende o anseio da minha Divindade que agora, aqui contigo, desejo acalmar. Deleito-me, estando contigo. Porque sinto que todas as batidas do teu coração são minhas. Estou contigo o dia todo. Não te estremeças diante de Mim, pois é só por um instante e nada mais. E então já não sentirás a minha Presença. Necessitas das tuas forças corporais para cumprir com as obrigações que tomaste para ti.”

28 de fevereiro de 1964.

Durante a hora de adoração noturna, renovei os meus oferecimentos: “Doce Jesus, vivo para Ti, morro por Ti.”

J.C.: “Eu também! Eu Também! Por ti vivi, por ti morri!”

E cada palavra que Lhe dirigi voltei a ouvir como um eco na minha alma. E continuei: “Eu te adoro, te bendigo, te exalto, te glorifico no

lugar de todos aqueles que não o fazem.” Durante a minha oração, Ele com grande amor me respondeu:

J.C.: “Pela grande homenagem, abençoção muito a ti, a tua família e a todos aqueles no lugar de quem ofereces isso a Mim. Derramo sobre todos vocês a abundância das minhas graças.”

Eu pensava se não havia entendido mal essas palavras, porque, nesse caso, eu as retrataria.

J.C.: “Não! Não faças isso! Compreende-me, Eu, o Amor muitas vezes desestimulado, ainda que a tua mente não consiga entender! O que Eu não daria à alma que correspondesse ao meu amor? O meu Coração amante se deixa arrastar pela ‘loucura.’ Eu uso essas palavras para que me vejas como Homem. Eu sei que não me amas só com o teu entendimento. Isso não seria para Mim tão grato. Esse amor é diferente daquele amor intelectual que mede, considera, pondera. Entendes? Vês de que maneira tão humana sou exequível para vocês. Que isso suscite em vocês uma confiança que corresponda à minha.”

29 de fevereiro de 1964.

“Meu adorado Jesus, aceita-me como sou!”

J.C.: “Tu também a Mim! O meu cabelo desgrenhado e pegajoso, o meu corpo açotado e despojado das suas vestes, as minhas mãos e pés perfurados pelos cravos, o meu flanco aberto.”

E entretanto fez que meditasse junto com Ele as suas tristes palavras. Então disse:

J.C.: “Envolve-me com o teu amor, que recolhe o Sagrado Sangue que emana da ferida do meu flanco. Contempla-me, contempla-me! Terás visto na tua vida criatura tão lastimosa, comparável a Mim? Vê como me arruinei! Tu tampouco podes fazer demasiado por Mim. E enquanto o nosso interior assim sentir o mesmo, que o pensamento das nossas mentes também seja uno! Peço que escrevas novamente o meu ensinamento, que corrobora o do Santo Padre. Sobre isso ainda não meditamos. Mas é muito importante. Se não te recordas, Eu te digo novamente.”

As repetidas vezes que me pediu o Senhor Jesus é o que fez com que eu escrevesse isso pela primeira vez no dia 24 de maio de 1963. Uma vez

que escrevi, guardei-o, sem pensar mais sobre isso. Como as dúvidas eram muito grandes na minha alma, não me atrevi nem sequer a lê-lo novamente. E agora o Senhor Jesus me fez escrever:

J.C.: “A minha Obra Salvadora tem grande necessidade de vocês.”

Eu estava pendente das suas palavras. Apenas consegui ordená-las nos meus pensamentos. A dúvida pousou novamente sobre a minha alma ao mencionar Ele a minha pessoa e ao falar do meu trabalho como algo importante e destinado a colaborar estreitamente com o trabalho do Santo Padre. O Senhor Jesus com mansas palavras continuava falando:

J.C.: “O que digo agora é para ti e para todas as mães que obram segundo o meu Coração: o trabalho de vocês não é de menor valor que o trabalho das pessoas elevadas à mais alta dignidade sacerdotal. Entendam vocês, mães de família, a sublime vocação de povoar o meu Reino e encher os postos dos anjos caídos. Do seu coração, do seu seio, parte cada passo da minha Santa Mãe Igreja. O meu Reino vai crescendo na medida em que vocês, mães, se ocupam das almas criadas. Vocês têm o trabalho maior e que exige maior responsabilidade. Sejam plenamente conscientes de que tenho posto nas mãos de vocês o trabalho de conduzir uma multidão de almas à salvação.”

Primeiro de março de 1964, domingo.

Durante a Santa Missa, o Senhor meditou comigo as suas palavras pronunciadas no ano anterior. E no grande silêncio que encheu a minha alma, com comovedoras porém bondosas palavras, assim falou o Senhor:

J.C.: “Sobre esse trabalho de tanta responsabilidade, dou-lhes a minha especial benção. Faz chegar o meu pedido ao Santo Padre por intermédio do teu diretor espiritual.”

Enquanto escrevia, o Senhor Jesus me pediu que escrevesse esses comunicados junto com os outros com cor vermelha.

J.C.: “Faz chegar o meu pedido ao Santo Padre, porque por meio dele desejo repartir a minha benção portadora de grandes graças. Aos pais que nessa grande obra da criação colaboram Comigo e aceitam a minha Santa Vontade, dêem-lhes em cada ocasião uma benção especial. Essa benção é única e só pode ser dada aos pais de família. A cada filho que nascer, Eu derramarei graças extraordinárias sobre essas famílias.”

Agora, ao terminar as suas palavras, já não havia mais em mim a angústia da dúvida. Mas a minha alma se comoveu ao sentir transbordar sobre si graças tão extraordinárias. “Oh, meu Jesus, como é indescritível a tua bondade e a tua misericórdia!” Ele inundou a minha alma com aquelas graças que recebem as mães de família que trazem os seus filhos ao mundo e os educam segundo o seu beneplácito e a sua Santa Vontade.

JESUS, VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM

3 de março de 1964.

Na Santa Missa da manhã:

J.C.: “A minha paz te dou. Sabes qual é a minha paz? Aquela que o mundo não pode dar. Só aqueles que subordinam o corpo às exigências sublimemente belas da alma é que podem desfrutá-la. Sim, esses desfrutam de verdade da minha paz, que é tão sublime e reconfortante. Vive essa tranqüilidade espiritual que te eleva e apazigua!”

6 de março de 1964, sexta-feira.

Ao prostrar-se diante d’Ele, a minha alma prorrompeu em palavras de profunda humildade que Ele suscitou em mim.

“Bendito seja Deus! Bendito seja o seu Santo Nome! Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem!”

Ele não deixou que eu continuasse:

J.C.: “A tua homenagem é do meu agrado, minha filhinha.

Mas continuarei no teu lugar: ‘Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem’. Se isso não fosse assim, como poderias te aproximar de Mim? Dei-me a conhecer como Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. Mas não só a ti, mas a todos os que comem do Meu Corpo e bebem do Meu Sangue. Penetro no teu interior como Verdadeiro Deus e falo a ti como Verdadeiro Homem. Porque o meu Coração humano também bate no mesmo ritmo com a minha Divindade. O teu coração bate no mesmo ritmo que o meu Coração. Sabes o que isso significa? Significa que te fizeste partícipe da minha Divindade. E essa participação será conce-

dida a todos aqueles que sentem Comigo e cujo pensamento é o meu pensamento. Aquele que assim vive, só se pode bendizer. Essa benção aumenta o efeito da minha Obra de Salvação. E esse efeito faz de vocês santos. Vês, esse é o eterno movimento circulatório entre o céu e a terra! Os sacrifícios de vocês sobem para Mim ininterruptamente e Eu derramo a abundância das graças sobre ti e sobre todos aqueles que se comprometem e agem para a glória do meu Santo Nome. O amor perseverante e paciente nunca se equivoca.”

O que se segue ocorreu em dias anteriores, mas só escrevo agora. O Senhor Jesus me chamou a atenção:

J.C.: “Sim, minha filhinha carmelita, isto é o que tu mais necessitas: o Espírito de Fortaleza. Tem cuidado! Tem cuidado e não deixes que a tua alma perca a força. Porque o maligno está continuamente no assédio, sem deixar por um instante de olhar para ti. Ele suscita freqüentemente e sem motivo a confusão na tua alma, porque ele ainda não perdeu a esperança. Que a esperança da tua alma se alimente do Espírito de Amor, cuja força atemoriza Satanás. Esse é o meu pedido e a minha inspiração, que se tu acolheres e fizeres teus, farás emudecer na tua alma a desordem perturbadora do maligno, que vocifera ao silêncio da tua alma.”

11 de março de 1964.

Estava meditando sobre a infinita misericórdia do seu Sagrado Coração e desejava almas para o Senhor Jesus. Encomendei à sua especial misericórdia a minha família. Ao estar assim entregue a Ele, o Senhor Jesus, com voz animadora e mansa, disse:

J.C.: “A crescida confiança significa crescida garantia. Diz-me, minha Elizabeth, poderias imaginar que eu não concederia o que pedem vocês em favor das almas? Se assim fosse, não seria Eu mesmo quem entorpeceria o meu trabalho salvador? Vejo que estás dando voltas nesses pensamentos. Vou contestar as tuas palavras não pronunciadas. Naturalmente não chamo a todos da mesma maneira. A quem tenho dado muito, espero mais dele. Mas não seja isso o importante para ti. Mas o essencial: fazer sacrifícios por aqueles a quem vocês querem conduzir ao meu caminho.”

12 de março de 1964.

J.C.: “Peço que te fixes especialmente na importância extraordinária das vocações sacerdotais. Esses meus desejos não são novos para ti. E agora, com especial devoção, faz sacrifícios para esse fim. Porque não só encomendo à tua especial atenção as vocações que ainda não se colocaram em marcha, mas mais ainda as vocações sacerdotais, que já estão em marcha. Faz muitos sacrifícios por elas.”

No mesmo dia, à noite, durante a adoração:

J.C.: “Diz ao teu diretor espiritual.”

O meu coração se pôs imediatamente a tremer. Então falou o Senhor Jesus, com voz trovejante:

J.C.: “Antes que cheguem os tempos difíceis, preparem-se com renovado empenho e com decisão firme a vocação para a qual lhes chamei. Não vivam numa ociosidade aborrecida e indiferente, porque já está se preparando a grande tempestade, cujas rajadas arrastarão os indiferentes entregues à indolência. Frente a isso somente sobreviverão as almas com verdadeira vocação. O grande perigo que estala agora contra vocês se porá em marcha quando Eu levantar a minha Mão. Transmitam as minhas palavras de advertência para que cheguem a todas as almas sacerdotais. Que lhes despertem a minha palavra, que de antemão lhes adverte, e o meu pedido severo.”

14 de março de 1964.

J.C.: “Admiras como claro é para ti o eterno pensamento da minha Divindade? Isso receberá de Mim toda alma que por sua vida sacrificada se entregar completamente para participar na minha Obra Salvadora. O sacrifício dá brilho às tuas obras, sob cuja luz reconheces qual é o meu anseio. Sobre isso já te dei várias instruções. O anseio é um instrumento maravilhoso que já encerra em si o sacrifício. Por exemplo, um menino deseja ser um excelente aluno; para conseguir, estuda com vontade. A mãe deseja a maternidade; então vive nela o desejo de aceitar o sacrifício. A investigação do sábio também implica sacrifícios. O desportista deseja ser o primeiro; para isso se submete a todos os sacrifícios. O pai de família deseja construir a casa familiar; então para conseguir faz grandes sacrifícios. Por isso lhes urjo continuamente que os seus corações se encham de desejo, porque isso leva em si o sacrifício. Essas duas coisas são inseparáveis.”

NA PRESENÇA DO MALIGNO. E NA DE JESUS

17 de março de 1964.

Há alguns dias voltei a ocupar novamente a minha pequena habitação, porque devido ao intenso frio do inverno passei uns meses com uma das minhas filhas. Agora que comecei a desfrutar da alegria da minha silenciosa solidão, de repente a porta se abriu bruscamente. Olhei para fora e então senti a presença do maligno. Ele me disse com sorriso zombador: “Apareci só para te visitar, para ver o que vais fazer.” E não disse mais nenhuma palavra. Surpreendeu-me as suas tão poucas palavras, pois ele sempre costumava me torturar durante horas. Mas dessa vez não pôde, porque despojado do seu poder ficou cego. Estava parado perto de mim, privado da sua atividade diabólica. Então eu lhe disse: “Eu sei que tu não tens poder e que não poderás me fazer mal.” (Porque uma vez o maligno me surrou e logo a Santíssima Virgem disse: “Isso ele não poderá mais fazer!”) Agora respondi à pergunta do maligno sobre o que vou fazer aqui na minha silenciosa solidão. “Terei mais oportunidade para adorar a Deus. Quero servi-Lo ainda melhor também no lugar daqueles a quem tu desviaste do caminho. Por mais que te doa ter que ouvir isso, repararei ao Senhor Jesus pelas muitas ofensas que cometi influenciada por ti, ofendendo o Deus de infinita majestade e misericórdia. Ele é tão misericordioso que perdoa todo pecador arrependido. Se tu te despojasses da tua soberba rebelde e reconhecesses a Santa Majestade e Poder de Deus, se tu te arrependesses da tua perversidade, Ele também te perdoaria. Mas como a tua tola soberba te retém, tens que penar. Mas para ti também chegará logo o tempo em que ficarás cego e despojado do teu poder. Por mais que te doa ouvir isso, assim será.” O maligno forçosamente teve que escutar a minha resposta e sofrer por causa da sua impotência. O Senhor Jesus me permitiu sentir os esforços impotentes do maligno humilhado. Este logo desapareceu despercebidamente. E nem quando esteve presente e nem quando partiu, não despertou nenhum temor em mim. O Senhor estava presente e o maligno teve que sentir a sua Presença. Depois Jesus me disse:

J.C.: “E agora submirjamos-nos na doce solidão! Que o pensamento das nossas mentes seja uno; que as nossas mãos também trabalhem juntas; que os nossos corações batam em uníssono. Assim vamos descansar.”

18 de março de 1964.

J.C.: “Não vou falar muito agora, mas apenas isto: para os que se amam de verdade bastam umas poucas palavras para manifestarem o seu amor, e logo os seus corações já batem em uníssono. Inclina a tua cabeça sobre o meu Coração. Essa proximidade te encherá de força para as lutas sucessivas. Não quero te consolar, já que tu sofres com alegria. E aquele que sofre com alegria não deseja ser consolado. Mas te dou a minha força divina, pois dela certamente tens necessidade. O sacrifício que espero de muitos, Eu recebo lamentavelmente só de muito poucos. E isso significa um revés para minha Obra Salvadora.”

21 de março de 1964.

Ficando para trás os dias difíceis de abstinência, o Senhor fez leve a minha alma! Pus-me a comer, mas isso não era para mim nenhum prazer. O Senhor Jesus me pediu, há muito tempo, que não comesse os alimentos pelo sabor, mas unicamente para alimentar o meu corpo. Como os meus filhos me provêem com abundante comida, sempre como o que trouxeram nos dias anteriores e, assim, não como comida recém-preparada. Durante o almoço o Senhor me fez sentir a sua Presença e me disse:

J.C.: “Pensa em Mim, irmãzinha! Quão raras vezes chega a Mim uma alma fresca, que antes de ter provado do pecado provou a Mim. Que o nosso interior sinta o mesmo! Oferece isso também para Mim! Ao comer alimentos sem sabor, o sacrifício da tua alma chega a ser saboroso para Mim. Assim as nossas mãos também trabalham juntas. Sei que também achas isso maravilhoso.”

Domingo, 22 de março de 1964.

Na capela dedicada ao Espírito Santo, ao estar ajoelhada diante do sacrário, o Senhor Jesus amavelmente dirigiu-se a mim:

J.C.: “Olha nos meus Olhos! Eu permito que os nossos olhos se olhem e que os nossos olhares se fundam num só. Já não olhes nada mais! Lê nos meus Olhos, que te dirijo com lágrimas, o desejo ansioso do meu amor. Repara! Isso é a única atitude de vocês que me consola! Eu, o Deus-Homem ansioso de seus corações, tenho necessidade do consolo de vocês!”

A IMPORTÂNCIA URGENTE DA CAUSA

23 de março de 1964.

Perguntei ao Senhor Jesus se eu poderia dar a conhecer as suas mensagens e as da Santíssima Virgem ainda na minha vida mortal. Ele, com palavras breves e suaves, contentou-se em dizer:

J.C.: “Por que perguntas tal coisa? Isso soa como se perguntasse se poderás participar durante a tua vida mortal na minha Obra Salvadora. Tenho que dizer outra vez que estou urgindo constantemente? Não te elevei num vôo semelhante ao de uma flecha na minha direção para te fazer apta o quanto antes para transmitir as nossas comunicações? Não te urgi em dias passados três vezes seguidas? Em minhas palavras suplicantes ponho o meu acento divino na importância urgente da Causa.”

É verdade. Em dias passados o Senhor me pediu até três vezes que comunicasse as suas mensagens o quanto antes ao meu diretor espiritual.

Quinta e Sexta-Feira Santas.

Queria passar toda a vigília de plena madrugada na capela. Mas não houve modo de fazê-lo. O Senhor Jesus viu que eu estava aflita por causa disso e disse:

J.C.: “Vem! Quando chegar em casa, Eu já estarei lá esperando no nosso pequeno quarto.”

Surpreendeu-me essa amável, inesperada e atenta bondade. Não me atrevi nem sequer a pensar nisso. No caminho de casa estava entregue à sua contínua adoração. E quando entrei no meu pequeno quarto, saudei-O com um “Louvado Seja Jesus Cristo”. Ele, com uma sensação ligeiríssima, fez-me perceber a sua Presença. Isso durou só uns poucos minutos. Logo em seguida inundou-me com pesada angústia e com uma dor carregada de preocupação. E o fez em tal medida, que tive que me agarrar a algo para não desmaiar. Então o Senhor Jesus disse com dor:

J.C.: “Eu te faço participar dos meus sofrimentos de corpo e alma tal como Eu os sofri como homem. Não fiz uso da força da minha Divindade. Apenas como homem vivi o horror da noite de Getsêmani. Eu te honro com as dores extraordinárias da minha Alma e do meu Corpo. Na verdade esse sofrimento significa para ti a participação mais profunda na minha Obra Salvadora.”

E enquanto dizia isso estava junto a mim. Queixou-se ainda longamente e as suas palavras iam aumentando a dor da minha alma. Então chegou a meia-noite, mas eu só posso velar a essa hora se tiver descansado antes. A partir da meia-noite tive que recuperar todas as minhas forças para participar de joelhos dos sofrimentos do Senhor. Mal consegui permanecer um quarto de hora nessa posição, porque a grande dor espiritual que me invadiu esgotou as minhas forças. Depois de ter ficado encolhida no meu banquinho de oração, pude meditar sobre os sofrimentos do Senhor. O sofrimento que Ele me passou deixou-me totalmente debilitada. Antes das duas, fui-me deitar. Mas o sono não vinha aos meus olhos: só conseguia pensar nos sofrimentos do Senhor. De manhã o Senhor pediu-me:

J.C.: “Não deixes o teu compromisso! Hoje, durante todo o dia, sofre Comigo!”

O MAIS BELO SERMÃO

Segunda-feira de Páscoa.

O sermão de hoje foi o mais belo que escutei em toda a minha vida. E enquanto pensava nas palavras singelas e espontâneas, o Senhor disse:

J.C.: “Sabes porque foi esse o mais belo sermão? Porque Eu inun-dei com a abundância das minhas graças aquele sacerdote que o pronunciou. E essa graça passou dele aos fiéis que estavam no templo. Nem um só rosto ficou sem lágrimas. Mas não só as lágrimas brotavam, mas também os corações se comoveram sob o efeito das graças extraordinárias, para que tu vejas os méritos da tua participação na minha Obra Salvadora. Há muito tempo pedi que fosses tu a representante da tua comunidade paroquial. E como tal, tenho que te comunicar o resultado da atividade das minhas graças, que é fruto das tuas fadigas unidas aos meus méritos.”

Durante todo o dia eu tinha presente as palavras do Senhor Jesus e Lhe dava graças. Com poucas palavras vou escrever o sermão que o Padre E. pregou:

“Os discípulos de Emaús iam pelo caminho com o coração aflito, desanimados e sem saber o que fazer.” E aqui citou das meditações de Prohászka: “A alma dos discípulos era como, no prado verde e coberto de flores, a mancha queimada que deixou a fogueira dos pastores.” Então

falou das almas cuja chama também se extinguiu, ou seja, que vivem sem Deus e sem esperança. E então contou que, em tempo de guerra, um jovem soldado foi levado ao hospital com graves feridas. Não havia esperança de que saísse com vida. E ele mesmo sabia disso. Logo que o sacerdote o confessou, o soldado lhe pediu que fosse muito amável e que cantasse junto com ele. O sacerdote lhe perguntou: “Talvez uma bela canção à Santíssima Virgem?” O soldado, com os olhos cheios de lágrimas, olhou-o e com grande dificuldade lhe disse: “Cantemos ao Santíssimo Sacramento!” E chorando disse ao seu confessor: “Como estou feliz por ter chegado a conhecer o Senhor!” E ao falar, o Padre E. sentiu um nó na garganta e a sua voz ficou mais apagada. Nesse instante a graça de Deus se derramou simultaneamente sobre todos os presentes.

“Que infeliz é o homem que nem sequer nos últimos minutos da sua vida reconhece o Senhor, o Deus infinitamente bom e misericordioso!” Essas palavras finais do Padre E. comoveram todas as almas. Então voltou sobre a citação inicial e com ela terminou o seu sermão.

Ao longo do dia, com o coração ansioso, eu esperava a noite. Fui até o Senhor para agradecer novamente, em nome da nossa comunidade paroquial, a graça que através do amor de seu Coração misericordioso derramou sobre nós. E ao entregar-me em profundo silêncio à sua adoração, o Senhor Jesus disse:

J.C.: “Agradeço que ao menos tu tenhas vindo agradecer as muitas graças, minha filhinha. Pensa a fundo sobre essa tragédia comovedora. A nossa Mãe não quer que nem uma só alma se condene. Tomem todos vocês parte nessa grande Obra Salvadora, cujo objetivo é resgatar almas.”

6 de abril de 1964.

O Senhor conversou sobre os seus ensinamentos, sobre a paciência perseverante e sobre a aplicação:

J.C.: “Paciência, perseverança e aplicação, minha Elizabeth! Eis o que te guarda junto a Mim, e por meio do qual também podes aproximar outros de Mim. A recompensa da aplicação sem desânimo será para ti e para todos os que estejam trabalhando Comigo. O que o olho não viu e o ouvido não ouviu, a mente humana não pode compreender. Ali os nossos olhos se mirarão e os nossos corações palpitarão no mesmo ritmo.”

9 de abril de 1964.

J.C.: “Tu também, Elizabeth, és vassoura nas minhas Mãos. As Mãos divinas te tomam e varrem contigo, com os teus sacrifícios. São vassouras na Mão divina todos aqueles que se entregam com amorosa renúncia, esquecendo-se de si mesmos. Só por meio da aceitação ininterrupta de sacrifícios chegarão a ser dignos de que Eu os tome na minha Mão e os utilize para a limpeza mais eficaz. Sim, varro por meio de vocês as ruas, os prados floridos, os bosques frondosos e todo lugar onde há pecado. Não estranhes este meu discurso, que soa completamente humano. Como disse o provérbio: ‘Que cada um varra diante da sua própria casa!’ Tenham isso, tu e os outros também, diante dos olhos. Aquele que sente que a sua alma aspira para algo maior, que me sirva com maior fidelidade. Quando se trata de trabalhar por Mim, ninguém pode cair no exagero. Ainda que te pareça que repito sempre o mesmo, escreve-o novamente! Grava muito bem: a palavra de Deus é sempre a mesma; por meio dela peço a salvação das almas.”

14 de abril de 1964.

Quando cheguei em casa e entrei no meu pequeno quarto, o Senhor Jesus me recebeu:

J.C.: “Eu já estou te esperando aqui. E a cada genuflexão que envias para Mim, com a tua intensa adoração, bate de prazer o meu Coração. Pelo contínuo arrependimento dos teus pecados, a tua alma permanece sempre fresca. Oh, Eu te peço, minha Elizabeth, faz isso no lugar de outros também. Vês, novamente te estou honrando. Vim para abençoar, a pedido teu, a tua família e todo o contorno da tua casa. Trouxe a minha paz. Confia! Não dê lugar ao desânimo! Uno os teus sofrimentos aos meus méritos. A salvação dos teus filhos fica assegurada. Fico aqui, pois me agrada o silêncio do teu pequeno quarto. Sente que os nossos corações batem em uníssono. Logo estarás Comigo no Reino de Deus. Oh, feliz momento! Eu sei que tu também esperas quando já nada nos separará. Eu te espero com toda a pompa da minha riqueza. Então seremos apenas um, indivisíveis. Sinto que o teu coração bate fortemente de prazer. Eu também me alegro contigo. O teu Mestre cuida de ti e, se tropeças, a minha Mão te levanta em seguida. O arrependimento contínuo dos teus pecados me obriga a que Eu também derrame sobre ti ininterruptamente o meu perdão.”

15 de abril de 1964.

Passada a meia-noite, a Virgem Santíssima me despertou de tal maneira como nunca havia feito. Surpreendi-me pela facilidade com que me despertei, apesar de ter me deitado só às onze. Depois do breve repouso, não senti nenhum cansaço. E pude prolongar a minha oração até a hora de me levantar. Não pude ainda assimilar a visita da tarde de ontem, que me comoveu profundamente. Mesmo porque o Senhor Jesus prometeu me esperar, de agora em diante, no meu pequeno quarto. No dia seguinte, durante toda a manhã, meditei sobre a infinita bondade do Senhor: “Meu adorado Jesus, Divino Mestre. Sabes que eu gostaria de falar, mas não chegam palavras aos meus lábios. Somente caem silenciosamente as minhas lágrimas de arrependimento. Gostaria de escrever belos versos sobre a tua bondade infinita, mas não me foi concedido esse dom. Consciente da minha miséria e da minha insignificância, estou pensando o que poderia Lhe dar. Meu Senhor, meu Jesus, eu Lhe dou outra vez os meus pecados e o brotar monótono de lágrimas da minha alma encharcada de graças. Atende-me por favor! Essa é a música do meu coração. É só assim posso Te brindar. Sei que isso também é dom teu e eu agradeço mil e cem mil vezes por ele. A cada batida do meu coração está o arrependimento. Meu Senhor Jesus, tudo isso é pouco, porque o meu coração às vezes falha o pulso. Por isso peço agora que em cada grãozinho de pó ponha eu a dor dos meus pecados para que o vento os leve a Ti e vejas assim o quanto Te amo. Esse é o meu hino, a minha poesia e a minha música, tudo o que eu posso dar. Aceita-me tal como eu sou!”

J.C.: “A profunda dor dos teus pecados, minha filhinha, comoverá a muitos ao arrependimento e os pecadores regressarão a Mim.”

18 de abril de 1964.

Enquanto fazia os meus trabalhos de casa, estava entregue na sua adoração, dando-Lhe graças. Ele começou a conversar:

J.C.: “Crê, irmãzinha, que ao te chamar assim te convido a confiar em Mim, a crer n’Aquele que te chama. Nessa forma de me dirigir a ti já tens a garantia da minha amorosa solicitude com respeito a tudo o que necessitas. E a certeza de que te defenderei a todo momento. Ficas comovida com a forma singela com que administro os teus assuntos? Não quero ficar devedor de ti. E sobretudo o que Eu queria era que o pensamento e o trabalho que ainda tens sejam desinteressados

e claros. Eu, o teu Mestre, cuido de ti e te livro de toda preocupação, para que seja Eu unicamente o teu tudo e que nada te ate à terra. Podes ter certeza de que o teu Pai Celestial sabe do que necessitas.”

NÃO DEIXEM DE LADO AS NOSSAS PETIÇÕES

20 de abril de 1964.

J.C.: “Pede ao teu confessor, minha filhinha, que cuide do assunto de tal forma, que a Causa já esteja com o Santo Padre no Pentecostes de 1965. As comunicações da minha querida Mãe e as minhas, as nossas petições, não as deixem de lado, urjam-nas!”

O pedido do Senhor era comovedor. E eu pensava, tremendo, consciente da minha miséria e da minha insignificância, que tinha que entregar e urgir as palavras de Deus. Eu, um pequeno grão de pó! Pode alguém aceitar isso sem se estremecer? Agora não há dúvida na minha alma. O Senhor a fez cessar. Mas eu vivo consciente da miséria da minha alma.

16 de maio de 1964.

A Santíssima Virgem disse com doce amabilidade:

S.V.: “Com o amor do meu Coração Maternal, Eu me dirijo a ti, minha filhinha carmelita. Aviva a Chama de Amor do meu Coração com os teus sacrifícios! Não deixes que a Chama de Amor, que derramei primeiramente sobre ti, brilhe debilmente em ti!”

Não sabia por que a Santíssima disse isso. Então Ela me respondeu:

S.V.: “Para que aproveites bem o tempo que foi concedido para ti e que, com crescido desejo, faças o sacrifício aqui na terra.”

18 de maio de 1964. Segunda-feira de Pentecostes.

Assisti à missa e, antes da Sagrada Comunhão, o Senhor Jesus disse:

J.C.: “Como vejo a tua firme determinação, que tu és fiel ainda nos dias de festa, preparei para ti uma alegria: dentre as almas sacerdotais que sofrem no purgatório, neste dia, a partir da meia-noite, a cada hora se libertará uma alma.”

O Senhor Jesus me disse isso porque, conforme o seu pedido, às segundas-feiras sempre jejuo a pão e água. E não o omito nem quando cai uma festa nesse dia. Estou feliz de poder guardar neste dia o jejum rigoroso, já que Ele prometeu que ao jejuar numa segunda uma alma sacerdotal chegará à sua Presença. E agora, ao dizer que em cada hora se liberta uma alma sacerdotal, inundou-me com o sofrimento dessas almas que ainda padecem, mas que dentro de poucas horas já estarão na sua divina Presença. Essa dor durou apenas um ou dois minutos. Mas ainda assim, estando de joelhos, quase desmaiei por causa das dores. Depois de comungar, o Senhor Jesus me permitiu sentir a libertação de uma alma. Fez com que os meus sentimentos mudassem de um extremo a outro. Depois das profundidades do sofrimento, Ele me inundou com a alegria sublime da alma que chegou à Presença de Deus. O estado da minha alma, embriagada pelas graças, fez com que eu me sentisse livre, durante horas, da força de gravitação da terra.

22 de maio de 1964.

Só isso disse o Senhor:

J.C.: “Só por meio de dores e sofrimentos progride a minha Santa Causa.”

28 de maio de 1964.

À noite, ao descansar, pela última vez me prostrei diante da imagem que representa o seu Sagrado Rosto. Nesse momento senti a transfusão extraordinária da sua divina Majestade. Isso durou somente um instante. Eu tremia intensamente. Não compreendia o que seria essa transfusão. Naquele momento a terra deixou de existir para mim e eu estava inteiramente na Presença de Deus. Repito: isso durou apenas um instante. No dia seguinte o Senhor Jesus conversou longamente. Mas consigo escrever apenas algumas palavras suas. Durante a conversa explicou que esse momento era o estar na possessão da Santíssima Trindade. E assim será, depois de eu ter alcançado a minha salvação.

A POSSESSÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

J.C.: “Eu te permiti essa possessão só por um instante, porque não poderias suportar isso aqui na terra. Ainda assim, só pudeste suportar mediante uma força especial da minha Divina Graça.”

2 de junho de 1964.

J.C.: “Por minha causa tens que passar por grandes sofrimentos e tens que lutar sem interrupção pelas almas. Fora isso, minha filhinha, não gastes as tuas forças com nenhuma outra coisa.”

15 de junho de 1964.

O Senhor Jesus disse:

J.C.: “Entregar a Chama de Amor, minha filhinha, deve ser a meta principal da tua vida. Isso tem que avançar como a corrente de água, que ninguém nem nada pode impedir. Essa corrente de água é a minha graça, que purifica, que salva e dá vida, ou que destrói quando falta. Mas deve correr, porque Deus assim quer! Diz isso ao teu diretor espiritual. Esse é o meu pedido a ele e a todos aqueles que são chamados a pôr em marcha a Causa.”

17 de junho de 1964.

No fim, depois de muita luta, a minha alma se clarificou. As palavras do Senhor me confirmaram e então fui até o padre. Falei-lhe sobre o pedido do Senhor Jesus. Ele repetiu o que já havia dito: enquanto não sentir algo na sua alma que confirme a autenticidade do assunto, nada fará. Então novos sofrimentos voltaram a torturar a minha alma.

28 de junho de 1964.

À noite:

J.C.: “Agora intensificarei mais ainda os teus sofrimentos.”

Ao estar diante do Sacrário em adoração, Ele me disse:

J.C.: “Tens que ir urgentemente ao teu diretor espiritual e dizer que sou Eu quem urge que ele se ponha em contato com o Padre E.”

A Virgem Santíssima falou também urgindo:

S.V.: “Minha filhinha carmelita, por mais difícil que seja, põe-te em marcha! A humilhação que inunda a tua alma só dá impulso a nossa Causa.”

29 de junho de 1964.

Quando de manhã estava ajoelhada diante do sacrário, só pude dirigir ao Senhor Jesus uma jaculatória de adoração. Porque Ele em seguida interrompeu as palavras que eu havia começado:

J.C.: “Minha Elizabeth! Oh, quanto te esperava! É tão grande essa solidão! Sabia que nossa despedida ontem te impulsionaria a que hoje também fosses tu a primeira que me saudaria. Enches a minha alma de alegria. Tu e Eu, nós dois! É um grande prazer estar com os filhos dos homens! Mas, lamentavelmente, recebo isso somente de poucos. Oh, meu pequeno girassol! Sabes o que receberás agora de Mim? Aceita de Mim essa medida aumentada, até agora desconhecida, do meu amor que te havia prometido. Porque a tua aceitação reclama de ti um sacrifício muito grande. Alegro-me de ti. Então o proponho. Pelo sacrifício extraordinário, agora tu também poderás dar provas do teu grande amor. Tu e Eu! Por causa da nossa união, o teu coração se enche de alegria. Sei que incansavelmente tu me dás as graças. Vejo também os pensamentos que te distraem. Não te preocupes com isso! Olha no teu jardim as plantas que crescem e tentam chegar cada vez mais alto. Vê que logo murcham as suas flores, mas logo em seguida já se abrem novas. E o murchar não significa inutilidade, porque o cálice das flores murchas encerra a semente fecundada, sem a qual não haveria reprodução. Compreendes isso? Se não existisse a luta, o que daria então valor às coisas? Tu, empenha-te só para o alto. Não te lamentes pelos cálices murchos das tuas flores! Que os teus pensamentos estejam sempre juntos a Mim. E que os nossos corações também batam em uníssono. Não olhes para nenhum lado, apenas olha nos meus Olhos! Isso te convida ao recolhimento e te ajuda a alcançar a vitória pelo êxito da minha Obra Salvadora. Obrigado, minha Elizabeth! O teu amor compreensivo me comove, porque o meu Coração divino sente também com afeto humano.”

“Meu Jesus! Agora que as tuas divinas palavras se fundiram na minha alma, permite-me que eu agradeça os sofrimentos extraordinários que, com bondade e amor queres me distinguir, e que não me fizeste sentir até agora. As tuas palavras, meu adorado Jesus, reduziram-me a nada novamente, quando disseste: ‘Tu e Eu.’ Mudaste a ordem. Essa ilimitada condescendência me confundiu tanto, que o rubor inundou o meu rosto. Como podes fazer isso comigo, que sou pequena e insignificante?” Ele, ao ver como me desfazia em agradecimentos, em lugar de palavras inundou a minha alma com o amor do seu Coração compreensivo.

17 de julho de 1964.

Uma nora minha me pediu que trouxesse os remédios para o meu netinho enfermo. Tive que esperar mais de uma hora pelos remédios. Durante a espera, um artigo num jornal me chamou a atenção. Apenas tinha lido um par de linhas quando o Senhor Jesus, com manso pedido, dirigiu-se a mim:

J.C.: “Meu pequeno girassol, ajuda ainda mais a libertação das almas que padecem! Eu compartilho contigo continuamente os meus eternos pensamentos. Vês que útil é esse pequeno tempo! Deixando de lado o pequeno artigo do jornal, ajuda as almas sofredoras a chegar à minha Santa Presença. Essa participação na minha Obra Salvadora é maravilhosamente meritória. Vê como simplifico tudo o que lhes peço. Ponho ao alcance de todos a realização dos meus eternos pensamentos. Escreve-os! Das minhas palavras, que tu escreves e comunicas a outros, muitas almas tirarão grande proveito.”

21 de julho de 1964.

Enquanto enchia de água os vasos de flores do altar:

J.C.: “Vês, assim como diariamente pões água nas flores, da mesma maneira deveriam as almas também se encher cada dia com o meu amor divino, que as manteria frescas e as tornaria capazes para o sacrifício.”

26 de julho de 1964.

Ao regressar da Santa Missa, o Senhor Jesus disse amavelmente:

J.C.: “Aceita agora de Mim, minha irmãzinha carmelita, a manifestação extraordinária do meu amor, que mereces pelo teu contínuo arrependimento. Esse caminho é o mais curto pelo qual chegas até Mim. Por isso tu voas como uma flecha na minha direção. Isto te mantém no teu vôo: esse humilde, ininterrupto arrependimento. Eu esqueço tudo. Pelo teu arrependimento me atrais a ti como um imã. E me atrairá assim toda a alma que fizer o mesmo. Oh, peço-lhes suplicante: atraíam-me a vocês! Esse é o instrumento mais perfeito nas suas mãos, pelo qual vocês podem me comprometer inteiramente e pelo qual atendo todos os seus pedidos. Nesses momentos derramo graças sem medida sobre vocês.”

27 de julho de 1964.

Eu estava dando brilho no piso de mármore do presbitério. O Senhor Jesus me animou com essas palavras:

J.C.: “Com os teus sacrifícios, meu pequeno girassol, dás brilho às almas nas quais o esplendor das minhas graças se escureceu.”

Quando voltei para casa, assim conversou:

J.C.: “Agora estamos aqui no teu pequeno quarto, que é o meu santuário. Permaneço com gosto onde tu estás, porque assim como Eu te dei um lar na minha casa, tu também me brindas com um lar. O que me une a ti é o teu inesgotável arrependimento. Sim, é isso o que me embriaga. Escuta, pequena e pobre alma, as palavras com que reconheço do que és capaz. Embriagas ao sublime e poderoso Deus! Entendam esta maravilha: pelo arrependimento dos seus pecados vocês podem me fazer feliz.”

3 de agosto de 1964.

J.C.: “O que o imã traiu para si já não solta mais, pois isso seria contra às leis da natureza. Eu tampouco solto a ti nem a ninguém, porque isso seria contrário à lei da minha ternura divina. Eu te aceitei e te encerrei no meu Coração. Pelo alimento abundante das minhas graças, Eu te brindo com o amor do meu Coração. Peço que oremos ao Eterno Pai, para que conceda a sua misericórdia àqueles que se arrancam violentamente do campo de atração da minha Divindade.”

ORAR PELOS PECADORES PARA QUE ELES SE ARREPENDAM

11 de agosto de 1964.

Fiz hoje a confissão há longo tempo desejada. Revelei ao meu diretor espiritual os tormentos da minha alma e lhe pedi que me tratasse severamente. Pois continuamente vivo com a consciência de ser presunçosa, soberba, mentirosa, embusteira. E não quero enganá-lo. Por isso há semanas que não tenho tranqüilidade nem de dia nem de noite. Ele me tranqüilizou, dizendo que isso não é da minha alma, mas que é o diabo que provoca, porque já não consegue nada comigo de outra forma. Se isso fosse verdade, o maligno já teria me admoestado violentamente. Enquanto eu for sincera e obediente, não devo me angustiar. Porque isso é grato e bom diante de Deus. E que eu manifestasse as dificuldades da minha alma com sinceridade no futuro também. Assim o diabo não conseguirá nada com as suas tentações. No mesmo dia, à noite, estando eu ajoelhada diante do sacrário e adorando o Senhor Jesus, Ele começou a conversar silenciosamente:

J.C.: “Sabia que vencerias o cansaço e que virias. Se soubesses com que alegria te esperava! És uma alma entre as muitas que me ama. Quão alegre estou! Que tu também sintas essa alegria na tua alma! Tu querida, tu! É a dor dos teus pecados que faz tão bela e tão amável a tua alma e a de todos os que se aproximam de Mim com a verdadeira dor de seus pecados.”

13 de agosto de 1964.

De manhã o Senhor Jesus adiantou-se a mim:

J.C.: “Pelos méritos dos teus sofrimentos, acendi uma grande claridade na alma do teu confessor. A partir de agora ele vê com clareza que a Santa Causa é autêntica. Mas os teus sofrimentos ainda serão necessários. Agora, depois de um breve descanso, intensificarei de novo os teus sofrimentos. Aceitas? Responda-me com as tuas palavras e com a tua decidida entrega. Eu quero ser o soberano único e exclusivo da tua alma.”

“Eu compreendo, meu adorado Jesus. Pedes novamente a minha entrega decidida. Como me prostrar aos teus divinos pés? Todos os meus membros se uniram tanto a Ti, que já não vivo senão em Ti. Meu Jesus,

aceita-me assim como sou, com a minha insignificância e com a dor ininterrupta dos meus pecados. Não tenho outra palavra, mas esta: que te amo muito. Gostaria de te amar como nenhum pecador arrependido nunca jamais te amou.”

J.C.: “Repete, repete, minha Elizabeth! Essas são palavras deliciosas para Mim! Por elas sofri e aceitei a morte do suplício. E isso gostaria de ouvir dos lábios de todos os homens. Tu entendes bem. Ensina isso aos outros também.”

15 de agosto de 1964.

O Senhor Jesus disse com voz queixosa:

J.C.: “Minha menina querida, deseja para Mim muitas, muitas almas! Esse é o meu único pedido. Almas! Oh, como desejo os pecadores! Oh, como sofro pela indiferença e desprezo das almas! Diz-me, minha Elizabeth, é difícil me amar?”

E ao me perguntar isso, novamente respondi- Lhe apenas com a dor dos meus pecados. O Senhor Jesus continuou:

J.C.: “O grande arrependimento da tua alma, Elizabeth, fecunda as almas. Sabes como é o teu arrependimento? É como a abelha que recolhe o mel e voa de flor em flor. Esse é o teu arrependimento. E por quantas almas tu rezares, sobre tantas derramarei a abundância da minha graça. Elas se arrependerão de seus pecados. Vês, em vão há abelha e em vão há flor. Se a abelha não coopera, não há nenhum resultado. Olha, o pecador é passivo, não faz nada. É igual a flor: só espera ser fecundada. Entendes? Com o arrependimento dos teus pecados, as minhas graças atuam nas almas. Como o pólen recolhido se transforma em mel, assim também as lágrimas do teu arrependimento, por meio da minha graça, transformarão as almas dos pecadores em doce mel, o que me dá muita alegria!”

Então ficou calado e só fez ouvir no fundo da minha alma um suspiro de anseio, que me fez sentir a sua ânsia pelas almas.

18 de agosto de 1964.

Para fazer obras na casa, demolimos a gruta de Lourdes. Pensei que

eu mesma a reconstruiria com as antigas pedras de rocha. Durante o meu trabalho, adorava continuamente a Jesus. Quando a noite se aproximava, o meu coração começava a bater de alegria. Durante a minha adoração, pensei que em breve iria até Ele e, prostrada aos seus sagrados Pés, continuaria a minha adoração. O Senhor Jesus entretanto disse:

J.C.: “Aumentas o gozo do meu divino Coração. E o aumentam todos os que me adoram ininterruptamente. Que vocês sejam muitos! Tu, minha pequena amiga! Com que felicidade te olho e tenho sede de cada uma das tuas palavras, que mitigam o meu anseio pelas almas! Gravei profundamente na tua alma o meu ensinamento, a minha sede pelas almas. Quando estive suspenso na cruz, exclamei com voz forte: ‘Tenho sede!’ É isso o que grito hoje para vocês, especialmente às almas a Mim consagradas.”

19 de agosto de 1964.

J.C.: “A tua alma é como uma fonte, de onde brota sem cessar água cristalina, que não só refresca mas também purifica. Ela me refresca e também limpa as almas pecadoras. Agradeço-te, Elizabeth, por mitigar a minha sede pelas almas.”

22 de agosto de 1964.

Por causa de múltiplas ocupações familiares, durante alguns dias eu não pude ir até Ele para a hora de adoração e reparação vespertina. O Senhor Jesus, com anseio, disse:

J.C.: “Os nossos pés caminham juntos. Eu te sigo e tu segues as pegadas dos meus Pés. Eu te quero muito, minha Elizabeth. Que isso penetre no teu interior cada vez mais! Eu, o Senhor, faço essa confissão e desejo com anseio o teu amor como resposta.”

Então exclamou na minha alma:

J.C.: “Ama-me sobre todas as coisas! O teu amor arrependido me deixa extasiado, minha irmãzinha. Deseja que o amor arrependido dos outros também me extasie. O teu desejo não fica sem reposta.”

A PARTICIPAÇÃO NA OBRA DO MEU SANTO FILHO

27 de agosto de 1964.

A Santíssima Virgem começou a conversar:

S.V.: “Esse sofrimento maternal, minha pequena filha, e a ofensa que tens que suportar da parte de outros, são uma nova oportunidade para que vejas porque escolhi uma mãe para transmitir as minhas comunicações. Só uma mãe é capaz de sentir comigo. Esses sofrimentos múltiplos te amadureceram. E pela tua experiência vais compreendendo cada vez melhor a suma importância da tua participação na obra do meu Santo Filho.

Sem sofrimentos tu não poderias fazer grandes sacrifícios, já que a verdadeira disponibilidade para os sacrifícios só nos sofrimentos pode madurar. Compenetra-te dessa vocação à qual foste elevada somente pela tua dignidade de mãe. A dignidade maternal é, ao mesmo tempo, uma vocação saturada de sofrimentos. E é essa que eu compartilho contigo. Eu agradeço imensamente, minha filhinha carmelita, pela tua participação ininterrupta e cheia de sacrifícios. Eu, como Mãe amorosa, garanto a tua celestial recompensa.”

30 de agosto de 1964.

Era domingo à tarde. Entre os meus pequenos afazeres, um jornal caiu nas minhas mãos. Falava de costumes espanhóis e me pus a ler. Mas havia lido apenas umas poucas palavras, quando o Senhor Jesus me disse:

J.C.: “Eu te reservei inteiramente para Mim e tu o ratificaste repetindo várias vezes a tua entrega a Mim. E agora, contudo, dás preferência a essa leitura que distrai? Isso não é bom, minha Elizabeth. Por acaso não recebes de Mim tudo o que necessitas? Por que quer saber mais do que necessitas para a salvação da tua alma? Não reclamo isso a outros de uma maneira tão rigorosa. Mas tu és querida para Mim. Não foi tu quem te fizeste digna. Mas fui Eu, Deus, que te considerei digna. Um só instante já é muito para que te ocupes com outra coisa. O meu amor não tem descanso. Que o pensamento das nossas mentes também seja uno!”

JESUS, VEM A MIM

Primeiro de setembro de 1964.

Disse muitas coisas o Senhor Jesus. Entretanto eu estava tão submersa no amor com que me inundou, que só pude reter as suas palavras iniciais. O restante das suas comunicações se fundiu na minha mente e eu seria incapaz de formulá-lo com palavras.

Quando isso ocorreu, sobreveio-me uma depressão tão grande que Lhe pedi: “Meu adorado Jesus, não terei forças para ir essa noite até o Senhor.” Ele, com as suas palavras amáveis e tranqüilizantes, disse-me:

J.C.: “Bom, Eu irei a ti!”

Isso produziu na minha alma um sentimento de maior aniquilamento. Eu estava acordada até tarde da noite e o meu horário de adoração se prolongou até depois da meia-noite, quando a concluí na sua Presença. No dia seguinte troquei umas palavras com a irmã que me foi designada e lhe mencionei o que se passou na noite anterior. Ela escutava desconfiada e disse: “De todos os modos, seria melhor se eu também fosse até o Senhor Jesus. Pode ser que nem seja verdade, que seja uma pura auto-sugestão.” Isso me confundiu muito e a minha alma se cobriu de uma triste insegurança. O meu coração e a minha alma se encheram de angústia.

À noite fui até o Senhor Jesus e Lhe perguntei: “Meu adorado Jesus, era imaginação minha que ontem Tu estavas comigo e me inundaste com o prazer da tua Presença? Não consigo entender de nenhuma maneira como poderias me sugerir assim. Se isso foi verdade, eu nunca poderia impedir que tais sugestões se produzissem na minha alma.”

Estando de joelhos no silêncio da noite, as suas palavras se enlaçavam às minhas:

J.C.: “Fica tranqüila, minha filhinha carmelita. Não tens nenhum motivo para perder a tranqüilidade da tua alma com uma coisa assim. Sou Eu quem amorosamente aumento os teus sofrimentos, enquanto tu alimentas o meu amor, que derramo sobre ti pelos teus contínuos sacrifícios. Diz, que há nisso de imaginação tua? Isso é um processo sobrenatural. Compreende por fim essa simplicidade com que Eu me acerco de ti. Faço isso para te dar forças para que ofereças, na tua miséria humana, contínuos sacrifícios. Não é fazer grandes coisas o que te mantém na efusão das minhas graças. Mas essa continuidade que tu tampouco interrompes. Está claro para ti agora?”

3 de setembro de 1964.

Da capela levei a custódia (vazia!) ao templo paroquial do Espírito Santo. No caminho também adorava o Senhor. Ele, comovido, disse:

J.C.: “Vocês são a minha custódia viva. O Pai me enviou como o seu Filho Unigênito para que lhes redimisse. Mas vocês também têm que assumir a sua parte na minha Obra Salvadora. Extraíam-na com amor do fundo de suas almas. Pois ali ela está dormitando. Não sejam preguiçosos! Vão e despertem e se alimentem com o meu Sagrado Sangue. Peço desculpas por ter te molestado tão longamente na tua hora de descanso. Mas não há ninguém mais perto de Mim e esperava há muito tempo poder me desabafar com alguém. Minha irmãzinha, serve-me conforme o meu agrado!”

O que vou relatar ocorreu ainda em junho, no dia 13, no 51°. aniversário do meu batismo. Ao entrar à noite no meu pequeno quarto, no mesmo instante o Senhor Jesus me inundou com a sua Presença. Fiquei comovida, porque Ele estava parado muito perto de mim e disse:

J.C.: “Esse véu, irmãzinha, fino como um hálito é o que nos separa. Sabes o que é isso? A vida que te mantém ainda cativa na terra.”

Durante a minha meditação eu estava pensando: “Meu adorado Jesus, os meus pecados! Oh, perdoa-me para que nada me separe de Ti!” Ele com uma só palavra me respondeu:

J.C.: “Confia!”

Passei ainda um longo tempo diante d’Ele. Não posso descrever a enorme alegria que senti com as palavras do Senhor. Quando escrevi que Ele estava muito próximo, frente a mim, não O via, mas Ele permitiu que eu sentisse apenas a sua Presença. Anoto isso para evitar mal-entendidos.

14 de setembro de 1964.

Ao se aproximar a noite, enquanto me preparava para começar a hora de adoração, o Senhor Jesus começou novamente a falar:

J.C.: “Vem, vem logo! Mal posso esperar a tua chegada! Quanto maior e mais numeroso é o sacrifício que fazes, tanto mais me alegro. Crê-me, está no poder de vocês fazer feliz o mesmo Deus. E espero apaixonadamente essa felicidade. Por ela Eu fico em dívida com vocês e então faço chover sobre vocês, como orvalho, as graças.”

O TORMENTO DAS DÚVIDAS

18 de setembro de 1964.

De manhã na Santa Missa, o Senhor Jesus me falou. Mas por causa dos meus pesados tormentos espirituais, não pude pôr por escrito. Mais tarde só escrevi o que o Senhor Jesus expressamente me pediu:

J.C.: “Estou muito, muito agradecido, minha Elizabeth, porque tens aceitado os muitos sofrimentos.”

Agora a minha alma se aliviou. Ao ouvir a voz do Senhor Jesus, cessou na minha alma o poder do maligno. Mas depois de algumas horas ele se apoderou tanto de mim, que por pouco não fiquei louca. Pela noite já não agüentei mais. Fui até a irmã que havia sido designada para me acompanhar. Confessei-lhe que sou uma mentirosa e pedi perdão pelas minhas contínuas mentiras. Ela, por todos os meios, quis me tranquilizar: “Não posso acreditar que quiseste me enganar.” Mas isso não me trouxe a paz.

Por isso, na manhã do dia 19, fui até o meu diretor espiritual para confessar as minhas dúvidas atrozes, que tanto me fazem sofrer. Ele ouviu surpreso a minha confissão e por pouco não me reconheceu. Ele não compreendia o que se passou comigo. E eu continuava lhe confessando que esse tormento não é nada novo, que estou encurvada sob os sofrimentos de longos meses e já não os suporto mais. Não me atrevo a receber a Sagrada Comunhão, pois a culpa pesa continuamente sobre a minha alma. Não poucas vezes eu chorava por causa dos meus pecados, dos quais não há maneira de me livrar. Com bondosas palavras ele fez de tudo para me tranquilizar e disse: “Vai comungar tranquilamente. Eu carrego sobre mim toda a responsabilidade, porque estou convencido de que não cometes nenhum pecado.” Disse ainda várias coisas: que está seguro na sua avaliação e que eu também deveria me convencer de que é o maligno que está tentando me manter longe de Deus e quer me atirar ao desespero.

Enquanto escutava as suas palavras, fiquei tranqüila. Mas quando saí do confessionário as dúvidas atrozes me invadiram novamente como nunca até então. Os espíritos malignos irromperam sobre mim aos milhares e senti que eles gritavam em coro na minha alma que sim, que sou mentirosa e que com todas as minhas lamúrias despisto o meu confessor também, o que torna ainda muito mais grave as minhas mentiras. Ninguém pode imaginar que tormentos espirituais terríveis ainda tive que passar depois disso! Então encomendei a minha alma totalmente ao amor infini-

to e misericordioso de Deus. Acudi à Santíssima Virgem: “Minha Mãe, cobre a multidão dos meus pecados diante do teu Santo Filho para que Ele não se entristeça por mim.”

Entre 20 e 23 de setembro de 1964.

O Senhor Jesus várias vezes me pediu:

J.C.: “Coloca em ordem as tuas coisas terrenas, minha filha. O tempo avança e tu voas para Mim tão rapidamente que quase não sentes a tua velocidade. Há uma distância vertiginosa entre a tua alma e a terra. Eu te aguardo, minha querida, com o Coração amante. Deus te chama com o seu infinito amor.”

24 de setembro de 1964.

J.C.: “Agora que já descansaste, minha filhinha carmelita, não te surpreendas que os sofrimentos inundem novamente a tua alma. Sentes as tentativas do maligno? Não te aflijas, Eu estou contigo e atuo dentro de ti. Tudo está escuro ao teu redor e as inibições voltam a brotar na tua alma. Como já te disse: assim será até o dia da tua morte. Como a noite e o dia, assim se alternarão na tua alma a luz e a escuridão. Não permito que a noite reine continuamente na tua alma, mas o dia tampouco. Não quero que continuamente haja luz. Acredita-me, isso tem que ser assim. Sou Eu quem conheço o que é para o bem da tua alma. Tu, apenas continua te entregando às exigências do meu divino agrado!”

5 - 7 de outubro de 1964.

Já faz mais de três anos que guardo, a pedido do Senhor Jesus, esse jejum rigoroso pela libertação das almas sacerdotais. Ao regressar hoje, segunda, da Santa Missa, o meu corpo se debilitou tanto com as dores, que depois de algumas horas senti uma fome enorme. Não agüentei e comi alguma coisa. Então, no meu grande pesar por não poder levar agora as almas sacerdotais à Presença de Deus, e porque essa compaixão

crescia mais e mais na minha alma, perguntei ao Senhor Jesus o que eu deveria fazer. Na minha alma reinava grande obscuridade e silêncio. O Senhor Jesus não deu resposta.

Ainda ao terceiro dia, acordei sentindo compaixão pelas almas sacerdotais no purgatório. E enquanto pensava nelas, a Santíssima Virgem fez ouvir as suas palavras bondosas na minha alma:

S.V.: “Minha filhinha carmelita, reza o rosário completo e assiste a uma Santa Missa que seja oferecida para as almas sacerdotais. Assim podes recuperar o atraso causado pela tua debilidade. A alma do sacerdote chegará do purgatório à Presença de Deus.”

Fiquei muito comovida por essa proposta bondosa. Com lágrimas agradei a nossa Mãe Celestial, que me ajudou, na minha debilidade, a libertar as almas. A força e a tranqüilidade voltaram à minha alma.

Isso também ocorreu na mesma manhã. Ao ir à Santa Missa, os meus pensamentos divagavam um pouco, ainda que isso durou só uns poucos minutos. Então o Senhor Jesus se dirigiu a mim:

J.C.: “És querida para Mim. Mas não te distraias nos teus pensamentos! Pensa só em Mim, porque se não fizeres assim, Eu fico aflito. Não me aflijas e não leves a mal se te corrijo. Sabes, fico feliz se as minhas divinas palavras te encontram sempre alerta. Um minuto ainda é muito para Mim, se passas ocupada com outras coisas. Eu te ajudo para que só Eu e mais ninguém encha os teus pensamentos. Não consintas que criatura alguma se interponha entre nós. Minha Elizabeth, minha querida, acolhe as minhas palavras divinas, recolhe-as num ramalhete, escreve-as para que vejam outros também o que fazer para ter Deus, longe de todo ruído terreno. Não creiam vocês que isso é impossível. Tu também és um argumento divino vivo. Por isso te coloquei no círculo da tua família para que vejam como devem e podem, ao mesmo tempo, viver e servir à família e a Deus. Minha Elizabeth, já estão madurando as tuas sementes oleosas. Eu as amadureço com prazer. Alegra-te tu também disso, porque quanto mais abundante e mais maduras estiverem, mais numerosas serão as almas sobre as quais cairão, depois da tua morte, as gotas de azeite de graças. Esse é o meu presente. E o valor dos teus sofrimentos, que nunca se perderá e, pela minha graça, nunca se esgotará. Medita sobre essa bondade, que é a manifestação do amor sem limites da minha Divindade e que se valorizará plenamente somente no céu.”

QUEIXA PELAS ALMAS CONSAGRADAS

9 de outubro de 1964.

J.C.: “Deixa que Eu volte a pedir e a me queixar, minha filhinha. Aprecia a Mim, porque o amor divino também te aprecia e te honra. Vês, Eu confio a ti que passes a outros as minhas palavras queixosas. Amem a Mim e considerem tudo o que fiz por vocês. Eu, o Homem-Deus, peço-lhes com palavras tão singelas. Dói-me que tantas vezes me ofendem. Estou tão sem reparação! O que mais me dói é que as mesmas almas a Mim consagradas me deixam de lado. Não têm tempo para se ocuparem de Mim. O tempo que dispõem dedicam a tudo, menos a Mim. Oh, vocês, néscios! Cada minuto se passa. O tempo que gastam Comigo nunca se perde, mas se funde com a eternidade, cujo valor é infinito. Sim, do tempo dedicado a Deus será fácil prestar contas. Por que não fazem tudo por Mim?! Pois isso é tão simples! Basta ter uma alma pura. A pureza da alma lhes faz divinos. Aquele que come do meu Corpo e bebe do meu Sangue permanece em Mim e Eu nele. Submerjam-se nas minhas palavras! Se Deus está em vocês, como não serão vocês também divinos? Minha Elizabeth, derramo sobre ti a clareza dos mistérios divinos de tal forma que tu medites sobre os mistérios da minha Divindade. Eu te introduzo passo a passo e faço que empreendas o caminho, já aqui na terra, a esse mundo maravilhoso. Por isso te peço, aprecia-me novamente como a mais ninguém e a mais nada aqui na terra. Proceda assim sem cessar!”

10 de outubro de 1964.

Não pude sopesar a conversa da noite anterior por causa do grande cansaço. Durante a manhã meditei sobre isso. Gostaria de expressá-la com palavras, mas sou completamente incapaz de fazê-lo. Não se pode expressar essas coisas com palavras. Enquanto me esforçava por fazê-lo, o Senhor Jesus voltou a conversar:

J.C.: “Não faças mais tentativas, minha pequena irmãzinha, pois tudo seria em vão! Sabes como já te instruí numa ocasião: submerge-te em Mim como uma gota d’água no vinho! Eu sou o vinho, tu a água. E agora lancei umas gotas dos mistérios da minha Divindade na tua alma. Não é possível separar a gota d’água do vinho. Da mesma maneira tampouco podes expressar os mistérios divinos. E agora te peço

que venhas hoje a Mim o quanto antes! Não esperes que chegue a noite! Não há nada que possa ser mais importante para tu do que Eu!”

25 de outubro de 1964.

O Senhor Jesus conversou longamente comigo. Mas devido a circunstâncias familiares eu não pude anotar tudo o que Ele disse. Agora, então, só escrevo aquilo que recorro textualmente. São palavras do Senhor:

J.C.: “Uma vez que Satanás tenha ficado cego, os decretos conciliares terão o seu cumprimento numa medida extraordinariamente grande.”

30 de outubro de 1964.

Pela manhã de sexta-feira, na Santa Missa, o Senhor Jesus me surpreendeu ao se dirigir a mim com palavras agradecidas:

J.C.: “Oh, que feliz me encontro porque escutas várias Santas Missas! Isso é uma honra muito grande para Mim. E peço-te que digas isso a muitos, porque essa é a manifestação do meu parecer. Por meio dela derramo as minhas graças sobre vocês.”

PALAVRAS DO SENHOR ÀS PESSOAS PIEDOSAS

8 de novembro de 1964.

Durante vários dias o Senhor Jesus me instruiu sobre a piedade e pediu, ou melhor, lamentou-se:

J.C.: “Escuta-me e não surpreendas por estar me queixando há vários dias até das almas piedosas. Lamentavelmente tenho sérios motivos para isso. E faço assim para que me ofereças reparação por elas também. Porque os piedosos que não fazem sacrifícios entristecem ainda mais o meu Coração. Oh, que triste fico quando olho a multidão dos piedosos! Porque viver uma vida piedosa não lhes assegura muitos méritos para ganhar a salvação eterna. Oh, quantas há

entre essas almas que não vêm mais para perto de Mim! Como se tivessem medo. Até a dor dos seus pecados não brota do amor.

Escreve as minhas palavras, ou melhor, o meu pedido. Aqueles que permanecem na indiferença devem saber que sem sacrifício não há progresso. É um erro que Eu me contente com uma piedade estéril, porque é como uma árvore que não produz frutos. E digo ainda algo mais, minha Elizabeth. Os piedosos desse tipo nem sequer pensam como a sua alma é opaca e cinza. A luz da graça só penetra e ilumina a alma que está incandescente de amor, na medida em que expõem a sua alma ao efeito transformador da minha graça. Não te surpreendas que te fale num tom tão severo. Essa severidade também brota do meu amor. Gostaria que tomassem no peito as minhas palavras e se prostrassem diante de Mim com adoração reparadora e com a alma arrependida. Porque é costume também das almas piedosas pensar que, depois de ter dedicado um bom tempo às suas devoções, já deram a Deus o que é de Deus. Oh, insensatos! Se sentissem a imensa dor do meu Coração divino por causa da sua indiferença piedosa! Eu sou a Vítima e realizei a minha Obra Redentora não com atitudes piedosas, mas com a ininterrupta aceitação de sacrifícios.

Arrependimento! Arrependimento! Arrependimento! É isso que lhes peço! A voz do arrependimento é a que chega até o trono do meu Pai Celestial. E é essa a voz que detém sobre vocês a Mão castigadora do meu Pai.”

10 de novembro de 1964.

O Senhor Jesus continuava as suas queixas acerca dos piedosos:

J.C.: “Parece que vocês já se esqueceram que essas minhas palavras já foram pronunciadas, quando Eu ia carregando a Cruz e as piedosas mulheres se lamentavam mais de Mim do que de seus próprios pecados. Portanto novamente lhes peço, almas piedosas: arrependimento! Arrependam-se no lugar de outros também!”

13 - 14 de novembro de 1964.

J.C.: “Tranqüiliza-te, minha filhinha, pois irradiei a luz na alma do

teu confessor. E pela sua claridade ele vê nitidamente o caminho que há de seguir, de agora em diante, para pôr em marcha a nossa Santa Causa. Ganhamos um deles dentre os doze sacerdotes.”

À noite, ao escutar essas palavras do Senhor Jesus, uma alegria tão grande encheu a minha alma como nunca havia sentido até agora. Na minha alma vi como Satanás fica cego e vi também os benéficos efeitos que por causa disso vão receber os homens em todo o mundo.

Sob o efeito dessa felicidade, eu mal conseguia fechar os meus olhos durante a noite toda. E quando me sobreveio um leve sono, o meu Anjo da Guarda me despertou dizendo: “Como tu consegues dormir, com essa alegria tão grande, que fará estremecer o mundo inteiro?”

Então o Senhor Jesus disse:

J.C.: “Satanás ficar cego significa o triunfo mundial do meu divino Coração. Significa a libertação das almas e também que o caminho da salvação se abrirá em toda a sua plenitude.”

16 de novembro de 1964.

De manhã assim falou o Senhor Jesus:

J.C.: “Através da tua total entrega, minha Elizabeth, chegaste a ser a minha harpa. A tua contínua aceitação de sacrifícios são as cordas da harpa. Eu toco agora belíssimas melodias. A tua alma submersa em Deus capta facilmente a minha admirável melodia, que não toquei até agora para ninguém. É a dor dos teus pecados que me inspira a entonar tão maravilhosa melodia. Escuta-a com atenção, porque vou repeti-la muitas vezes em resposta à dor dos teus pecados.”

Do dia 17 ao 18 de novembro de 1964.

Já perto do amanhecer, mas ainda de madrugada, falou a Virgem Santíssima:

S.V.: “Vejo, minha filhinha, que por causa das fortes dores não pudeste te levantar para a vigília noturna. Mas apesar disso, recobra todas as tuas forças. E quando te despertar, oferece a tua dolorosa vigília aos moribundos.”

E ainda me advertiu com delicadeza que à noite, ao me deitar, eu me esqueci de beijar o meu escapulário. Na manhã do dia 18, no momento de comungar, o Senhor Jesus falou assim:

J.C.: “Estava esperando com ânsia entrar dentro de ti! Não te surpreendas que vôo em direção ao teu interior sem sequer tocar os teus lábios!”

Dado que no dia anterior não pude recebê-Lo, o meu anseio também era muito grande. No dia 19 ocorreu o mesmo: Ele não tocou os meus lábios, mas voou direto em direção à minha alma.

J.C.: “Escreve, minha filhinha, o que agora te dito. Tu és minha e isso é a tua garantia. Depois da tua morte vão abundar nos tesouros da tua alma os que conhecerão e abençoarão e glorificarão a Deus que te ajudou com a sua graça sem limites a ter uma vida substanciosa e plena de tesouros. Os teus próximos, que viverão na terra, poderão seguir o exemplo simples da tua vida e usar abundantemente esses tesouros, pelos quais poderão também chegar a Mim.”

E ao devolver as suas palavras em forma de oração, o Senhor Jesus começou a conversar:

J.C.: “A água das minhas graças, semelhante a uma corrente, flui continuamente para a tua alma. Já é o momento de te dizer por que caem na tua alma abundantes graças. Porque com os teus sacrifícios cavaste um profundo leito e, assim, a água das minhas graças divinas, que tem virtude purificadora, encontrou lugar na tua alma. Se não tivesses preparado um leito tão profundo com os teus sacrifícios, a água purificadora das minhas graças teriam escorrido.

Não te enfades, minha Elizabeth, por Eu querer te consolar e as minhas palavras se desembocarem em queixas. Não depende de Mim: o teu coração compreensivo me induz a queixar.

Oh, quantas e quantas almas recebem a abundância das minhas graças! Mas como não se preparam, escorre das suas almas a água purificadora do meu amor! A graça se perde das suas almas. Como me dói isso! Mas não continuarei me queixando, já que tenho que te fortalecer para te preparar para as lutas que te esperam. No leito da tua alma a água das minhas graças repousa. E nelas a fonte das minhas graças faz flutuar as tuas gotas de azeite, espremidas pelos teus sofrimentos. Olha como sobre o espelho de água prateada estão brilhando as tuas gotas de azeite. Brilha como o ouro puro! Essa visão emana da minha Divindade. Não é bela? Mergulha nessa preciosidade!”

Depois disso, durante horas, não sei o que se passou comigo. Ao suave som do sino que tocava ao meio-dia, rezei a oração do “Ângelus” e logo as notícias ruidosas do rádio me perturbaram. Mas sobre isso não sei escrever. O que se passou na minha alma pode ser aquilo que escreveu São Paulo: “Olho não o viu, ouvido nunca o escutou, nem jamais penetrou no coração humano.” Mas pode ser que, por falta das minhas capacidades intelectuais, eu não saiba escrever mais sobre isso. Ou seja, custou-me regressar à vida real.

2 de dezembro de 1964.

As grandes angústias espirituais voltaram. O Senhor Jesus, com um leve suspiro, infundiu na minha alma:

J.C.: “Aceita tudo, minha pequena irmãzinha, para a minha glória! O sofrimento, a paz da tua alma, as tuas angústias e as tuas dúvidas. Porque tudo isso aparecerá na minha glória. E quando o teu corpo deixar a terra, gozarás essa glória junto Comigo. E isso fecundará as almas que vivem na terra. Pronuncia freqüentemente com os anjos: ‘Glória a Deus!’”

Isso ocorreu durante a vigília, antes do amanhecer.

5 de dezembro de 1964.

As angústias da alma aumentavam, acompanhadas de dúvidas de fé, enquanto a minha alma se debatia na obscuridade. O Senhor Jesus, por uns minutos, acalmou a angústia que reinava na minha alma e disse:

J.C.: “Estás sofrendo muito, filhinha? Que não acabe o teu sofrimento sacrificado! Sabes por que é assim? Na medida em que deixo baixar sobre ti a obscuridade das dúvidas da fé e a angústia espiritual, na mesma medida haverá clareza e alívio nas almas que vão pôr em marcha as minhas mensagens, dadas através de ti. Minha Elizabeth! Sofre com heroísmo, com perseverança, sem parar! Eu, em todo caso, levantarei de vez em quando diante ti o véu que oculta a minha divina Vontade. E manifestarei a minha complacência para que tires força de tempos em tempos. Então a tua alma se encherá com a abundância da minha divina Graça, que tu deverás passar aos outros para que louvem e glorifiquem a Deus pela sua bondade infinita.”

VAMOS APAGAR O FOGO COM FOGO

6 de dezembro de 1964.

Quando começou a Santa Missa, a Santíssima Virgem falou:

S.V.: “Vamos apagar o fogo com fogo. Eu farei em união com vocês um tal milagre, que os sábios do mundo em vão tentarão entendê-lo, pois isso nunca estará ao alcance deles. Somente a sabedoria das almas puras e amantes de Deus poderá compreendê-lo, porque elas possuem a Deus e os seus infinitos segredos. Sim, apagaremos o fogo com fogo! O fogo do ódio com o fogo do amor! O fogo de ódio de Satanás lança as suas chamas tão alto que ele acredita que a sua vitória já é segura. Porém a minha Chama de Amor cegará Satanás. Essa Chama de Amor que entreguei nas tuas mãos e logo chegará ao seu destino. E as chamas que brotam do meu amor apagam o fogo do inferno. A Chama de Amor, com uma claridade inimaginável e com um calor benéfico, inundará a redondez da terra. Para isso, filha, necessito do sacrifício, do teu sacrifício, do sacrifício de todos vocês, para que as mentes e corações, nos quais arde o ódio infernal, recebam a mansa luz da minha Chama de Amor. Sabes o que és tu? Um ponto pequeno que se incendiou na Chama de Amor. E a claridade recebida de mim acende as almas. E quanto mais numerosas forem as almas sacrificadas e as que velam em oração, tanto maior será a força da minha Chama de Amor na terra. Formem, pois, uma fila estreitamente apertada, porque na força do sacrifício e da oração se quebra a chama do ódio infernal. Os malignos se reduzirão cada vez mais. E as suas chamas, que ardem de ódio, se apagarão. E o resplendor da minha Chama de Amor encherá todas as regiões da terra.”

10 de dezembro de 1964.

As graças que o Senhor infundiu na minha alma, Ele me faz senti-las ainda tão intensamente, que mal me sobra forças para caminhar. Que ninguém fique surpreso por isso se algum dia ler estas linhas. Mas quando isso ocorre, muitas vezes a graça do Senhor queima tão docemente a minha alma! E algumas vezes outras pessoas também sentem o que está se passado em mim. Fico surpresa ao perceber que nem todos sentem por igual as graças que emanam da minha alma. Perguntei ao Senhor Jesus porque é assim. Ele me respondeu que Ele permite que cada um sinta conforme os seus próprios méritos. Com essas palavras pode-se deduzir qual é o grau de mérito de cada alma. As almas que possuem poucos méritos me causam uma pena e um sofrimento muito grande. Mas o Senhor Jesus me pediu mansamente: “Sofre Comigo!”

O GRAU DE MÉRITOS DE CADA UM

12 de dezembro de 1964.

De manhã bem cedo ao ir à Santa Missa, o Senhor Jesus, com extraordinária bondade, deixou-me ouvir as suas palavras na minha alma:

J.C.: “Tenho muitas coisas para te dizer, minha pequena irmãzinha. Não te surpreendas que Eu, o Deus-Homem, seja tão loquaz contigo. A tua alma é como a água pura de um lago. Os meus Olhos divinos continuamente podem ver o que há em ti. As pedras assentadas no fundo do lago resplandecem com o seu brilho e encantam. Elas são os teus pecados e defeitos fundidos, que o arrependimento fez resplandecentes e brilhantes. Eu te digo, não há nelas nenhum lodo, nenhuma sujeira, mas só beleza para Mim. Os meus Olhos divinos descansam com agrado ao mirá-las. Isso é o que sentiste, e que te tirou a força para caminhar. O olhar de Deus descansou sobre a tua alma.”

E agora continuou sobre um assunto inteiramente novo:

“Oh, minha Elizabeth, permite que a modo de preâmbulo Eu te honre. Anseio muito para que subas a Mim e que nada possa jamais perturbar a nossa união. Mas agora passo ao que quero te dizer. A nossa união aqui na terra alcançou tal grau, que o anseio do martírio encharca a tua alma. E o martírio do sofrimento alcançou em ti o seu pleno desenvolvimento. O meu Divino Sangue rega todas as partículas do teu corpo. E isso te faz forte e capaz para suportar o grande martírio que sofres continuamente sem nenhuma palavra de queixa. Agora muitas coisas mais vou desvendar diante ti, para que tires forças dos frutos saborosos dos teus sofrimentos. Quando te ofereci as minhas graças, a minha Alma já então se regozijou pelo alto grau de disponibilidade para os sacrifícios com que tu os abraçaste. E a tua vontade ininterrupta de sentir Comigo aumentava cada vez mais a transfusão das minhas graças. Sabes o que significa isso? Significa que com a rapidez e na medida em que participas na minha Obra Salvadora, com a mesma rapidez e na mesma medida progride a Causa Santa que te confiamos. Ou seja, o martírio que vives na tua alma prepara bem o avanço cada vez maior das nossas comunicações. Minha Elizabeth, se tu te aproximasses de Mim somente com passos cautelosos e lentos, isso seria um prejuízo muito grave para a Causa Santa. Bom, minha querida, agora já compreendes plenamente o valor dos teus sofrimentos. A tua rápida prontidão levará outros a atuar rapidamente também. E as minhas graças vão logo triunfar nas almas pelas quais tu te ofereceste a aceitar com todas as suas conseqüências o martírio.”

Enquanto a voz do Senhor Jesus desaparecia na minha alma, o amor da Santíssima Virgem me atraiu para si. Isso também era sumamente amável. E todas as manhãs era como se eu não vivesse sobre a terra, ainda que fazia os meus trabalhos de casa. Mas estes não ocupavam a minha mente, que estava possuída por inteiro pela Presença do Senhor Jesus e da Virgem Santíssima. Das palavras da bem-aventurada Virgem Maria só consigo escrever muito pouco.

VIRTUDES: A HUMILDADE E A SIMPLICIDADE

Depois da longa conversa do Senhor Jesus, a Virgem, com o seu maternal amor, falou com estas palavras:

S.V.: “Eis a recompensa pelo teu apego, filha: estou esperando ansiosamente o momento em que possas te estreitar ao meu Coração.”

Agora, sob o efeito das graças, por obra de Deus, submergi plenamente na consciência da minha insignificância e da minha miséria. Para mim essa é a graça maior com que o Senhor Jesus me honra e me inunda. E tento fazer que isso seja cada vez mais forte na minha alma. A Santíssima Virgem dirigiu-se a mim:

S.V.: “Alegro-me tanto, minha filhinha, que tenhas sempre presente as minhas virtudes: a humildade e a simplicidade.”

Nesse momento os sinos para o “Ângelus” tocaram. Ia começar a oração com que veneramos a Santíssima, mas Ela interveio:

S.V.: “Agora a tua oração deve ser prestar atenção às palavras que te dirigi e, como sinal da tua veneração, meditá-las na tua mente!”

21 de dezembro de 1964.

J.C.: “Agora dividirei o resto da tua vida em três partes. A primeira será de dores e tormentos. Depois te inundarei com as minhas graças fortificantes e a tua recompensa será em forma de arrebatamentos. Depois virá a secura espiritual, ou seja, voltarás à vida natural. A tua vida até agora tem sido parecida a isso, só que de agora em diante saberás de o que vai te acontecer.”

1965

DÚVIDAS

Primeiro de janeiro de 1965.

No dia do Ano Novo a Virgem Santíssima falou assim:

S.V.: “Pela efusão da minha Chama de Amor, colocarei a coroa de êxito sobre o Santo Concílio.”

Desde meados de janeiro vivo no meio de uma grande secura e obscuridade espiritual. E no meu abandono, cada vez mais domina a idéia de que a minha vida até agora é pura imaginação e mentira. Procurei afastar essa idéia de mim com todas as minhas forças. Mas quanto mais me esforçava, mais caía sob o poder dela. E nessa angústia espiritual, no meio de uma grande solidão, agravavam os pensamentos túrbidos de constantes dúvidas contra a fé. Tratei de guardar com todas as minhas forças o meu equilíbrio espiritual, que já estava muito enfraquecido. Na minha debilidade, os meus pensamentos confusos me demonstravam que tudo era mau. Essa insegurança ia crescendo e levantando ondas na minha alma. Então um impulso desesperador me obrigou a liquidar radicalmente as minhas contínuas mentiras. Porque se não fizesse isso, eu me condenaria. Esse pensamento me fez cambalear. “Não quero pecar! Arranca da minha alma, de uma vez por todas, as minhas imaginações mentirosas! Rompo com tudo o que está relacionado com as minhas mentiras! Não quero tratar com pessoas que sabem de mim. Já não tratarei mais com a irmã que me havia sido designada e também não irei mais falar com o meu confessor. Continuamente tenho a sensação de que ele é débil para comigo e me abandona nas minhas imaginações mentirosas.” Não me atrevi a continuar escrevendo as palavras do Senhor Jesus. Porque sentia em mim, o tempo todo, que tudo aquilo não era mais que puro invento meu, que eu escrevia sob o impulso da auto-suficiência e da soberba. Assim eu me debatia em tormentos enormes. E quando deixei de escrever as palavras do Senhor, novo temor se apoderou de mim: o de não obedecer ao pedido do Senhor Jesus. Debatendo-me entre esses tormentos, mal conseguia orar. Nas minhas trevas espirituais, por pouco tempo abandonei a luta, quando ouvi a voz do Senhor Jesus:

J.C.: “Hoje não me dirigiste ainda nem uma só palavra.”

A essas palavras estremei. Mas não me era claro se se tratava de palavras do Senhor ou se eram vibrações posteriores das minhas mentiras.

No minuto seguinte senti o soluço da Santíssima Virgem na minha alma. Mas o tomei como se a minha imaginação estivesse me tentando com recordações de tempos passados. Continuava me esforçando para me livrar dessas ilusões enganadoras da minha vida, que pareciam já ter alcançado o seu ponto mais alto. Vivo num mundo espiritual terrível. Mas agora faço ainda um último esforço para me livrar definitivamente de tantos embustes confusos. Já tentei fazer isso muitas vezes, mas a minha débil vontade sempre me abandonou. E então começava tudo outra vez, tudo novamente. Ou melhor, continuava se agravando a situação anterior.

Em vão pedi ao senhor Bispo, ao Padre X. e ao Padre D. que me livrassem dos espíritos malignos. Nenhum deles o fez. Apenas me tranqüilizavam pedindo que eu esperasse que se clarificasse em mim a vontade de Deus. Para mim, essas palavras careciam de força e eu continuava com as minhas mentiras. Em vão pedi também ao meu confessor que fosse severo comigo, porque tinha a sensação de que ele, por delicadeza, não descobria as minhas graves faltas. Tive algumas lutas tremendas. As minhas confissões tampouco me traziam alívio, porque pensava que isso não me prevenia das minhas mentiras. Houve um tempo, quando a inquietude torturava demais a minha alma, que já não me atrevia a ir comungar.

Chorando supliquei ao meu confessor: “Padre, não confies em mim, porque eu sou uma embusteira, uma mentirosa. E a multidão dos meus pecados impede que eu receba a Santa Comunhão. Recordas, padre, do que me disseste? Que eu continuasse a recebê-la, porque tomarias sobre ti a responsabilidade pela minha culpa. E se eu me atrevesse a receber a Santa Comunhão, era porque estava somente obedecendo as tuas ordens.” Depois, por um curto espaço de tempo, consegui ter um pouco de tranqüilidade. Mas isso mudava continuamente na minha alma. Eu não suporto mais essa luta. Quando me confessei pela última vez, o padre me pediu para que falasse e aliviasse a minha alma. Mas eu não pude lhe contar as coisas que sucediam na minha alma. Frequentemente e de súbito, sentia uma inibição em mim. E sentia que o padre era uma pessoa de boa fé: “Será melhor se eu não continuar te enganando com as minhas mentiras inacabáveis. Porque senão não serei só eu quem se condenará, mas tu também.” Terrível tormento é esse! Não posso suportá-lo! Até agora o padre me guiou em todos os meus pensamentos e ações, animando-me para que aceitasse todos os sacrifícios pela Santa Causa. Mas se essa Causa existe assim na realidade e não vem de mim, isso ninguém sabe dar resposta. Eu mesma não estou segura disso. Que não vem do diabo, isso já me o disse o senhor Bispo, o Padre X. e o Padre D. Também o meu padre me tranqüilizou. Uma vez Satanás irrompeu sobre mim:

“Também não vem de mim. Mas tampouco de Deus. Isso procede unicamente de ti!”

“Meu Senhor, perdoa os meus pecados! Não suporto me enganar por mais tempo! Definitivamente quero alcançar a tranqüilidade. Vejo que carece de todo sentido o que tenho feito. E não sei explicar por que só desde então estou sofrendo. Como esse sofrimento brota do pecado, ele não pode ser meritório. Livra-me! Livra-me desse terrível tormento! Essa é a minha única oração, que elevo aos céus. Só a morte! Oh, feliz morte! Essa será para mim a salvação que me livrará dos tormentos infernais sofridos na terra.”

E estou sofrendo isso desde há muitos anos! Oh, feliz morte! Eu me abandono na misericórdia de Deus. Se o bom Deus tirasse a minha vida e me esquecesse entre as almas sofredoras, nem que fosse até o Dia do Juízo, eu aceitaria isso feliz. Porque sei que ali, por mais tempo que durasse, já não teria mais oportunidade de pecar. Com a morte cessariam os meus pensamentos confusos e as minhas mentiras. E assim já não ofenderia mais a Deus. Quando escutei na minha alma o dia em que iria morrer e quando estaria entre os bem-aventurados, senti profunda gratidão na minha alma. Será um deleite inimaginável me livrar da terra. Até que isso ocorra, irei a um novo confessor, diante de quem não mencionarei as imaginações pecaminosas que tiveram lugar na minha alma. Deixando de lado essas coisas, quero me livrar dos meus pecados. Porque as minhas confissões anteriores estavam cheias de fingimento. É o que sinto agora. Isso causa uma inquietude desesperadora na minha alma. Não quero regressar ao meu confessor anterior. Porque as feridas causadas pelas mentiras do passado se abririam novamente. E isso faria vacilar a minha firme determinação e turbaria a paz da minha alma. Estou vivendo tormentos terríveis.

7 de janeiro de 1965.

O Senhor Jesus disse:

J.C.: “Não fique cismada sobre quem será aquele forte que porá em marcha as nossas comunicações! Eu, de força, não tenho necessidade. Escolho as almas humildes e sacrificadas. E o importante é que se aproximem de Mim com confiança. Confiem em Mim! Repito, é essa a forma pela qual podem se colocar plenamente ao meu lado.”

COM A CONFISSÃO CHEGA O EFEITO DE GRAÇA À ALMA

11 de janeiro de 1965.

Fui me confessar. Durante dois ou três dias fiquei tão aliviada! Não, isso não devo escrever assim. Porque essa leveza me desprende da terra e durante dias passei o tempo numa felicidade encantada. Essa felicidade era tão grande, que tive a sensação de não poder contê-la dentro de mim. Nesses dias estive na casa carmelita e permaneci ali por algumas horas. Queria tanto que todos sentissem comigo esse arrebatamento! Interrompendo o meu trabalho, passei e beijei na testa a irmã que me acompanha. O Senhor permitiu que a irmã também sentisse o efeito maravilhoso da graça que habitava dentro da minha alma. Ele disse:

J.C.: “O Olho de Deus descansa sobre ti.”

15 de janeiro de 1965.

J.C.: “A tua alma, filha, é receptora das minhas palavras divinas. Não temas! Isso é assim, por mais indigna que te sintas para elas. Sabes bem que Eu me sirvo da tua pequenez, da tua ignorância e da tua humildade para esse fim, sendo esta última a mais importante.”

4 de fevereiro de 1965.

Esta manhã me despertei aliviada. O Senhor Jesus disse:

J.C.: “A paz esteja contigo!”

Não pude deixar de aceitar essas palavras. A tranqüilidade tão desejada entrou na minha alma. Essa paz me deu uma força inconfundível.

J.C.: “Sofreste muito, minha filhinha? Satanás, privado da luz de seus olhos, não pode te induzir a nenhum pecado. Uma fúria selvagem se apoderou dele, ao saber que és tu quem tem que transmitir a minha Santa Vontade. E por isso ele quis tirar isso da tua cabeça. É mérito dos teus sofrimentos que a minha divina claridade ilumine a origem divina dos ‘feitos comprovados’ nas almas daqueles que são chamados para transmitir a Causa. Será grande o número daqueles que se opõem. E tu ainda tens que sofrer muito para que a Causa possa triunfar. Presta contas do estado da tua alma ao teu confessor.”

AQUI ESTOU, JUNTO A TI, DISSE JESUS

14 de fevereiro de 1965.

Durante a adoração, o Senhor Jesus me chamou a atenção:

J.C.: “Anda, tens que levar pão para a tua família!”

Havia me esquecido disso por completo. Agradei com profunda gratidão que a sua atenção se estendesse até as coisas tão terrenas também. Durante o caminho eu continuava adorando o Senhor. Ao entrar no armazém, lembrei-me que era sábado. E ao perguntar “Ainda tem pão?”, a resposta foi “Não”. Fiquei assustada: “E agora, o que vou fazer?” E quando estava a ponto de sair, ouvi me chamarem: “Disseram-me que guardaram um pão, mas quem encomendou não veio pegar.” No mesmo instante disse: “Meu adorado Jesus!” E Ele:

J.C.: “Este sou Eu! Vês? Que não seja o tempo que ficas Comigo que resulte em prejuízo para a tua família!”

Caminhamos juntos silenciosamente. Digo isso porque Ele me inundou com a sua Presença e eu, entregue a Ele, continuava Lhe adorando.

25 de março de 1965.

O Senhor Jesus me pediu:

J.C.: “Tu pões em tensão todas as tuas forças. É isso que me é muito grato em ti. O arco, também, quanto mais o tensionam, tanto mais certamente se pode dar com ele no alvo. Tu também tens que tensionar a tua força de vontade. E graças a ela a flecha não se desviará da direção, que não é outra coisa que o céu.”

7 de abril de 1965.

Conversava com a irmã designada para me acompanhar e Lhe mencionei que o Senhor Jesus me trata, às vezes, como se tivesse se esquecido de mim. E que eu, nesses momentos, sinto Ele muito longe de mim. No mesmo dia aconteceu que, enquanto em casa me ocupava dos meus netinhos, no fundo da minha alma eu adorava e reparava ao Senhor Jesus. As palavras que enviei a Ele, eu as sentia como se tivessem voado a infinitas

alturas. Então Ele me surpreendeu, falando no fundo da minha alma:

J.C.: “ Por que pensas que Eu estou longe, nas alturas, acima de ti? Aqui estou parado, agora, junto a ti.”

Enquanto o Senhor Jesus conversava, a minha alma captou, através das ondas de sentimentos especiais, como a Santíssima Virgem, com o seu amor admiravelmente cativador, disse ao Senhor Jesus:

S.V.: “*Ela é a minha preferida também!*”

E me permitiram entender que se tratava de mim. A Santíssima Virgem se fundiu tanto no amor da Santíssima Trindade, que apenas pude distingui-la na minha alma. Isso me surpreendeu muito. E para a minha admiração, o Senhor Jesus permitiu que eu me submergisse em coisas extraordinariamente admiráveis. Disse:

J.C.: “Isso não é arrebatamento, mas apenas um dos tipos. Por isso podes suportá-lo com as tuas forças corporais.”

Entretanto me iniciou em coisas celestiais que eu até agora ignorava. Não posso expressá-las com palavras. O Senhor Jesus me falou sobre isso também no dia seguinte, durante a Santa Missa. Mas essas coisas não ousei escrever.

12 de abril de 1965.

Na Segunda-Feira Santa, o Senhor Jesus me inundou com as suas queixas. Disse que a minha família também aumentava a sua dor.

J.C.: “Vês a minha Mão que pede ajuda, minha irmãzinha carmelita? Muitos esquivam o seu olhar para não ter que sentir a triste mirada dos meus Olhos. Como podes ver, sou Eu quem me aproximo deles. Mas eles seguem avançando teimosamente pelo caminho da escuridão. Por isso a minha Santíssima Mãe pediu que se acenda na terra a sua Chama de Amor, que ilumina o interior das almas. E para isso Ela pede as gotas de azeite dos teus sacrifícios. Eu te digo, e prometo com a minha palavra divina, que quando orares por alguém nunca serás rechaçada. Porque as gotas de azeite dos teus sacrifícios não só caem nas lamparinas das almas, mas também nas minhas feridas ardentes de febre, atuando nelas como bálsamo refrescante. Minha Elizabeth, o Homem-Deus te dá as graças por isso. Não te escuses. Assim tenho que fazer, porque Eu também sou Homem e compartilho

os sentimentos de vocês. E quando fazem sacrifícios pela minha Obra Salvadora, fazem com que Eu esteja em dívida com vocês. Poderia dizer desta maneira também: vocês me compram com os seus favores! E me encho de uma felicidade transbordante.”

Quando terminou, o Senhor me permitiu que também sentisse na minha alma o que Ele sente, em vista do nosso amor compassivo.

O SENHOR ME PERMITE SOFRER PELOS OUTROS

Maio de 1965.

Estive no médico. Depois de fazer o primeiro exame, o médico disse que não pôde constatar nenhuma enfermidade. Disse que os sofrimentos de que me queixo não procedem de enfermidade. Mas que eu me sobrecarrego do sofrimento dos outros. Não tenho nenhum problema com os nervos. Estão completamente em ordem.

Mas para que o exame fosse completo, ele me enviou para os exames de laboratório. E uma vez que esses foram feitos, regressei para o resultado depois de uma semana.

Depois de ver os exames, o médico constatou uma pequena anemia, que era de todo insignificante. E como dessa vez também não detectou nenhuma enfermidade, disse que não prescreveria nenhum medicamento. Recomendou apenas banhos termais. Mas isso também quando o tempo estiver mais quente.

E novamente me deu como única explicação, o fato de eu me encarregar do sofrimento dos outros. Porque o meu sistema nervoso é bastante sensível e reage de modo extraordinário a tudo. E é isso o que provoca em mim os muitos sofrimentos. Sobre isso já não pude expressar outra opinião. Esse médico não me conhecia, nem tinha conhecimento de nenhuma das circunstâncias da minha vida.

Os meus filhos, que sabiam que eu sempre reclamava do meu estado de saúde e da minha contínua debilidade, esperavam com grande interesse o resultado do exame. E foi com grande surpresa que receberam a notícia que, segundo o diagnóstico do médico, não sofro de nenhuma enfermidade. Eles também acharam isso estranho. E eu continuava sofrendo como antes.

15 de maio de 1965.

O Senhor Jesus me permitiu ouvir o seu suspiro inteiramente suave, que parecia vir de muito longe. O Senhor Jesus deixou entrar na minha alma, através do seu suspiro, uma tênue luz, que iluminou o valor do meu sofrimento. E enquanto esse suspiro, sentido como que vindo de muito longe, cruzava pela minha alma, eu sentia o Espírito de Fortaleza atuar intensamente na minha alma. Enquanto isso ocorreu, cessaram em mim todos os fantasmas torturadores da incerteza que quase, quase me extenuaram.

Então o Senhor Jesus disse ainda:

J.C.: “Não vaciles, minha querida, nesse estado desesperador em que pus agora a tua alma!”

E ao ouvir a voz do Senhor na minha alma, eu me acolhi às suas palavras: “Meu Jesus! Que feliz estou porque falaste comigo! Não me soltes! Tu és quem melhor o sabe, já que és Tu quem dá o sofrimento.” Ele disse silenciosamente:

J.C.: “Agora tens que padecer daquele sofrimento e daquela obscuridade que sentiram os meus discípulos depois da minha morte. Mas assim como enviei sobre eles o Espírito Santo, também enviarei sobre aqueles por quem tu tens que sofrer. Agora, no meio dos sofrimentos, já compreendes o que não entendias? Esse milagre é a repetida vinda do Espírito Santo, que muitos esperam. E a luz da sua graça se esparmará por toda a terra.”

Quando terminou o Senhor Jesus as suas palavras, no mesmo instante desapareceu da minha alma a força iluminadora das suas palavras. E outra vez o sofrimento escuro dominou a minha alma.

20 de maio de 1965.

Na Santa Missa da manhã, antes da Santa Comunhão, o Senhor Jesus dirigiu-me as suas palavras:

J.C.: “Sê muito forte! Não te darei mais sofrimentos.”

Ao ouvir essas palavras eu me assustei. Não receberei mais sofrimentos? “Oh, meu adorado Jesus, isso significa também que retiras de mim o teu amor?” Isso me entristece ainda mais. E tristemente me queixei diante do Senhor Jesus: “O sofrimento para mim é quando não tenho

sofrimentos. E agora, como posso parar-me diante de Ti? O teu amor, fundido em um com os sofrimentos, dominava a minha alma. Mas agora que ele já não dominará mais, o que será de mim?”

A minha alma ficou pesada e pedi ao Senhor: “Meu adorado Jesus, por que me trata assim? Não mereço os sofrimentos? Não sou bastante forte para suportá-los?” Ainda por muito tempo me queixava ao Senhor Jesus. Ele disse novamente:

J.C.: “Vejo que não me compreendeste. Até agora Eu te dei tantos sofrimentos quanto as tuas forças humanas podiam suportar. Portanto não vou mais aumentá-los. Já se cumpriu a medida para ti. Pois já não cabe mais nenhum sofrimento nem do tamanho de um fio de cabelo no teu corpo ou na tua alma. Repito, persevera e fica tranqüila. Tu és o cálice, cheio até transbordar, dos sofrimentos recebidos. Portanto não vou diminuir o meu amor. E também não aumentarei mais os teus sofrimentos. Já disse que não te pouparei: tu tens que sofrer até o teu último suspiro. E porque tu tomaste parte na minha Obra Salvadora com muito entusiasmo, Eu te guardo no meu amor.

A paz esteja contigo, minha Elizabeth! A minha paz ninguém pode dar, mas somente Eu. Eu que te chamei entre os obreiros da salvação, agora te chamo entre os que recebem a recompensa.”

30 de maio de 1965.

A Santíssima Virgem falou:

S.V.: “Depois da tua morte, minha filhinha carmelita, o teu lugar será junto a mim. E as tuas gotas de azeite recolhidas na terra, que pela tua vida sacrificada o meu Santo Filho uniu com os seus méritos, voltarão a cair nas lamparinas apagadas das almas. E lá se acenderão pela minha Chama de Amor, sob cuja luz encontrarão o caminho que conduz à salvação. Essas gotas de azeite também vão cair sobre as almas que não possuem lamparinas. E elas sentirão os efeitos da Chama de Amor e também chegarão ao meu Santo Filho. Portanto tu terás trabalho até no céu. E continuarás a tua participação na minha Obra Salvadora depois da tua morte também.”

IMPOTÊNCIA DE SATANÁS

4 de junho de 1965.

Ocorreu uma coisa muito interessante. Quando estava indo à noite para a minha casinha, no caminho eu tive que escutar o gemido amargo e reprovador de Satanás. Ele se lamentava de que desde há muito tempo suspeitava que ia passar apuros muito graves por causa de mim. Por isso, desde então, procurou ter-me continuamente à vista. E continuava se lamentando de que, apesar disso, eu sempre conseguia escapar das suas garras. Mesmo quando ele empregou todos as suas forças foi, contudo, derrotado.

E ele veio me seguindo até chegar ao meu pequeno quarto, que está no fundo da horta. Ou melhor dizendo, veio furtivamente. Porque como está cego, está impotente. Mas houve uma hora em que tive que sentir os seus olhos brilhantes de ódio e de vingança, que naquela hora encheram de medo todo o meu ser.

5 de junho de 1965.

Na minha alma há um contínuo e grande anseio por Deus. Conformando-me com a sua Santa Vontade, aceitei se tivesse que viver, morrer ou sofrer. Tudo isso me encheu de tal felicidade, que não existe nem letra nem palavra que possam expressá-la. A minha alma tremia de felicidade. Mas na manhã seguinte já não restou mais nada dessa felicidade. E o ataque do maligno caiu novamente sobre mim. Nunca usei essa palavra até agora, mas devo dizer que o suplício dos sofrimentos dilacerava a minha alma.

Com poucas palavras descrevo os ataques do maligno, com os quais ele quis me fazer vacilar:

“Não tem sentido que tomas por verdadeiras as tuas invenções tolas. Essa grande desilusão, na verdade, te consternou e te fez perceber que tudo é pura invenção tua. Reconhece isso e te corrige! Continuar esse tipo de vida é contrário à tua dignidade humana. E também estás pecando com isso. Vê, até o teu Adorado te abandonou, pois não te considera digna nem da vida nem da morte. A única coisa segura é a condenação para ti e para todos os que estão de acordo contigo. Sim, somente tu és a responsável por isso. Porque tu os empurras ao mal com as tuas contínuas

mentiras.”

O ataque foi com tão grande ímpeto, que imediatamente eu perdi a segurança da minha alma. Essa luta durou vários dias. Nessa enorme incerteza, a minha única oração era a oração dominical. Pedi ao Pai Celestial que aceitasse a minha alma, o meu corpo. Eu quero servir a Ele com toda a minha mente. E que se cumpra em mim plenamente por meio d’Ele a sua Santa Vontade. Isso é todo o meu anseio. Pedi-Lhe que perdoasse, pelos méritos do nosso Senhor Jesus, todos os meus pecados.

9 de junho de 1965.

À noite eu me retirei para descansar. Devido à debilidade e ao cansaço, eu quase nem podia pensar. Inteiramente de improviso, o Senhor Jesus me surpreendeu com as suas palavras e começou a conversar. Nunca na minha vida as suas palavras me chegaram tão no meu âmago como agora. Eu as ouvi com a alma trêmula e com devoto recolhimento. Cessou em mim o cansaço e também se dissipou a obscuridade da minha alma. Ainda assim, foi com dificuldade que entendi o sentido das suas palavras. Nos dias passados fui envolvida por uma escuridão enceguedora. Cada instante era para mim um tormento não só corporal, mas sobretudo espiritual.

O Senhor Jesus:

J.C.: “A luta na tua alma me deleitava. É a minha maior alegria quando vocês se livram de uma contínua batalha contra o príncipe das trevas. Aquele que vence a batalha tem a salvação assegurada. Dissolvi, minha querida, as trevas que nos últimos dias estavam na tua alma.”

10 de junho de 1965.

De manhã, já ao me despertar, falou o Senhor Jesus. E me elogiou. Antes da Santa Missa, todas as manhãs, costumo passar uma hora no templo adorando o Senhor.

Durante esse tempo novamente falou o Senhor Jesus:

J.C.: “Sente a claridade do meu olhar penetrante, sem o qual tu

não podes compreender a minha divina palavra e pelo qual agora te dou uma força especial. Já te disse que não aumentarei mais o teu sofrimento. Mas tampouco o diminuirei. Mudarei as formas nas quais eles te chegarão. Não ter chegado ainda a tua morte também é uma forma desses sofrimentos. Eu confesso com alegria que gostei muito da tua renúncia em viver. Isso não ficará estéril nem para ti nem para aqueles por quem o ofereceste. E agora desejo outra coisa de ti. Pelos teus sofrimentos te converteste em vítima ardente do amor em que se deleita a Santíssima Trindade. Não tens que temer, ainda que seja por um instante, que algo te separe de Nós. O céu está aberto para ti. Isso, naturalmente, não significa que cessarão os tormentos da terra. Por isso também houve escuridão na tua alma.

Pus a tua alma e o teu corpo sob o pleno domínio do príncipe das trevas, para que ele fizesse contigo o que bem entendesse. Que aproveitasse todas as oportunidades e te pusesse à prova. Pus à sua disposição todos os instrumentos para te fazer vacilar, para que ele visse com quem ele tem que se ver: com uma alma de quem a Santíssima Trindade tomou possessão. Ele teve que reconhecer que uma alma assim sabe viver, morrer e sofrer e que se conforma plenamente com a minha santa e divina Vontade. Existe para ti maior recompensa que descansar nos braços do Pai Celestial e se preencher da Santíssima Trindade? Por isso digo: tu és vítima que arde de amor.”

Nessa manhã, quando o Senhor Jesus falou, o sentimento da Presença de Deus se derramou em mim, semelhante a um rio que transborda. Não vi nada, só a senti. Essa Presença divina ajudou a minha alma a ver que não estou enganada pela minha própria imaginação. O Senhor Jesus entretanto disse:

J.C.: “O teu sacrifício ardente de amor conduzirá as almas ao conhecimento e ao amor de Deus. Essa é a minha alegria. Por isso te deixo ainda na terra para que sejas vítima ardente de amor, a quem olho com os meus divinos Olhos com prazer.”

Depois disso houve silêncio e tranqüilidade na minha alma. Mas só por uns dias.

A LUTA DA SENHORA ELIZABETH

18 de junho de 1965.

De manhã, enquanto eu assistia à Santa Missa, uma grande inquietude se apossou novamente da minha alma. Então começou dentro de mim uma luta desesperadora. “Esses argumentos não são mais do que contra-argumentos inventados pelas minhas próprias mentiras, com os quais deslumbro a mim mesma. Nem uma só palavra de tudo isso que escrevo é verdade. E assim os pecados aumentam tanto na minha alma, que não posso me aproximar da Sagrada Comunhão.” Nas minhas aflições, eu chegava sempre a mesma conclusão: “Tenho que acabar com tudo isso e tenho que destruir todas as minhas mentiras!” Por isso eu me propus a não escrever nem mais uma só letra. Desde então ouvi muitas mensagens, muitas palavras na minha alma, mas não escrevi nada. Queria ficar livre de tudo e deixar tudo. Esse tormento é tal, que nunca senti algo parecido com isso em toda a minha vida. Essa é uma vida terrível! Viver sentindo continuamente na consciência que estou ofendendo a Deus e que Ele não deseja vir até mim. Dessa maneira Ele me dá a entender que Lhe dói essa união indigna e que sente asco de mim por causa dos meus terríveis pecados. Nesse grande tormento espiritual, não é de se surpreender que agora a única coisa que também desejo é morrer. Porque assim eu estaria livre dessas contínuas mentiras, com as quais confundo até os meus confessores. A minha vida não tem nenhuma finalidade se eu continuar a viver assim, sem Deus. Já é a segunda semana em que não assisto à Santa Missa, exceto a do domingo, porque é obrigatória. E agora eu alimento a minha alma somente com a comunhão espiritual. Tudo está escuro e sem objetivos diante de mim. A vida é algo raro para mim: como posso viver por Deus sem Deus? Isso não funciona de nenhuma maneira!

“Querida Irmã:

Peço que vás ao Padre G. e fale com ele por mim. Pergunta o que devo fazer. Eu, da minha parte, estou plenamente convencida de que o Santo Padre seria o único que, depois de examinar a minha causa, poderia me tranquilizar. Porque se achasse que não é verdadeira, ele me daria a absolvição para o meu emaranhado de mentiras. Gostaria que vocês se compenetrassem junto comigo da minha situação muito grave. E com boa vontade me ajudassem. Eu, com as poucas forças que me restam, irei até o Santo Padre, por mais difícil que seja encontrá-lo. Vencerei todas as dificuldades, porque não posso continuar vivendo sem fazer nada no meio deste cruel e atroz remorso espiritual. Não importa se não estão dispostos a me dar nenhuma recomendação. Eu ainda assim farei todos os esforços a fim de recuperar a tranquilidade perdida. Essa incerteza e esse

abandono é a causa que me faz decidir tal coisa. Ou uma coisa ou outra! Mas não continuarei nesta vida! Porque ou eu sou louca e embusteira, ou é verdadeiro o que passa em mim. E se for verdadeiro, eu não posso continuar olhando, com os braços cruzados, a perdição das almas. O assunto de cegar Satanás não pode me espantar: qualquer sacrifício que me for exigido terei que fazer.”

2 - 3 de julho de 1965.

Estava junto à mesa, almoçando, quando, como um raio, a voz do Senhor iluminou a minha alma:

J.C.: “Tu te recordas do que disse o teu confessor na última confissão? Que se te encontrasses em apuros, que fosses até ele ou que mandasses chamá-lo!”

Nesse momento juntei todas as minhas forças e fui chamar por telefone. Recebi uma resposta alentadora e favorável. No dia 3 de julho, durante a noite, eu quase não podia dormir. Como se costuma dizer: esperava o amanhecer como uma criança espera o Natal. E era! Já haviam passado duas semanas sem que eu tivesse me atrevido a receber o Corpo do Senhor por causa dos motivos descritos. Era domingo. De manhã, bem cedo, parti com poucas forças corporais, mas com muita esperança. Depois da recomendação do dia anterior, a suave paz do Senhor Jesus mudou logo em seguida a minha alma, o que acalmou em mim os tormentos espirituais suportados durante longo tempo. Quando cheguei diante do meu padre confessor, o maligno irrompeu sobre mim novamente com a sua angústia. Com cruel tormento instigou a minha mente com grande força, provocando nela o caos. Com todas as minhas forças atendi o pedido do meu padre confessor para que entendesse o que ele me dizia. Pela moléstia do maligno, agora em plena confissão também, a contínua dúvida que havia na minha alma pesou sobre mim. Durante a confissão repeti várias vezes: “Quero crer com todas as minhas forças na validade da absolvição. Mas se não estiver segura dela, isso já não depende mais de mim.” Oh, esse padre compreensivo, quando ouviu que eu não me atrevia a receber o Corpo Sagrado do Senhor há mais de duas semanas, muito severamente me ordenou: “Tens que compreender que isso vem das maldades do maligno e não do desprezo que o Senhor Jesus poderia sentir por ti.” Ele também pediu que eu não deixasse mais essas desordens se apoderarem de mim e que não deixasse ocorrer novamente que eu me distanciasse da Sagrada Comunhão por causa disso. Quando o pa-

dre me deu essas ordens em nome de Jesus, senti que nesses minutos ele teve que juntar todas as suas forças para pronunciar as suas palavras. Ao mesmo tempo, o ataque do maligno era tão grande em mim, que eu também, juntando todas as minhas forças, disse sete vezes: “Sim, às repetidas ordens do padre!” A minha mente estava completamente sob a pressão do príncipe das trevas. E por isso, para que pudesse aceitar as palavras do padre, recebi uma força que veio de um poder que está mais além da terra. Com a minha resposta afirmativa, quis dar a entender que, com todas minhas forças, quero obedecer. A consciência disso encheu com tranqüilidade a minha alma. Depois de muito tempo o Senhor Jesus entrou na minha alma e me inundou com a sua Presença.

Dias 7 e 8 de julho de 1965.

Longa e intimamente disse o Senhor Jesus:

J.C.: “Não me deixes de lado! Sobre as palavras do teu confessor, só tenho a dizer o que já disse em outras ocasiões também: as suas palavras são as minhas palavras. Considera-as sempre como autênticas, porque Eu o iluminei e é ele quem te conhece, te compreende e te guia. E ele também nunca te abandonará. Por isso não te angusties! Nunca debes ter medo! Que seja clara diante de ti a minha vontade. Eu sempre te direi com antecipação o que vai acontecer. Não te disse também que ia soltar Satanás sobre ti para que ele pudesse testar todas as suas tentações em ti? Fico feliz, minha Elizabeth, que depois da minha chamada de atenção foste em seguida com prontidão ao teu confessor. Vês, nisso está o que já conversei contigo numa ocasião anterior: tu estás em possessão do Espírito de Amor. Logo o maligno não pode prevalecer sobre ti. É certo, Eu permiti que ele te tentasse. O que o maligno quer conseguir de ti é que não prestes atenção à minha palavra de intimação. Ele conhece os teus pontos fracos. Mas o instrumento da obediência está em teu poder, com o qual tu venceste o maligno, que ficou sem força e cego diante de ti. Oh, como estou feliz que estejas exercendo tão diligentemente essa virtude tão contrária à tua natureza! Minha querida Elizabeth! Nessas ocasiões tu me obrigas de verdade. E através da minha graça incomensurável a tua alma chega a ser mais brilhante ainda.”

Depois disso fiquei muito pensativa sobre as palavras do Senhor Jesus. Como é santa e grande a virtude da obediência! Até agora não havia meditado sobre ela, como faço hoje. E nem como ela fez com que a

minha alma chegasse a ser tão resplandecente. Depois fiz o firme propósito de aceitar, com maior fidelidade e entrega ainda, o que eu receber diretamente do Senhor, ou indiretamente através do meu confessor.

9 de julho de 1965.

A Santíssima Virgem falou:

S.V.: “Rogo-te novamente, minha filhinha, que entregues agora mesmo ao teu confessor as indicações de como fazer a oração de vigília, unida aos méritos do meu Santo Filho, que tu não entregaste ainda. É o meu pedido que a santa vigília noturna, pela qual quero salvar as almas dos moribundos, seja organizada de tal maneira em cada paróquia, que nenhum minuto fique sem que alguém faça oração de vigília! Esse é o instrumento que ponho nas tuas mãos. Por meio dele salvem as almas dos moribundos da condenação eterna. Com a luz da minha Chama de Amor Satanás ficará cego.”

12 de julho de 1965.

O Senhor Jesus durante a Santa Missa começou a conversar:

J.C.: “Assim tens que viver, partida em duas. Por que te assombras disso? Pode-se unir a vontade do corpo com a da alma? Não, jamais! Vejo que com a tua alma te fixas intensamente em Mim para fazer a minha Santa Vontade. Mas o corpo, como forte adversário, quer impedir com a sua contínua resistência a prontidão da tua alma, que quer permanecer junto a Mim e colaborar Comigo. Eu aceito essa tua grande vontade de amar e a acompanho com a minha benção incessante. Mais ainda, quero dar mais um passo. A partir de hoje a tua pequena casa será sempre o meu santuário. Honrarei com a minha Presença contínua esse pequeno lar, tão querido para ti. Aluguei a tua pequena morada. Adora e me repara aqui! Eu permanecerei com gosto junto a ti, enquanto viveres aqui na terra. Nem por um momento quero renunciar a ti. Vejo as dúvidas que por isso têm surgido na tua alma. O que Eu já disse há muito tempo? Se quando escutares as minhas palavras sentires forte resistência, então podes reconhecer claramente que elas vêm de Mim. Elizabeth, crê! Oh, tu, pequeno nada! O que serias tu sem o meu amor?”

A PALAVRA DO TEU CONFESSOR É A MINHA PALAVRA

17 de julho de 1965.

J.C.: “Sente na tua alma a recompensa dotada de graças por teres aceitado a ordem que te dei por meio do teu confessor. Para que vejas e sintas esse poder que fez cessar na tua alma as dúvidas que te surgiram sob múltiplas formas e circunstâncias túrbidas. Pudeste ganhar isso somente por meio da tua obediência. Agora podes reconhecer que não te dei a tranqüilidade não por causa da validade da absolvição. Mas por Eu ter te dado uma ordem por meio do teu confessor. Se não tivesses aceitado, teria significado o naufrágio da tua alma de uma vez por todas. São duras essas minhas palavras. Isso te surpreende? Pensa naquilo que já havia te dito com ênfase em outras ocasiões: a palavra do teu confessor é a minha palavra; e não aceitá-la seria alçar-se contra Deus. Por isso foi necessário que Eu fosse tão severo contigo. Agora vou mudar os teus sofrimentos e já não mandarei mais sobre ti os tormentos das dúvidas. Agora, de uma vez para sempre e até o fim da tua vida, vai te queimar o Fogo da Caridade, que no teu anseio pelas almas, consumirá toda a força do teu corpo.”

Não compreendi as suas palavras. Porque o Senhor não me deu ainda esse novo sofrimento que Ele chamou de “o Fogo da Caridade que vai te queimar” e a força do meu corpo “irá se consumir pelo desejo de salvar almas”. Passados alguns dias, senti como se uma flecha ardente tivesse fincado na minha alma. Com esse sofrimento hei de salvar almas da condenação. Desde então não me reconheço. Não sei dizer como soube que esse era o ardente Fogo da Caridade. Há sentimentos que são segredos da alma e de Deus, e falar sobre eles é impossível. Nem quero tentar. Sei que o meu padre vai compreender, junto comigo, pela graça de Deus, o que se esconde sob o silêncio das entrelinhas. Isso é coisa do Senhor. Aqui o meu esforço só poderia estropear. Porque somente no silêncio da alma se pode escutar a voz de amor do Senhor. Segundo as palavras do Senhor Jesus, o Fogo da Caridade queima. E assim como não é possível expressar como é a combustão natural, assim tampouco se pode explicar essa também. Não se pode pensar que estou possuída por uma certa melancolia. Não, isso seria contrário à minha natureza alegre. Contudo, é um recolhimento silencioso que me domina. Sinto como se não pertencesse à terra. Isso aconteceu outras vezes comigo. Mas o Senhor disse que agora será assim até o fim da minha vida. Desde então procuro observar com maior entrega e fidelidade os jejuns que Ele me pediu. E no que se refere à vigília, que antes era o que mais me custava, agora eu a dupli-

quei. O Senhor Jesus havia me pedido para que eu velasse duas vezes por uma hora. Agora, pela graça do Senhor, desde que me queima o Fogo da Caridade, não tenho nem noite nem dia. Tudo o que posso dar em resposta ao Senhor me parece pouco. Passo o tempo do meu repouso noturno, da meia-noite às cinco horas da madrugada, velando em oração. Então vou ao templo e ali continuo a adoração do Senhor. Depois, na Santa Missa das sete, recebo o Sagrado Corpo do Senhor. Passo o dia ajudando a minha família. Durante esse tempo, a Presença do Senhor também me enche de tal modo, que sinto a minha alma se elevar por cima das atividades corporais. Porque a minha alma, sem interrupção alguma, permanece junto ao Senhor. Durante o meu trabalho entro freqüentemente no meu pequeno quarto, onde o Senhor está presente, para ali O adorar e reparar. Esses são segredos do meu coração que manifesto diante de vocês.

20 de julho de 1965.

Essa contínua debilidade corporal e essas dores, das quais o médico deu o diagnóstico que descrevi anteriormente, eu as continuo tendo. Muitas vezes irrompem sobre mim com tal intensidade, que durante o dia, pelo menos quinze minutos a cada hora, tenho que me deitar, porque por pouco não desmaio por causa das dores. Hoje, justo quando regresssei da Santa Missa, aquela extraordinária e dolorosa debilidade me sobreveio novamente. Queria ter adorado ao Senhor Jesus, oferecendo reparação no meu pequeno quarto. Mas em vez disso tive que me recostar. Porém antes ofereci ao Senhor Jesus os meus sofrimentos e desejei almas para Ele. O Senhor Jesus, muito comovido, começou a conversar intimamente:

J.C.: “Oh, que amável desejares almas para Mim! Poder-se-ia desejar algo melhor para Mim? É isso o que espero de todos vocês. Vê, minha Elizabeth, vocês, pobres almas pequenas, podem dar algo a Deus. O Pai Celestial acolhe com amor os teus anseios e os devolve numa efusão de graças sobre ti e sobre as almas por quem suplicas. Acredita-me, não poderias dizer nada maior ou mais agradável para Mim. Por isso desci do céu para redimir as almas para a vida eterna.”

E enquanto dizia isso, aplacava na minha alma a sede de almas e derramava sobre mim, de maneira extremada, o fogo da sua ardente caridade, sob cujo efeito comecei a tremer. Mas Ele disse suavemente:

J.C.: “Sê humilde, minha querida. E agora mais ainda! Deus desceu sobre ti.”

Passado isso, a minha alma ainda tremia durante um longo tempo.

ATRAVÉS DA CHAMA DE AMOR, DEUS DESCE SOBRE AS ALMAS

Sábado, 24 de julho de 1965.

A Santíssima Virgem se aproximou hoje com suaves palavras. E em seguida irradiou na minha alma a força da sua plenitude de graças, enquanto também falava com palavras elogiosas:

S.V.: “Pelo efeito de graça da minha Chama de Amor, tu obtiveste, minha filhinha carmelita, que Deus tenha descido sobre ti. E em tão grande medida, o Fogo de Caridade ardente por sua Obra Salvadora consome a tua alma. Possuir isso é um privilégio muito grande. E por isso, que viva na tua alma uma profunda humildade!”

Quando escrevo, muitas vezes sinto em mim uma grande inibição, que às vezes me paralisa por completo. Nessas ocasiões a força me abandona e deixo de escrever durante dias, até semanas. Só quando Ele, pela sua Presença, manifesta severamente que é Ele quem quer que eu escreva essas coisas, então novamente ponho-me a fazê-lo.

Em uma ocasião, que ocorreu não há muito tempo, novamente perguntei ao Senhor se o que eu havia escrito era verdadeiramente a sua Santa Vontade. Ele deu uma resposta determinante:

J.C.: “Sabes por que te fiz escrever os diferentes acontecimentos da tua vida? Porque esses são os reflexos das minhas graças na tua, alma que tu, como bem o sei, nunca contarias. Dessa forma te obrigo a escrever para que vejam a Obra Divina que realizo na tua alma desde a tua infância.”

Essas palavras me tranquilizam. Então continuo escrevendo tudo isso.

13 de agosto de 1965.

Refleti sobre as palavras do Senhor Jesus, pronunciadas numa data anterior: “Não posso renunciar a ti.” Depois fiquei admirada com isso e pensei que, seguramente, havia entendido mal. O Senhor Jesus interveio:

J.C.: “Não entendeste mal. Por que te assombra disso, que Eu não posso renunciar a ti nem a nenhuma alma? Não derramei todas as gotas do meu Sangue por você, por vocês? A minha vontade é salvá-los. Tu também, minha Elizabeth, quero-a com todas as tuas forças, em todos os momentos da tua vida!”

18 de agosto de 1965.

Ao me prostrar diante d'Ele, de manhã, na hora da Santa Missa, suplicando com a profunda dor dos meus pecados, Ele novamente me fez sentir que estava comovido e me fez perceber a batida do seu Sagrado Coração, enquanto dizia:

J.C.: “Já faz muito tempo que recebeste a plena possessão do amor perdoador do meu Coração misericordioso. Esse profundo arrependimento, com que te prostraste diante de Mim, Eu o aceito no lugar de outros e lhes outorgo o meu perdão.”

E enquanto pronunciou essas palavras, Ele me inundou em tão grande medida da sua caridade, que novamente comecei a tremer. Não se pode expressar isso com palavras. Desde que o Fogo da Caridade me queima, e com muita freqüência me arrebatava, isso acontece muitas vezes nos momentos mais inesperados.

27 a 28 de agosto de 1965.

“Tanto me dói, meu adorado Jesus, que essa noite, por causa do meu cansaço, não poderei velar pelas almas dos moribundos! Mas o Senhor vê na minha alma esse grande desejo com que gostaria de fazê-lo?” Ele, no meu grande sofrimento, consolou-me com estas palavras:

J.C.: “Aceito agora o grande desejo da tua alma que ofereces pelos moribundos. Sim, isso também vou abonar em favor das almas dos moribundos.”

Fiquei muito tranqüila e me deitei. Durante a noite, várias vezes acordava e imediatamente me punha a suplicar pelos moribundos. Mas não tinha tanta força para me levantar para velar. O Senhor Jesus me assegurou várias vezes que aceitava esse “desejo de velar”, como Ele mesmo se expressou.

No dia seguinte, manhã do dia 28, antes e durante a Santa Missa:

J.C.: “Agora continuo, minha Elizabeth, a conversa que não tivemos ontem à noite. Eu agradeço o teu esforço. Mas agora presta muita atenção e retém bem o que vou te dizer.”

Para que outros também possam compreender a conversa, primeiro tenho que escrever o que ocorreu na minha família. Num curto espaço de tempo, nasceram dois netinhos. Um no dia 22 de agosto, festa do Imaculado

Coração de Maria, e o outro no dia 8 de setembro. E assim o trabalho ficou excessivo para as minhas poucas forças. Senti que isso eu não podia sobrelevar. Supliquei ao Senhor que pela sua bondade me desse forças. Porque com as poucas forças que tinha não conseguiria ajudar as minhas duas noras.

No dia seguinte, ao me despertar, senti um admirável frescor. Trabalhava durante todo o dia e não sentia cansaço algum. E isso durou umas duas semanas. Essa força extraordinária distanciou-me do Senhor. E já estava pensando que se isso continuasse assim, e eu seguisse com esse bom estado físico, eu poderia até começar a trabalhar. Ou seja, por causa das forças corporais recuperadas, eu me entretinha em tais pensamentos. Então o Senhor Jesus começou a conversar comigo:

J.C.: “Agora tu vais compreender ainda melhor por que estás assim, despojada da tua força corporal. Vê, enquanto estavas débil, tu me servias com todas as tuas forças. Agora que aumentei a tua força, tu não estás me servindo como antes. Os teus pensamentos estão distraídos e me dedicas menos tempo. Tampouco permaneces junto a Mim como antes. Agora que tens mais tempo e força, reservas muito pouco para Mim. Em poucos dias tirarei a força que recebeste, o que fiz unicamente para o bem da tua família.”

JEJUA A PÃO E ÁGUA

18 de setembro de 1965.

O Senhor Jesus:

J.C.: “Quero te pedir algo muito grande, minha Elizabeth. Tu te comprometerás? Jejuar a pão e água até que a Santa Causa chegue ao Santo Padre.”

E voltou a repetir esse mesmo pedido depois de alguns dias. Esse pedido me confundiu muito. Porque pensei que não seria capaz de realizá-lo através das minhas próprias forças. Agora não tive a dúvida angustiante referente a se era ou não o pedido e a Vontade do Senhor.

O Fogo da Caridade me queima. Só quero o que o Senhor quer. Portanto não tenho que temer os artifícios do maligno. O pedido do Senhor me deixou muito consternada. Não pude dar resposta afirmativa logo em seguida.

Passou comigo o que nunca ocorreu na minha vida até agora: que estivesse dando voltas durante dias sobre uma decisão a tomar. Quando penso em fazer alguma coisa, geralmente penso rapidamente como poderia realizá-lo e logo já ponho mãos à obra. Mas essa tarefa de agora não partiu do meu pensamento. E ao ouvir essas palavras, penso na minha debilidade de mulher. Com todas as minhas forças eu me opunha, sabendo que por falta de força de vontade seria incapaz de cumprir.

Lutei durante três dias no meu interior. Então, no quarto dia, aceitei no pensamento. Mas só pelas árduas lutas do quinto e do sexto dia é que aceitei essa tarefa com a minha plena vontade. No sétimo dia a minha alma se encheu de alegria.

Depois da plena aceitação da Vontade do Senhor, fui até a irmã destinada a me acompanhar e lhe falei das coisas que se passava na minha alma. Ela estava justamente se preparando para ir até o meu confessor. Pedi a ela que falasse para ele me dar permissão para poder guardar o jejum. No nono dia, contando desde o dia em que o Senhor me fez o pedido, recebi a resposta que me proibia fazê-lo. Durante dois dias havia tranquilidade na minha alma. Mas o Senhor Jesus repetiu o seu pedido com estas palavras:

J.C.: “Sustenho o meu pedido. E tu tens que repeti-lo novamente diante do teu confessor.”

Fiquei muito confusa e me eximi diante do Senhor Jesus pela proibição do meu confessor. Nos últimos dias de setembro de 1965, fui ao meu confessor na hora previamente marcada. Com medo, depois das grandes dificuldades, voltei a lhe falar sobre o pedido do Senhor. O meu confessor repetiu a sua resposta negativa e expôs diante de mim o absurdo de tal coisa.

Apesar disso, voltei a repetir o pedido, porque assim me pediu o Senhor. Mas o meu confessor continuava me explicando por que o considerava absurdo: porque ele só podia exercer os direitos recebidos de Deus, mas não podia consentir isso, porque seria atentar contra o Quinto Mandamento. Porém se o Senhor Jesus manifestasse a ele também a sua petição, então não se oporia e concederia imediatamente a permissão. Quando deixei o padre, por algumas horas cessou na minha alma o sofrimento que provocou o rechaço.

Depois os sofrimentos me sobrevieram com tal força, que durante dias eu mal tinha forças para caminhar. Quando pensava em qualquer coisa que tivesse relação com comida, eu ficava nauseada. Na hora do desjejum

e do jantar, isso cessou em mim. Porque a pedido do Senhor Jesus eu, há muitos anos, só passo a pão e água.

Foi Ele quem me pediu que comesse outros tipos de alimentos só no almoço. Mas isso tampouco pelo sabor da comida, mas apenas para alimentar o meu corpo. Às segundas e às quintas-feiras eu também só passo a pão e água. Nas sextas-feiras, só depois das seis da tarde é que como outros alimentos. Assim, nesses dias, cessa na minha alma o sofrimento que sinto quando como outro alimento também.

Não posso descrever o sofrimento que estou passando desde então. Contínua angústia interior, repugnância e enjôo se apresentam em mim. Um dia o Senhor Jesus se dirigiu a mim com estas palavras:

J.C.: “Estás vendo o quanto te quero? O teu empenho para fazer o bem Eu estou recompensando e o verto em bem da minha Obra Salvadora. Tenho necessidade dos teus sacrifícios para que tu sirvas assim, sem cessar, para levar as nossas mensagens para frente e para oferecer reparação ao meu Sagrado Coração ofendido!”

Ainda conversou longamente. E insistindo outra vez na sua petição, mandou-me novamente ao meu confessor:

J.C.: “Repete diante dele o meu pedido. Não temas! Diz a ele que mantenho o meu pedido até que as mensagens que Nós te entregamos cheguem ao Santo Padre. Comunica ao teu confessor que Eu mudo os teus sofrimentos conforme exige a minha divina sabedoria e a minha Obra Salvadora. Que ele tampouco tenha medo. Abandonem-se em Mim! Tens necessidade, minha pequena Elizabeth, de paciência perseverante. E quantas vezes Eu te mandar, vá rapidamente, humildemente! E toma muito cuidado, porque não podes deixar de lado a ordem do teu confessor, mesmo que seja pelo meu pedido divino!”

Atrevi-me a perguntar ao Senhor Jesus se esse pedido seu não era para me pôr à prova.

J.C.: “Não! Porque se o teu confessor não tivesse deixado de lado o meu pedido, mas o tivesse aceitado, abandonando-se em Mim, então a tua aceitação de sacrifícios para cooperar Comigo teria alcançado o resultado que estava incluído nos meus planos divinos. Eu sei que se ele tivesse recebido aquela força de impulsão, tu já terias conseguido, com todas as tuas forças, que a Causa chegasse ao Santo Padre. Porque a tua aceitação, cheia de sacrifício do jejum rigoroso, teria feito ele tomar as medidas ulteriores.”

O MILAGRE DA TRANSUBSTANCIAÇÃO

17 de outubro de 1965.

Ocorreu na hora da elevação. Quando o sacerdote pronunciou as palavras da consagração, nesse mesmo instante o Senhor Jesus me permitiu sentir de um modo admirável a transubstanciação do seu Santíssimo Corpo e disse:

J.C.: “Fiz isso por ti e por todas as almas. Ter podido sentir profundamente na tua alma esse momento sublime, é obra de graças especiais do meu amor divino.”

Várias horas depois, a minha alma ainda tremia da admirável vivência da transubstanciação. Enquanto a minha alma tremia, eu pensava: quando os apóstolos viveram em corpo e alma os momentos do milagre da transubstanciação, junto ao Senhor Jesus, como puderam suportar esse milagre? Porque eu, ainda nesses poucos minutos... não, escrevi mal... nesses poucos instantes, senti como se naquela hora fosse morrer. E se o Senhor Jesus não tivesse mitigado em mim o extraordinário efeito da transubstanciação, eu teria ficado sem forças, já que até o efeito tardio era muito difícil de suportar.

1 e 2 de novembro de 1965.

O Senhor Jesus me inundou com sofrimentos extraordinários, que à noite se intensificavam mais ainda. Tanto que só conseguia andar encurvada. E uma coisa que nunca existiu em mim durante toda a minha vida apareceu: o medo da morte. Antes de ir descansar, com todas minhas forças eu me preparei para a morte como se agora, a qualquer momento, tivesse que me apresentar diante da Santa Face de Deus. Esses grandes sofrimentos eu ofereci ao Senhor Jesus. Entretanto Ele se contentou em dizer:

J.C.: “Não fiques farta deles!”

No dia seguinte eu me despertei aliviada. E ao longo do dia esse alívio aumentava em mim. Quando, de repente, novamente falou o Senhor Jesus:

J.C.: “Tu acreditas, alma minha, no muito que te quero? Esse violento sofrimento que suportaste destinei em favor das almas sofre-

doras. E agora ele sorriu sobre ti.”

Nesse instante senti como se a minha alma tivesse separado do meu corpo, enquanto o Senhor Jesus falou novamente:

J.C.: “Deus sorri sobre ti. Com o meu divino sorriso, vê como suportas mais facilmente os grandes e violentos sofrimentos dos quais as almas sofredoras têm grande necessidade. Porque agora tomaste parte no labor a favor da Igreja sofredora. Sofre sorrindo! Que ninguém saiba, que ninguém veja, que isso seja um segredo entre nós dois! Isso só Deus pode conceder. E concedi somente àquelas almas que sabem suportar sorrindo os incessantes sacrifícios.”

27 de novembro de 1965.

O Senhor Jesus repetidas vezes me pediu:

J.C.: “Não retenhas nada para ti! Tem que fazer que até a dor dos teus pecados produza frutos aqui na terra. Porque isso não poderás fazer depois da tua morte!”

Então, como se uma luz tivesse me banhado, a minha alma se submergiu numa felicidade impossível de contar. Depois da Santa Missa e também durante o dia, um sentimento de gratidão indizível se derramou sobre a minha alma. E essas palavras chegaram aos meus lábios: “Meu Senhor, meu adorado Jesus! Tu me deste a dor dos meus pecados a fim de que eu participe na tua Obra Salvadora.” E ao seguir pensando na sua divina bondade, o seu amor sedento de almas ardia com fogo cada vez maior no fundo da minha alma. E a chama desse fogo me permitiu sentir que Ele se serve ainda da dor dos nossos pecados para a redenção das almas. Ele então interrompeu os meus pensamentos:

J.C.: “A corrente das minhas graças, caudalosa como um rio que se corre, atuaria nas suas almas ininterruptamente e com constante intensidade, se o arrependimento de vocês também, como rio caudaloso, corresse na minha direção e se desaguasse em Mim!”

EM QUE CONSISTE SEGUIR O EXEMPLO DOS SANTOS

Primeiro de dezembro de 1965.

Justo quando eu estava meditando sobre a maneira de imitar o exemplo dos santos, o Senhor Jesus começou novamente a me instruir:

J.C.: “Estás vendo, minha filhinha? Agora já está claro diante ti porque desde o princípio te pedi que renunciasses a ti mesma. Eu te pedi isso muitas vezes, porque só podes participar na minha Obra Salvadora se tu viveres inteira e continuamente unida a Mim em todos os momentos.

Agora novamente te digo aquelas palavras que já há muito tempo não me devolves em forma de oração: ‘Não poupes, minha filha, nenhum esforço; não conheças limites; não te desconectes nunca, nem por um instante, da minha Obra Salvadora! Porque se o fizeres, sentirei como se o amor que sentes por Mim tivesse diminuído. Mesmo que tenhas desejado tanto esse amor!’ Essas palavras, hoje também, tens que tê-las continuamente presentes. É nisso que consiste seguir o exemplo dos santos. E nesse ponto coincidem todos os cooperadores da minha Obra Salvadora, quaisquer que tenham sido as circunstâncias nas quais lhes tocaram viver. Não mudo frente a ninguém ou a quem chamo para me seguir esta minha condição: que tome a sua cruz e me siga!

Agora já podes ver também que não existe nenhum santo meu a quem vocês não possam seguir. Que Eu os coloco em diferentes circunstâncias é certo. Mas a exigência é única. E idêntica. Logo o exemplo a imitar é o mesmo: que renunciem todos vocês a si mesmos e não poupem nenhuma fadiga; não conheçam limites e não se retirem jamais, nem por um instante, da minha Obra Salvadora. Porque se o fizerem, sentirei que diminuiu o seu amor por mim.

Não é verdade, minha Elizabeth, que é simples me seguir? Faço isso para que ninguém se sinta inibido e que ninguém tenha o meu pedido como impossível.”

Refleti sobre o ensinamento do Senhor Jesus. As palavras singelas empapavam a minha alma, como as gotas silenciosas de chuva na terra árida. Orando, coloquei dentro da minha alma as palavras do Senhor Jesus e Lhe pedi: “Meu adorado Jesus, ajuda para que nem uma só gota das suas palavras escorra da minha alma e nem das almas dos que querem seguir o teu ensinamento e a tua Obra Salvadora.”

Na segunda sexta-feira de dezembro de 1965 fazia bom tempo. Eu fazia os trabalhos atrasados de outono na horta. Mas logo se fez meio-dia. Pensei em não interromper o trabalho, mas colocar no bolso do meu avental o pão e continuar trabalhando, enquanto eu o comeria. Mas interveio o Senhor Jesus:

J.C.: “E então? Como vais rezar a bênção da mesa e como me convidarás para que Eu seja o teu comensal? Diz-me, se chega a ti um hóspede, vais oferecer a comida no teu próprio bolso e o receberás trabalhando?”

As suas palavras me deixaram constrangida. Então interrompi o trabalho na horta e enquanto lavei as mãos, Ele me inundou com seu infinito amor perdoador e disse:

J.C.: “Hoje, especialmente, quero te honrar.”

Então cobri a mesinha do meu pequeno quarto com uma toalha, branca como a neve, e sobre um prato branco pus o pão cortado em fatias. E ajoelhada rezei a oração: “Vem, Jesus, sê o nosso comensal.”

A Presença do Senhor Jesus pesou tanto sobre mim, que eu nem conseguia me mover. Ele, por um tempo, estava parado diante de mim e abençoou o meu modesto pão. Então me ajudou a levantar da minha posição de joelhos e disse:

J.C.: “É assim que tens que me convidar à tua mesa!”

17 de dezembro de 1965.

Depois da Sagrada Comunhão, o Senhor me instruiu novamente e inundou a minha alma com a sua claridade divina. Descreverei algumas das palavras que me dirigiu:

J.C.: “A minha claridade te penetra e te rodeia. Tu, por meio de Mim, iluminas no escuro advento as almas que ainda estão me esperando. Os sacrifícios da tua vida, unidos aos meus merecimentos, serão claridade para elas também.

Eu disse: ‘Vocês são a luz do mundo e Eu os inundo com a luz especial da minha graça’. Vocês terão que expandir essa claridade sobre as manchas escuras da terra, que estão debaixo da sombra do pecado, para que a minha claridade divina atraia ao verdadeiro caminho as almas que andam às cegas na sombra do pecado e da morte.”

Hoje, durante todo o dia, eu fiquei meditando sobre as santas palavras do Senhor Jesus. Fiquei pensando especialmente nestas: “Os sacrifícios da tua vida unidos aos meus merecimentos serão claridade para elas também”.

“Oh, meu adorado Jesus! Eu, pequeno grãozinho de pó! Não é mais que a claridade que recebi de Ti o que resplandece em mim também!

Oh, meu amado Jesus! Tu és infinitamente bom. E como é incomensurável a sua luz, que não se apaga desde o princípio do mundo até o seu fim, e que se irradia ininterruptamente sobre nós! E eu pensava que quando não via com clareza a chama dessa luz que ardia para mim, houve apatia e negligência na minha alma.

Peço suplicante, meu adorado Jesus, perdoa os meus pecados e a indiferença com que eu também te ofendi. E derrama a tua caridade perdoadora sobre todos aqueles por quem faço os meus pequenos sacrifícios aos teus méritos infinitos. E recompensa o ardente anseio da minha alma pela salvação das almas com o resplendor da tua claridade, para que aquelas almas, em quem ainda não penetrou a tua luz, também sintam e vejam o teu anseio.”

1966

IMENSO É O PODER DO ARREPENDIMENTO

3 de janeiro de 1966.

De manhã, bem cedo, prorrompeu da minha alma a profunda dor dos meus pecados. E enquanto ia à adoração matutina e à Santa Missa, durante todo o caminho Ele estava conversando comigo. Não pude escrever mais que estas poucas palavras, que deixaram marcas vivas na minha alma, enquanto eu continuava com a dor dos meus pecados:

J.C.: “Nota, minha querida irmãzinha, que imenso poder é o arrependimento! Vocês podem desarmar o poder de Deus, que Ele usa para castigar. Olha, minha Elizabeth, tu e todos aqueles que reparam por outros obrigam a minha Mão levantada para castigar a perdoar. Eu estendi diante do meu Pai Celestial as minhas Mãos pregadas na Cruz para que Ele lhes defenda e salve todos vocês da eterna condenação. Ofereci satisfação ao meu Pai. Vocês também têm que fazer isso. Essa é a verdadeira participação na minha Obra Salvadora.”

13 de janeiro de 1966.

Depois da Sagrada Comunhão o Senhor Jesus disse:

J.C.: “É comovedor o teu arrependimento. Vou imprimir na tua alma, minha irmãzinha, um sinal luminoso. Compreendes? Vou marcar com um sinal metálico de ouro puro, que tu mereces já há muito tempo, pelo contínuo arrependimento, que deverá brilhar reluzente até depois da tua morte! E que o brilho da tua alma, tão resplandecente pelo arrependimento, irradie luz de arrependimento sobre as almas de outros também!”

À noite, antes de me deitar, começo a minha oração com o despertar do pecado na minha consciência. Sinto que só posso me submergir na adoração de forma completa se estender diante do Senhor o formosíssimo tapete do suspiro de arrependimento, sobre o qual me prostro. Enquanto me arrependia dos meus pecados, o Senhor Jesus falou novamente:

J.C.: “Bendita alma és tu!”

E nesse instante arrebatou a minha alma da terra. E só o som das suas palavras continuaram ressoando em mim. Acrescentou ainda:

J.C.: “Só a alma purificada de pecados arrebatado assim até Mim.”

Sobre isso já não posso escrever mais. Essa elevação a Deus não se pode expressar com palavras. No dia seguinte, durante a Santa Missa, meditava sobre uma frase da conversa da noite anterior: “Bendita e boa alma és tu!” O Senhor Jesus me pedia constantemente que colocasse por escrito as palavras que eu dirigia a Ele. Devolvi-Lhe em oração o que Ele disse de mim: “Meu adorado Jesus! Poderia eu ser bendita se Tu não tivesses me abençoado? Poderia ser eu boa sem a tua graça? Oh, meu Jesus, seja bendito o teu Santo Nome pelo qual eu também cheguei a ser bendita. Eu, miserável insignificante! Meu Senhor, meu adorado Jesus, isso é também a tua infinita bondade, que proclama a tua glória. Que bom és Tu por manteres a minha alma em contínua humildade! Meu Senhor, por teres me elogiado, a tua glória se manifestou mais ainda. Eu, aniquilada, como um grão de pó, caio aos teus pés.”

16 de janeiro de 1966.

À tarde, para fazer fogo, acendi um fósforo. O Senhor Jesus me surpreendeu novamente com as suas palavras:

J.C.: “Vês, minha querida. Tu também és como esse fósforo. Acende-te nas minhas divinas Mãos porque Eu assim quis. E acenderás todo o mundo como um único palito de fósforo, porque isso é o que Deus quer. És um pequeno instrumento, como o pequeno palito de fósforo que tens na mão. Não te surpreendas que Eu te digo: com um único palito de fósforo vou acender em milhões de almas a Chama de Amor da minha Mãe, que o fogo de Satanás não poderá apagar. É por isso que ele prepara em vão as suas iniquidades ardentes de ódio espantoso. Um único palito de fósforo que a minha Mãe acender irá cegá-lo. E és tu de quem se serve a minha Mãe como instrumento.”

25 de fevereiro de 1966.

À noite, vindo para casa, ao descer do caminhão, quase não pude ficar parada sobre a neve gelada. E nesse momento me sobreveio uma solidão deprimente. Ao olhar ao redor, os demais passageiros se dispersavam rapidamente. Alguns sós, outros iam acompanhados. Sobre o escuro e gelado caminho, quase não me atrevia a andar. Ao partir, o Senhor Jesus me surpreendeu. Primeiro só com as suas palavras. Depois com a sua cada vez mais sentida Presença. Entretanto me perguntou:

J.C.: “Diz, minha irmãzinha, por que pensas que estás só? Pois sou Eu quem te conduz. Não temas! Não te soltarei. Vem, vamos juntos! E que não te ocorra outra vez pensar que estás sozinha!”

E enquanto dizia essas coisas, acrescentou ainda mais na minha alma a sensação da sua Presença. E continuava me falando:

J.C.: “Há muito tempo, minha Elizabeth, quando tu ainda não pensavas tanto em Mim, Eu já estava então junto a ti, para te defender das quedas no caminho gelado e escorregadio da vida. Naquela época não pensavas que era Eu quem te protegia de um mar de quedas. Contudo assim foi, porque Eu acompanhava com especial cuidado cada passo teu. Oh, minha querida, a idéia de que estás abandonada é a Mim a quem mais dói. O nosso interior sente o mesmo e o pensamento das nossas mentes é também único. Afasta então de ti toda idéia de solidão! Isso é impossível entre nós dois. E se apesar disso pensares assim, isso doeria muito em Mim. Promete que não pensarás mais em tal coisa?! A batida do meu Coração repercute no teu. E se estiveres só, poderás ouvi-la melhor ainda. Olha, se por um único instante não pensares em Mim, em seguida o sofrimento se fará mais pesado ainda! Eu sei isso muito bem. Essa é a garantia eterna do meu amor. E agora te pergunto: tens algum desejo?”

“Sim, tenho. Antes de tudo, desejo almas para Ti. E que todas as almas possuam a Deus, o seu amor infinitamente bom e perdoador!” Enquanto me submergia n’Ele, Ele suspirou silenciosamente na minha alma:

J.C.: “Obrigado, Elizabeth! É isso o que Eu esperava de ti. Vejo que não cai em vão a minha graça na tua alma.”

26 de janeiro de 1966.

De manhã, na Santa Missa, ao ressoar o som do órgão, o Senhor arrebatou a minha alma através de um verso do cântico. Nesses casos eu me encontro verdadeiramente sem ver nem ouvir. Escuto apenas as palavras do Senhor que, tomando inteiramente posse da minha alma, começou a conversar novamente:

J.C.: “Sim, minha querida, nós levamos conosco, nos nossos corações, um belo presente. Sabes qual é o mais belo presente?”

No momento respondi ao Senhor Jesus com o arrependimento dos meus pecados. “Não sei, meu Divino Mestre, que resposta belíssima esperarias de outro. Mas eu não tenho nada, só a dor dos meus pecados. Esse

presente trago no meu coração. E carrego na minha alma com humilde fé e esperança. E com amor agradecido eu o ofereço agora e sempre ao Senhor, meu Divino Mestre.” E nesses minutos de arrebatamento, o Senhor Jesus trocou o seu coração e a sua alma comigo. E me permitiu sentir que agora é o Coração Divino que bate em mim e é a sua Alma que penetra o meu interior. O que além disso aconteceu na minha alma, não há modo de escrever. É participação na infinita bondade de Deus.

FAZER REPARAÇÃO PELOS PECADORES

4 de março de 1966.

O Senhor Jesus falou novamente. Ou melhor, conversou longamente. Isso durou a manhã toda. Se alguém ler estas linhas, não pense que essa conversa era ininterrupta. O Senhor Jesus, entretanto, inundava e aumentava em mim a sensação da sua Presença. E dizia umas palavras de vez em quando. Ele sabe bem que cada uma das suas palavras eu escuto como uma oração. E reflito sempre sobre os seus ensinamentos. Hoje também ocorreu isso. Ao chegar a noite, Ele me falou assim:

J.C.: “Nas cordas da tua alma toco a melodia do arrependimento de tal maneira que, ao ouvi-la, até o pecador obstinado se converterá. Essa é a melodia dos sofrimentos que aceitaste, cujo som penetra nas almas de outros. E por meio dela tu conduzes reparação pelos pecadores.”

16 de março de 1966.

J.C.: “Tu és o auxiliar de cena do drama divino. Digo isso para que não recues da tua posição. Que esse princípio divino, que pela minha graça fizeste teu, seja santo e verdadeiro diante de ti. O maligno quer te fazer cair no desespero com uma astúcia tal, que verás novamente que ele quer acabar com a tua humildade. O maligno sabe que se romper a tua humildade, então poderá te abarrotar com todas as suas outras perversidades. Tu, apenas sê humilde! Os espectadores precisam saber do auxiliar de cena? Não! Para quê? A função do auxiliar é para que a obra se faça valer. O seu trabalho é importante, mas ele não brilha nem aparece sobre o cenário. Muitas vezes até nem pode respirar à vontade, mas somente quando a obra exige. Essa é a

tua situação, minha filhinha! Inteira-te de tudo o que a obra dramática divina tem de necessidade, aponta ali onde há falhas! Eu, o teu Mestre, já te ensinei tudo. E se guardas o meu ensinamento, não tens o que temer. Naturalmente isso não significa que podes ter descanso segundo a tua necessidade. Mas só se a obra o permitir. Conheço, vejo o teu pensamento e todos os teus esforços, com que queres satisfazer o meu pedido e a minha vontade divina. Isso me basta! Tampouco espero resultado de ti, minha Elizabeth. Digo isso para que sejas humilhada. Agora, nesses dias e tempos difíceis, a maior necessidade que tens é de maiores e mais frequentes humilhações. Eu sei. Por isso envio sobre ti tudo aquilo pelo qual a tua alma pode se banhar na humilhação. Porque sem ela tu não poderias guardar a pureza da tua alma.”

17 de março de 1966.

Antes da Sagrada Comunhão, levei até o Senhor Jesus a dor profunda dos meus pecados: “Oh, meu adorado Mestre! Muito me dói tudo aquilo com que te ofendi. A tua infinita bondade me enche de admiração, por teres perdoado tudo isso.” Então o Senhor Jesus respondeu:

J.C.: “E me diz o que te aflige e o que é que te causa dor.”

Num breve momento pensei sobre o pedido do Senhor Jesus e Lhe respondi: “Oh, meu adorado Jesus! Eu me aflijo porque outros também te ofendem e não se lamentam dos seus pecados.” Depois das minhas palavras, outra vez falou o Senhor Jesus:

J.C.: “E pelo que mais te afliges? Diz-me, minha doce alma! Gosto tanto de escutar quando falas! É uma melodia para Mim, e enche de alegria o meu divino Coração. Continua, diz-me, a quem Eu deveria outorgar a abundância da minha riqueza? Quero escutar o desejo do teu coração!”

Durante esse tempo, o eflúvio maravilhoso da sua Presença percorreu o meu corpo e a minha alma. E fez brotar da minha alma a resposta à pergunta do Senhor Jesus: “Pelo que estou aflita? Oh, meu amado Jesus, o que mais me dói o coração é por aqueles que com soberba rechaçam as graças que Tu lhes ofereces e que, por causa disso, o terrível perigo da condenação os está ameaçando. Oh, meu adorado Jesus, dá a esses a abundância da tua riqueza divina! Porque Tu me perguntaste, eu humildemente peço graça para eles também. Meu Jesus, Tu me disseste antes

que sou uma alma doce para Ti e que gostas de escutar quando falo, que é uma melodia para Ti e que enche de alegria o teu Coração divino. Oh, Tu, Infinita Bondade e Misericórdia! Agora me fizeste mais valente ainda. Dá-me também da abundância da tua riqueza, para que cada prece minha seja uma melodia tal, que as almas que te rechaçam, penetrem no teu Espírito, através da tua Divina Graça, e continuem essa melodia, que para Ti é tão querida.” Entretanto chegou o momento da Sagrada Comunhão. Um profundo silêncio se fez na minha alma. Até a batida do meu coração se fez mais fraca. E o Senhor Jesus entrou na minha alma. As suas palavras ainda ressoavam nos meus ouvidos, mas no momento da união, toda a vibração na minha alma se fundiu em só uma com Deus. Milagre esse que se repete a cada dia e lava novamente a minha alma com o seu precioso Sangue e a alimenta com a força do seu Sagrado Corpo. Graças a ele posso manter longe da minha alma todos os ardis do maligno.

9 de abril de 1966.

Na Sexta-Feira Santa adorei o Senhor. Queria pensar no grande tormento que Ele sofreu por mim. O Senhor Jesus, com silencioso suspiro, começou a conversar:

J.C.: “Vê, o Verbo se fez Carne.”

As minhas tentativas parecem ser em vão: parece que eu nunca avanço. O Senhor agora chamou a minha atenção sobre isso. “Não consigo compreender ainda, meu Jesus, esse milagre.” O Senhor continuou:

J.C.: “Isso não me surpreende, minha querida filhinha. Eu te tranquilizo. Esse grande milagre ninguém compreendeu até agora. Exceto a minha Mãe. Porque para compreender isso é necessário receber os sofrimentos também. É só através dos sofrimentos a alma pode compreender o grande milagre da Encarnação do Verbo. Pela consumação do sacrifício vai se clarificar na tua alma o que fiz por ti, por vocês.”

“Meu adorado Jesus, profundos pensamentos são esses que aclaraste diante de mim. Meu Divino Mestre, não posso compreender. Apenas sinto que só posso agradecer-te com a dor dos meus pecados. Nem tenho outra palavra e outro pedido que aqueles do bom ladrão: ‘Senhor, lembra-te de mim no teu Reino!’” E enquanto com essas palavras rogava ao Senhor Jesus, a Virgem Santíssima se dirigiu a mim:

S.V.: “Sim, minha filhinha, dirijam-se todos com alma arrependida ao meu Santo Filho e a Mim, quando pensarem no Reino do meu Santo

Filho. E façam tudo para que esse Reino chegue a todos vocês. Por isso quero fazer transbordar a minha Chama de Amor sobre a terra, para que vejam o caminho que conduz ao Reino do meu Santo Filho.”

Então outra vez falou o Senhor Jesus:

J.C.: “Digo a ti também o que disse ao bom ladrão: ‘No mesmo dia da tua morte, estarás Comigo no Paraíso.’ Tu tampouco podes suspirar mais por Mim que Eu por ti, já que os nossos corações batem em unísono. Escuta a batida do meu Coração que ressoa no teu!”

Ao acabar de escrever estas linhas, coloquei-me de joelhos. A batida do seu Coração me obriga a ajoelhar e não posso continuar escrevendo.

14 de abril de 1966.

Na minha oração noturna, eu repetia muitas vezes: “Obrigado, muito obrigado, meu Senhor Jesus, pela tua infinita bondade!” Entretanto pensava comigo se não haveria uma palavra melhor para expressar isso. De repente me ocorreu que, quando alguém me faz um favor, sempre digo: “Deus lhe pague!” “Meu doce Jesus, sendo Tu mesmo o Deus Todo-Poderoso, eu não posso mais que te agradecer.” Então fiquei calada e pensei silenciosamente: “A Deus não se pode pagar.” “Mas eu sou atrevida, meu Jesus. Não me tomes por mal educada, nem tampouco por soberba por eu me atrever a pensar: eu te pago com a dor dos meus pecados, dando o que Tu não tens e o que eu tenho.” Enquanto assim falava com o Senhor Jesus, Ele se dirigiu a mim:

J.C.: “Sabes, minha Elizabeth, que não faz muito tempo que troquei a alma e o coração contigo. Isso significa que Eu, ao preço do meu precioso Sangue, já comprei os teus pecados. Mas para que o teu oferecimento não seja sem valor, Eu o aceito agora, de tal forma, que sejas tu quem pague a outros no meu Nome. Compreendes? Pelo teu arrependimento, numa multidão de almas se acenderá a dor perfeita dos pecados.”

18 de abril de 1966.

De manhã na Santa Missa, a Virgem Santíssima disse:

S.V.: “A minha Chama de Amor e o teu arrependimento atuam unidos. E por eles muitas almas voltam para o meu Santo Filho.”

COMPREENDER OS MISTÉRIOS DIVINOS

19 de abril de 1966.

J.C.: “Tu te admiras ao ver e compreender com tanta clareza os mistérios divinos? Somente pode vê-los assim aquele cujo olhar se fundiu com o meu olhar divino, e cujo pensamento também é unido com o meu pensamento divino. Que os muitos mistérios divinos, minha Elizabeth, que conheceste vivenciando na minha claridade divina durante os arrebatamentos, sejam graça que te fortaleça nos muitos sofrimentos que, pela salvação das almas, tu também tens que suportar. Sei que sofres com alegria. Mas vou robustecer a tua disponibilidade para os sacrifícios. Porque sei que necessitarás sem cessar, tu e todos aqueles a quem te enviei devido às nossas santas comunicações. Tu tens que fazer sacrifícios por eles. Por isso te digo outra vez para que seja essa a tua contínua e sempre renovada oração.”

24 de abril de 1966.

De manhã, antes da Santa Missa, ao me prostrar diante d’Ele, saudei-O com estas palavras: “Tu és, meu adorado Jesus, a menina dos meus olhos!” E assim, estando longa e silenciosamente ajoelhada diante d’Ele, não pude dizer mais nenhuma palavra, porque o Senhor Jesus assim acolheu as minhas palavras:

J.C.: “Tão raras vezes me dizes isso! É por isso que pela minha natureza humana Eu também anseio ser mimado!”

8 de maio de 1966.

Ao vir para a minha casa, depois da adoração da noite, o Senhor disse:

J.C.: “Cada gota de lágrima que o sofrimento espreme dos teus olhos cai sobre a alma dos pecadores e faz brotar lágrimas de arrependimento.”

3 de junho de 1966.

Alguns dias antes falei à Santíssima Virgem sobre o que o meu confes-

sor disse: “Até que o Senhor Jesus ou Tu, minha Mãe, não o puserem a par das suas petições, ele nada fará.” Sobre isso Ela me respondeu hoje:

S.V.: “A minha Chama de Amor, minha filhinha, também não faz exceção na alma dele. Vou inundá-lo também com a suave luz, a qual não poderá resistir nem ele nem ninguém dos que serão chamados para transmitir as graças. Assim como irradiei na tua alma uma suave luz, da mesma maneira o faço com outros também. Tão só tenho que te declarar, minha filhinha, que quanto mais pura é a alma que a recebe, tanto mais brilhará nela a graça da minha Chama de Amor. Porque é a pureza que faz a alma receptiva. E então faço brotar, com o meu amor maternal, lágrimas de arrependimento.”

A essas palavras, encontrou plena tranqüilidade a minha alma.

12 de junho de 1966.

De manhã, ao adorar o Senhor diante do altar e ao expor diante d’Ele a miséria da minha alma, Ele disse:

J.C.: “Agora Eu cubro a miséria da tua alma, minha querida, e quero que tu sintas, para que tires força! Vês, cobri a miséria da tua alma e agora já só é a formosura que brilha a partir de ti. Ainda quando sentir a miséria da tua alma, outros não a sentirão. E se irradiará da tua alma a riqueza da minha Divindade, da qual poderás repartir aos demais. Ou seja, Eu te fiz administradora das minhas graças.”

No dia 7 de novembro de 1969, eu estava no quarto adorando a Santíssima Trindade, quando ouvi na minha alma estas palavras:

J.C.: “Agora te enviarei em breve um sacerdote, que tomará em suas mãos a tua alma e a nossa Santa Causa.”

26 de julho de 1971.

O Senhor Jesus e a Santíssima Virgem falaram na minha alma:

J.C.: “A fala é um dom de Deus, do qual um dia teremos que prestar conta. Por meio da palavra uma alma se comunica com a outra; por meio dela nos conhecem os homens. Não temos, pois, o direito de nos envolver no silêncio. Mas também não podemos esquecer

que cada palavra tem o seu peso. Por isso devemos andar e viver na Presença de Deus, ponderando cada palavra que pronunciamos. O nosso Pai outorgou a palavra: devem vocês fazer uso do seu direito. Não tenham medo de falar! Sim, temos de sacudir os outros, despertá-los de sua letargia. Contudo, não podem deixá-los com as mãos vazias, com o coração vazio nos seus lares. Vocês têm que falar.”

S.V.: “A minha Chama de Amor só poderão descobrir diante dos demais falando dela. Não têm direito a calar nem por covardia, soberba ou negligência, nem por medo do sacrifício. Mas as palavras que pronunciaram sobre mim devem ser vívidas, para que o mistério do céu impacte as almas. Se, eventualmente, pedirem vocês a palavra e se esta lhes for outorgada, que a minha força esteja com vocês! Que cada palavra seja como uma semente plantada, para que aqueles que a escutem produzam colheita abundante.”

J.C.: “Devem conseguir que os sacerdotes tímidos e passivos saiam ao umbral das suas casas. Que não fiquem ali parados, imóveis. Que não privem a humanidade da Chama de Amor do Coração Imaculado da minha Mãe. Não abusem da confiança com que Eu lhes atei a Mim. As palavras são para que anunciem a abundância da minha riqueza, para que Eu possa derramar o meu perdão sobre todo o mundo.

ESTEJAM PRONTOS PARA A LUTA!

Satanás, com as suas maquinações fingidas e mentirosas, tenta produzir lodo moral para arruinar o bem. A consciência cristã não pode se contentar em apenas ajudar aqui ou ali. Porque serão acusados pelas almas para as quais não falaram. Confiam na minha Mãe! Ela varre toda a dúvida e temor com o seu ilimitado amor maternal. Ela lhes põe um sinal e toma sob a sua proteção aqueles que confiam nela. Se confiam nela, os perversos serão humilhados e jogados no fundo do inferno. Já está se preparando o mundo do futuro: O sorriso da minha Mãe irradiará pelo mundo!”

DOS ENSINAMENTOS DO SENHOR JESUS DA VIRGEM SANTÍSSIMA E DO ANJO DA GUARDA

11 de julho de 1975.

PRIMEIRO ENSINAMENTO:

S.V.: “Muitos sofrem, meus filhos. Assim digo, sofrem cativados e cegos pelas coisas materiais. Muitas pessoas, apesar de ter boa vontade, não podem se aproximar mais do bom Deus. Porque os bens materiais se levantam como um muro entre Deus e a alma.

Entre vocês também há almas bem intencionadas que fazem, de vez em quando, sérios sacrifícios. Contudo não podem receber as singulares graças que aspiram, porque os bens ou os interesses materiais as mantêm cegas. Essas almas recebem ininterruptamente as inspirações do que têm que fazer. Mas não querem crer que essa iniciativa vem de Deus, do Anjo da Guarda ou do santo de que são devotas.

O Pai Celestial não deseja que tentemos convencer essas pessoas ou influir nelas de alguma maneira. Porque Ele espera delas a renúncia voluntária. E também porque a Providência Divina considera que o interessado não poderia renunciar, apesar dos avisos, e poderia até pecar com desconfiança.”

SEGUNDO ENSINAMENTO:

J.C.: “Se alguém renuncia a algo seu, não o doe a algum lugar onde o seu nome como doador será recordado para sempre, brilhando para sua glória. Mas que o faça sem que seja notado, em anonimato, porque o Pai do Céu só assim poderá recompensá-lo. Porque aquele que fez o bem de uma maneira vistosa, já recebeu a sua recompensa aqui na terra.”

TERCEIRO ENSINAMENTO:

Da Sra. Elizabeth: “Para os ensinamentos e inspirações do Senhor Jesus e de Deus Espírito Santo, a Chama de Amor da Virgem Santíssima prepara nas nossas almas o caminho. Se fizermos referência à Chama de Amor, o Senhor Jesus iluminará a nossa inteligência para sabermos o que devemos fazer. Por exemplo, qual seria entre duas coisas a mais perfeita?

Qual seria a vontade de Deus?

Quem receber essa luz, siga-a, entregue-a aos demais, e cuide dela como cuidamos de uma flor, que se não for regada, não for cuidada, vai se cobrir de pó e murchará.”

QUARTO ENSINAMENTO:

Amem muito ao bom Deus. E amem mais ainda a cada dia!

J.C.: “Na medida em que amam a Mim, na mesma medida se livrará o mundo do pecado e das desgraças.

Vocês são responsáveis uns pelos outros! São responsáveis pela sua família, pela sua pátria, pelo mundo inteiro! Que todos se sintam responsáveis pela sorte de toda a humanidade!

Assim vocês devem transmitir uns aos outros: ‘Quanto mais amarem a Deus, mais o mundo se livrará do pecado e das catástrofes.’”

S.V.: “A todos concedo a graça de ver o resultado dos seus trabalhos em favor da minha Chama de Amor. Tanto em cada alma como em seu país e em todo o mundo.

Vocês, os que se fatigam e fazem sacrifícios pela pronta efusão da minha Chama de Amor, chegarão a ver!”

1977

ELIZABETH DECIDE DESTRUIR OS ESCRITOS

[A seguinte mensagem não faz parte das anotações do Diário Espiritual. Essa confissão foi tomada de uma carta da escolhida de Deus a um seu conhecido próximo, o doutor N. A autenticidade do mesmo é comprovada pelo estilo tão próprio: a troca na ordem das palavras, a originalidade das imagens.]

No verão de 1969, os tormentos das dúvidas me surpreenderam muito. Ou seja, que tudo o que escrevi até então não vinha de Deus, mas que não passava de garranchos meus. Esse pensamento não me deixava tranqüila. Por isso tomei uma decisão. Eu me livraria desses tormentos atrozesses se esse material, que já está chegando a vários tomos, eu destruísse no fogo da estufa de louça do meu pequeno quarto de chão de terra. Estava decidida e a ponto de cumprir. Estava nas minhas mãos todo o material e eu pronta para rasgá-lo e jogá-lo no fogo, quando o Senhor Jesus paralisou a minha mão. Caíram da minha mão as mensagens do Senhor Jesus e eu, desamparada, desmaiei. Não só não pude acender o fósforo, mas também era incapaz de me mover.

Nesse estado me encontrou a minha filhinha maior, Cecília, que quando entrou de improviso tirou das minhas mãos os tomos, porque compreendeu qual era a minha intenção. Quando os arrancou das minhas mãos, recuperei os meus movimentos e disse a ela: “Não! Não! Quero queimá-los e me livrar do tormento que já não agüento mais!” A minha filhinha, levando o material, regressou para a sua casa, que estava no mesmo terreno. E eu, ao recobrar o movimento da minha mão paralisada, corri atrás dela e trouxe do seu quarto as comunicações do Senhor Jesus, com a intenção novamente de queimá-las e destruí-las. Assim cheguei novamente ao meu pequeno quarto e me apoiei sobre um joelho diante da porta da estufa. A paralisia dos dedos da minha mão voltou novamente, da mesma maneira como antes. Diante da estufa caiu novamente sobre mim a plena incapacidade de agir. Então me dei conta de que o que queria fazer era incorreto e que [o Senhor] não permite que eu destrua as suas palavras, que terão que ser comunicadas ao mundo.

ELIZABETH EXIGE UM SINAL DE DEUS

Na primavera de 1971, um dia, ao me despertar, amanheci com a tortura terrível das mais tremendas dúvidas. Preparava-me para ir à Santa Missa. Mas pelo tormento das dúvidas não podia nem me mover. Pensei: “Para que vou à Santa Missa se não recebo nenhum alívio, nenhuma paz na alma?”

E, apesar disso, suplicava rogando ao Senhor que dissipasse da minha alma essa confusão causada pelas dúvidas. “O que é isso em mim? Quero ver, saber o que é. Por que tenho que me atormentar tão cruelmente por causa disso? E se tudo for verdade, autêntico e a vontade de Deus, por que então tenho que experimentar a verdade no meio de tão nebulosos tormentos obscuros? Então desmaiei no meu quarto, diante de um móvel de pouca altura. Depois, no meu tormento, comecei a golpear com o meu punho a sua superfície: “Peço um sinal, peço um sinal, um sinal seguro, aceitável, que faça suportável os meus tormentos!” Com um desacato espantoso exigi de Deus um sinal! Mas antes de terminar as palavras, eu ria na minha alma: “Ah, ah! O que agora peço a Deus, é certo que não me poderá dar.”

Exigi que Ele me mandasse o sacerdote. Este já algumas vezes me confessou, mas então deixou de fazê-lo porque as suas circunstâncias mudaram de tal modo que não pôde mais vir. Assim eu perdi o contato com ele há mais de um ano. Então exigi de Deus essa pessoa. “Se essa pessoa hoje, ao meio-dia, vier até mim, eu tomarei isso como um sinal de que a Causa é autêntica e a aceitarei.” Depois, como quem fez um bom trabalho, eu me tranqüilizei e me pus a caminho para ir à Santa Missa no santuário de Maria Remete.

No caminho um sentimento de vergonha veio sobre a minha alma. “Como pude eu me comportar dessa maneira com Deus?” Quis fazer como não passadas as coisas que se passaram. Ocupada nesses pensamentos, cheguei no templo. Os meus primeiros passos se dirigiram para o confessionário e ali contei ao confessor o meu terrível estado espiritual e as minhas disputas impertinentes com Deus. O meu confessor me repreendeu fortemente: “Como pode alguém se portar assim com Deus?!” E no lugar de penitências ele me pediu que suplicasse ao Senhor Jesus para que um “cabeça dura” por fim se convertesse. (Tratava-se de um conhecido do confessor, uma pessoa empedernida).

Antes de abandonar o reclinatório do confessionário, não resisti à tentação de dizer ao padre: “Gostaria de ver se o senhor se encontrasse

nesse estado de alma, se não discutiria também com Deus.” Assim que pronunciei isso saí do confessionário e desmaiei diante do Senhor Jesus. Não pude dizer nada fora daquilo que foi a minha penitência: “Meu adorado Jesus, converte já aquele ‘cabeça dura’!”

Depois de cumprida a penitência recebida, na minha alma se dissipou a obscuridade que ainda a pouco reinava em mim. Regressei tranqüilamente para casa, depois da Santa Missa e da comunhão.

Sentei no meu quarto para remendar as roupas dos meus três netinhos, que estão sob o meu cuidado. A minha alma, apaziguada no Senhor, estava ocupada nos seus pensamentos acerca do bom Deus. Já não me lembrei sequer da ofuscação daquela manhã. E me esqueci dela por completo. De repente alguém parou diante da porta do meu pequeno quarto e pressionou o pestilo. Chamou à porta. “Entre!”, respondi.

Nesse momento tocavam o “Ângelus.” Era meio-dia. E eu, pondo-me quase tesa, perguntei ao que entrava: “Para que veio? Quem te chamou?”

Era aquele sacerdote que de manhã, rindo na minha alma, exigiu de Deus como prova, como evidência. Quando lhe perguntei: “Quem te enviou? Por que veio?”, ele me respondeu que não sabia, que só sentiu uma forte emoção interna e teve que vir logo em seguida.

Depois disso eu lhe expliquei todos os detalhes sobre o que aconteceu naquela manhã. Ele mencionou só entre parênteses que aquele “cabeça dura”, por quem tive que suplicar como penitência, tinha regressado a Deus.

DÚVIDAS E CRISES

Dúvidas parecidas às que acabo de contar e expor aconteceram das formas mais diversas. Elas se agitavam na minha alma e caíam sobre mim durante anos. E não deixaram de ocorrer nem ainda nos meus 64 anos de vida (em 1977).

A história de uma das minhas mais graves dúvidas e crises quanto às conseqüências, dou a conhecer em seguida. Em certa ocasião, quando fortes dúvidas caíram sobre mim, eu buscava outra vez a tranqüilidade da minha alma. Para que pudesse conseguir essa tranqüilidade, decidi me retratar pelas minhas comunicações diante de todas aquelas pessoas a quem já havia dado a conhecer as palavras, as mensagens do Senhor

Jesus e da Santíssima Virgem. O que eu decidi, eu cumpri. Fui aos doze sacerdotes húngaros escolhidos. Disse a cada um deles: “Não creiam no que lhes disse, porque tudo aquilo veio de mim: são mentiras inventadas!”

E chorando e soluçando eu lhes pedi a absolvição. Eles reagiram e manifestaram a sua opinião de diferentes formas. Eu manifestei, sem ocultar nada, que são os meus tormentos atrozes que me obrigam a me retratar. E disse, humilhada até o último fio de cabelo, que retratava as minhas comunicações de até então. E supliquei que me concedessem a absolvição em tudo, conforme o bom Deus vê as coisas a respeito da minha pessoa.

A grande estação do meu Calvário, causado pelo tormento das minhas dúvidas, chegou quando depois de ter me retratado voltei a ver, obrigada pelo Senhor Jesus, o meu confessor e todos aqueles diante dos quais retratei as palavras do Senhor Jesus e da Virgem Santíssima.

A resposta que mais me ficou gravada foi aquela que um dos padres formulou assim: “Como o Senhor Jesus depois de tu já teres te retratado falou novamente contigo, não tens por que te envergonhar. Porque isso prova com a maior clareza que estamos frente à vontade de Deus.”

PEDIDO DA SANTÍSSIMA VIRGEM

15 de agosto de 1980.

O Senhor Jesus e a Santíssima Virgem me falaram alternando entre si. A palavra da Santíssima Virgem com firme, mas amorosa energia, ressoou na minha alma.

Pedi ao clero, às pessoas consagradas a Deus (religiosos e religiosas) e aos fiéis cristãos em todo o mundo que, tendo como fazê-lo, guardassem às segundas-feiras jejum a pão e água.

J.C.: “A Igreja e o mundo inteiro estão em grave perigo. E vocês, com as suas forças terrenas, não podem mudar a situação. Somente a Santíssima Trindade pode ajudar vocês, com a Santíssima Virgem, todos os anjos, santos e as almas libertadas por vocês do Purgatório.”

Segundo a comunicação da Virgem Santíssima:

S.V.: “Os sacerdotes que observarem o jejum da segunda-feira terão

a graça de, no momento da Consagração de todas as Santas Missas que celebrarem nessa semana, libertar multitudinariamente⁷ as almas do purgatório.

As pessoas consagradas a Deus e os seculares que guardarem o jejum da segunda-feira terão a graça de, a cada vez que comungarem nessa semana, no momento de receber o Sagrado Corpo do Senhor, libertar uma multidão de almas do purgatório. Não passemos fome, mas comamos abundantemente pão e tomemos água! Podemos pôr sal sobre o pão. Podemos tomar vitaminas, medicinas e o que for indispensável para a nossa condição. Mas não para desfrutar disso.

Quem de ordinário guardar o jejum, será suficiente guardá-lo até às seis da tarde. Nesse caso, rezem um rosário de cinco mistérios nesse mesmo dia pelas almas.”⁸

⁷ Elizabeth perguntou mais tarde: “O que significa multitudinariamente? Um mil, um milhão de almas?” Jesus: “Mais!” Elizabeth: “De qualquer forma, quantas?” Jesus: “Muitas almas. Tantas que não se pode expressar com números humanos!”

⁸ Observação: Para ver o quanto temos um meio eficaz no jejum, encontramos exemplos no Evangelho. Pensemos na ação curativa dos discípulos em São Marcos 9, 14. Perguntaram a Jesus os seus discípulos: “Por que não pudemos nós expulsá-lo (o demônio)?” Ele lhes disse: “Essa espécie de demônios com nada pode ser expulsa, mas com a oração e o jejum” (9,28). Nesses tempos essa espécie de demônios quer dominar as almas!

FORMAR COMUNIDADES DE ORAÇÃO REPARADORA

Primeiro de janeiro de 1981.

J.C.: “Ultrapassem os seus limites! Observem o exemplo dos Três Reis Magos: que sacrifício sobre-humano fizeram! Eles realmente ultrapassaram os seus limites. É isso que deve fazer em primeiro lugar o clero. E também as pessoas consagradas a Deus e todos os fiéis. Em todas as paróquias deve-se organizar urgentemente as comunidades de oração reparadora. Abençoem uns aos outros com o sinal-da-cruz, inclusive os estranhos.”

Devemos intensificar para além da medida acostumada a oração, os sacrifícios pela paz do mundo e pela salvação das almas. Devemos chegar até o extremo!

Primavera de 1981.

Em meados de março, a Santíssima Virgem pediu que urgisse diante das pessoas competentes pela restauração da Terceira Ordem do Carmelo em todo o mundo. E o mais rapidamente e no maior número de lugares possível, porque a humanidade tem necessidade de seculares que possuam o espírito de oração.

A Santíssima Virgem:

S.V.: “Como a Chama de Amor do meu Coração se acendeu primeiro aqui na Hungria, quero que ela se ponha em marcha a partir daqui. A humanidade tem necessidade de que com maior entrega se cumpra o meu pedido.”

Quando a Santíssima Virgem falava sobre o Carmelo, o Senhor Jesus acrescentou:

J.C.: “Por que a Chama de Amor da minha Mãe é, para vocês, o que foi a Arca para Noé.”

O Senhor Jesus repetiu isso em várias ocasiões também nas suas conversações.

A DIFUSÃO DA CHAMA DE AMOR

12 de abril de 1981.

A nossa Mãe Santíssima pede suplicando que deixemos que ela já possa derramar, o quanto antes, a efusão de graça da sua Chama de Amor sobre a humanidade. Não impeçamos, porque isso depende também de nós! Têm grande responsabilidade todas as pessoas que impedem ou fazem demorar irresponsavelmente essa efusão de graças!

20 de novembro de 1981.

Meditei profundamente as palavras do Senhor Jesus e da Virgem Santíssima. E, por elas, a consciência da minha grande responsabilidade pesava sobre a minha alma. O Senhor Jesus então me assegurou:

J.C.: “Não temas! Estamos junto a ti, junto a vocês. A graça se derrama em grandiosa medida sobre as almas de todos os que participam na minha Obra Salvadora. Só que não demorem em cumprir as nossas petições!”

Nesse mesmo dia, enquanto preparava a comida para as aves do quintal, ouvi as palavras do Senhor Jesus e da Santíssima Virgem pronunciadas simultaneamente no fundo da minha alma:

J.C. e S.V.: “Nós te saudamos. Sabemos que sofres muito. Mas hoje pedimos ao mundo inteiro, por intermédio de ti, uma grande mobilização. Comunica o nosso pedido ao teu diretor espiritual. De todas as partes do mundo, multidões de pessoas enviam a sua petição ao Santo Padre, solicitando-lhe a declaração oficial para todo o mundo da efusão da Chama de Amor dos nossos Corações. Não pedimos, com deliberado propósito, um exame que tome longo tempo, como já indicamos no nosso pedido anterior também. Todos sintam isso no seu próprio coração, na sua alma. O nosso pedido é urgente, urgente. Não há tempo para andar com dilações. Os fiéis, junto com os sacerdotes, com grande recolhimento espiritual devem atender o nosso pedido. A efusão de graças alcançará também as almas dos não-batizados com o seu efeito de graça.”

OREM UNS PELOS OUTROS SEM CESSAR

12 de dezembro de 1981.

A Santíssima Virgem disse:

S.V.: “Minha filhinha, e todos vocês, meus filhos queridos, estejam alertas! Satanás quer arrancar de debaixo dos seus pés o solo da esperança. Sabe ele muito bem que se conseguir fazer isso, ele terá arrancado tudo de suas almas; que se vocês perderem a esperança, ele já não precisará nem sequer atentá-los ao pecado. O homem que perdeu a esperança está em terrível obscuridade. Já não vê mais com os olhos da fé. Para ele toda virtude, tudo o que é bom, perde o seu valor. Oh, meus filhos, orem sem cessar uns pelos outros! Deixem que a efusão das minhas graças produza efeito nas suas almas!”

RESUMO

Para maior clareza, vamos compendiar aqui as promessas de graça e as petições da Imaculada Virgem Maria dirigida a todos os homens do mundo: ao Santo Padre, aos sacerdotes e aos seculares. A Virgem Santíssima, no lapso que vai desde 1961 até 1981, pede e suplica sem cessar. Roga suave, mas decididamente. No dia 12 de maio de 1974:

S.V.: “Vocês me pedem? Eu sou quem lhes pede! Choram? Eu soluço!”

O dom de graça que nos oferece a Santíssima Virgem Maria:

1. *“Um novo instrumento gostaria de colocar nas suas mãos: é a Chama de Amor do meu Coração. Com essa Chama cheia de graças, que do meu Coração lhes dou, acendam todos os corações, passando-a de coração em coração. O seu fulgor cegará Satanás. Esse é o fogo de amor da união que alcancei do Pai Celestial pelos méritos das Chagas do meu Filho Santíssimo.”* (13 de abril de 1962.) *“Vamos apagar o fogo com fogo: o fogo do ódio com o fogo do amor!”* (6 de dezembro de 1964.)

2. *“A minha Chama de Amor tornou-se tão incandescente, que não só a sua luz, mas também o seu calor, quero derramar sobre vocês com toda a sua força. A minha Chama de Amor é tão grande que não posso retê-la por muito mais tempo dentro de mim. Com força explosiva ela salta para vocês. O meu amor se derrama. E irá destruir o ódio satânico que contamina o mundo, a fim de que o maior número de almas se livrem da condenação.”* (19 de outubro de 1962.)

3. *“Quero que assim como conhecem o meu Nome no mundo, conheçam também a Chama de Amor do meu Coração, que faz milagres no fundo dos corações.”* (29 de setembro de 1962.)

4. *“Estendo o efeito de graça da Chama de Amor do meu Coração sobre todos os povos e nações. Não só sobre os que vivem na Santa Mãe Igreja, mas sobre todas as almas que foram marcadas com a Bendita Cruz do meu Santo Filho. E também sobre os não batizados!”* (16 de setembro de 1963.)

AS GRAÇAS QUE A VIRGEM SANTÍSSIMA NOS PROMETE

A Virgem Santíssima nos motiva a reparar o seu Divino Filho tantas vezes ofendido, a venerar as suas Santas Chagas, a submergir freqüentemente na sua Dolorosa Paixão e também à veneração e adora-

ção do Santíssimo Sacramento.

1. *“Estes dois dias, a quinta e a sexta-feira, devem considerá-los, minha filhinha, como grandes dias de graças. Aqueles que nesses dias oferecerem reparação ao meu Santo Filho receberão uma grande graça. Durante as horas de reparação, o poder de Satanás se debilitará na medida em que os reparadores suplicarem pelos pecadores.”* (29 de setembro de 1962.)

2. *“Quando alguém fizer adoração reparadora ao Santíssimo ou fizer visita à Santíssima Eucaristia, enquanto isso durar na sua paróquia, Satanás perderá o seu domínio sobre as almas. E cego, deixará de reinar sobre elas.”* (6 e 7 de novembro de 1962.)

3.- *“Se assistirem à Santa Missa quando não for obrigação e se estiverem na graça de Deus, derramarei a Chama de Amor do meu Coração e cegarei Satanás durante esse tempo. As minhas graças fluirão abundantemente às almas por quem a oferecerem. A participação na Santa Missa é o que mais ajuda a cegar Satanás.”* (22 de novembro de 1962.)

O QUE NOS PEDE O SENHOR JESUS E MARIA

Conversão, renovação espiritual, empenho para alcançar a santidade de vida, o zelo pela salvação das almas.

1. *“Venerem publicamente as Cinco Santas Chagas do meu Divino Filho. Que isso não seja uma devoção particular, mas uma veneração pública.”*

No que se refere à veneração das Cinco Chagas, as Palavras do Senhor Jesus coincidem com as da Virgem Maria: **“Em honra das minhas Cinco Santas Chagas façam o sinal-da-cruz cinco vezes seguidas, enquanto se encomendam junto com as minhas Santas Chagas à misericórdia do Pai Celestial.”**

A maneira habitual de fazer o sinal-da-cruz cinco vezes:

Enquanto nos benzemos, “Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém”, beijamos na cruz, ou pelo menos espiritualmente, cada uma das Santas Chagas de Jesus, enquanto dizemos esta jaculatória:

“Meu Jesus, pelos méritos das tuas Santas Chagas, perdoa-nos e com-

padece-te de nós! Pai Eterno, eu te ofereço as Santas Chagas do nosso Senhor Jesus Cristo para que cures as Chagas de nossas almas!”

2. A Chama de Amor da Mãe Santíssima e as famílias:

Segundo a intenção da Virgem Santíssima, a renovação espiritual deve partir das famílias: *“Com a minha Chama de Amor quero reavivar outra vez o amor nos lares. Quero manter unidas as famílias em perigo de se dispersar.”* (8 de agosto de 1962.)

Para isso peça:

A) Reparação:

S.V.: “Eu te peço, minha filhinha, que às quintas e sextas-feiras ofereças ao meu Filho Santíssimo uma reparação muito especial. Faz essa reparação em família. Nessa hora em que passarão no seu lar fazendo reparação, comecem com uma leitura espiritual e continuem com a reza do Santo Rosário, ou outras orações, num ambiente pleno de recolhimento e de fervor. Façam isso com pelo menos dois ou três membros da família. Porque onde dois ou três se reúnem, ali está o meu Filho Santíssimo. Ao começar, façam o sinal-da-cruz cinco vezes. E enquanto o fazem, ofereçam-se por meio das Chagas do meu Santo Filho ao Eterno Pai. Façam o mesmo ao terminar. Façam o sinal-da-cruz dessa maneira também ao se levantarem, ao se deitarem e ainda durante o dia. Porque isso lhes aproximará, por meio do meu Filho Santíssimo, do Eterno Pai. E então os seus corações se encherão de graça.” (13 de abril de 1962.)

B) Mensagem do Senhor Jesus aos pais de família:

J.C.: **“Faz chegar o meu pedido ao Santo Padre, porque por meio dele desejo repartir a minha benção portadora de grandes graças. Aos pais que nessa grande obra da criação colaboram Comigo e aceitam a minha Santa Vontade, dêem-lhes em cada ocasião uma benção especial. Essa benção é única e só se pode dar aos pais de família. E ao nascer cada filho, derramarei graças extraordinárias sobre essas famílias.”** (Primeiro de março de 1964.)

3. Petição da Virgem Santíssima ao Santo Padre:

S.V.: “Não desejo uma festa especial, mas rogo ao Santo Padre que tenham vocês a festa da Chama de Amor do meu Coração no dia 2 de

fevereiro, festa da Candelária.” (Primeiro de agosto de 1962.)

4. Petição do Senhor aos seus sacerdotes e às almas a Ele consagradas:

J.C.: “Convertam-se a Mim e sacrifiquem-se no sagrado altar do recolhimento e do martírio interior! Queiram vocês levar em conta que é essa a minha vontade. Esse martírio interior Satanás não pode impedir. Essa luta no fundo das almas traz abundantes frutos, como um martírio sofrido por Mim. Com os seus desejos, abracem a Terra! Com os seus sacrifícios incandescentes pelo puro amor, queimem o pecado! Não creiam que isso seja impossível. Apenas confiem em Mim!” (7 de agosto de 1962.)

“Onde Eu os pôr, ali devem ficar parados, firmes e plenos de espírito de sacrifícios. Tomem já sobre si a Cruz que Eu também abracei e crucifiquem-se já a si mesmos como Eu o fiz, porque, de outra maneira, não terão a vida eterna!” (4 de outubro de 1962.)

O que pede o Senhor Jesus aos seus queridos sacerdotes? Que dêem bom exemplo (22 de dezembro de 1963); que sigam as inspirações do Senhor e façam as almas verem a importância dessas inspirações (Primeiro de janeiro de 1964); que agitem as almas lânguidas e suscitem nelas a valentia (17 de abril de 1962); que aproveitem bem o tempo (19 de outubro de 1964); que se deixem guiar pela Graça Divina a uma vida sacrificada e apostólica (23 de novembro de 1962); que façam adorações fervorosas e levem os fiéis a isso também (25 de julho de 1983).

“Peça aos meus filhos que enviem as almas à minha Mãe e que não pronunciem nenhuma homilia sem exortar os fiéis a ter uma profunda devoção por Ela.” (17 de abril de 1962.)

“Quando estive suspenso na cruz, exclamei com voz forte: ‘Tenho sede!’ É isso o que grito hoje também a vocês, especialmente às almas a Mim consagradas.” (18 de agosto de 1964.)

5. A Chama de Amor da Santíssima Virgem e os pecadores:

Nessas mensagens, a Santa Causa da salvação das almas ocupa um lugar central. Porque a essência e o objetivo do efeito de graça da Chama de Amor é a salvação das almas, o seu regresso a Deus e a sua renovação.

O Senhor Jesus:

“Somente tenhamos um só pensamento: a salvação das almas.” (17 de maio de 1963.)

“Oh, como anseio os pecadores!” (15 de agosto de 1964.)

“Nenhuma alma que Eu confie aos cuidados dos meus sacerdotes deveria se condenar!”, etc. (6 de agosto de 1962.)

Por isso nos intima:

“Queiram vocês todos tomar parte na minha Obra Salvadora.”

E assinala também o “instrumento” celestial:

“As almas criadas à imagem e semelhança do meu Pai Celestial que caem entre as garras de Satanás o inferno devora. A dor da minha alma pode ser acalmada pela Chama de Amor da minha Mãe.” (26 de julho de 1963.)

De maneira semelhante, a Santíssima Virgem:

S.V.: “Não quero que nem uma alma se condene. Não queiram isso vocês também junto Comigo. Para isso coloquei nas suas mãos um raio de luz, que é a Chama de Amor do meu Coração.” (15 de janeiro de 1964.)

Mas depende de nós também:

“Satanás está varrendo vertiginosamente as almas. Por que não se esforcem vocês com todas as suas forças em impedi-lo?” (14 de maio de 1962). Logo:

“Vocês têm que se empenhar em cegar Satanás. As forças unidas do mundo inteiro são necessárias para cegá-lo. Não demorem, porque um dia terão que responder por esse trabalho santo que lhes foi confiado e por todas as almas. Porque Satanás ficará cego na medida em que vocês trabalharem contra ele.” (27 de novembro de 1963.)

Os meios para salvar as almas:

“Sacrifício e oração! Eis o instrumento de vocês!” (22 e 23 de julho de 1963.)

Toda espécie de sacrifícios: suportar com paciência os sofrimentos corporais e espirituais, unindo-os com a Paixão de Jesus (24 de maio de 1963). E além do jejum, passar parte da noite em vigília, etc. Cada qual, de acordo com as suas possibilidades, pode ser praticado em qualquer momento e lugar. Até com o oferecimento do trabalho que vamos realizar durante o dia podemos salvar almas (30 de novembro de 1962). A dor dos nossos pecados também fecunda as almas (15 de agosto de 1964). Até o desejo da salvação das almas contribui para cegar Satanás (30 de novem-

bro de 1962), porque o querer da alma já é amor (15 de setembro de 1962).

A Virgem Santíssima:

“Quanto mais numerosas forem as almas sacrificadas e as que velam em oração, tanto maior será a força da minha Chama de Amor na Terra. Porque a força do sacrifício e da oração quebra a chama do ódio infernal.” (6 de dezembro de 1964.) *“Eu apoiarei o seu trabalho com milagres nunca vistos até agora, que imperceptível, mansa e silenciosamente vão obrar a reparação ao meu Filho Santo.”* (Primeiro de agosto de 1962.)

E o Senhor Jesus:

“Se me pedem almas, poderia Eu negá-las a vocês? Não! Porque senão Eu trabalharia contra a minha Obra Salvadora. Eu sempre escuto a oração perseverante de vocês.” (24 de junho de 1963.)

6. A Chama de Amor da Santíssima Virgem e os moribundos:

“Se se acende a Chama de Amor do meu Coração na Terra, o seu efeito de graça se derramará também sobre os moribundos. Satanás ficará cego e com a ajuda da oração de vocês, durante a sua vigília noturna, terminará a terrível luta dos moribundos com Satanás. E sob a suave luz da minha Chama de Amor, até o pecador mais empedernido se converterá.” (12 de setembro de 1963.)

“É o meu pedido que a santa vigília noturna, pela qual quero salvar as almas dos moribundos, seja organizada de tal maneira em cada paróquia que nem por um minuto fique sem que alguém faça oração de vigília.”

7. Petição da Santíssima Virgem a todos:

“Na oração com que me honram, a “Ave Maria”, incluam este pedido: ‘Derramai o efeito de graça da vossa Chama de Amor sobre toda a humanidade agora e na hora da nossa morte. Amém.’ Essa não é uma nova fórmula de oração: deve ser uma súplica constante.” (Outubro de 1962 e 2 de fevereiro de 1982.)

“Esse é o instrumento que dei nas suas mãos. Por meio dele salvem as almas dos moribundos da condenação eterna. Com a luz da minha Chama de Amor Satanás ficará cego.” (9 de julho de 1965.)

8. A Chama de Amor da Santíssima Virgem e as almas do purgatório:

“A minha Chama de Amor, que desejo derramar sobre vocês numa medida cada vez maior, terá efeito sobre as almas do purgatório também.”

A) *“Aquelas famílias que guardam regularmente nos dias de quinta e sexta-feira a hora santa de reparação em família, se nessa família morrer alguém, depois de um único dia de jejum rigoroso feito por um de seus membros, o falecido nessa família se livrará do purgatório.”* (24 de setembro de 1963.)

Entende-se: se faleceu na graça de Deus.

B) *“A cada vez que alguém jejuar a pão e água na segunda-feira, livrará uma alma sacerdotal do lugar do sofrimento. Quem praticar isso também receberá a graça de ser liberado do lugar das penas antes que transcorram oito dias da sua morte.”* (15 de agosto de 1980.)

Novos privilégios para os que guardam jejum rigoroso nas segundas-feiras.

C) *“Se em qualquer momento, fazendo referência à minha Chama de Amor, rezarem em minha honra três “Ave Maria”, a cada vez uma alma se livrará do purgatório. E as almas sofredoras sentirão também o efeito de graça da Chama de Amor do meu Coração maternal.”* (13 de outubro de 1962.)